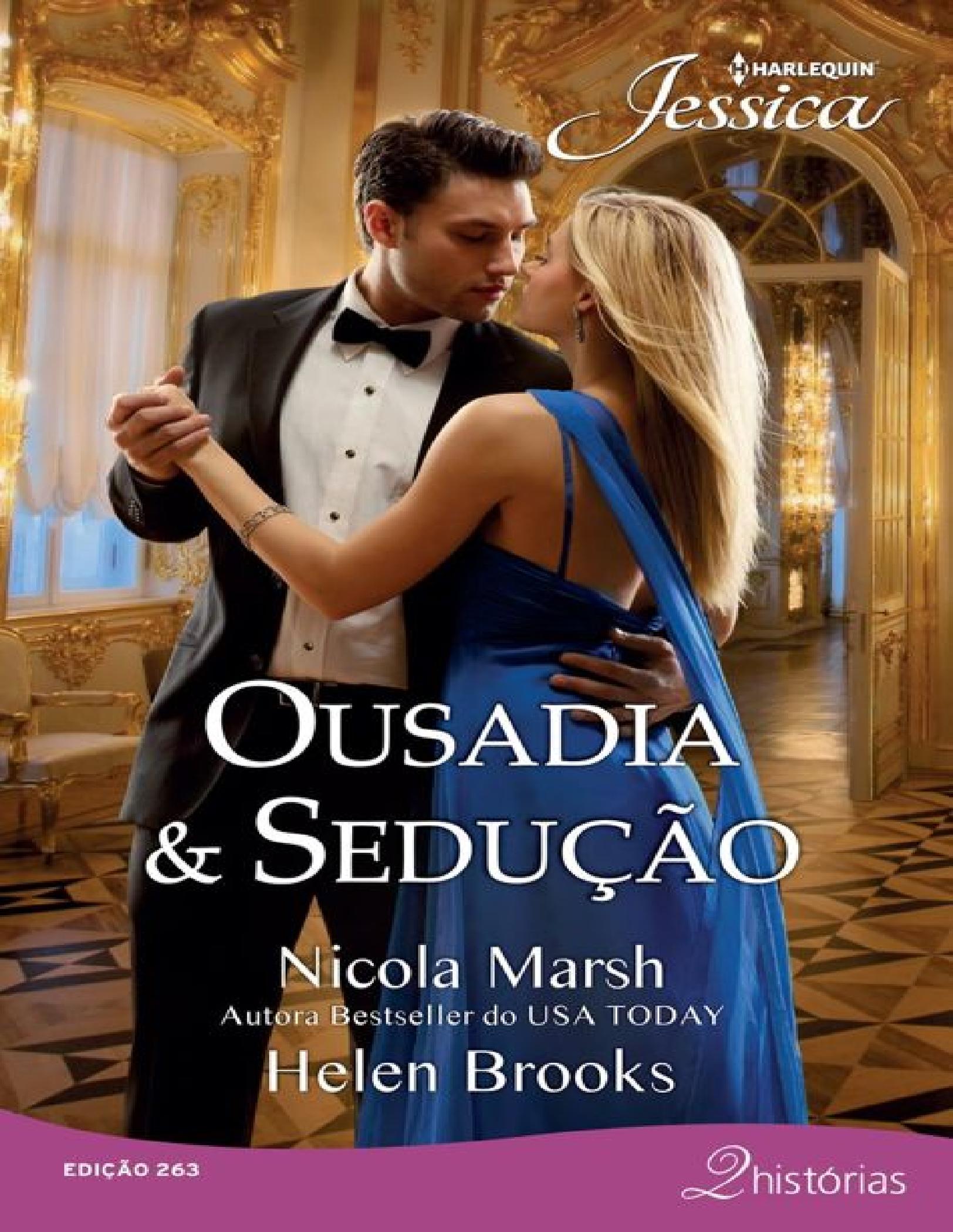


HARLEQUIN

Jessica



OUSADIA
& SEDUÇÃO

Nicola Marsh

Autora Bestseller do USA TODAY

Helen Brooks

EDIÇÃO 263

2 histórias

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

EM NOME DA AMBIÇÃO – *Nicola Marsh*

Coração de diamante?

A designer de joias Ruby Seaborn fará qualquer coisa para salvar a empresa da família. Incluindo propor um casamento de conveniência para o magnata dos diamantes. Jax Maroney, o único homem capaz de restaurar a glória do império Seaborn. Ruby precisa do dinheiro dele, Jax visa os contatos que a socialite possui... um acordo proveitoso para ambos. E se incluírem alguns deliciosos benefícios, não tem problema. Ruby acredita que seu coração é tão duro quanto as pedras preciosas com as quais trabalha... Mas será que Jax conseguirá lapidá-lo?

CORAÇÃO MARCADO – *Helen Brooks*

Uma noite mágica!

Na véspera de Natal, Melody James deixa o hospital para recomeçar a vida longe do carismático e poderoso marido, o magnata Zeke. Os ferimentos que destruíram sua carreira de dançarina e seu casamento podem ter cicatrizado, mas seu coração ainda está em pedaços. Zeke sempre brigou pelo que quis, agarrando todas as oportunidades com unhas e dentes até chegar ao topo. E também irá lutar por Melody! Determinado a reconquistá-la, Zeke a leva para uma luxuosa cobertura em Londres... Porque tudo o que ele deseja nesse Natal é ter a esposa novamente em seus braços!



Querida leitora,

No romance *Em nome da ambição*, de Nicola Marsh, Ruby Seaborn fica intrigada pelo sensual desconhecido que vai ao evento de sua empresa. Mas se surpreende ao descobrir que ele é Jax Maroney, CEO da empresa que quer destruir o império dos Seaborn.

Em *Coração Marcado*, de Helen Brooks, um acidente muda a vida da dançarina Melody, deixando-a com ferimentos profundos no corpo e, principalmente, na alma. Contudo, seu marido, Zeke Jones, está determinado a provar que o amor que sente por ela é maior do que tudo.

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Nicola Marsh
Helen Brooks

OUSADIA & SEDUÇÃO

Tradução
Deborah Mesquita de Barros



2015

SUMÁRIO

Em nome da ambição

Coração marcado

Nicola Marsh

EM NOME DA AMBIÇÃO

Tradução

Deborah Mesquita de Barros

CAPÍTULO 1

JAX MARONEY tinha trocado o céu claro do sertão australiano por *isto*.

O enclave exclusivo de Armidale, terra dos principais joelheiros da Austrália, estava recebendo celebridades de Melbourne esta noite, e ele fora à festa sem ser convidado.

Malditos usurpadores. Eles eram mais do que seus rivais... eram o inimigo. O inimigo que deliberadamente o ignorara esta noite; que tinha sussurrado, apontado e olhado. O inimigo que ele teria de cortejar para atingir o seu objetivo.

Isso o irritava. Ele não ligava a mínima para o que eles pensassem a seu respeito, pessoalmente, mas no fato de que precisava daquelas pessoas na arena dos negócios...

A tristeza o envolveu, temperada por uma raiva sempre presente da pessoa que o colocara nesta situação.

– Cuidado. Da próxima vez que a porta se abrir e o vento soprar, sua carranca vai aderir ao seu rosto para sempre.

Surpreso que alguém o abordara, considerando sua postura distante na festa, ele olhou para a loira de língua atrevida, ostentando diamantes suficientes para manter sua empresa de mineração nos negócios pela próxima década.

– O que você tem a ver com isso?

Ela não se abalou pelo seu mau humor, com os lábios vermelhos se curvando num sorriso provocante.

– O lançamento de uma coleção de primavera de um Seaborn merece champanhe, caviar e exuberância. – Ela apontou para a testa dele. – Sua testa franzida numa carranca não combina.

– Porque a maioria dos esnobes aqui não pode mover sua testa esticada por Botox?

O olhar irônico de Jax percorreu a multidão imaculadamente arrumada. Uma multidão que o evitava pelos pecados de seu pai.

Para sua surpresa, o sorriso dela ampliou-se.

– Você provavelmente está certo, mas deveria tentar ser agradável.

– Por quê?

– Porque a equipe de segurança à paisana não gosta de tipos bruscos que ficam apenas parados, observando. Eles pensarão que você é um ladrão.

Ela o olhou da cabeça aos pés e seu peito comprimiu-se inexplicavelmente.

Quando o olhar desafiador da mulher encontrou o seu, Jax jurou que vislumbrou um calor.

– Pensando bem, talvez não.

Contra seu melhor julgamento, ele sentiu-se compelido a entrar na competição intelectual com a loira intrigante. Não estava acostumado com pessoas desafiando-o. Nos negócios ou fora deles.

Gostava de suas mulheres transparentes e descomplicadas. A loira ousada? Qualquer coisa, menos isso.

Ele dispensou-a.

– Você não deveria estar se socializando?

– Você não deveria estar sorrindo?

Sua boca se curvou, e ela levantou um punho fechado em vitória.

– Eu sabia que você era capaz de sorrir. Não é tão difícil, uma vez que tenta.

Jax balançou a cabeça.

– Quem é você?

Ela ergueu o nariz e pôs a língua para fora, imitando uma careta assustadora.

– Seu pior pesadelo, Rosto Feliz.

A risada escapou de sua garganta, um som estranho. Quando tinha sido a última vez que ele rira?

– Uma língua como a sua pode colocá-la em problemas. – Ele olhou para a boca da loira, o batom acentuando os lábios carnudos, a sensualidade deles subitamente mexendo com seu sexo.

Ela fingiu segurar um revólver e puxou o gatilho.

– Eu adoro problemas.

Impressionado pela audácia da mulher, ele decidiu pagar para ver.

– Grande declaração, mas você pode entregar?

Ela virou-se, deixando-o com uma visão tentadora das costas desnudas até a cintura, onde a seda verde-esmeralda do vestido amarrava-se num grande laço.

Ela deu dois passos, pausou e olhou para trás.

– Se você ficar por aqui depois do almoço, talvez descubra, se tiver sorte.

Ela saiu andando, rebolando, a seda aderindo-se ao traseiro perfeito.

Jax dera-se trinta minutos para mostrar à alta sociedade de Melbourne que ele estava de volta, e não havia absolutamente nada que eles pudessem fazer sobre isso.

Até que a loira ousada lhe fizera aquela oferta tentadora.

Ele não quisera ficar lá mais tempo que o necessário, mas permanecer agora continha certo atrativo.

RUBY PEGOU uma taça de champanhe de um garçom passando, precisando segurar alguma coisa, antes que cedesse à vontade de arrancar o colar *plaque de cou* do raro diamante verde e coçar a região.

Como sua irmã Sapphie fazia aquilo em bases regulares, ela não entendia.

Os diamantes pesavam uma tonelada em volta de seu pescoço, e seus lóbulos deviam ter encompridado um centímetro com os brincos pendurados numa cascata de brilho.

Enquanto a multidão admirava as peças que ela criara especialmente para esta coleção, Ruby tinha de enterrar os dedos nas palmas para evitar se coçar.

Sua pele sensível pinicava sob as joias. A imprensa não teria um dia cheio com aquilo: *Ruby Seaborn, o gênio criativo e lapidário por trás da última coleção da Seaborn, alérgica às suas próprias criações?*

Devia ser seu subconsciente dizendo-lhe que ela pertencia aos bastidores, e não a uma reação fisiológica de verdade. Ela somente usava os metais e pedras mais finos. Pedras que estavam raras ultimamente, graças a Maroney Mine, a gigante mineradora corporativa devorando tudo e todos no caminho.

Se Ruby algum dia pusesse as mãos em Jax Maroney, o diretor-geral, ela o estrangularia.

Falando em pôr as mãos num homem... ela olhou para o deus grego encostado na parede, deliberadamente distanciado da multidão.

Ele podia estar usando um terno elegante, mas era onde sua respeitabilidade acabava.

Com olhos cor de ébano inescrutáveis e aquela curva de desgosto quase imperceptível no lábio superior muito sexy, *bad boy* parecia estar escrito nele inteiro.

Ele não queria estar ali. Então, por que tinha ido? E quem era ele?

Os Seaborn haviam construído sua reputação com exclusividade. Todas as pessoas presentes esta noite possuíam linhagem, classe e dinheiro. Dinheiro para queimar.

Dinheiro que os negócios de joias de sua família precisavam desesperadamente para sobreviver.

Ela encontrou-lhe o olhar, e quando ele arqueou uma sobrancelha zombeteira, um arrepio percorreu a pele de Ruby.

Inconsciente de que estivera prendendo a respiração, ela exalou e virou-se. Pôs um dedo sob a gargantilha que parecia estar estrangulando-a.

Não adiantou. Aquele olhar potente lhe causava uma onda de calor intensa.

O homem exalava alguma coisa primitiva, e ela respondia em um nível visceral, a excitação interior inesperada e indesejada.

Ela geralmente brincaria com um sujeito igual a ele, se divertiria, então seguiria em frente. Ele não era seu tipo.

Mas com Sapphie convalescendo-se em uma licença forçada, Ruby assumira mais tarefas do que podia lidar. Além de criar as peças que amava, ela tivera de agir como porta-voz e como modelo, esta noite, com mais por vir. Muito mais.

Mesmo agora, diversos meses desde o quase colapso nervoso de sua irmã, e desde que ela descobrira a verdade, desejava que o ano anterior tivesse sido diferente.

Desejava que sua mãe e Sapphie tivessem confiado nela.

Lidar com a dor da perda da mãe delas fora difícil, e Ruby admirara o fato de Sapphire ter assumido as tarefas de diretora-geral da Seaborn, assim como ser o rosto da empresa. Afinal, Saph tinha sido criada para fazer isso desde que aprendera a andar.

Ela nunca invejara a responsabilidade de sua irmã, preferindo dedicar-se ao lado criativo dos negócios.

Graças à bomba da Sapphie, antes que ela tivesse uma recuperação forçada, Ruby agora possuía mais responsabilidades do que poderia ter desejado ou imaginado.

E o fato de ter sido necessário o quase colapso de sua irmã para que ela descobrisse a verdade deixava-a furiosa.

Com as margens de lucro decrescendo dia a dia na Seaborn, com uma economia em declínio, os últimos meses haviam sido péssimos.

Mas Ruby tinha 12 semanas, enquanto Sapphie se recuperava, para virar o jogo na Seaborn, para provar a sua irmã e ao resto do mundo corporativo que ela não era a cabeça de vento leviana que eles pensavam.

Enquanto Ruby movia-se pelo salão, aceitando beijos no ar e congratulações por suas últimas criações, seu olhar ia para o estranho mal-humorado frequentemente demais para seu gosto.

Pior, ele estava sempre olhando para ela.

Determinada a ignorar o sentimento de que eles estavam inexplicavelmente unidos por uma força de atração maior do que ambos, ela circulou de um grupo a outro, rindo de nada, sorrindo de nada.

Logo assim que o evento acabou, Ruby sentou-se num banco alto, aliviada. Até que sua prima Opal bateu-lhe no ombro e pôs um manifesto

debaixo de seu nariz.

– Quantas peças nós vendemos?

– Não o bastante – replicou Opal.

– Droga. – Ruby pegou a lista e estudou-a, a evidência das poucas vendas fazendo seu estômago se contorcer.

Seaborn estava em apuros, e nada, mesmo o maior lançamento deles e suas melhores peças, podia salvar a companhia.

Opal apertou-lhe o braço.

– Vai dar tudo certo.

Ruby piscou contra lágrimas inesperadas.

– Tem de dar.

Pelo bem de Sapphie, pelo seu bem, pelo bem dos negócios da família, ela não pretendia perder.

Sem que ela soubesse até recentemente, Sapphie fizera uma promessa para a mãe delas, no leito de morte, no ano anterior, quando Mathilda Seaborn, a matriarca da Seaborn pelos últimos 15 anos, estivera tomando morfina, mas completamente lúcida.

O câncer pancreático podia ter destruído o corpo dela, mas não tocara o cérebro astuto; sua mãe fizera Sapphie prometer fazer o que fosse necessário para que seu legado sobrevivesse. Para elas. Para os filhos *delas*.

Considerando que Ruby não conseguia sustentar um relacionamento por mais tempo do que Sapphie, nem queria isso, filhos estavam num futuro muito distante.

Irrelevante agora, com sua irmã sob rígidas ordens médicas, após ter adoecido de estresse e exaustão, porque carregara um fardo que ambas deveriam ter compartilhado.

Saber da situação financeira da Seaborn e que havia sido responsável pelo colapso nervoso de Sapphie fora um choque duplo.

E Ruby tinha sido responsável por isso. Ela sempre fora a Seaborn mimada, aquela que tinha permissão para seguir seus sonhos e viajar, enquanto Sapphie era a sombra da mãe delas, aprendendo tudo que pudesse.

Enquanto Sapphie estudara arduamente para obter notas A, Ruby ficara com a maioria de Cs, e um B ocasional.

Enquanto Sapphie se formara em economia, Ruby começara uma faculdade de Artes, não se importando se terminaria ou não, porque já começara a criar peças para a Seaborn.

Enquanto Sapphie não tinha vida social, devido aos compromissos da Seaborn, Ruby dançara e festejara ao redor de Melbourne com pessoas tão relaxadas quanto ela.

Não era de admirar que sua mãe não confiara nela com a viabilidade da Seaborn.

Hora de provar que sua mãe e Sapphie estavam erradas.

Ela podia ter ficado absorvida em seu estilo de vida livre e criativo, antes. Agora, tinha a chance de tirar a Seaborn do vermelho e colocar a empresa firmemente no azul.

Opal cutucou-a.

– A propósito, nós temos um parasita.

Ruby olhou por sobre o ombro, a tempo de ver um membro da segurança perturbando Rosto Feliz. O fato de ele ter esperado fez a pulsação dela acelerar.

Homens eram tão previsíveis. Um pequeno flerte, e eles achavam que você tinha lhes entregado seu coração numa bandeja.

– Eu cuidarei disso.

Opal franziu o cenho quando Rosto Feliz olhou com raiva para o segurança.

– Certeza?

– Sim, quanto maiores eles são, mais difíceis de cair. – Ela abraçou Opal. – Obrigada por sua ajuda. Eu não poderia ter feito isso esta noite, sem você.

– Eu terei de acrescentar *excelente anfitriã* às minhas credenciais de geóloga.

Ruby colidiu o quadril com o dela.

– Pode apostar que sim. Agora, vá para casa, e eu cuidarei do nosso convidado rebelde.

Enviando um olhar duvidoso na direção de Rosto Feliz, Opal partiu.

Ruby endireitou os ombros para a batalha. A gargantilha ainda lhe causava coceira no pescoço, seus pés doíam dos sapatos de salto com os

quais ela não estava acostumada.

– Qual parece ser o problema aqui, Fritz?

A expressão séria do guarda de segurança, que trabalhava há muito tempo com eles, suavizou-se quando ele virou-se para olhá-la. Eles sempre haviam tido um laço, uma vez que ele costumava lhe dar chicletes durante toda a sua infância, quando sua mãe não estava olhando.

Ela adorava ir lá quando criança, adorava o brilho e a agitação.

Fritz gesticulou em direção a Rosto Feliz, que a olhava como se a expulsão iminente dele fosse culpa dela.

– O cavalheiro não quer ir embora.

Considerando seus pés doloridos, sua pele pinicando embaixo do colar e sua vontade de tirar o vestido apertado, era hora de cancelar seu convite de mais cedo. Ela não tinha tempo para perder, flertando com um homem que nunca mais encontraria. Precisava fazer coisas mais importantes, como bolar outro esquema para angariar fundos tão necessários para Seaborn.

Pronta para expulsar o estranho, ela cometeu o erro de encontrar-lhe os olhos novamente.

Os olhos escuros a desafiavam a cumprir o que prometera mais cedo.

Como ele podia saber que ela nunca fugia de um desafio?

A mais jovem a enfrentar a montanha-russa Mad Mouse, em Luna Park, a mais jovem de sua família a surfar em Bells Beach, a criadora mais jovem de joias que a Seaborn já tivera.

Aceitava qualquer desafio, e não ia deixar aquele homem misterioso vencê-la.

– Está tudo bem, Fritz. Eu o convidei a ficar para um café.

Fritz franziu o cenho, mas não ousou questioná-la. Ele jamais faria isso, sua lealdade à Seaborn era inabalável.

– Quer que eu tranque tudo?

Ruby assentiu.

– Por favor. Eu levarei nosso convidado para o andar de cima, então feche o showroom e vá para casa.

– Certo. Boa noite, srta. Ruby.

– Obrigada, Fritz.

Ela esperou até que Fritz se afastasse bastante, antes de virar-se.

Seu plano de cancelar a oferta do café fracassou quando os lábios do homem se curvaram num sorriso que lhe tirou o fôlego. Ruby sofrera da mesma privação de oxigênio quando vira um diamante cor-de-rosa pela primeira vez.

– Café parece uma boa ideia.

Como um sorriso podia deixá-la tão insegura, tão hesitante, tão excitada?

Ela detestava sentir-se tão desequilibrada. Motivo pelo qual gostava de seus homens artísticos e calmos, não ardentes e perigosos.

– Na verdade, foi uma longa noite...

– Com medo? – Ele abaixou a cabeça para murmurar perto do seu ouvido, e ela podia jurar que balançou.

Se a respiração quente soprando no seu rosto não fosse ruim o bastante, então o aroma cítrico completava o trabalho para tirar seu equilíbrio.

O cheiro dele era sexy e delicioso.

Cruzando os braços para esconder sua reação a ele, ela fez uma careta.

– Tudo bem, um café, depois você vai embora.

Ele tocou-lhe o braço, enviando uma onda de eletricidade através de Ruby.

– Não tão corajosa agora, huh?

Coragem não tinha nada a ver com aquilo. Autopreservação sim. A atração instantânea entre eles eram poderosa demais. Potencialmente problemática.

Ela não precisava de complicações em sua vida. Não quando salvar Seaborn era sua prioridade.

– Eu flerto com todo mundo... você não deveria levar isso em nível pessoal.

– Verdade?

Ele aproximou-se. Mesmo sem tocá-la, a pele arrepiada de Ruby entregou como a proximidade dele afetava-a.

– Melhor aprender a controlar esse hábito, porque alguns homens podem ter a ideia errada.

Ruby não deveria morder a isca. Realmente não deveria, mas não foi capaz de resistir.

– E que ideia é esta?

– Que você está oferecendo mais do que está disposta a dar.

Ela ergueu a cabeça.

– Eu estou oferecendo café. É pegar ou largar.

Ele hesitou, e o desapontamento diminuiu sua atração crescente por um homem que mal conhecia. Lá se ia sua fantasia de defender-se dos avanços libidinosos dele.

Ele estudou-lhe o rosto com tanta intensidade que ela se contorceu em desconforto.

Ruby ia retirar sua oferta quando ele gesticulou o braço em direção aos fundos do showroom.

– Lidere o caminho.

CAPÍTULO 2

JAX TIVERA sorte.

Suas razões para ir à festa esta noite tinham sido duplas: mostrar aos esnobes de Melbourne que ele retornara, pronto para se infiltrar em suas posições fechadas, e plantar a semente da tomada de poder na mente de Sapphire Seaborn.

Infelizmente, a porta-voz da Seaborn não estivera lá, mas ele tinha a segunda melhor coisa: a irmã dela.

Olhando para Ruby, enquanto eles andavam para os fundos do showroom, ele corrigiu sua avaliação anterior.

Talvez, não tivesse tido sorte, afinal de contas.

A Seaborn mais nova era temperamental. Desafiadora, com uma língua ferina.

Não o seu tipo, em absoluto, mas por algumas horas, ele gostaria que ela fosse.

Ele não pretendia ter qualquer relacionamento físico com ela, não com tanta coisa em jogo. Tinha grandes planos para uma tomada de poder, mas, pelo momento, com as luzes parcas fazendo o cabelo dela brilhar como ouro, os seios inflando contra a seda com cada passo que ela dava, ele desejou que não tivesse tanto a perder.

– Você nunca veio a Seaborn antes.

Era uma declaração, não uma pergunta, e Jax admirou o jeito direto dela.

– Não. Por quê? Porque você teria se lembrado de mim?

Ela deu um sorriso provocante.

– Eu me lembro de todos os nossos clientes.

– Todos?

– Sem exceção.

– Acho difícil acreditar nisso.

Ela riu e ergueu as mãos em rendição.

– Certo, eu menti. Lembro-me de cada peça que criei e, por sua vez, das pessoas que as adquiriram.

– Impressionante.

Tão impressionante quanto o showroom para o qual ela o levou. O salão longo e enorme brilhava, desde suas prateleiras polidas até as paredes de marfim e refletores estrategicamente posicionados para enfatizar a mercadoria.

Pelo que ele podia ver das peças com pedras preciosas de todos os formatos e tamanhos, atrás de mostruários com alarme, a mercadoria era o centro do cenário.

Embora Jax trabalhasse no lado da mineração do mercado das pedras, por alguns anos, nunca se interessara pelas pedras preciosas em si.

– O que você acha do meu trabalho?

Ela o vira estudando as joias. Observadora e astuta, assim como deliciosamente ousada e linda.

– Nada mau, se você gosta desse tipo de coisa.

Ela parou e fingiu agarrar seu coração.

– Nada mau? – Ruby Seaborn apontou um dedo na sua direção, e ele resistiu à vontade de colocá-lo na boca e beijá-lo.

O que ele estava pensando?

– Sabe quanto tempo leva para criar cada uma dessas peças?

– Não, mas tenho certeza de que você vai me contar. – Ele deu um sorriso lacônico e ganhou um olhar que dizia *seu grosso*.

Ela apontou para a joia mais próxima, um colar de ouro simples, elevado ao estado sublime por incríveis esmeraldas lapidadas reluzindo contra o veludo preto.

– Está vendo aquele? É uma joia lapidada e de design, e eu levei um mês para lapidar e polir as esmeraldas, e mais dois para fazer o triângulo sobre o topo do pendente, a barra e a argola do fecho. – Ela explicou em detalhes os diferentes componentes da joia.

– Parece fascinante.

O olhar duvidoso dela insinuava que ele estava zombando. Ele não estava. Ouvi-la falar tão apaixonadamente apenas aumentou seu interesse.

E o fez imaginar quão apaixonada ela seria em outras áreas.

Ela dobrou um dedo para chamá-lo, e Jax pressionou o nariz contra o vidro para ficar mais próximo dela.

– Está vendo aquele bisel intrincado fixado em volta de cada esmeralda? Minha assinatura.

– Linda.

Ele não estava olhando para o colar, e ambos sabiam disso, pelo rubor delicado no rosto de Ruby, antes que ela endireitasse o corpo e se afastasse.

Antes que ele pudesse criticar suas ações, segurou-lhe o braço.

– Você não parece do tipo tímida, então por que não pode aceitar um elogio?

Alguma coisa que parecia mágoa brilhou nos olhos dela, antes que ela os fechasse por um segundo. Quando os reabriu, o verde incomum brilhava mais do que as esmeraldas atrás do vidro.

– Honestamente? Foi uma noite longa, e eu estou completamente exausta.

Jax sentiu uma onda de compaixão. A coisa educada a fazer seria ir embora. Voltar outra hora, quando Sapphire Seaborn estivesse lá e ele pudesse lançar seu ataque sutil.

Mas ele não chegara tão longe sem ser implacável, e não recuaria agora. Precisava dar um recado, e a linda loira poderia transmiti-lo para a irmã muito melhor que ele.

– Você quer que eu vá embora?

Uma questão vazia, quando ele não tinha a intenção de ir.

Ela brincou com o bracelete de diamante, girando-o no pulso.

– Sim e não.

Confuso, ele cruzou os braços.

– Esclareça-me.

Com um suspiro, ela o olhou.

– Sim, eu adoraria que você fosse embora, de modo que eu pudesse voltar para meu apartamento, tirar esta roupa chique, relaxar com minhas pantufas, um pote de pipoca caramelizada e Jake Gyllenhaal.

Uma fã de filmes românticos, ele deveria ter adivinhado. Não existia uma mulher no planeta que não babava por galãs de cinema?

Os dedos dela deslizaram do bracelete para um anel no terceiro dedo.

– Não, porque você é um mistério, e quero saber o que estava fazendo aqui esta noite, a não ser ficar mal-humorado pelos cantos, ignorando minhas criações maravilhosas.

– Sem mistério. Jax Maroney.

Ele estendeu a mão para cumprimentá-la, mas, em vez disso, segurou-a para impedir que ela caísse aos seus pés.

Ela balançou, com o rosto pálido, com os olhos arregalados.

– *Você é Jax Maroney?* – A incredulidade de Ruby Seaborn implicava ela achar mais fácil acreditar que ele fosse Elvis disfarçado.

– Da última vez que eu chequei.

A palidez foi substituída por um rubor e ela enrijeceu.

– *Vá embora.*

Ele ouvira essa frase muitas vezes quando criança, quando costumava sair com amigos que idolatravam seus papais.

– *Vão embora, crianças. O pub não é lugar para vocês. Isso é assunto de homem.*

Mas toda vez que ele seguira seu pai, Denver não se importava. Tivera orgulho do filho, batia nas costas dele e bagunçava seu cabelo de brincadeira.

A maioria de seus colegas o invejara por ter um pai tão legal. E Jax idolatrara Denver, adorando tudo sobre ele... desde as risadas escandalosas até a voz estrondosa, sua habilidade de comandar uma sala apenas estando presente até sua generosidade com dinheiro.

Ele apenas descobrira, mais tarde, que era fácil ser generoso com dinheiro que não era seu.

E o elo próximo de pai e filho apenas tornara o que seu pai fizera mais difícil de aceitar.

Jax liberou-a, irritado que ela não perdera a expressão horrorizada.

– Isso não é muito gentil. Por que você mudou de me convidar para um café para me *mandar embora*?

Ela mordeu o lábio inferior gloriosamente carnudo, olhando-o quase como se esperasse que ele roubasse todos os conteúdos do showroom.

– Pensando melhor, você vem comigo. – Ela pegou-lhe o braço e puxou-o em direção a uma porta preta de ferro batido, com uma escada em espiral atrás. – Você precisa de um chute no traseiro, e eu sou a mulher para fazer isso.

Para alguém que não sorria muito ultimamente, ele descobriu-se incapaz de reprimir um sorriso lento.

Gostaria de vê-la tentar.

RUBY ERA o tipo de garota espontânea que lidava bem com qualquer situação, mas arrastar Jax Maroney escada acima e para dentro de seu apartamento, para um interrogatório, não foi fácil.

Pelo que ela sabia, o homem tinha partido de Melbourne anos atrás, ansioso para escapar das consequências da prisão do pai.

Embora não houvesse indícios de comportamento criminoso de Jax, o quanto ele vira e fizera?

Houvera muitos rumores durante o tribunal. Jax soubera sobre a apropriação fraudulenta? Ele lavara dinheiro como o pai fizera? Acumulara uma pequena fortuna intocada pela lei? Ajudara a mãe a desaparecer?

Ruby não acompanhara os noticiários, mas sua mãe havia ficado ultrajada pelo pensamento de um criminoso famoso como Denver Maroney tendo acesso ao dinheiro da alta sociedade, dinheiro dos *amigos* e roubando o lote.

Quanto a Jackie, mãe de Jax, Mathilda Seaborn tinha erguido o nariz no ar e impedido suas filhas de falar com ela, de novo. Ser enganada por um criminoso era uma coisa. Ser traída por um dos seus era outra.

Como Jax acabara sendo diretor-geral de uma empresa de mineração lucrativa na Austrália Ocidental, uma empresa que estava arruinando os

negócios da família dela, era o que Ruby pretendia descobrir.

Sabendo a identidade de Jax, ela agora entendia a aura de perigo emanando dele... e entendia sua própria atração.

Ela sempre tivera uma queda por *bad boys*.

Abrindo a porta de seu apartamento, empurrou-o para dentro sem muita gentileza, antes de fechar a porta e virar-se para encará-lo. Entrar em seu santuário confortava-a: as almofadas indianas turquesa e tangerina no chão, as fúcsias frescas colocadas em garrafas coloridas que serviam de vasos, as velas de aroma terapia em cada superfície disponível.

Não esta noite. Esta noite, Ruby tinha todas as intenções de destruir Jax Maroney do mesmo jeito que ele estava destruindo os negócios de sua família.

– É assim que você trata todos os seus convidados para um café...

– Cale-se. – Ela apontou para a cadeira mais baixa, querendo-o em desvantagem de altura. – Sente-se. Eu voltarei.

Surpreendentemente, ele fez como instruído, acomodando mais de 1,90m em chita macia.

– Só para sua informação, eu não gosto de receber ordens.

Ele a olhou dos pés a cabeça, deliberadamente demorando-se em lugares que não deveria.

– Mas, considerando que você vai vestir alguma coisa mais confortável, pode valer a pena esperar.

– Você é detestável – disse ela.

– E você é espetacular.

Uau.

Aquela atração entre eles abalava-a profundamente.

Irritada pela traição de seu corpo, Ruby saiu da sala de maneira brusca. Ir contra Jax Maroney parecia despertar o pior nela.

Ela queria destruí-lo como ele a destruíra, mas alguma coisa naqueles olhos negros como carvão, uma resistência interior combinada com força de vontade feroz, dizia-lhe que ela desejava o impossível.

Abrindo a porta do seu quarto com um sapato, manteve um olho nele através da fresta, enquanto pegava a troca de roupa mais perto que pôde

encontrar.

– Não se sinta à vontade... você não ficará muito tempo – sussurrou ela, despindo-se e colocando um macacão listrado sem alça.

– E aqui estava eu, pensando que os renomados Seaborn seriam hospitaleiros e graciosos.

Enquanto ela puxava o corpete de elástico do macacão para cima, seu sangue esfriou. Ele sabia sobre sua família.

A pergunta era, quanto?

Ele sabia que seu pai morreria quando Ruby estava no começo da adolescência? Que sua mãe carregara os negócios da família desde então, transformando-os nos principais joalheiros da Austrália? Que Sapphie fizera malabarismo com as tarefas de modelagem e porta-voz, enquanto estudava meio período para um diploma e uma especialização em Administração de Empresas? Que Ruby adorara ser a irmã mais nova, com menos responsabilidade e mais tempo para diversão?

A culpa familiar por sua vida social agitada, enquanto sua irmã carregara o fardo de fazer Seaborn prosperar assolou-a, mais uma vez.

Ela havia sido irresponsável e livre, enquanto Sapphie assumira excesso de responsabilidade e acabara doente.

Não mais.

Ruby tirou a fivela que prendia seu cabelo e passou os dedos por eles. Gostava de seu cabelo solto, não tenso e controlado. Como seu convidado não bem-vindo.

– Listras de zebra? Traje interessante. – O divertimento curvava os cantos da boca de Jax. – Bem apropriado, com as zebras sendo uma espécie em extinção.

Como Seaborn pairou, sem ser dito, entre eles, e ela o encarou com raiva.

– Você não está aqui para criticar moda. – Ela atravessou a sala e sentou-se do lado oposto a ele, pondo os pés descalços embaixo do corpo. – E não vai tomar café.

– Então, por que eu estou aqui? – A insinuação sob o tom sedoso fez a pulsação de Ruby acelerar.

– Isso é fácil. – Ela estalou os dedos. – De modo que eu possa lhe dizer exatamente o que penso sobre suas práticas profissionais, e para me assegurar que você fique bem longe da Seaborn.

Jax estendeu as pernas, cruzando-as nos tornozelos.

Se o silêncio dele não provocasse Ruby, a postura deliberadamente relaxada provocava-a.

Ao lidar com uma variedade de trabalhadores no sertão, ele aprendera que era mais fácil deixar as pessoas extravasarem sua raiva do que interromper seu fluxo e exacerbar a situação.

Ademais, estava curioso. Como ela descobrira sobre sua proposta de tomada de poder da Seaborn? Melhor ainda, o que uma loira excêntrica caprichosa achava que poderia fazer sobre aquilo?

A pesquisa de Jax tinha sido completa. Seaborn estava afundada em dívidas e nenhuma quantidade de lançamentos de coleções ou de colares artesanais salvaria a empresa.

– Você não vai falar nada? Defender-se?

– Por que, quando o que você está dizendo é suficiente para nós dois? – Ele deu-lhe um sorriso designado a enfurecê-la.

Pela testa franzida dela, funcionara.

– Sua empresa de mineração está enfraquecendo a nossa – acusou ela. – Vendendo pedras preciosas por uma pechincha, e nós não podemos competir. Somos uma companhia pequena, fornecendo mercadoria para um empreendimento de família. A sua mineradora fornece para grandes redes de joalheria, vendendo peças de menor qualidade. Preços baratos atraem mais clientes, apesar da qualidade. – Ela fez uma careta. – Você está nos matando.

Ele não piscou diante da história triste. Não cedia a apelos emocionais há muito tempo.

Deliberadamente provocando-a, Jax roçou o polegar no indicador.

Os lábios de Ruby se comprimiram.

– Espero que não seja o que eu acho que é.

– O que você acha que é?

– O menor violino do mundo.

Ele não pôde conter uma risada diante da expressão rebelde dela.

– Inteligente e espetacular.

Ela o xingou, e ele riu mais ainda.

– Não leve isso em nível pessoal, mas eu vim aqui esta noite para discutir uma proposta de negócios com sua irmã.

Ela balançou a cabeça, os cachos loiros caindo lindamente sobre os ombros.

– Ela não está interessada.

– *Ela* não ouviu o que eu tenho a dizer.

– Eu estou no comando pelos próximos meses, portanto, qualquer coisa que você quiser dizer, terá de ser para mim.

– Você?

Ela enfureceu-se com seu tom irônico, e ele não podia culpá-la. Mas Ruby Seaborn honestamente achava que ele faria negócios com ela, quando Jax sabia que Sapphire era o cérebro por trás de tudo aquilo?

– Por ordens médicas, Sapphire irá tirar três meses de licença, então, eu ficarei no lugar dela.

Três meses? Ele não tinha noventa dias para fechar aquele negócio. Tinha no máximo algumas semanas, antes que as finanças da Seaborn afundassem mais, e adquirir a empresa deixasse de ser um bom investimento para sua companhia.

A seriedade da situação subitamente o atingiu. Ele não poderia perder essa oportunidade, não quando adquirir a mineradora Seaborn estabeleceria o domínio completo da Maroney Mine ao longo de toda a costa oeste.

E garantiria uma posição forte no leste.

Jax voltara para Melbourne por uma única razão. Para levar Maroney Mina ao topo. Nada se colocaria em seu caminho.

Ele precisava daquela empresa de mineração. Precisava por vingança, por segurança, para provar que não era como seu pai.

– Neste caso, chefe, diga-me o seu preço.

Surpresa, ela arregalou os olhos.

– Para?

– Seaborn Mine.

Ela riu, com um som desprovido de divertimento.

– Sonhe.

Ele inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Pelo contrário, é você quem está sonhando se acha que tem o que é necessário para alcançar o que sua irmã não conseguiu.

Ela fechou as mãos em punho.

– E o que seria isso?

– Tornar Seaborn um sucesso.

Ele abaixou a cabeça quando um livro foi atirado na sua direção.

RUBY NÃO possuía uma única célula violenta em seu corpo.

Bem, talvez possuísse uma, considerando que pegara um livro muito pesado e jogara em Maroney.

Pena que tinha errado o alvo.

– Você tem um temperamento forte. – Ele pegou o livro, estudou a capa, dando-lhe tempo para se recompor.

Não funcionou. A fúria corou o seu rosto bonito, enquanto ela respirava fundo, até que confiasse em si mesma para falar.

– E *você* tem muita imaginação. – Ela meneou a cabeça. – Comprar Seaborn? Você só pode estar brincando.

Ele levantou-se.

– Eu não brinco. E não tenho tempo para jogos.

Ele rodeou a mesa de centro antiga e agigantou-se sobre ela.

Como se Ruby fosse se deixar intimidar.

Ela também se levantou, parando a frente dele e desejando que tivesse mantido seus saltos altos.

– Se você for inteligente como sua irmã, entenderá que Seaborn tem um, ou, no máximo, dois meses para sobreviver, antes de afundar. – Jax deu um sorriso sardônico. – Eu estou lhe oferecendo uma saída lucrativa. Você continua fazendo suas joias preciosas, e tudo que muda é que eu possuirei você.

A palma de Ruby coçava para esbofeteá-lo, quando ele emendou:

– Bem, eu possuirei a sua empresa.

Um nó se formou no estômago de Ruby diante da posição perigosa dos negócios de sua família, mas ela jamais o informaria o quão tentadora a oferta soava.

– Eu tenho uma resposta para você.

O brilho triunfante nos olhos negros tornou a resposta dela ainda mais doce.

– Quando o inferno congelar.

CAPÍTULO 3

DEPOIS QUE Jax saiu, levou uns bons dez minutos andando de um lado para o outro no showroom para que a pressão sanguínea de Ruby abaixasse.

Ela nunca fora dada à fúria ou a comportamento dramático, mas na última meia hora, quase sucumbira a ambos.

Quem Jax Maroney pensava que era?

Ela ficara tão irada com a oferta dele que se esquecera de perguntar como ele entrara na festa, se seu nome não estava na lista de convidados. Provavelmente subornando alguém, como o pai costumava fazer.

Injusto? Talvez, mas ela não estava no humor de perdoar. Com raiva, Ruby pegou a lista de inventário da noite e estudou-a outra vez, confirmando o que já sabia: elas mal tinham ganhado o suficiente esta noite para cobrir o custo das pedras preciosas.

Amassando o papel, jogou-o de volta sobre o balcão.

As lágrimas queimavam seus olhos enquanto ela tentava alisar a folha que acabara de amassar, para que Opal não adivinhasse como as coisas estavam ruins.

Sua prima ajudara quando Sapphie tinha sido ordenada pelos médicos a parar de trabalhar, deixando sua preciosa mineradora para se tornar empregada geral ali.

Ela não poderia ter mantido o lugar funcionando sem a ajuda de Opal, e planejara lhe dar um presente generoso... um conjunto de anel e bracelete de opala... quando sua prima acabasse o trabalho na Seaborn.

Do jeito que as coisas iam, Ruby não teria condições de lhe dar tal presente.

Com um suspiro, abriu a primeira gaveta atrás do balcão e pegou um envelope. Pesou-o em sua mão, tão relutante em abri-lo agora quanto estivera mais cedo naquela tarde, quando o envelope fora entregue.

Ela não quisera estragar a festa de lançamento; havia sido sua desculpa, então. Qual era sua desculpa agora?

Sem opção, ela rasgou a aba do envelope, desejando que pudesse rasgar o conteúdo sem lê-lo. Mas isso não mudaria os fatos: Seaborn estava completamente hipotecada, e precisava de uma injeção de dinheiro, com urgência.

Os números exorbitantes na carta do banco nadaram diante de seus olhos.

Ela não culpava Sapphie por hipotecar o título no showroom e seu apartamento para pagar as contas médicas exorbitantes da mãe delas. Ruby teria feito o mesmo se soubesse a verdade, qualquer coisa para ganhar tempo e uma chance de salvar os negócios.

Agora, com credores cobrando pagamentos, elas corriam o risco de perder aquilo que Sapphie prometera para a mãe delas que salvaria.

Ruby não podia deixar isso acontecer.

Tinha de haver alguma coisa que pudesse fazer.

Era melhor manter-se ocupada. Não dormiria esta noite, de qualquer forma.

JAX ABRIU a porta de seu apartamento e ligou o aparelho de som. Num volume tão alto que ele recuou. Ótimo. Precisava de música alta. Quanto mais alta melhor para abafar seus pensamentos.

O barulho de baixo preencheu o apartamento, enquanto ele andava do hall para a área de estar aberta.

Deixando seu paletó sobre o sofá, atravessou para o bar, serviu-se de um uísque duplo e bebeu.

Bateu o copo com força sobre o bar, o ruído combinando com seu humor sombrio.

Teria preferido atirar o copo na parede mais próxima e vê-lo se espatifar, enquanto falava um palavrão.

Ser profissionalmente humilhado por seus companheiros gigantes da mineração corporativa, esta noite, o enfurecera.

Pessoalmente, Jax não se importava com o que a alta sociedade de quem seu pai roubara pensava a seu respeito, mas precisava deles para expandir seus negócios, e isso significava ir a eventos como aquele desta noite.

Ele precisava reentrar nos círculos deles, convencê-los de que não era nada como seu pai moralmente corrupto. Socializar-se com o alto escalão de Melbourne corporativa era um mal necessário para a expansão que planejava para Maroney Mine.

Todavia, o jeito que eles o tinham olhado mais cedo, como se ele fosse o pior tipo de escória... Como ele poderia fazer reuniões profissionais com uma multidão hostil que nem sequer o reconhecia?

Ele apoiou-se contra o peitoril da janela, distraído para a vista milionária de Melbourne, muitos pisos abaixo, com a tensão se instalando em seus ombros.

Jax deliberadamente ouvia rock de má qualidade quando estava assim tenso. Música sem letra. Música muito diferente das favoritas de seus pais, Bruce Springsteen e Bon Jovi.

Ótimo, tudo que não precisava depois da noite que tivera... pensar sobre seus pais.

Vinha fazendo isso com frequência, ultimamente, com o recurso de Denver se aproximando, e o constante assédio da mídia, suplicando por qualquer migalha que ele pudesse oferecer. Embora ele os tivesse dispensado, esperara que sua mãe aparecesse para se responsabilizar pelo velho trapaceiro.

Jax não podia entender por que uma mulher linda e rica como Jacqueline Blaise permanecera fiel ao marido enganador, depois da prisão dele, quando a feia verdade finalmente surgira.

Até a dupla traição dela. Então tudo se tornara assustadoramente claro.

Ele tinha 24 anos quando Denver fora preso por apropriação indevida de milhões, quando soubera, no fundo do coração, que Jackie também havia

sido um acessório, apesar de a polícia nunca ter encontrado provas para condená-la.

Ela apresentara Denver para os amigos ricos.

Cultivara um grupo de pessoas da alta sociedade que incluía Denver, apesar de saber do passado criminoso do qual ele viera. Aparentemente, o pai de Denver morrera assassinado numa negociação de drogas que dera errado, um criminoso insignificante tentando roubar um traficante.

Seus pais nunca falavam sobre isso, mas Jax olhara na internet quando estava com 13 anos, após ouvir sua avó censurando Jackie por seu mau gosto em relação aos homens. Depois de ler a história inteira de seu avô, Jax lembrava-se de ter se sentido aliviado que seu pai não era daquele jeito.

Que piada.

Sua mãe também não pensara duas vezes sobre ajudar Denver a roubar os amigos ricos dela, pessoas que a família de Jackie conhecia há décadas.

E com Denver preso, ela simplesmente saía da vida de Jax sem olhar para trás.

A mãe em quem ele confiara, a mãe a quem ele amara, desaparecera, simplesmente assim.

Agora, dez anos depois, Denver solicitara outro recurso, e ele não ficaria surpreso se Jackie voltasse.

Não apenas o amor de Jax por sua mãe sofrera um sério golpe, como ele também perdera o respeito por ela. Como poderia não perder, quando ela paparicava seu pai carismático, independentemente do que ele fizesse; entretanto, não se importava com seu único filho e cortara contato com ele por mais de uma década?

Jax lidara com a traição de Jackie anos atrás, e finalmente seguira em frente, mas irritava-o que Denver novamente levantara a cabeça num momento que Jax estava finalmente no topo.

Maroney Mine havia prosperado, e ele agradecia a um deus nebuloso, todos os dias, por sua avó materna ter colocado a empresa no seu nome no momento em que ele fizera 25 anos.

Vovó Wily detestara o gosto da filha por *bad boys*, e, em vez de deixar tudo em seu testamento para Jackie, ela distribuía seus bens.

Jax vinha lutando para tornar a empresa de mineração um sucesso desde então, não graças à publicidade negativa causada pelo tribunal de Denver e laços criminais, e pela busca constante de seu pai de fazer manchetes. Entrevistas para revistas, rumores de sindicatos de jogos dentro da prisão, e uma biografia reveladora tinham assegurado que o nome Maroney permanecesse na frente da mídia... por todas as razões erradas.

Não era de admirar que os jornais o perseguissem, procurando um ângulo diferente na história sórdida.

Como Jax dizia-lhes repetidamente, ele não tinha nada a declarar sobre o assunto de seu pai.

Ele fechou as mãos diante da última memória de seu pai, antes que ele fosse preso. Denver o convidara para almoçar no hotel mais chique de Melbourne. Eles haviam comido ostras e filé mignon, com o vinho mais caro da casa.

Ninguém podia contar uma história como seu pai, e ele rira muito sobre os contos exagerados de Denver, a proximidade deles era algo que, quanto mais velho Jax ficava, mais valorizava.

Não muitos de seus amigos de vinte e poucos anos ainda gostavam de sair com o pai, mas Denver sempre o incluía em tudo.

Não exatamente.

Denver tinha sido preso no dia seguinte numa operação especial da Força Policial Vitoriana, cujo alvo era crime corporativo.

E Jax ficara devastado.

O pai que ele idolatrara, o pai que admirava por ter começado do nada e se tornado bem-sucedido nos negócios, era mentiroso e ladrão, e não o homem que Jax pensara que ele fosse.

Ele ficara ao lado de Denver: durante o tribunal, a publicidade negativa, a condenação.

Inicialmente, fizera isso por lealdade, mas conforme o tribunal progredira e a extensão da traição de Denver se tornara aparente, Jax continuara ao lado de seu pai de modo que pudesse imprimir cada detalhe em sua memória, como lembrete para nunca mais ser enganado.

Por ninguém.

A falta de contato de Denver após a prisão havia sido um bônus. Jax não teria respondido se o homem tentasse contatá-lo, de qualquer forma.

No instante em que a porta da cela de Denver fora fechada, o relacionamento com seu pai acabara.

A música parou e ele sentou-se no sofá, com um calafrio percorrendo sua nuca.

Podia não se importar mais com o passado, mas detestava o sentimento traiçoeiro que o inundava quando lembrava quantas vidas as mentiras de seu pai tinham afetado, quantas famílias ele arruinara, roubando-lhes a fortuna.

Pela reação das pessoas nesta noite, elas não deixariam Jax esquecer sua conexão com um homem que roubara milhões.

Mas ele tinha um trabalho a fazer.

Uma corporação para levar ao topo.

Esta noite, havia sido o primeiro passo em direção a isso. Negócios, como sempre.

A quem estava enganando? Ele podia ter conseguido um convite para o evento da Seaborn esta noite, mas, uma vez que conhecera Ruby, os negócios haviam sido substituídos pela perspectiva de prazer.

Ele a desejava.

E o que Jax Maroney queria, ele geralmente conseguia.

Outra coisa pela qual podia agradecer a seu pai. Aprendera, desde pequeno, que se demandasse, receberia.

Denver fora o tipo de pai que o apanhava na escola e o levava ao parque para jogar cricket. Que o ajudava nas lições de casa, nos projetos de ciências, e o ensinava a consertar sua bicicleta. Um pai que construía uma casa na árvore e acampava com o filho.

Denver fizera tudo, sempre arranjando tempo para ele. Não que Jax tivesse sido muito mimado, mas seus pais apreciavam passar tempo com seu único filho.

Isso, antes que Denver começasse a explorar pessoas, roubando-lhes, graças aos contatos de Jackie, e acabando na cadeia.

Jax cerrou o punho e socou o braço do sofá.

Maldito Denver.

Com uma pilha de papelada esperando e avaliações do desempenho dos funcionários para fazer, a última coisa que ele queria era pensar em como, graças à reputação de seu pai, ele fracassara em fazer progresso na sua oferta de tomada de poder, mas a mulher no centro de seus planos conseguira capturar seu interesse.

Ele não esperara ser desafiado por uma loira de língua ferina, com mais bravata do que ele imaginara.

Quando ela descobrira sua identidade, e mais tarde ouvira sua oferta... tornara-se magnífica, furiosa e desafiadora.

Jax ficava excitado só de pensar sobre aquilo.

Infelizmente, não podia seguir as demandas de sua libido, não quando Ruby Seaborn possuía o que ele queria com desespero.

Hoje em dia, quando ele queria alguma coisa, ia à luta e alcançava seu objetivo.

Adquirir a mineradora Seaborn não seria diferente.

CAPÍTULO 4

PASSARA TRÊS dias com o contador da Seaborn fazendo cálculos, até que seus olhos ardessem.

Números não eram seu forte, mas ela ouvira e aprendera.

E descobrira que eles não podiam criar milagres. A menos que a Seaborn recebesse uma injeção de dinheiro ou que grandes gastos nas áreas principais dos negócios fossem cortados, eles logo abririam falência.

Ela enxugou os olhos, detestando a futilidade das lágrimas. Nunca fora do tipo emotivo, mas este fardo estava pesado demais.

A última coisa que queria fazer com seu sábado era assistir às corridas de cavalo, mas um concorrente a convidara para o lançamento deles, e, não querendo parecer rude, ela concordara em ir com a cabeça erguida.

Ruby atravessou a marquise em Flemington Racecourse, cumprimentando conhecidos, dando sorrisos falsos e conversando como uma profissional.

Como Sapphie fazia aquilo em bases regulares, ela nunca saberia.

O pensamento de sua irmã doente, e de como a pequena Sapphie confiara nela, causou um nó em sua garganta, e Ruby pegou uma taça de vinho de um garçom passando e foi em direção ao balcão com vista para o campo verde, precisando de ar fresco.

Ela respirou fundo, então deu um gole do vinho e olhou para trás, para o salão lotado.

E avistou o último homem que queria ver.

Jax Maroney. Terno preto. Coração negro. Humor negro, também, julgando pela carranca permanente.

Distanciado da multidão, ele estava atrás de uma vitrine, observando suas redondezas.

Interessante. O segundo evento em poucos dias, onde ele deliberadamente se afastava da multidão. Mas então, com 1,90m de beleza máscula, ele não parecia se encaixar naquela multidão esotérica.

Ruby encostou-se atrás de um pilar e observou-o. Ele não se moveu, não sorriu, não aceitou um drinque ou canapés. A única vez que pareceu se animar foi quando os Meyer, um casal idoso rico, que tinha sido amigo da mãe dela, abordou-o. Jax endireitou os ombros, deu um sorriso e estendeu a mão. Apenas para que o casal o ignorasse, murmurasse algumas palavras que tiraram o sorriso do rosto dele, e partisse.

O homem queria arruinar os negócios de sua família, e Ruby deveria odiá-lo, mas quando ele retomou seu ar distante e adotou uma expressão neutra, como se nada tivesse acontecido, uma pequena parte sua sentiu pena dele.

Caso lembrasse corretamente, o filho dos Meyer perdera aproximadamente oitocentos mil dólares graças a Denver Maroney, então, não era surpreendente que eles esnobassem o filho de Denver.

Aquelas pessoas sempre protegiam os seus, e o pai de Jax fizera o impensável: usando amizades duradouras para roubar, enganar e destruir.

O que a intrigava era por que Jax Maroney estava se submetendo àquilo. Ele podia parecer imperturbável e distante, não se importando com o que outros pensassem a seu respeito, mas ser deliberadamente banido por causa dos pecados do pai?

Aquilo devia causar um impacto nele, a menos que o homem fosse feito de pedra. Considerando a expressão desdenhosa com a qual ele estudava a multidão, isso era bem provável.

Seu coração disparou. Como se ele estivesse procurando por ela.

Homens como ele não desistiam facilmente. Poderosos, dominadores, nunca aceitavam um não como resposta.

Se Maroney Mine tivesse interesse na Seaborn, que Deus a ajudasse.

Mais cedo, Ruby brevemente considerara uma opção para salvar a Seaborn. Jax Maroney deixara uma coisa clara na outra noite: estava interessado na empresa de mineração delas, não na mais antiga loja de joias em Melbourne.

Ele não se importava com o fato de a Seaborn fornecer tiaras para os desfiles de Miss Austrália pelas últimas duas décadas. Não se importava que atrizes australianas usassem joias da Seaborn sobre o tapete vermelho em Hollywood.

Jax Maroney importava-se com o dinheiro... e com nada mais.

Ela não sabia se o estresse nos últimos dias a abalara ou se apenas queria se distrair, mas acabou sua segunda taça de vinho e andou em direção a ele.

Jax olhou para cima, com um brilho de prazer iluminando o rosto dele sendo rapidamente mascarado por uma expressão distante, que ele devia praticar no espelho, todas as manhãs.

– À espreita de sua próxima vítima?

Ele arregalou os olhos.

– Perdão?

Ruby gesticulou para a multidão.

– A maioria dos joalheiros de Melbourne está aqui. Procurando alguém mais para fazer proposta de negócios?

– Suponho que você não veio aqui para aceitar minha proposta, então?

– Você supõe certo.

Proposta... provavelmente um documento de cinquenta páginas designado a enganar.

– Você tem fobia de público?

Ele meneou a cabeça.

– Por quê?

– Está sempre nos cantos, evitando multidões.

– São as pessoas que me evitam – admitiu ele, em tom amargo.

Talvez, a suposição anterior dela estivesse certa, então? Ser evitado por causa do seu sobrenome o perturbava.

– Você parece não querer estar aqui. Talvez, isso espante as pessoas.

Ele deu de ombros.

– Eu não me importo com o que as pessoas pensam. Estou aqui a negócios.

– Negócios estranhos, aposto – sussurrou ela.

Ele fez uma careta.

– Você não tem com quem conversar?

– Você não tem? – devolveu Ruby, envergonhada de sua pergunta, considerando que ele acabara de admitir estar sendo evitado pela multidão.

Os olhos escuros a percorreram da cabeça aos pés, visualmente despindo o seu vestido preto sem alças, estampado com rosas vermelhas, de seu corpo. A pele de Ruby arrepiou-se; ela nunca se sentira tão exposta.

– Eu estou onde quero estar.

Com o calor inundando seu corpo, Ruby quase desejou que pudesse acreditar nele.

Como se percebendo sua reação, Jax afastou-se da parede e deu um passo à frente, invadindo seu espaço pessoal. Os lábios se curvaram num sorriso sexy.

– Nada a dizer? Isso é uma novidade.

Reprimindo a vontade irracional de puxar-lhe a cabeça para um beijo, ela o encarou.

– Você não me conhece.

Ele inclinou-se, e um aroma másculo e cítrico penetrou os sentidos de Ruby.

– Talvez eu quisesse conhecê-la? – inquiriu ele murmurando no seu ouvido, a respiração quente fazendo-a fechar os olhos, perdida no ardor da atração inegável.

Antes que a realidade interferisse. Aquilo era tudo que ela precisava: envolver-se com o inimigo.

A ponta do dedo de Jax tocou seu lóbulo, traçou seu maxilar.

Ela queria agarrar-lhe a mão, arrastá-lo de lá e levá-lo para seu apartamento.

Ruby sempre fora espontânea no que dizia respeito a homens, não seguindo convenções, como esperar ser convidada para sair. Se ela gostava de um cara, informava-o sobre isso.

Mas quando Jax deu um passo atrás, deixando-a quente e desejosa, ela soube que ele não era um homem comum.

Ela não poderia brincar com ele. Não sem consequências.

Considerando as circunstâncias na Seaborn, Ruby realmente queria brincar com fogo?

– Eu gostaria que você deixasse nossa empresa de mineração em paz.

O brilho de luxúria nos olhos escuros não desapareceu. Se havia alguma coisa, a irritação dela parecia excitá-lo.

– E eu gostaria que esta cidade reconhecesse que eu não sou nada como meu pai, e fizesse negócios comigo, mas nem sempre conseguimos o que queremos.

A honestidade dele deixou-a atônita, e quando Jax tentou se virar, ela segurou-lhe a mão.

– Então, você tem um coração debaixo deste exterior insensível, afinal de contas.

– Não. – Ele bateu no peito. – Sem coração aqui; chame-me de Homem de Lata.

Ruby adorara *O Mágico de Oz* quando criança, e o fato de que este homem grande e bonito conhecia o filme o fez subir em seu conceito como nada poderia fazer.

– Você quer aceitação...

– Para meus negócios. – Ele gesticulou uma mão para a multidão. – Eu não poderia me importar menos com o que essas pessoas pensam sobre mim.

O esclarecimento de Jax apenas solidificou a impressão dela de que aquele ostracismo deliberado significava mais do que ele deixava transparecer.

– Certo, você quer que eles aceitem seus negócios, e eu quero que os negócios de minha família sobrevivam intactos. Talvez, devemos pensar, juntos, numa solução para nossos problemas?

Ele franziu o cenho.

– Por quê? Como você apontou, nós mal nos conhecemos. Por que eu discutiria meus negócios particulares com você? – Ele balançou a cabeça. –

Propostas de negócios eu entendo. Isso? – Apontou para a multidão. – Sem chance.

Ela o olhou, uma ideia começando a se formar na sua cabeça.

Jax usara a palavra *proposta* mais uma vez... E se eles pudessem pensar numa proposta que beneficiasse a ambos?

A ideia continuou girando em sua cabeça, e ela arfou.

– O que houve?

Ruby olhou para a mão esquerda dele.

– Você é casado?

– Não.

– Está envolvido com alguém?

O sorriso sexy estava de volta.

– Se esse é seu jeito de me convidar para sair...

– Eu não o estou convidando para sair. – Ela segurou-lhe as lapelas do paletó e puxou-o para mais perto. – Estou pedindo você em casamento.

Quando Denver tinha sido preso, Jax recebera muitas propostas estranhas da mídia.

Nenhuma tão ultrajante como Ruby Seaborn lhe pedindo em casamento.

– Você não precisa chegar tão longe para me fazer ir embora.

Ela riu, uma risada genuína que despertou desejo em Jax.

– Isso não é o que você pensa. É uma proposta de negócios.

Curvando um dedo, ela chamou-o para mais perto. E não precisava chamá-lo duas vezes. Quando ele sussurrara no seu ouvido, sentira o cheiro de morango. Ou seria framboesa? Uma compota deliciosa que o deixara ansioso para provar...

Jax apontou para a taça vazia dela.

– Quantas dessas você tomou?

– Não o bastante – replicou ela, com o sorriso irônico tornando-a ainda mais intrigante.

Ele ouvira muitas propostas de mulheres, mas nenhuma delas havia sido louca o suficiente para propor casamento.

– Apenas me ouça, tudo bem?

Ela pôs uma mão no seu braço, e a reação da libido de Jax não foi tão inocente quanto o toque.

– Sou todo ouvidos.

Ela pegou-lhe a mão e puxou-o para o canto mais tranquilo do salão, indo para trás de uma palmeira alta.

– Você não deveria se ajoelhar, fazer isso direito? – provocou ele.

– Cale-se.

– Isso é jeito de falar com seu noivo em potencial?

– Deus, como você é insuportável...

– Você não está dourando a pílula dizendo o quanto gostaria de ser minha esposa. Eu gosto disso.

O divertimento iluminou os olhos dela.

– Tudo bem, suponho que mereço qualquer coisa que você disser, considerando como eu fiz a proposta. Mas, uma vez que me ouvir, irá concordar que o casamento faz sentido.

Jax cruzou os braços.

– Você acha? Porque, em minha opinião, casar com uma estranha tem poucos atrativos. Não que eu seja contra o casamento, mas sempre pensei que, se eu fosse louco o bastante para me unir a uma mulher em matrimônio, nós teríamos um relacionamento sério, antes.

Ela suspirou.

– Você fala demais. Típico diretor-executivo.

– Típico?

Ela inchou as bochechas como um balão.

– Cheio de palavras em vão e prepotência, gostando do som da própria voz.

Deus, ele adorava discutir com ela. O jeito espirituoso de Ruby, adicionado à beleza e inteligência, representava um problema em potencial para seu autocontrole.

– Por que você não racionaliza sua proposta ridícula antes de continuar ferindo meu ego frágil?

Ela bufou.

– Frágil? Sim, certo.

– Você tem dois minutos, começando de agora...
– Certo, certo. – Ela ergueu as mãos em rendição. – Melhor adicionar *impaciência* à lista de seus atributos questionáveis.

– Noventa segundos...
– Eu quero salvar a Seaborn, você quer entrar na alta sociedade de Melbourne. Posso lhe dar o último, se você concordar em parar de enfraquecer nossa empresa por um ano, e nos der uma chance de virar nossas margens de lucro.

Admitir que a sociedade estava evitando-o tinha sido uma má ideia. Uma mulher inteligente como Ruby percebera o quanto aquilo significava para ele, e agora estava usando isso para chantageá-lo ao casamento. Corajosa.

– O que a faz pensar que eu preciso ser apresentado à elite de Melbourne?
Ela balançou a cabeça.

– Você me desaponta. Estou sendo honesta; espero o mesmo em retorno.
Ruby apontou por sobre o ombro dele.

– Aquelas pessoas tendem a desprezar outros. – Ela pausou, a ponta da língua umedecendo os lábios. – Especialmente você, com seu passado.

Droga, ela sabia. É claro que sabia. Todos naquela cidade conheciam sua linhagem. Eles o tinham mandado embora uma vez, e ainda estavam usando o fato para tentar derrubá-lo.

Não importava quanto dinheiro sua mineradora ganhara no último ano. Não importavam as margens de lucro ou o prêmio de reconhecimento pela WA Mining Commission. Não importava que ele trabalhara arduamente, levando sua empresa ao topo da concorrência.

Eles ainda não lhe dariam acesso ao que Jax mais precisava: Global Mining Corp, o corpo governamental que controlava o destino de Maroney Mine e os sonhos dele de tornar sua companhia internacional.

Controlando sua amargura, ele bocejou.
– Você não deveria acreditar em tudo que ouve.
– Você está me tomando por tola, de novo. Uma pena, porque é um bom negócio.

Sim, se ele quisesse se prender a um casamento sem amor, com uma mulher que mal conhecia.

Jax nunca realmente pensara sobre se casar. Teria de deixar uma mulher aproximar-se emocionalmente para que um relacionamento sério se desenvolvesse, e não tinha tempo ou inclinação para isso.

Na região de Kimberley, ele focava-se nos negócios. Se quisesse relaxar com companhia feminina, ia a Perth. Gostava de seus encontros românticos descomplicados e de sexo sem elos.

Casar-se com Ruby Seaborn? Devia haver mais naquela sugestão ridícula dela. Por que uma mulher linda e inteligente quereria se casar com ele para salvar os negócios da família?

– Um bom negócio, huh? – Jax estreitou os olhos, fingindo ponderar. – Então, além de ter meu status baixo elevado em nível dos Seaborn, o que eu ganho com esse casamento?

Sua intenção por trás da pergunta registrou, se o leve rubor nas faces dela fosse alguma indicação.

– Você está falando de sexo?

Lá estava ela outra vez, surpreendendo-o com seu jeito direto. Ele nunca conhecera uma mulher tão sem medo de falar o que pensava.

Aquilo o excitava. Muito.

– O pensamento passou pela minha cabeça – respondeu ele, encontrando-lhe o olhar desafiador.

Ruby cruzou os braços, mas não antes que ele visse os bicos salientes dos seios dela.

Ela sentia a mesma atração que ele.

– Isso apenas complicaria as coisas.

– Tem certeza? Talvez, também tornasse esse casamento mais interessante.

Uma veia pulsou no pescoço dela, e Jax resistiu à vontade de tocar o ponto.

Ela meneou a cabeça.

– Por que adicionar confusão a uma situação já difícil?

Ele riu.

– Sua técnica de conquista precisa de um pouco de trabalho. – Jax bateu na testa. – Deixe-me ver. Eu me prenderia a você numa *situação difícil* sem sexo? – Ele estalou os dedos. – Sim, isso parece alguma coisa que eu faria.

Ruby estreitou os olhos.

– Eu não gosto de ser zombada.

– E eu não gosto de ser feito de bobo. – Jax deu um passo à frente. – Posso ver os benefícios mútuos na sua proposta. Mas somos adultos. Estamos atraídos um pelo outro. Não há razão pela qual não deveríamos nos divertir um pouco no quarto, pela duração do casamento.

Para crédito de Ruby, ela o encarou, mas ele notou o nervosismo nos gestos dela, no rubor das faces.

– É claro, talvez eu goste fora do quarto, também – acrescentou ele. – Isso ainda é viável em nosso *acordo*?

Ela enrubesceu, mas não desviou o olhar, e a admiração de Jax aumentou.

– Então, deixe-me esclarecer isso. De acordo com seus termos, nós nos casamos, temos sexo e ambos ganhamos do arranjo profissional.

Ele admirava o atrevimento de Ruby, mas tinha a impressão de que ela não estava lhe contando tudo.

– É isso. É pegar ou largar – afirmou ele, sem rodeios.

Podia ver uma batalha emocional guerreando nos expressivos olhos verdes dela. Ruby faria qualquer coisa para salvar a empresa da família, inclusive propor casamento a um homem que mal conhecia, um homem que expulsara de seu apartamento na noite anterior com um ressonante “quando o inferno congelar” em resposta a oferta dele de comprar a Seaborn.

– Sem sexo. – Os olhos verdes de Ruby eram ardentes, e ele não pôde evitar fantasiar como aquele brilho sensacional se traduziria na cama. – Isso é um fator impeditivo.

– Você não está em posição de fazer ou impedir o acordo – apontou ele, aproveitando-se de sua vantagem.

Ela precisava concordar, e, embora Jax pudesse ver lógica em tal arranjo, nunca concordava facilmente.

– Certo, eu aceitarei isso – retrucou ela, entre dentes cerrados.

Jax ignorou o adendo murmurado, “sem sexo”. Ele a deixaria pensar que anuira com a estipulação. Teria prazer em aceitar o desafio para provar que ela estava errada.

– Ótimo. – Ele cruzou os braços e encostou-se contra a parede, numa postura deliberadamente presunçosa. – Mas vamos deixar uma coisa clara. Não há lugar para emoção neste casamento. Mulheres são famosas por se apaixonarem e complicarem as coisas.

Ruby riu, com um som desprovido de divertimento.

– Eu, me apaixonar por você? – Ela deu um tapinha no peito dele. – Não se preocupe. Não há a menor chance de isso acontecer. Eu não tenho ilusões sobre o que é este casamento: um negócio mutuamente benéfico e conveniente.

Por alguma razão inexplicável, o fato de ela dizer que não havia a menor chance de se apaixonar por ele o perturbou muito.

Não que Jax quisesse que ela se apaixonasse, mas ela precisava fazer aquilo parecer tão absurdo? Era possível que, no fundo, Ruby Seaborn tivesse os mesmos preconceitos em relação a ele do que o resto das pessoas do círculo social dela? Uma vez um Maroney, sempre um Maroney?

– Então? – perguntou ele.

– Você está falando sério sobre isso?

Ela fez uma careta.

– Acha realmente que eu me humilharia assim, se não estivesse?

– Bom ponto.

Uma recusa pairou nos lábios de Jax. Embora a possibilidade de sexo com ela o atraísse fortemente, ele podia pensar em maneiras menos complicadas de conseguir isso.

Quanto a ser aceito nesta cidade... Ele olhou para cima e viu o diretor-geral de uma grande empresa internacional de mineração conversando com um rival.

Enfiou as mãos nos bolsos. Enquanto fosse excluído da sociedade, nunca teria acesso ao mundo corporativo ali.

E precisava desse acesso para tornar Maroney Mine global.

Embora a proposta fosse ridícula, ele faria qualquer coisa para alcançar seu objetivo.

– O que houve?

– Nada. – Ele deliberadamente relaxou os ombros. – Esse arranjo tem um limite de tempo?

Ela franziu a testa.

– Por quanto tempo você vai ficar na cidade?

– Meu plano original era de três a seis meses.

O óbvio alívio de Ruby irritou-o mais do que ele queria admitir.

– Isso nos dá muito tempo para concretizarmos nossos objetivos, então, você poderá voltar para sua mineradora preciosa, e fingir que nós temos um relacionamento a distância.

– Eu informei meu plano *original*. Meu novo plano envolve ficar mais tempo que isso.

Aquilo deixou Ruby boquiaberta. Ele pôs um dedo sob o queixo dela e fechou-lhe a boca. Então riu.

– Você acha mesmo que eu passaria por tudo isso para ganhar entrada em alguns círculos ricos por apenas poucos meses? – Ele meneou a cabeça. – Estou aqui para ficar.

Quando ela permaneceu silenciosa, olhando-o, Jax inclinou-se para sussurrar no seu ouvido:

– Ainda quer ser minha esposa? Por tempo *indefinido*?

Ele deveria saber que ela não recuaria.

Deslizando uma mão em volta do pescoço dele, Ruby ergueu-se na ponta dos pés.

– Eu quero – respondeu ela contra a lateral da sua boca, um momento antes de beijá-lo.

CAPÍTULO 5

– QUEM É a loira ardente que você estava beijando?

Jax dependia de Murray, seu gerente em Melbourne, mas isso não significava que tinha de gostar dele. O homem tinha dançado na festa, cumprimentado metade da multidão, antes de, finalmente, aproximar-se de seu chefe.

Se Jax não valorizasse a especialidade dele, demitiria o tolo.

Ele seguiu a linha de visão de Murray, para onde Ruby estava num grupo de mulheres. Elas a bajulavam, admirando-lhe as joias, tocando os diamantes pendurados das orelhas de Ruby. Ela sorria e conversava, à vontade naquele ambiente, enquanto ele esforçava-se para compreender a enormidade do que eles haviam combinado.

– Ela é minha... noiva.

Falar aquilo em voz alta não ajudava a entender.

Murray assobiou.

– Sua *o quê?*

– Você me ouviu.

Murray bateu a palma contra a orelha.

– Eu podia jurar que ouvi você dizer que aquela mulher ardente é sua *noiva*. Uau, ela é...

O olhar furioso de Jax interrompeu o que seu gerente ia dizer.

– Por que você não falou alguma coisa?

– Acabei de falar. Agora, conte-me o que eu perdi no escritório esta manhã.

Murray assumiu uma postura profissional e acessou o e-mail em seu celular.

– Nada que não possa esperar até de tarde – retorquiu ele, antes de abrir um dos e-mails e estender o telefone para Jax. – Você recebeu as mensagens da mídia?

Como se a proposta absurda de Ruby não o tivesse confundido o bastante, agora isso.

– Sim.

Murray hesitou, obviamente não querendo provocar a raiva garantida, mencionando qualquer coisa relacionada com o recurso de seu pai. Seu gerente cometera esse erro antes, e a ira subsequente de Jax assegurara que ele não falasse mais no assunto. Até agora.

– Pelo bem de Maroney Mine, eu tenho sido civilizado com esses sanguinários. Mas se eles continuarem a me perseguir, apenas fique com o padrão “sem comentários”.

– Entendi. – Murray enviou alguns e-mails antes de guardar o celular no bolso.

Irritado que o mero pensamento da apelação iminente de seu pai abalava seu humor, Jax inclinou a cabeça em direção ao homem para quem Murray estava olhando um momento atrás.

– Quem é aquele?

Murray deu de ombros.

– Novo na cidade. Integrando-se nos círculos de mineração. Vale a pena conhecer.

Ele não sabia daquilo? Uma vez que ele se casasse com Ruby, teria de representar o papel de marido devotado, para conseguir seu objetivo: ganhar acesso a um grupo de pessoas influentes.

Não se importava com o que pensassem a seu respeito, mas recusava-se a aguentar a indiferença no setor profissional, onde precisava da colaboração deles.

Detestava ser culpado por associação, quando pessoas inteligentes no mundo corporativo deveriam saber que ele era diferente de Denver.

O olhar curioso de Murray foi para Ruby.

– Quando será o casamento?

Eles não tinham definido uma data, apenas um nebuloso “na próxima semana”, nem os preparativos para o casamento. Não tinham discutido coisa alguma depois que ela o beijara.

Aquele beijo...

Os lábios quentes e suaves, com gosto de menta, ousados em suas demandas, como tudo sobre ela.

Jax estava acostumado a estar no comando. Com Ruby, aparentemente encontrara seu par.

– Logo.

– Então, quem é ela?

Considerando que Sapphire era a porta-voz da empresa, e Ruby, o gênio criativo por trás dos bastidores da Seaborn, não era surpreendente que Murray não a conhecesse.

– Ruby Seaborn.

Murray assobiou.

– Seaborn de Armidale? Isso significa muito dinheiro de berço. – Murray olhou-o com admiração. – Bom para você.

Jax forçou um sorriso. Detestava mentir... Denver ficara com essa parte. Porém, viver uma mentira com Ruby era uma necessidade no momento.

Murray consultou seu relógio.

– Eu vejo você de volta no escritório?

– Sim.

Uma vez que ele pensasse sobre os detalhes para suas núpcias iminentes. Ele, *casado*?

Jesus.

No entanto, aquilo não era tão ruim assim. Enquanto ele cimentasse negociações profissionais, a fim de tornar sua empresa de mineração global, pretendia aproveitar seu casamento ao máximo: em *todos* os sentidos.

Não pretendia seguir a estipulação de Ruby de “sem sexo”.

Considerando o beijo inesperado que ela lhe dera, Jax tinha muitas esperanças de convencê-la a mudar de ideia.

Sim, a ideia do casamento parecia melhor a cada minuto.

Como se percebendo sua linha de raciocínio, Ruby olhou para cima e acenou alegremente, o sorriso ensolarado golpeando-o com a força de um ciclone.

Ele podia ter um problema com o conceito do casamento, mas consumá-lo?

Problema algum, em absoluto.

RUBY PERDERA a cabeça.

Tivera algumas ideias loucas ao longo dos anos... permanente no cabelo aos 15 anos, gótica aos 16 anos, saindo com as pessoas que Sapphie descartava aos 18 anos... mas nada tão ultrajante como propor casamento a Jax Maroney.

Parecera uma boa solução no momento, mas agora, três horas depois, andando pela cobertura dele, a realidade a atingia.

Ela não podia contemplar casar-se dentro da família Maroney.

Sua mãe se viraria no túmulo, e Sapphie a colocaria em um..., quando descobrisse a verdade.

O que significava que ela faria tudo que estivesse em seu poder para esconder isso de sua irmã até que a ação estivesse feita.

A última coisa que Saph precisava era de estresse, e teria um ataque de nervos, se soubesse do casamento.

– Aqui está seu café com leite.

Um arrepio percorreu a nuca de Ruby, e não tinha nada a ver com a perspectiva de casamento, e tudo a ver com seu futuro marido.

Ele sentou-se à mesa com ela, entregou-lhe um copo e um pires, seus dedos se roçando, o arrepio aprofundando-se.

Ruby podia estar se casando para salvar o legado de sua família, mas desde que ele mencionara tornar o casamento real na cama, ela não conseguia parar de pensar em Jax *dessa* forma.

O que a irritava profundamente.

Ela não deveria querê-lo.

O homem era arrogante e insuportável.

Era também lindo, dominador e irresistível.

Ela ignorou a voz da razão. Sabiamente, recusara a oferta dele de acrescentar *benefícios* ao casamento. A última coisa que precisava era desejar Jax Maroney.

Se já não fosse tarde demais.

– O que há com o sorriso depravado? – O olhar potente de Jax demorou-se nos seus lábios, fazendo-os formigar com a lembrança.

Ruby podia ter perdido o controle por um segundo e o beijado na pista de corrida, mas ele não precisara de muito incentivo para corresponder.

E o beijo tinha sido incrível.

Absurdamente, ela não quisera parar.

Esse era o problema. Apesar de seus protestos, se eles dormissem juntos, seria espetacular. Ela sabia disso.

– Eu estou pensando.

– Sobre? – Ele estreitou os olhos. – Da última vez que você pensou, acabou me pedindo em casamento.

– Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

– Nunca é um tempo longo demais, querida.

A colocação tirou o sorriso do rosto de Ruby.

Jax estava certo. Aquele casamento não passava de uma solução conveniente para um problema aparentemente insolúvel.

Os números que seu contador lhe apresentara haviam sido exigentes, e quem sabia o que aconteceria a Sapphie, se a Seaborn afundasse?

Talvez, os negócios fossem a única coisa impedindo que sua irmã afundasse, desde que a mãe delas falecera, e se ela perdesse a empresa também...

Não, casar-se com Jax Maroney era a coisa certa a fazer, por mais louco e desagradável que parecesse.

Ela cometeu o erro de olhar para o rosto convencido dele... as maçãs salientes, o maxilar forte, os lábios sensuais, os olhos hipnotizantes... ciente de que *desagradável* não era a palavra certa.

– Precisamos discutir todos os detalhes, antes da cerimônia, na próxima semana – murmurou ele. – Você é aquela com todas as ideias. Como propõe que façamos isso?

– Criando nossa história. Pessoas irão querer saber como nos conhecemos, quanto tempo namoramos, esse tipo de coisa.

Jax encolheu-se.

– Eu tenho o bastante para fazer, sem construir uma mentira elaborada, então vivenciá-la.

Ela enxugou lágrimas falsas, aliviada quando ele riu. Ele precisava estar cem por cento comprometido para que aquilo desse certo.

– Não é tão difícil – sussurrou Ruby. – Nós nos conhecemos através de nossas empresas de mineração e tivemos um relacionamento a distância. Então, você percebeu que não podia viver sem mim e voltou para Melbourne.

– Você me faz parecer um tolo apaixonado – reclamou ele.

– Você não é?

Ela inclinou-se sobre a mesa e bateu os cílios. Provocá-lo era fácil. Casar-se e manter uma mentira diariamente? Isso seria difícil.

Ele cutucou-a, afastando-a.

– Vamos nos concentrar em montar nossas histórias, e deixar para nos esquivar do trabalho mais tarde.

Como se o “sr. Certinho” alguma vez na vida esquivava-se do trabalho.

– Qual foi a última vez que você namorou?

Jax pôs dois cubos de açúcar em seu café expresso e mexeu.

– Defina *namorar*.

– Relacionamento firme. Mais longo do que três meses? Porque, se você estiver me traindo, as pessoas irão crucificá-lo.

Ele fez uma careta.

– Traindo você?

Ela estalou os dedos diante dele.

– Concentre-se e responda a pergunta.

O sorriso de Jax foi substituído pela usual reticência.

– Eu tenho encontros ocasionais quando estou em Perth, e a última vez foi aproximadamente cinco meses atrás.

– Ninguém sério?

– Eu acabei de dizer isso, não é? – replicou ele, mal-humorado, dando um gole do café.

– Com esse tipo de atitude, eu não me surpreendo. – Ruby cortou um *brownie* em dois e pôs um pedaço na boca.

Ele suspirou.

– Eu moro numa pequena cidade de mineração no sertão australiano... Não tenho interesse em relacionamentos.

– Eu moro numa cidade cosmopolita agitada, e também não tenho interesse em relacionamentos – declarou ela, lambendo farelos de cacau dos dedos.

O olhar de Jax foi para a língua dela, causando uma reação instantânea em seu sexo.

– Isso é surpreendente.

– Porque eu sou mulher e nós *desejamos almas gêmeas*? – questionou ela em tom sarcástico. – Não me entenda errado, eu saio com homens. É divertido. Mas não houve ninguém sério.

– Nunca?

Ela pegou o garfo e empurrou o resto do *brownie* em volta do prato.

– Olha quem fala.

Ele sorriu.

– Suponho que isso facilita para que as pessoas comprem nossa história.

Ela assentiu.

– Sim. Nós estamos juntos há meses. Mantivemos o namoro privado porque não queríamos publicidade, especialmente...

Ela parou, mas era tarde demais, considerando as sombras nos olhos escuros.

– Especialmente agora que o recurso do meu pai está chegando e a mídia está toda em cima disso.

Ruby assentiu.

– Você não tem de falar sobre isso, mas eu provavelmente preciso saber alguma coisa, caso eu seja pega numa armadilha pela imprensa.

Ele bufou.

– Posso ver as manchetes agora. *Princesa da Alta Sociedade Casa-se com Filho de Escória. O que ela estava pensando?*

Pela primeira vez desde que eles se conheciam, ela vislumbrou uma vulnerabilidade nos olhos de Jax, antes que ele piscasse. Estendeu o braço sobre a mesa e cobriu a mão grande e bronzeada com a sua pequena e branca.

– Talvez, ela esteja pensando que ele é um bom partido? Que ele é poderoso e bem-sucedido? Talvez, ela esteja pensando em ceder à sua fantasia latente com um *bad boy*, enquanto salva sua empresa no processo?

O brilho voltou aos olhos escuros que a desafiaram. Ele levantou a mão para os lábios dela, roçando-os com o polegar e enviando uma onda de desejo através de Ruby.

– Conte-me sobre sua fantasia com um *bad boy*.

Deus, seria tão fácil contar-lhe, em detalhes, o que gostaria que ele fizesse com ela.

Mas eles tinham um acordo profissional para finalizar... o casamento... e distrair-se com sexo poderia levar a erros futuros.

Ela não queria que pessoas duvidassem da validade do casamento deles. Precisava que todos comprassem a história romântica, para alcançar seu objetivo: salvar Seaborn da falência.

Tão mais fácil para Jax, sentado lá, lindo e misterioso. O que ele perderia se o casamento fracassasse? Um lugar na comunidade?

O homem possuía uma das maiores companhias de mineração na Austrália Ocidental. Como se perder alguns negócios fosse afetá-lo.

Ela, por outro lado...

Ruby tremeu por dentro, não ousando contemplar o que aconteceria com Sapphie, se a Seaborn afundasse.

Tirou a mão da dele com o pretexto de pegar seu café.

– Guarde isso para a lua de mel. Por enquanto, nós temos detalhes para discutir.

- Haverá uma lua de mel? – O tom sedoso de Jax foi como uma carícia.
- Somente se você tiver sorte.

Provocar era bom.

Provocar tirava sua mente da vizinha que dizia que o que eles estavam fazendo era errado.

Como seria estar ali, discutindo planos de casamento com um noivo real? Um homem que ela adorasse, um homem que a amasse, um homem sem o qual ela não poderia viver?

Ruby soubera que isso aconteceria em algum dia nebuloso no futuro, mas agora seus sonhos de um casamento de conto de fadas não se realizariam.

Mesmo se ela encontrasse *o homem da sua vida* em algum ponto, seu segundo casamento sempre seria isso: segundo. Ela seria uma mulher divorciada que esgotara romance.

Mas era por uma boa causa, e ela não podia perder a visão disso.

- Uma lua de mel adicionaria à autenticidade – comentou ele, declarando um fato que Ruby já contemplara.

E descartara. Seria difícil o bastante fingir que eles eram casados, sem viajar com Jax para algum lugar romântico.

Ela não era uma tola completa. Eles compartilhavam uma atração. Talvez, acabassem fazendo sexo. Sexo espetacular, se aquele beijo fosse um prelúdio.

Contudo, sexo para consumar o casamento era muito diferente de alguns dias num hotel chique, em algum lugar paradisíaco, entregando-se à paixão mútua.

Não era a lua de mel que a preocupava, mas o que viria depois.

O que aconteceria quando eles voltassem? Cairiam numa rotina? Casamento com benefícios, sem os elos emocionais?

Parecia razoável, na teoria. Mas não na prática.

O autocontrole rígido de Jax garantiria que ele permanecesse emocionalmente distante, mas ela poderia permanecer indiferente aos muitos charmes dele?

Ruby era famosa em sua família por se atirar de cabeça em qualquer projeto, comprometendo-se cem por cento. Mentalmente, fazia sentido

comprometer-se àquele casamento. Emocionalmente, ela seria uma tola em considerar a possibilidade.

Seria muito mais fácil ser como Jax. Fechado. Era provavelmente uma resposta aprendida: vergonha de ter o pai na cadeia, afastando-se das pessoas, exibindo uma frente dura.

Sua mãe tinha sido assim. A matriarca perfeita que perdera o marido muito jovem, e fechara-se emocionalmente por causa disso.

Não que Mathilda tivesse sido uma mãe ruim, ela apenas estivera tão focada na Seaborn que lhe restara pouca energia para as filhas.

Sapphie não se importara; ela era a protegida da mãe delas, criada para assumir o comando da empresa. E, embora Ruby preferisse voar embaixo do radar, às vezes, quando vislumbrava Mathilda e Saph com suas cabeças unidas, olhando catálogos, desejava que sua mãe reconhecesse que ela era mais do que apenas uma designer irresponsável.

Sua mãe deveria ter confiado nela e lhe contado a verdade sobre Seaborn, antes de morrer, e nunca deveria ter feito Sapphie prometer que também não lhe contaria.

Ruby era mais do que uma cabeça de vento que brincava com pedras preciosas e saía com tipos criativos e livres como ela.

E o fato de que passara tal imagem, contente em não assumir muita responsabilidade, irritava-a.

Isso era o que a motivava todos os dias, desde que Sapphie fora forçada a confiar nela, antes de viajar para um spa numa fazenda, a fim de recuperar-se.

Era isso que a levava a pedir Jax em casamento.

Faria qualquer coisa para salvar a Seaborn e provar para todos, particularmente para si mesma, que era mais do que uma pessoa fútil e imprudente.

– Vamos pensar sobre a lua de mel mais tarde. – Bem mais tarde. Como nunca. – Por enquanto, precisamos coordenar tarefas.

Para seu alívio, ele assentiu.

– Eu cuidarei da licença do casamento e do cartório. – Ele começou a digitar uma lista no smartphone. – E quanto a testemunhas? Eu posso pedir

para meu gerente, Murray. Você tem alguém?

Com súbita tristeza, ela engoliu em seco. No mundo ideal, sua irmã estaria ao seu lado no dia importante. Mas as circunstâncias não eram ideais, e Ruby estava fazendo o melhor que podia.

– Sim, minha prima Opal.

– Certo. – Ele pausou. – Sua irmã estará lá?

– Não.

Ele tocou-lhe a mão, e ela cuidadosamente pôs o copo de café com leite no pires, antes de segurar seu notebook com ambas as mãos.

Não queria a piedade dele. Queria a cooperação de Jax em assegurar que aquele casamento transcorresse o mais suavemente possível, de modo que ela pudesse voltar à tarefa de salvar a Seaborn.

– Quer falar sobre isso?

– Não realmente. – Ela apontou para o celular dele. – Digite aí: “Eu cuidarei do casamento, deixando a recepção por conta de Ruby”.

– Recepção?

– Teremos um casamento rápido no cartório. Realmente acha que as pessoas com quem você quer se socializar na cidade aceitarão esse casamento, se nós não fizermos uma festa sensacional?

Jax largou o telefone sobre a mesa com mais força que a necessária.

– Eu não sou do tipo que dá festas sensacionais.

– Uma pena. Quer que portas se abram para você no setor corporativo? Precisa conhecer essas pessoas, socialmente. Que escolas os filhos delas frequentam. Onde passam as férias. Que campos de golfe frequentam.

– Eles são um grupo fechado – murmurou ela. – Eu fui criada naqueles círculos, e vi o que fazem com as pessoas de fora, principalmente com alguém com...

– Meu passado? – completou ele por ela.

– Sim. Eu serei honesta com você, Jax. Se quiser progredir com aquelas pessoas, perca a atitude. Você é filho de Denver Maroney, e daí? É um homem de negócios bem-sucedido, possui uma empresa próspera de mineração, não é nada como seu pai. Então, pare de olhar com raiva para

todos que se aproximam, perca a fábrica de chip nos seus ombros e comece a relaxar.

– Fábrica de chip? Engraçado. Mas você pode entregar?

– Entregar o quê?

– Tudo que um casamento envolve.

Ela pegou seu café, atrasadamente percebendo que o terminara.

– Você quer dizer...

– Sexo – Jax falou sem desviar o olhar, colocando ambas as mãos sobre a mesa e inclinando-se para a frente. – Nós brincamos sobre isso, mas saiba que eu não faço jogos. Iremos nos casar, seremos monógamos. Sem traições.

Ele estava sendo muito claro e muito sério sobre aquilo.

Uma vez que ela dissesse “sim”, teria de dizer “não” para muitas coisas que valorizava: sua liberdade, sua espontaneidade de sair a qualquer hora, sem dar satisfações a ninguém, seus flertes casuais com homens que não ameaçavam confundi-la.

Esperava muito que Sapphie apreciasse o sacrifício que ela estava fazendo pela empresa amada delas.

Jax interpretou seu silêncio erroneamente, recostando-se de modo abrupto.

– Não se preocupe. Apesar do que eu intimei na pista de corridas, não é para sempre. Uma vez que ambos conseguirmos o que queremos, esse casamento ridículo acaba.

A honestidade dele não a assustou.

A dor inesperada que a declaração lhe causou assustou-a terrivelmente.

CAPÍTULO 6

OPAL LIGOU a seta e parou, esperando por uma rara vaga no centro da cidade.

– O que está acontecendo?

Ruby se fizera a mesma pergunta muitas vezes durante a última semana. Infelizmente, ainda não sabia a resposta.

– Quando falei que estávamos vindo para uma festa, eu menti.

– Achei que sim. – Opal estacionou, desligou o motor e deu um olhar crítico para o vestido de seda cor de alabastro de sua prima e para as pérolas em suas orelhas e pescoço. – Você nunca fica tão nervosa sobre ir a uma festa, então eu sabia que era mais do que isso.

Ruby alisou o vestido pela centésima vez.

– Pode-se dizer que sim.

– Você está me assustando. Não é Sapphie, é? Há algo errado que não está me contando?

Ruby meneou a cabeça.

– Saph está bem.

Mas eu não. Estou prestes a me casar com um estranho.

– Não há festa hoje. – Ela apontou para o lindo prédio de pedra no fim do quarteirão. Nós vamos ao cartório.

Opal franziu a testa.

– Há alguém que conhecemos se casando?

– Eu – declarou Ruby, observando a confusão de sua prima se transformar em horror.

– *O quê? Quem...? Por quê?*

– Eu vou me casar com Jax Maroney em meia hora.

Aquilo falado em voz alta soava ainda mais absurdo, e, felizmente, elas ainda não tinham saído do carro, porque pela palidez de sua prima, ela teria caído de choque, se não estivesse sentada.

Opal abriu e fechou a boca diversas vezes, antes de falar:

– Eu não entendo.

Esta seria a parte mais difícil, mentir para sua prima. Mas ela concordara com Jax: ninguém, nem mesmo os parentes mais próximos deles poderiam saber a verdade. Menor probabilidade de que o casamento falso vazasse para aqueles que o usariam contra eles.

Ruby respirou fundo.

– Nós nos conhecemos em Broome, quando eu fui lá para aquela exposição de pérolas, e temos mantido um relacionamento a distância desde então.

Opal não estava acreditando, se os olhos estreitos fossem alguma indicação.

– Por que você não nos contou nada?

Felizmente, ela preparara esta resposta, também.

– Porque a empresa de mineração dele está prejudicando nossos negócios. Sapphie me mataria, se soubesse.

A compreensão surgiu nos olhos de Opal.

– É por isso que você vai se casar. Pelos negócios – sussurrou ela, baixinho.

– Pareceu a hora certa de levar nosso relacionamento para o próximo nível.

Não uma mentira completa, apenas uma torção da verdade. Era hora de levar seu relacionamento com Jax para o próximo nível, de modo que ele recuasse da tomada de poder e desse a Seaborn uma chance de brilhar novamente.

As lágrimas brilhavam nos olhos de Opal.

- Acho que você é incrível, e se algum dia precisar de mim, eu estou aqui.
- Obrigada, querida.

Elas se abraçaram, e Ruby fez uma prece silenciosa, agradecendo que a primeira tarefa difícil do dia estava feita.

Quando elas se separaram, Ruby preparou-se para a próxima.

- Há mais uma coisa...

Os olhos de Opal foram para sua barriga.

- Você não está grávida?

Oh, não. Com esta situação já sendo complicada o bastante, ela se certificaria, se dormisse com Jax, que eles estivessem bem protegidos.

- Eu não estou grávida. Mas é algo quase tão sério quanto isso.

Opal pegou-lhe a mão.

- O quê?

- Você não pode contar a Sapphie sobre isso.

Opal liberou-lhe a mão, como se ela tivesse lhe pedido para mentir para o papa.

- Até depois que eu me casar – emendou Ruby, e Opal suspirou aliviada.
- Eu irei visitá-la e contarei a novidade, assim que a cerimônia acabar.

Opal estudou-a, o olhar pedindo respostas que Ruby não tinha intenção de dar.

- Tem certeza sobre isso?

Ruby assentiu.

- Eu me casarei em trinta minutos. Vamos.

Opal permaneceu silenciosa, enquanto Ruby checava sua maquiagem e cabelo no espelho retrovisor.

Na verdade, não se importava como estava sua aparência. Os cachos caindo do coque frouxo no topo da cabeça, a maquiagem na seção de cosméticos da loja de departamento, o vestido clássico e sapatos combinando... não eram nada mais do que acessórios para a performance de sua vida. Para a farsa que teria de perpetuar para benefício de todos: Sapphie, Opal e todos os empregados e suas famílias que trabalhavam na Seaborn por décadas.

Ela podia fazer isso.

Reunindo coragem, estendeu o braço para devolver o espelho retrovisor no lugar. Ao fazer isso, capturou a visão de sua única concessão para emoção naquele dia surreal.

As pérolas de sua mãe.

As pérolas barrocas que Mathilda tinha usado no dia de seu próprio casamento, as pérolas que o bisavô de seu pai, o fundador da Seaborn, determinara que deveriam ser passadas para cada garota Seaborn que se casasse.

Ruby sempre quisera que sua mãe participasse de seu casamento, quando este acontecesse, e usar as pérolas a fazia se sentir mais perto dela.

E a justificar sua decisão de casar-se por conveniência, em vez de por amor.

Sapphie prometera para a mãe delas que faria a Seaborn prosperar, e Ruby fizera o mesmo quando insistira que Sapphie tirasse umas férias, para não perder a saúde, nem o meio de vida de ambas.

Ela não fracassaria um mês depois do colapso nervoso de Sapphie, e apenas um ano depois da morte de sua mãe.

Engolindo o nó de emoção na garganta, ela arrumou o espelho.

Podia ter pulado a parte da capela, mas logo estaria definitivamente se casando.

JAX ALTERNAVA entre puxar suas abotoaduras, deslizar um dedo por baixo do colarinho e ajustar a gravata.

Sentindo um estranho aperto no peito, ele mal conseguia respirar.

– Relaxe. – Murray bateu nas suas costas, irritando-o.

– Eu estou relaxado – mentiu ele, olhando para a porta e para seu relógio pela milésima vez.

– Ela virá. – Murray endireitou as lapelas de seu smoking. – Embora não seja tarde demais para você mudar de ideia. – Ele piscou. – Você foge, e eu cuido da donzela em apuros.

O olhar raivoso de Jax fez Murray rir.

– Eu gostaria que você se calasse.

– Por quê? Está nervoso?

– Dificilmente.

Jax geralmente lidava bem com qualquer situação, desde a agência sanitária ameaçando fechar sua mineradora, se ele não cumprisse suas exigências absurdas, até as secretárias chorando por terem sido abandonadas por seus namorados.

Ele lidara com o trauma do tribunal de seu pai e com as consequências deste, quando amigos que haviam feito faculdade com ele lhe viraram as costas.

Lidara com sua mãe elegante, fazendo o impensável e ajudando seu pai em suas falcatruas.

Lidara com o fato de se mudar para o outro lado do país e assumir uma empresa de mineração sem experiência prévia, e lidara com o isolamento e tempestades de areia e ciclones do sertão australiano.

Lidar com uma esposa pelo tempo que fosse necessário, a fim de conseguir algumas negociações profissionais?

Fácil.

– Ótimo, porque aí vem ela. – Murray gesticulou a cabeça em direção à porta, o sorriso tolo irritando Jax tanto quanto à sua pulsação acelerada.

Ele não deveria estar tão ansioso para ver Ruby.

Ela estava resplandecente num vestido que batia no meio das canelas, com alças finas, os cachos gloriosos no lindo penteado, e aqueles olhos incrivelmente verdes enfatizados pela maquiagem.

Quando seus olhares se encontraram, ele podia jurar que seu coração parara de bater por um segundo.

Jax atravessou a pequena sala para encontrá-la.

Ciente dos olhos curiosos sobre eles... Murray, o celebrante e a prima de Ruby... ele rodeou-lhe a cintura e beijou-a.

Pretendera dar-lhe um beijo breve, mas no instante em que seus lábios se tocaram, ele não pôde conter-se.

Aumentou a pressão, demandou entrada, deleitando-se de prazer quando a língua dela enrolou-se na sua.

Ruby tinha gosto de menta e morangos, doce e succulenta, e Jax perdeu-se no charme sedutor de sua futura esposa.

Esposa.

Casamento.

Na alegria e na tristeza.

Ele não poderia ter imaginado um pensamento mais efetivo para diminuir sua paixão, e se Murray não tivesse pigarreado, Jax teria parado de qualquer forma.

Ruby o fitou, com os olhos tão luminosos que ele quase se perdeu neles. Ela umedeceu os lábios com a ponta da língua. Saboreando o beijo ou checando o dano, considerando que ele praticamente a devorara?

Para um homem que se orgulhava de estar sempre no controle, ele certamente zombava de sua contenção cada vez que eles se tocavam.

Se um beijo o deixava naquele estado, como seria ir até o fim?

Eles poderiam adiar a lua de mel... para nunca... mas Jax não abriria mão de uma noite de núpcias.

E pretendia ter uma memorável.

– Você deveria esperar até dizer “sim”, antes de chegar a essa parte – argumentou Murray, quebrando a tensão, e Jax piscou, sem ideia de quanto tempo estivera olhando para Ruby.

Ela sorriu, como se soubesse o efeito que exercia sobre ele, e estivesse se deleitando no poder.

Querendo recobrar a vantagem, ele inclinou-se para murmurar no ouvido dela:

– Você está deslumbrante, e o vestido é lindo, mas não fique muito confortável.

Os lábios de Ruby roçaram seu lóbulo.

– Por quê?

– Porque com os planos que tenho para mais tarde, você não o usará por muito tempo.

O gemido abafado dela atingiu diretamente o sexo de Jax, e ele endireitou o corpo, antes que se tornasse inadequado para ficar na frente do celebrante e das testemunhas.

Pegando a mão de Ruby, ele conduziu-a para frente da sala, ciente da pequena palma na sua, da voz forte enquanto ela recitava os votos.

Embora o casamento não fosse real, por um momento depois de dizer “sim”, Jax quase desejou que as circunstâncias fossem diferentes.

– Você pode beijar a noiva – anunciou o celebrante com um sorriso.

– Eles já fizeram essa parte.

Todo mundo riu da colocação de Murray, e desta vez, Jax manteve o beijo curto e doce.

Porque sabia que, da próxima vez que eles se beijassem de verdade, ele não seria capaz de parar até que a tivesse suplicando por mais.

Após a cerimônia, Opal aproximou-se, olhando entre o casal de modo especulativo.

– Eu estava errada sobre vocês dois.

Ruby deu a ele um olhar hesitante que Jax não entendeu.

– O que você quer dizer?

Opal deu um tapinha no rosto de Ruby.

– Qualquer um pode ver que vocês são loucos um pelo outro. Sejam felizes.

Ele pretendia ser.

Assim que despisse sua nova esposa deliciosa.

CAPÍTULO 7

RUBY NÃO falou muito durante o trajeto de carro para Daylesford, o excelente spa que ficava a uma hora de Melbourne.

Felizmente, Jax entendia sua necessidade de silêncio e a respeitava, enquanto dirigia. Apenas uma olhada ocasional, ele focava-se na estrada, a concentração determinada provavelmente indicativa de tudo que ele fazia.

Ela se mexeu, lembrando-se do que ele mencionara no cartório.

Você não usará o vestido por muito tempo.

Ela deveria saber que um homem dominante como Jax não aceitaria um não como resposta. Provavelmente via sua recusa em dormir com ele como um desafio, conseqüentemente a declaração: *Será tarde no momento em que você acabar de visitar sua irmã, então é melhor passarmos a noite em Daylesford.* E isso tinha sido antes do beijo na cerimônia.

Por que ele fazia cada célula de seu corpo pulsar em antecipação, quando tudo que ela queria era focar-se na tarefa em mãos?

Ver Sapphie e contar a novidade, antes que esta chegasse aos jornais, e ela soubesse por outros meios.

– É este o lugar?

Ruby olhou para o nome “Tenang” numa placa azul contra o pano de fundo cor de linho cru. Tenang significava tranquilo em Malay, e era de tranquilidade que Sapphie precisava.

Tranquilidade, paz, distância do fardo que ela carregara no último ano. Tornar Seaborn viável já era estressante em si, mas lidar com a dor da morte

da mãe delas, quando Sapphie tinha sido tão próxima de Mathilda, guardando o segredo dos problemas financeiros da Seaborn de Ruby... Sim, sua irmã tivera motivos suficientes para sofrer uma crise de estresse.

De certa forma, os sintomas de fadiga crônica haviam sido uma benção, um aviso antes que ela chegasse a ter um colapso nervoso.

Ruby esperava que sua novidade não causasse uma recaída em Saph.

– Sim. – Ruby apontou para a direita. – Você pode parar lá.

Jax seguiu o caminho sinuoso, sombreado por pinheiros altos, antes de parar o carro ao lado da entrada principal.

O nervosismo assolou-a quando ele desligou o motor.

– Tem certeza de que não quer que eu vá com você?

Ela assentiu.

– Será mais fácil se eu falar com ela, sozinha.

Deus, ela nem podia imaginar a expressão no rosto de sua irmã, se entrasse com ele e apresentasse Jax Maroney.

Ela lutou com o cinto de segurança, e ele inclinou-se para ajudá-la, detendo-lhe a mão trêmula.

– Fique quanto tempo quiser. Eu estarei esperando.

A súbita nota de emoção na voz de Jax foi tão surpreendente que a fez tremer ainda mais.

Ela mordeu o lábio e assentiu, esperando que não chorasse, esperando que ele não oferecesse companhia mais uma vez, porque, desta vez, a resposta de Ruby podia ser sim.

Antes que ele pudesse mostrar outro vislumbre de seu lado terno, Ruby abriu a porta, desceu, alisou seu vestido e apressou-se em direção à casa.

RUBY FICARA grata porque Jax oferecera levá-la ali depois do casamento, mas após vislumbrar o inesperado lado carinhoso dele, ela não tinha tanta certeza.

Podia lidar com o fato de estar casada com um homem mal-humorado. Com um cara sexy e sensível? Nem tanto.

Não queria sentir nada além de luxúria relutante por seu novo marido.

Não queria apaixonar-se por alguém inacessível, e este rótulo servia perfeitamente para Jax Maroney. Emocionalmente reprimido, um solitário, que guardava seu coração tanto quanto seu passado.

Mas ela não se apaixonaria. Podia sentir-se grata por ele possuir um lado suave, mas não confundiria isso com qualquer outra coisa além de um homem cuidando de seu investimento.

Com um suspiro, Ruby entrou no foyer, a paz envolvendo-a instantaneamente.

Um misto atraente de hotel cinco-estrelas e spa luxuoso, Tenang exalava tranquilidade, o lugar perfeito para executivos estressados encontrarem sua paz.

Estar cercada por todo aquele silêncio, cores pastel e vozes suaves a deixariam louca, mas Sapphie parecia feliz, e isso era tudo que importava.

Saph estava lá havia cinco semanas, e toda vez que elas se falavam, sua irmã dinâmica parecia mais forte, mais alegre e mais quem costumava ser: confiante, pronta para assumir qualquer desafio e vencer.

Depois de dar seu nome à recepcionista, Ruby colocou um cordão de visitante em volta do pescoço e foi para o jardim, onde sua irmã estaria lendo perto de uma fonte mineral.

Aquele era o lugar favorito de Sapphie, e ela não a culpava, o banco de ferro coberto com almofadas, estrategicamente posicionado sob um salgueiro chorão oferecendo privacidade.

Ela abaixou-se sob os galhos e avistou sua irmã elegante, usando um conjunto de grife, sentada no banco, lendo.

– Ei, devoradora de livros.

Sapphie olhou sobre o topo do livro, seus olhos se iluminando de prazer.

– Oi, Rubes, que bom ver você.

– Bom ver você, também.

Ruby sentou-se no banco e abraçou sua irmã.

– Você não precisava ter se arrumado toda para vir me visitar.

– Você não sabe a metade disso – declarou Ruby em tom brincalhão. Sapphie merecia a verdade. Agora. – Eu tenho uma coisa para lhe contar, Saph, e quero que prometa que vai me ouvir.

Sapphie franziu o cenho.

– Isso não parece bom.

Ruby forçou um sorriso brilhante.

– É bom.

Sua irmã arqueou uma sobrancelha.

– Então por que você está puxando a bainha desse vestido lindo?

Ruby parou o movimento nervoso e uniu as mãos no colo.

– É uma coisa séria, Saph.

Sua irmã empalideceu.

– Aconteceu alguma coisa com Seaborn? A coleção de primavera foi um fracasso?

Sapphie girou os polegares, num hábito nervoso que tinha desde criança, e Ruby cobriu-lhe as mãos com as suas.

– Pare de se estressar, não é bom para você. Está tudo bem na Seaborn.

Pelo menos, ficaria, agora que Jax não reduziria os preços das pedras preciosas, enfraquecendo o negócio delas.

– Então, o que é? – indagou Sapphie.

Apesar de ter ensaiado mentalmente um milhão de maneiras de dar aquela notícia à sua irmã, Ruby sabia que não havia um modo fácil de falar aquilo.

Respirou fundo.

– Eu estou casada.

Sapphie ficou boquiaberta.

– Você *o quê?*

Preparando-se para o pior, quando jogasse o resto da bomba, Ruby apertou as mãos de sua irmã e liberou-as.

– Conheci alguém naquela exposição de pérolas em Broome, e nós estamos tendo um relacionamento a distância desde então.

A perplexidade guerreou com mágoa nos expressivos olhos azuis de Sapphie.

– Por que você não me contou? Pelo amor de Deus, Rube, nós contamos tudo uma para a outra.

Nem tudo.

Sua irmã escondera dela a posição precária da empresa por quase um ano, e tal fato ainda a magoava.

Com apenas 18 meses de diferença de idade, elas sempre haviam sido próximas, e o fato de que Sapphie mentira por omissão pelos últimos 12 meses não facilitava agora que ela precisava retornar o favor.

– Estava na hora. Nós realmente queríamos nos casar...

– Você está grávida!

– Não.

O que Ruby tinha a revelar seria muito mais chocante do que uma gravidez.

– Você sabe que eu não sou do tipo de casamentos chiques. Casamento no cartório é muito mais meu estilo.

– Pelo menos, você está vestida para isso.

A admissão relutante de Saph aliviou um pouco da tensão, enquanto ela estudava o traje de Ruby. O olhar admirador parou nas pérolas e ela piscou rapidamente.

– As pérolas da mamãe.

Ruby tocou o colar, como se fosse um talismã de sorte.

– Usá-las me fez sentir mais perto dela.

Sapphie fungou e estendeu um dedo para tocar uma pérola.

– Ela teria ficado tão feliz por você.

– Você está?

Sapphie deu um sorriso aguçado.

– Se você está feliz, eu estou feliz.

– Eu estou.

Feliz que encontrara uma solução viável para salvar a Seaborn, feliz por finalmente ter assumido alguma responsabilidade pela empresa da família, feliz que poderia realizar o pedido que sua mãe fizera no leito de morte.

– Quem é o cara sortudo? – interrogou Sapphie.

Oh, Deus.

Ruby respirou fundo e falou:

– Jax Maroney.

Sapphie repetiu o nome sem som, apenas usando os lábios. Então ficou tão imóvel que assustou Ruby. Com aquele olhar parado e aquela expressão assustada, era como se ela tivesse entrado em choque.

Ruby pegou-lhe a mão e esfregou-a entre ambas as suas.

– Eu sei que isso é uma surpresa...

– Você não sabe nada. – Sapphie puxou a mão, olhando-a com expressão acusadora. – Está louca se pensa, por um minuto, que eu acredito nessa bobagem.

– É verdade. – Ruby mencionou suavemente, na esperança de transmitir calma.

Pelo rubor de raiva nas faces de Sapphie, isso não acontecera.

– Eu posso ter exagerado no trabalho o ano passado e acabado com fadiga crônica, mas não sou idiota. – Sapphie balançou um dedo na sua direção. – Você, por outro lado, teria de ser a maior idiota do planeta para se casar com Jax Maroney.

Castigada justamente, Ruby tentou o mesmo olhar meio suplicante, meio inocente, que usara com sua irmã muitas vezes no passado: quando cortara o cabelo da Barbie Malibu de Sapphie, quando pegara suas botas de cano alto emprestadas e quebrara um salto, quando deliberadamente namorara um guitarrista heavy-metal porque sua irmã decretara que ele não era bom o bastante.

Agora, como nas outras vezes, não funcionou.

– Tire essa expressão de *coitadinha* do rosto e diga-me que diabos você estava pensando.

Seria muito mais fácil se Ruby pudesse mentir para sua irmã e declarar um amor infinito por seu marido. Mas elas sempre haviam sido próximas, e, sem a mãe agora, só tinham uma à outra, e ela não poderia começar a mentir agora.

A compreensão surgiu nos olhos expressivos de sua irmã.

– Oh, meu Deus. Você fez isso por Seaborn.

– Uh... bem... ele não é tão ruim, uma vez que você o conhece e...

– Bobagem – interrompeu Sapphie. – Nós estamos afundando, então você ataca a fonte do problema, exatamente como atacou cada problema de

cabeça erguida, desde que éramos crianças.

Sapphie meneou a cabeça.

– Rube, esse não é um jogo que você pode fechar e guardar numa prateleira, se der errado.

Desta vez, foi Sapphie quem pegou sua mão.

– Você *se casou* com o homem, pelo amor de Deus. Tem alguma ideia do que isso significa?

Sim, considerando que ela fora algemada ao inimigo por um futuro previsível, Ruby tinha alguma ideia.

– Você deu uma corda de salvamento a Seaborn, mas a que custo?

Felizmente, Ruby não confirmara ou negara as suposições de Sapphie, mas deveria ter sabido que sua irmã era muito inteligente para ser enganada.

– Eu poderia matá-la – sussurrou Sapphie, antes de abraçá-la com tanta força que ela mal conseguiu respirar.

– Mas você não vai fazer isso, porque eu sou o melhor gênio criativo que a Seaborn já viu, e eu não teria passado por tudo isso, se você fosse me matar, de qualquer maneira.

Sapphie beliscou-a no braço.

– Eu sabia. Você é insana.

– Mas você me ama.

– Sim. – Os olhos de Sapphie se encheram de lágrimas. – Você é incrível, irmã, fazendo isso pela empresa, por nós.

Piscando contra as próprias lágrimas, ela apertou as mãos de Sapphie.

– Você prometeu à mamãe salvar a Seaborn. Eu teria feito o mesmo.

Se tivesse tido a oportunidade.

Isso era a única coisa que não tinha sido falada entre elas, quando Sapphie finalmente lhe confessara a verdade.

Ruby ameaçara levá-la para o hospital, se ela não tirasse alguns meses de folga, e a promessa que Sapphie fizera para a mãe escapara, levantando uma barreira invisível entre elas.

Parecera mesquinho culpar sua mãe morta, que ela sentira falta todos os dias na época, então Ruby interiormente culpara Sapphie.

Sua irmã devia ter confiado nela o bastante para lhe contar, permitindo-lhe compartilhar um pouco da carga, e o fato de que Saph não a considerara suficientemente responsável... doera tanto quanto não ter tido a confiança de sua mãe.

Ela não contara nada na ocasião. Saph estivera tão frágil, tão doente.

Mas agora, falaria. Se sua irmã percebesse a nuance, ela diria alguma coisa.

– Você se ressentia de mim por aquilo. – Sapphie pareceu afundar contra o banco, e Ruby quase voltou atrás.

Até que lembrou como se sentira horrível, sofrendo com aquilo durante o último mês, e assentiu.

– Sim, um pouco. – Ela tocou o braço de Saph. – Nós somos mais melhores amigas do que irmãs. Eu simplesmente não posso acreditar que você não me contou.

– Eu queria contar... – Sapphie meneou a cabeça. – Mas aquela promessa... Ruby sabia como sua irmã podia ser obsessiva com uma promessa.

Sapphie prometera achar o hamster fugitivo de uma vizinha, quando elas eram crianças: passara quatro horas procurando no jardim, apenas para usar seu precioso dinheiro da mesada no petshop para substituí-lo.

Prometera “fazer tudo melhorar” quando o primeiro namorado de Ruby a dispensara, e cumprira. Sentando-se ao seu lado a noite inteira, levando-lhe sorvetes, cookies e doces, antes de ir à casa do imbecil pela manhã e bater a bicicleta dele numa árvore.

Ruby suspirou.

– Entendo o quanto sua palavra significa, mas eu poderia ter ajudado. Eu poderia ter aliviado a carga e não ter sido responsável por isso.

Ela gesticulou a mão, indicando o spa, e Sapphie agarrou-a.

– Não faça isso, não se culpe. Você não foi a estúpida, trabalhando horas ridículas, pulando refeições, tomando suplementos de cafeína para virar a noite. – Sapphie bateu no próprio peito. – *Eu* fiz isso, não você, portanto não ouse pensar que a culpa é sua.

Só mesmo sua irmã para carregar o fardo mesmo agora. Ruby segurou-lhe as mãos e apertou-as.

– Mas esta é a questão, Saph. É culpa minha pelo simples fato de que você não achou que eu pudesse lidar com nada daquilo. Eu respeito a promessa que você fez para mamãe, mas quando a situação começou a se agravar, você poderia ter vindo a mim, mas não fez isso. Escolheu ficar doente a confiar na “cabeça de vento”.

O lábio inferior de Sapphie tremeu.

– Eu só chamava você assim quando criança, porque tinha inveja da sua criatividade.

– Sim, eu sei, mas quer saber de uma coisa? – inquiriu Ruby. – Uma pequena parte minha acreditou que eu era cabeça de vento. Mamãe acreditou. Cada cara que eu namorei acreditou, porque permiti que eles acreditassem.

Sapphie inclinou-se para trás para estudá-la melhor.

– Mamãe adorava você. Ela nunca pensou que...

– Sim, ela pensou. Do contrário, teria me contado sobre a Seaborn.

Sapphie piscou contra as lágrimas, e Ruby quase se arrependeu de ter levantado o assunto. Por outro lado, estava feliz por ter se aberto, em vez de ficar remoendo aquilo em seu interior.

– Sinto muito, Rubes. Nunca pretendi fazer você se sentir inferior ou estúpida. Suponho que eu sempre fiz o papel de irmã mais velha controladora e não lhe dei crédito suficiente.

– Ei, está tudo bem. Eu sou a chefe agora – brincou Ruby, secando as próprias lágrimas. – Antes eu do que você. Do contrário, você teria de se casar com Jax.

Sapphie torceu o nariz.

– Casar-me com Jax Maroney? Dificilmente.

Elas riram entre lágrimas, e, aliviada, Ruby soube que as coisas ficariam bem. Por enquanto.

Até que se lembrou de seu marido esperando no carro.

Um marido que aparentemente organizara uma noite de núpcias que ela nunca esqueceria.

Sapphie estalou os dedos.

– Falando no seu marido, eu quero vê-lo.

Ruby podia apenas imaginar o que sua irmã superprotetora diria.

– Não é uma boa ideia...

– Isso não é negociável. – Sapphie cruzou os braços numa postura teimosa que Ruby vira muitas vezes ao longo dos anos para tentar dissuadi-la.

– O que você vai dizer a ele?

Sapphie arqueou uma sobrancelha imperial.

– Se eu não lhe der um lábio inchado no instante em que liberá-lo, talvez ele possa lhe contar.

Ruby riu ao imaginar sua irmã lutando com Jax. Ambos controladores e poderosos.

Talvez, ela pudesse descer ao banco do rio e assistir.

– Certo, eu irei chamá-lo. – Ruby abraçou sua irmã. – Seja boazinha.

– Com Jax Maroney, o homem que estava afundando a Seaborn? – quis saber Sapphie bufando.

Consciente de que Jax provavelmente podia lidar com sua irmã, Ruby soprou um beijo para Sapphie e foi para o carro.

Seria interessante ver quão longe chegaria a confiança do grande homem com sua irmã protetora.

JAX OBSERVOU Ruby enquanto ela andava em direção ao carro, suas mãos apertando o volante para conter a vontade de sair do carro e encontrá-la no meio do caminho.

Alguma coisa sobre os ombros baixos dela e a expressão indiferente no rosto disse-lhe que o encontro com a irmã não tinha ido muito bem.

Não que isso o surpreendesse. Pelo que ele sabia sobre a reputação de Sapphire Seaborn, mesmo que a mulher estivesse fraca de fadiga, não aceitaria tudo calada.

Ele estivera ansioso para lidar com ela, saboreara o desafio.

Quando Ruby entrou no carro, ele perguntou:

– Encontro difícil?

– Não muito ruim.

Incapaz de resistir, ele traçou uma pequena ruga entre as sobrancelhas dela.

– Isto me diz o contrário.

Ela sorriu.

– Na verdade, foi bem melhor do que eu esperava. Nós resolvemos algumas mágoas passadas, também.

– E a notícia sobre nosso casamento?

– Saph quer falar com você. – Ela passou um dedo no pescoço lentamente, como se o estivesse cortando. – Isso não vai ser bonito.

Ele riu, genuinamente surpreso por quantas vezes rira desde que conheceria Ruby.

– Agora?

Ela assentiu, mordendo o lábio.

– Vá com calma com ela, certo? Saph tem o temperamento forte, mas ainda está se recuperando, e o estresse não é bom para ela.

– Fique tranquila. – Ele pressionou os dedos na boca de Ruby, pretendendo silenciá-la, não esperando a onda de calor em seu sexo com o leve movimento dos lábios sensuais sob seu toque.

Os olhos verdes se arregalaram, e ele acariciou-lhe a face, num gesto tão terno que o fez querer fugir do carro rapidamente.

O que estava lhe acontecendo?

Jax recolheu a mão e abriu a porta.

– Se eu não voltar em dez minutos, chame a polícia.

Ela sorriu, e seu coração tolo disparou.

– Boa sorte. Você irá precisar.

Assentindo, ele atravessou o terreno exuberante, ansioso para conhecer a mulher cuja reputação de durona a precedia.

Ademais, quanto antes resolvesse aquilo, mais depressa poderia se concentrar em assuntos mais importantes, como sua noite de núpcias.

Acelerou os passos, rodeou a curva do prédio e quase colidiu com uma pequena loira vindo na direção contrária.

– Você tem muita coragem – afirmou ela, pondo um dedo no seu peito, antes que ele pudesse piscar. – Destrói os negócios da nossa família, então se

aproveita de nossa posição precária, casando-se com minha irmã.

A raiva brilhando nos olhos profundamente azuis tinha uma incrível semelhança com as safiras Seaborn pela qual a empresa dela era famosa. Provavelmente a razão para o nome dela, também.

Sapphire Seaborn era tão linda quanto à irmã, mas ele podia ver vislumbres do estresse sob o qual ela estivera: as leves olheiras, a pele muito esticada sobre as maçãs do rosto.

Ele não queria brigar, não queria aumentar o estresse dela, mas não seria intimidado por uma mulher, frágil ou não, que tirava conclusões precipitadas.

Dando um passo atrás, Jax ergueu as mãos.

– Eu não destruí coisa alguma. Nossas empresas estão em concorrência saudável. A sua está com problemas, entendo isso, mas se você é tão astuta como ouvi dizer, sabe que Maroney Mine é apenas uma pequena parte de um problema maior.

Para crédito de Sapphire, ela assentiu, e ele continuou:

– Eu vim a Melbourne para propor uma tomada de poder...

– Em vez disso, propôs casamento para minha irmã – acusou ela, como se ele tivesse sequestrado Ruby e a forçado ao casamento.

– Na verdade, *ela me* pediu em casamento.

Ela levantou a cabeça.

– O quê?

– Sua irmã é uma pensadora rica em expedientes.

Ele nunca teria pensado numa maneira tão estranha de solucionar os problemas mútuos deles, mas tinha de admirar Ruby por fazer isso.

– Garota louca – murmurou ela, quase sorrindo, antes que lhe desse um olhar que poderia esfolar um homem vivo. – Para sua informação, isso é o que Ruby sempre faz. Joga-se de cabeça em qualquer situação, vivendo o momento, sem pensar no futuro.

Incerto do por que ela estava lhe dizendo isso, ele abriu a boca para responder, quando Sapphire continuou:

– Então, ouça. Não confunda a natureza entusiasmada de Ruby com alguma coisa que não é.

Ah... agora ele entendia. Ela o estava avisando para não machucar sua irmã. Jax admirou-a por isso. Valorizava a lealdade. Considerando que seus pais não eram leais: aos amigos, um ao outro ou a ele.

Eles haviam roubado fortunas de pessoas amigas, então sua mãe deixara seu pai para lidar sozinho com a culpa, e ambos tinham deliberadamente virado as costas para o único filho, sem se importar com as consequências de suas ações.

Com Sapphire o encarando, mãos nos quadris, protetora da irmã mais nova, ela cresceu muito em sua estima.

– Este casamento é um arranjo de negócios, nada mais.

Ela hesitou, como se pensando quanto dizer, antes de falar:

– Talvez, para você, mas eu conheço Ruby. Vocês passarão tempo juntos, tendo de fingir que estão apaixonados, então é bem provável que alguma coisa aconteça entre vocês.

Ela apontou um dedo para seu nariz.

– Apenas lembre, isso não significa nada. Meramente o jeito de Ruby lhe provar, e provar a todos, que ela pode conseguir o que quer.

– Eu entendo.

O que Sapphire Seaborn provavelmente queria dizer era: *isso não significa nada, porque uma garota como Ruby não poderia se apaixonar por um homem como você.*

Não que Jax quisesse que ela se apaixonasse, longe disso, mas o sentimento de inferioridade, um resultado de ser evitado por pessoas que ele admirava e confiava, por causa de sua descendência, subiu à superfície.

Seu pai se sentira da mesma forma com sua mãe? Não que Jax se importasse com os sentimentos de seu pai, não mais, todavia, não gostava da possível semelhança, da ideia de que pessoas pudessem dizer que Ruby estava se unindo a uma pessoa inferior.

Ele virou-se, surpreso quando ela pôs uma mão em seu ombro.

– Mais uma coisa.

Jax se virou de novo para encará-la.

– O quê?

– Se você machucá-la? Não haverá uma mineradora grande o bastante no sertão australiano onde você se esconder.

Ele sorriu.

– Não se preocupe. Este casamento será benéfico para nós dois.

Enquanto ele se afastava, ouviu-a sussurrar:

– É disso que eu tenho medo.

CAPÍTULO 8

JAX NÃO se importou com o silêncio enquanto dirigia a curta distância do spa na fazenda para o hotel luxuoso que reservara para a noite.

Entendia a necessidade de reflexão. Fazia isso regularmente, preferindo a sutileza de sua mente analítica a opiniões não solicitadas de seus colegas de trabalho.

Essa era uma das coisas que detestava sobre o sertão australiano: a mentalidade pequena.

Todo mundo conhecia todo mundo. E todos achavam normal se intrometer nas vidas alheias.

Jax deliberadamente mantinha distância, encorajando um ambiente chefe/empregado, de modo que ninguém se tornasse muito próximo. Considerando a mentira que seus pais tinham vivido, não era uma surpresa que ele não confiasse facilmente.

Manter privacidade na cidade de mineração tinha mais a ver com uma independência estudada com que com falta de fé nas pessoas. Ele apenas gostava de ficar sozinho. De ouvir música ou ler livros de ficção científica.

Adorava seu próprio espaço. Espaço que agora incluiria uma loira audaciosa durante um período.

Arriscou uma olhada para ela, seu peito se apertando diante da visão do rosto pálido, enquanto Ruby descansava com os olhos fechados. Ela não estava dormindo. Provavelmente um jeito de fechá-lo do lado de fora.

Justo. Ele também não queria discutir os assuntos de sua família com uma estranho.

Ela lhe perguntara como havia sido seu confronto com Sapphire. Jax brincara, dizendo que ainda podia andar, portanto não fora tão ruim. Surpreendentemente, ela não pressionara o assunto, preferindo olhar pela janela e ficar silenciosa.

Ele não gostava desta Ruby fria e introspectiva. Preferia a Ruby audaciosa e mandona, que falava tudo que pensava. O silêncio dela o preocupava, assim como a fadiga em volta dos olhos verdes.

E ele não deveria estar preocupado. Não era isso que assinara.

Sua assinatura na certidão de casamento significava uma única coisa.

Sucesso mundial para Maroney Mine.

Provar que não era igual ao seu pai.

Focando-se na estrada, Jax ponderou como seriam os próximos meses. Ele tinha diversos negócios para fechar, inclusive um que daria grandes lucros à empresa, uma negociação que começara para preencher o buraco deixado por não adquirir a mineradora Seaborn.

Então precisava adquirir admissão na Global Mining Corporation, antes de tornar sua companhia universal.

Estava confiante de que alcançaria a margem de lucros requisitada para ganhar aceitação. Menos confiante sobre ser aprovado pelo quadro de diretores, cujos membros seu pai roubara.

Tinha de fazer este casamento dar certo, convencer as pessoas que seu casamento era real, se quisesse ter alguma chance de alcançar seu objetivo.

Estava casado. Com Ruby Seaborn.

A velocidade com a qual ela o coagira ao casamento era impressionante. Não que ele tivesse precisado de muita coação... aquele beijo no casamento provara isso.

Ruby poderia lhe dar o que ele necessitava: aceitação num mundo que estava batendo as portas no seu rosto.

E mais, muito mais, se a atração sexual potente entre eles fosse alguma indicação.

Ele a desejava com uma intensidade inexplicável, que o apavorava.

Este deveria ser um casamento somente no nome, mas Jax tinha todas as intenções de aproveitar seus benefícios.

Ele já tivera *amigas com benefícios* ao longo dos anos, mas quem já ouvira falar de uma *esposa com benefícios*?

Jax deu um sorriso irônico ao entrar no caminho do hotel, que, na verdade, era constituído de diversos chalés brancos no meio de jardins floridos e caminhos simetricamente cobertos de tijolos, e parecia muito meticuloso para seus padrões.

Mas, então, esta noite não era sobre ele.

Quando Ruby confiara nele o bastante para levá-la até a irmã, Jax soubera que ela precisaria ser animada depois.

Parando numa garagem coberta, ele desligou o motor. Os olhos de Ruby se abriram instantaneamente, e ela piscou, antes de focá-los na casa.

O sorriso encantado dela o golpeou. Jax quisera que ela gostasse do lugar. Mas não que ela o olhasse como se ele tivesse lhe entregado as joias da realeza numa bandeja.

– Como você achou este lugar?

Ele apontou para seu celular.

– Confiável Google.

– É maravilhoso. – Ela estendeu o braço e descansou a mão sobre a sua, e o coração de Jax acelerou com um prazer inesperado. – Obrigada.

– Sem problemas.

Ele recolheu a mão com o pretexto de abrir a porta, quando, na verdade, precisava fugir. Sentir-se tão perturbado não lhe fazia bem.

E era exatamente o que Ruby fazia: perturbava-o.

Ele saía com mulheres. Não *sentia* nada por elas.

Cruel, talvez, mas por que se envolver emocionalmente quando sabia que o relacionamento não levaria a lugar algum?

Exatamente como seu casamento, então por que essa necessidade constante de mimá-la, de tocá-la, de estar com ela?

Deus, ele precisava de sexo com urgência.

Colocar o relacionamento deles de volta em um nível que entendia erradicaria essa bobagem sentimental.

Este era o plano, e Jax o cumpriria.

Ele abriu o porta-malas, pegou as sacolas deles, e permitiu que ela o precedesse no caminho para a porta azul do chalé branco.

– Deixe-me. – Ruby pegou a chave da mão dele e destrancou a porta.

Quando ela não se moveu por dez segundos, Jax abaixou as sacolas no chão.

– O que você está esperando?

Ela fez uma careta.

– Que você me carregue para dentro.

– Você não pode estar falando sério.

– Seríssimo. Eu não porei os pés em seu pequeno ninho de amor até que você me carregue para dentro.

Ninho de amor?

A mulher era incorrigível.

Como ela passara de silenciosa para petulante?

– E se eu tiver azar?

Ela estreitou os olhos.

– Você tem?

Jax não conseguiu manter a fisionomia séria.

– Não, mas posso passar a ter, depois de carregá-la.

– Cretino.

Ela abriu ambas as mãos no peito dele e empurrou-o, com força suficiente para fazê-lo tropeçar.

Ele capturou-lhe as mãos, usando-as para puxá-la contra si.

– Eu adoro quando você fica irritada.

– Não tente me bajular, garotão.

Ele riu, o humor dela excitando-o tanto quanto os movimentos que ela fazia para tentar escapar.

– Você deveria fazer isso com mais frequência. – Ruby tocou o canto de sua boca sorridente com um dedo. Ele queria virar a cabeça e capturar aquele dedo na boca, um prelúdio do que faria com o resto do corpo dela.

– Então, quem você realmente é, Jax Maroney? – Ela abaixou a mão. – Porque acho que eu precisarei saber mais sobre o homem por trás da

máscara mal-humorada, considerando que estamos casados agora.

Ela não poderia ter reprimido tanto sua libido, nem se tivesse tentado. Jax não queria revelar nada para ela. Não seus pensamentos íntimos, seus medos ou desejos.

O único desejo que queria lhe mostrar envolvia os dois nus.

– Você fala demais. – Ele pisou no espaço pessoal dela, forçando-a a recuar.

A excitação brilhou nos olhos verdes, enquanto a boca de Ruby se curvava num sorriso travesso.

– É mais saudável do que manter tudo engarrafado.

Ele aproximou-se mais, e ela deu outro passo atrás.

– Eu não preciso que você me analise.

– Então, o que você precisa de mim?

– Isto.

Ele cobriu-lhe a boca com a sua, o grito de surpresa de Ruby rapidamente dando lugar a um gemido baixo de prazer. Foi exatamente como o beijo no cartório: tudo desapareceu, até que tudo que ele pudesse sentir era esta mulher. *Sua esposa.*

A esposa para quem ele queria ser especial esta noite, independentemente do quanto quisesse tomá-la contra a parede mais próxima.

Ele afastou a boca, encontrando-lhe o olhar.

– O que você está fazendo? – Ela agarrou suas lapelas e o sacudiu. – Sem sexo, lembra?

Jax traçou-lhe o contorno dos lábios antes de, deliberadamente, abaixar a mão.

– Este casamento pode ser uma farsa, mas eu acho que uma mulher como você merece uma noite de núpcias inesquecível.

Ele falava sério.

Nunca conhecera uma mulher tão ousada, tão direta, tão determinada a conseguir o que queria, mesmo se isso significasse sacrificar sonhos de romance e “felizes para sempre”.

– Com essas bobagens sentimentais, você está dificultando para que eu o rejeite. – Ela piscou, e ele podia ter jurado que vira o brilho das lágrimas nos

olhos verdes.

Jax não lidava bem com choro. Esvaziara muitas caixas de lenço de papel e molhara muitas camisas de lágrimas com sua mãe, depois que Denver tinha sido preso... ele não estragaria a noite que planejara fazendo sua noiva chorar.

– Então, pare de resistir e ceda. – Ele pegou-lhe a mão, puxou-a para dentro e fechou a porta com um chute. – Você sabe que quer isso.

Ela sorriu.

– Você é extraordinariamente confiante.

Ele roçou-lhe a orelha, e Ruby tremeu.

– Pode apostar que sim, querida. – Pondo as mãos nos ombros dela, Jax virou-a na direção da sala de estar. – Vá relaxar. Eu virei buscá-la em alguns minutos.

– O que é isto, uma sala de espera? – interrogou ela, mas foi para o sofá na frente de uma lareira apagada.

– A espera valerá a pena – comentou ele a caminho do quarto.

Jax sabia que ela concordaria com sua ideia. Aquele beijo para selar o arranjo do casamento? Um prelúdio para uma noite que ela nunca esqueceria. Ele se certificaria disso.

Comprara o Pacote Romântico, seja lá o que esse fosse, e quando abriu a porta, preparou-se para o pior... ou o melhor, do ponto de vista de Ruby.

Ele assumira que ela adoraria todos os corações e flores, embora o pensamento de cobertas de renda, almofadas em forma de corações e óleos de aroma terapia o fizesse se contorcer.

Para sua surpresa, o quarto não era nada como ele imaginara. Móveis brancos modernos... cama, cômoda, guarda-roupa... com um tapete vermelho aos pés da cama, adicionando um pouco de cor.

Ele viu uma cesta sobre a cômoda, com um cartão atado à mesma, onde se lia *Pacote Romântico* em letras roxas.

Curioso, Jax vasculhou o conteúdo da cesta: óleo de massagem comestível, velas aromáticas, chocolate suíço, duas caixas de morangos, uma caixa de pétalas de rosas e preservativos.

Começaria com as velas e chegaria aos preservativos.

Posicionou as velas em lugares estratégicos em volta do quarto, praguejando quando derrubou a caixa de fósforos duas vezes, antes acendê-las.

Por que estava tão nervoso? Se os beijos fossem alguma indicação, eles poriam fogo nos lençóis. E como poderiam compartilhar uma cama, um casamento, uma vida, por qualquer período de tempo, então ir embora no fim, como se nada tivesse acontecido?

Jax fizera isso antes, dando as costas para Melbourne sem olhar para trás. Ruby seria capaz?

O jeito que ela ficara após ver a irmã, as emoções conflitantes que ele vira, antes que ela tentasse escondê-las, falavam volumes.

Ruby se importava. Importava-se com a irmã, importava-se com sua empresa. Importava-se, de maneira geral.

Ela seria tão ousada e petulante em alguns meses, quando a farsa do casamento acabasse, e ele voltasse para a Austrália Ocidental?

Jax pegou a caixa de pétalas de rosas e os preservativos, espalhando as primeiras sobre a cama, guardando as últimas nas gavetas dos criados-mudos. E um envelope no banheiro.

Melhor estar preparado.

Ele precisava erradicar essa incerteza o envolvendo, e sexo selvagem, sem barreiras, faria isso.

Desesperado para se perder em Ruby, dirigiu-se para a sala. Apenas para parar abruptamente à porta.

Sua esposa sexy estava curvada no sofá, dormindo.

A cabeça dela descansava no braço do sofá, o cabelo espalhado a sua volta. Leves círculos escuros rodeavam-lhe os olhos, onde ela os esfregara em fadiga, e o medo que Jax sentira mais cedo se intensificou.

Ele não sentia ternura.

Não sentia preocupação.

Mas naquele momento, olhando para sua esposa exausta adormecida, chegou perto de sentir ambas as coisas.

CAPÍTULO 9

RUBY ACORDOU como fazia todas as manhãs. Cedo, saboreando a escuridão e a paz, quando ela produzia seu melhor trabalho.

Adorava vestir seu roupão cor-de-rosa e pantufas com estampa de leopardo, prender o cabelo num rabo de cavalo e descer para seu workshop.

Havia alguma coisa quase furtiva naquilo, como se ela estivesse roubando algumas horas extras no dia, comparada com todos os outros que ainda dormiam.

Era por isso que sua mãe tinha cedido o apartamento acima do showroom para ela. Sua mãe e Sapphie costumavam ter sono leve, mas haviam parado de reclamar sobre suas andanças noturnas, quando viram as peças que Ruby produzia.

Quando ela fizera 21 anos, elas tinham se mudado, sua mãe para um apartamento moderno em Toorak, Sapphie para um bangalô californiano, não longe do showroom delas em High Street.

Ruby sentira falta de sua mãe e irmã no começo, mas encontrara conforto em suas criações. Tais criações a haviam sustentado em rompimentos amorosos, na dor de perder sua mãe, e então, quando Sapphie adoecera, um ano depois.

Ela espreguiçou-se, ansiosa para descer e começar a criar mágica.

Um problema.

Quando se espreguiçou, seu pé encontrou outro.

Ela abriu os olhos, e a primeira coisa que viu foi o rosto bonito de Jax Maroney a centímetros do seu.

Naquele momento, tudo voltou à sua mente.

Seaborn à beira da falência.

O casamento com Jax no dia anterior.

Contando a novidade a Sapphie.

O que não podia lembrar era como acabara nesta cama.

Ruby estivera abalada depois de seu confronto com Sapphie, emocionalmente exausta. Tinha construído um cenário de casamento plausível em sua cabeça, preparada para racionalizá-lo para sua irmã, não mentindo, mas não contando a verdade direta, quando Sapphie vira através dela.

De certa forma, Ruby ficara aliviada. Sapphie não enlouquecera, não desmembrara Jax, e ter sua irmã sabendo a verdade aliviava um pouco do estresse.

Mas ela não quisera conversar no caminho para o hotel. Ademais, Jax não parecia o tipo que confortava. Desnudar sua alma para que ele se fechasse teria feito Ruby chorar.

O lado carinhoso dele quase a fizera chorar. O que ele pronunciara? Algo nas linhas de “uma mulher como você merece uma noite de núpcias especial”?

Ela poderia ter caído naqueles braços fortes, se não tivesse visto o horror nos olhos dele.

Certo, entendi a mensagem. Novo marido não lida bem com emoções.

Jax sumira enquanto ela sentava no sofá... e isso era a última coisa que Ruby lembrava.

Ela devia ter pegado no sono, e ele a carregara para o quarto. O fato de que seu pé encontrara o dele, significava que Jax removera seus sapatos.

O que levava a pergunta: o que mais ele removera?

Deslizando uma mão por baixo do lençol de cima, ela encontrou o vestido de seda.

Quem teria dito que seu marido carismático era um cavalheiro, também?

Ela o estudou, o rosto dele relaxado no sono de um jeito que nunca ficava quando acordado. Ele perdera as linhas franzidas na testa, e os lábios estavam curvados em meio-sorriso.

Jax possuía uma tenacidade inerente que desaparecia quando ele dormia, e vê-lo dormindo, suscetível, humanizava-o mais do que a compreensão que ele demonstrara durante o trajeto para lá, no dia anterior.

A consideração de Jax em carregá-la para a cama a impressionara, fazendo-a gostar mais dele do que deveria.

Incapaz de resistir, Ruby afastou uma mecha de cabelo da testa dele, e Jax instantaneamente abriu os olhos, o medo que ela viu neles causando um aperto em seu coração.

O que deixaria um homem durão como Jax assustado? E o que o faria acordar tão rapidamente? Alguma coisa no passado dele, a ver com o pai?

Mas, então, o medo desapareceu, substituído por um ardor familiar.

– Bela Adormecida acorda.

– Tecnicamente, eu não estava dormindo, porque acordei primeiro.

– Você sempre discute, logo de manhã?

Foi quando ela percebeu. Embora eles não tivessem combinado os arranjos de moradia ainda... Ruby não iria se mudar de seu apartamento acima do workshop, e ele não iria morar com ela... provavelmente, eles teriam de morar juntos por algum tempo, a fim de convencer as pessoas da validade do casamento. E pela lógica, ela acharia cada vez mais difícil ignorar a atração entre eles, se acordasse ao lado de Jax todas as manhãs, até que ambos obtivessem o que quisessem daquele acordo e o casamento fosse dissolvido.

– Depende.

Ele apoiou-se sobre um cotovelo, o lençol escorregando e revelando um peito largo e bronzeado.

– Do quê?

Ela curvou os dedos na palma para se impedir de tocá-lo e sentir aquela parede de músculos.

– Do que você planeja fazer para me calar.

O olhar de Jax percorreu seu rosto, seu peito e mais abaixo.

– Muita coisa.

– Como um cara sábio me contou uma vez, grande declaração, mas você pode entregar?

Ele levantou o lençol, e ela balbuciou “uau”.

Sim, ele podia definitivamente entregar.

– Não fui eu quem dormiu, ontem à noite.

Ainda impressionada com o tamanho do que vira sob o lençol, Ruby engoliu em seco.

– Não foi você que teve de contar à irmã que se casou com o inimigo.

O sorriso de Jax desapareceu, e ela censurou-se mentalmente.

– É assim que você me vê?

– Você estava reduzindo os preços das nossas pedras preciosas e nos tirando dos negócios. O que acha?

Ele pausou, diversas emoções brincando no rosto expressivo... tristeza, irritação, orgulho... antes fossem substituídas por uma fisionomia impassível.

– Se esta for sua ideia de conversa de travesseiro, deixa muito a desejar.

Ruby sabia o que estava fazendo. Com muito medo de comprometer-se totalmente ao casamento, ela estava deliberadamente sabotando aquilo.

Não que fosse uma virgem afetada, longe disso, mas, talvez, seu subconsciente estava erguendo uma placa de aviso, *Perigo à Frente?*

Acordar ao lado de Jax era muito aconchegante, muito íntimo.

Ela não queria cair nos braços dele, não queria que ele tivesse a ideia errada. Eles podiam estar casados, mas Ruby não tinha intenção de atuar como esposa obediente.

Jax escolheu aquele momento para deslizar um dedo de seu ombro até seu braço. Lentamente. Deixando uma trilha de pelos arrepiados.

– Porque eu posso pensar numa versão mais interessante de conversa de travesseiro...

Ela mordeu o lábio quando ele pegou-lhe a mão e lambeu seu pulso até o ponto que ela gemeu.

Ruby tinha duas escolhas. Fazer aquilo do jeito difícil e negar bons momentos a ambos. Ou fazer aquilo do jeito fácil e ter sexo fantástico como

um bônus para um casamento conveniente.

Lábios sensuais subiram pelo seu braço, beliscando sua pele, deixando-a em chamas, até que ela não aguentasse mais o contato mínimo e quisesse mais.

Ela queria tudo.

Ignorando as dúvidas residuais de que aquilo era uma má ideia, ela puxou o lençol, expondo o peito de Jax em toda sua glória.

– Talvez eu não queira mais conversar?

– Nem eu. Num movimento rápido, ele rolou por cima dela, e Ruby suspirou com prazer diante do peso pressionando-a contra o colchão, a ereção viril em contato com sua pélvis.

Seus braços o envolveram, deslizando pelas costas dele, encontrando as nádegas incrivelmente firmes.

Roçando-lhe o pescoço, ela murmurou:

– Um de nós está gloriosamente nu, o outro, vestido demais.

– Facilmente corrigível. – Jax saiu de cima dela, levando-a consigo, de modo que agora Ruby estava deitada em cima dele.

Ele desceu o zíper de seu vestido, abaixou as alças nos ombros e puxou o tecido com a sutileza de um homem desesperado por sentir pele com pele.

– Sem sutiã, garota esperta.

Ele segurou-lhe os seios nas palmas, massageando-os, provocando os mamilos, até que ela gemesse.

– Você é tão responsiva – declarou ele, erguendo-lhe o torso, de modo que sua boca pudesse continuar de onde suas mãos tinham parado.

Jax banhou e provocou os bicos até que ela estivesse se contorcendo e suplicando por mais.

Levantando a cabeça, ele soprou os mamilos rijos, a respiração fria enviando fogo para o centro feminino de Ruby.

Outra vez, ele inverteu as posições, deitando-a sobre as costas, ficando de quatro sobre ela.

– Você é magnífico – sussurrou Ruby, estendendo o braço para tocar o peito largo, o abdômen, mais abaixo...

Ele gemeu em aprovação e lhe removeu a calcinha, jogando-a sobre o ombro.

Abrindo as pernas, ela arfou. E gemeu, quando Jax abaixou a cabeça para lambê-la. Algumas lambidas depois, Ruby gritou, quando seu orgasmo atingiu-a numa onda crescente que a deixou sem forças.

Jax pegou um preservativo da gaveta do criado-mudo, abriu-o e protegeu-se, enquanto ela continuava deitada lá, quase desmaiada.

Ruby gostava de sexo. Sexo era saudável e divertido, especialmente com o homem certo.

Considerando os efeitos do orgasmo ainda percorrendo seu corpo, aqueles outros homens não haviam passado de um prelúdio para a coisa real.

– Nada a dizer? – Ele roçou o membro viril em seu centro, e ela agarrou os lençóis. – Que milagre.

Ela arqueou a pélvis, vendo a paixão nos olhos de Jax, enquanto ele lutava por controle.

– Uma palavra para você. – Ruby ergueu o corpo, tomando-o um pouquinho. – Mais.

Com um gemido exultante, ele penetrou-a, e ela viu estrelas. Jax preencheu-a completamente, e ela agarrou-se ao corpo poderoso, abandonada, enquanto ele investia em seu interior, repetidas vezes.

Seus corpos estavam escorregadios de suor, Ruby enterrando as unhas nos ombros dele, clamando por liberação.

Quando a tensão se construiu, Jax parou, e ela o olhou com incredulidade.

– O que você está fazendo...?

Ele silenciou-a com um beijo ardente, antes de levar os lábios à orelha dela, onde murmurou:

– Vire-se.

Ela fez isso e, num segundo, ele estava em seu interior novamente, a mão se acomodando entre a cama e seu clitóris, dando-lhe prazer.

Com cada investida, a excitação de Ruby aumentava.

Ela ficou de quatro quando seu orgasmo se aproximou, e ele investiu com tanto vigor que enviou ambos ao clímax, ao mesmo tempo.

Perplexa, Ruby não conseguia se mover, seu corpo tremendo com os efeitos do prazer.

Jax descansou a testa em suas costas, segurando sua cintura, enquanto ela absorvia a enormidade do que acabara de acontecer.

Ela tivera o melhor sexo de sua vida.

Verdadeiramente conectada fisicamente com um homem.

Não qualquer homem: seu marido.

Que faria isso com ela em bases regulares, se ela lhe permitisse.

Casamento com o inimigo não parecia tão ruim, afinal de contas.

JAX NÃO vivenciava aconchego.

Não se aconchegava à sua parceira depois do sexo.

Ele ia para o banho, vestia-se em tempo recorde e partia.

Não hoje. Hoje, tinha sua esposa saciada e sexy curvada do seu lado, um braço em volta de seu torso, como se ela nunca pretendesse soltá-lo.

Pior, ele gostava daquilo.

– É sempre tão bom assim para você?

Ele ouviu uma ponta de vulnerabilidade no tom curioso de Ruby, e seu primeiro instinto foi mentir. Não queria rotular o que eles haviam compartilhado como especial, não queria reconhecer que fora absolutamente espetacular.

Admissões como essa criavam uma proximidade que ele não tinha condições de ter.

Então, cometeu o erro de olhar para baixo, ver aqueles olhos verdes sinceros brilhando com paixão, e não foi capaz de mentir.

– Não. O que nós acabamos de fazer? Foi incrível.

– Ótimo. – Ela assentiu, com o sorriso convencido.

Jax não queria questionar por que ela achava ótimo, pois isso implicava uma profundidade de sentimento que não ousava indagar.

– Posso lhe perguntar uma coisa?

O medo instalou-se na boca do seu estômago. Isso era o que acontecia quando você permanecia na cama após o sexo: questões que ele não desejava responder.

– Você pode perguntar, mas não espere que eu responda. Não sou do tipo sensível e profundo.

– Bobagem. – Ela ergueu-se e se apoiou sobre um cotovelo, encarando-o.
– Você se esconde atrás dessa máscara austera, quando, por dentro, é doce e sensível.

– O que lhe deu essa ideia?

– Ontem à noite.

Ruby apontou para suas roupas no chão, onde ele as jogara.

– Você me carregou para cama, tirou meus sapatos, me acomodou embaixo das cobertas e me deixou dormir. – Ela tocou-lhe o rosto com a ponta de um dedo. – As ações de um homem que tem consideração. Que entendeu como eu estava drenada ontem à noite, e não me pressionou. Um homem que me deixou dormir, apesar de suas próprias necessidades.

Ela corou quando sua excitação levantou o lençol.

Pessoalmente, Jax sentiu-se aliviado por estar pronto mais uma vez, porque o sexo poria um fim à conversa e às perguntas infernais que ele queria evitar.

– Então, o que eu queria perguntar era por que você faz isso?

– Bem, é muito simples. Eu tenho essa coisa chamada libido e...

Ruby não riu.

– Por que apresenta uma frente durona para o mundo, quando há obviamente mais em você?

Droga.

O que ele poderia dizer?

Que sujeitos durões não desmoronavam juntamente com suas mães, quando seus pais eram sentenciados à prisão?

Que sujeitos durões se fechavam emocionalmente para impedir a dor inevitável de confiar, quando as mães que eles adoravam fugiam sem dizer adeus, e não os contatavam por dez anos?

Não, ele não poderia dizer nenhuma dessas coisas, então, contentou-se com petulância.

– Porque sujeitos durões sempre ganham a garota – replicou ele, beijando-a para provar isso.

E continuou beijando-a, através de outra rodada de sexo sensacional, até que ambos esquecessem tudo, exceto a sede desesperadora por mais.

CAPÍTULO 10

RUBY PEGOU a lupa e examinou o bracelete que completara, com olhos críticos.

Feito de ouro branco, rubi e diamantes, o bracelete era perfeito. Clássico. Elegante. Sua assinatura, e ela suspirou de contentamento, rolando o pescoço de um lado para o outro para aliviar os nós de tensão.

– Quer uma massagem?

Ela teve um sobressalto quando Jax aproximou-se e colocou as mãos nos seus ombros, massageando-os gentilmente.

– Não, obrigada. Eu tenho muito trabalho. – Ele pressionou os pontos doloridos e ela gemeu, zombando de sua recusa. – Sim, bem aí.

A cabeça de Ruby inclinou-se para a frente, enquanto os polegares dele aliviavam sua tensão.

– Pensei que eu fosse viciado em trabalho.

– Por quê? Que horas são?

– Meia-noite.

Jax parou de massageá-la, e ela virou-se para encará-lo.

– Quando estou trabalhando, perco a noção da hora.

Ele gesticulou a cabeça para o bracelete.

– Era nisso que você estava trabalhando?

– Sim.

Ele pegou a joia gentilmente, colocando-a na palma da mão.

– Você é tão talentosa.

– Eu sei.

– Modesta, também. – Jax sorriu, algo que ele vinha fazendo com muito mais frequência desde que eles tinham chegado a Melbourne, dois dias atrás. O dia que ela lhe dera a chave com a condição de que ele somente aparecesse quando convidado.

Até agora, Ruby resistira pegar o telefone por 36 horas, rendendo-se algumas horas atrás, quando estivera andando pelo showroom, incapaz de concentrar-se no trabalho, incapaz de concentrar-se em qualquer coisa, exceto tentar esquecer como o sexo com seu novo marido era viciante.

A noite de núpcias... tecnicamente, a manhã seguinte... havia sido estupenda, e ela vinha mantendo-o a distância desde então. Não fazia sentido viciar-se em alguma coisa que não ia durar.

– Qual é o próximo?

– Meu favorito. – Ela pegou um saquinho de veludo preto e virou os conteúdos na palma. – Diamantes cor-de-rosa.

– Os diamantes mais raros do mundo.

Ela assentiu, arfando quando Jax estendeu um dedo para tocá-los, roçando-lhe a palma no processo. A onda de excitação não deveria surpreendê-la, não depois do que eles tinham feito dentro e fora da cama na manhã nupcial, mas surpreendeu-a, a novidade da compatibilidade sexual dos dois sendo uma fonte de deleite.

– Eu tenho uma série de anéis planejados. De noivado e de casamento.

Os olhos dele nublaram.

– Falando nisso, você precisa usar um...

– Eu não preciso. – Ruby fechou os dedos sobre os diamantes e devolveu-os para o saquinho de veludo. – Se as pessoas perguntarem, eu direi que você encomendou um.

Os lábios dele se afinaram numa expressão de desapontamento que ela não entendeu. Por que ele queria marcá-la como sua, quando o casamento não duraria?

Anéis eram para pessoas sentimentais, românticas, não para pessoas práticas. A última coisa que ela queria era um anel com pedra preciosa,

quando o tiraria em breve. Já era difícil o bastante usar a aliança simples de ouro, para aparências.

– Por que você não vai usar um anel?

Como ela poderia explicar, sem parecer uma tola romântica?

Ruby sempre imaginara criando o design de seu próprio anel de noivado, alguma coisa espetacular, com um diamante cor-de-rosa lapidado à perfeição.

Quisera que o anel fosse muito romântico, quisera que o homem de seus sonhos se esforçasse para fazê-la feliz.

Apesar da compatibilidade sexual e dos negócios profissionais em comum, Jax Maroney não era este homem.

– Porque quando um homem deslizar um anel de noivado neste dedo, eu quero que isso signifique alguma coisa.

Ela balançou o dedo anular direito, e Jax encolheu-se, como se ela o tivesse esbofeteado.

– Não pergunte, se você não quer a verdade – informou Ruby.

– Eu sempre prefiro a verdade – falou ele em tom baixo. – Então, aqui vai uma dose saudável desta. Eu preciso que as pessoas acreditem que esse casamento é real, e se você acha que elas pensarão que a melhor joalheira da cidade não usaria um anel de noivado, está sonhando.

Ele pegou-lhe a mão esquerda e esfregou o polegar sobre a aliança de ouro.

– Eu cumpri minha parte do acordo, e parei de reduzir os preços da Seaborn Mine. Agora, é sua vez de cumprir a sua.

Ruby ignorou o calor subindo pelo seu braço. Agora, não era hora de ficar excitada. Era hora de opor-se a um homem acostumado a conseguir tudo o que queria. Embora ela não se importasse que ele assumisse o comando no quarto...

Puxou a mão da dele, aliviada e desapontada, ao mesmo tempo, quando Jax liberou-a.

– Você terá sua grande entrada na sociedade no final da semana, com nossa recepção. O que mais quer?

Por um momento insano, ela desejou que ele dissesse “você”.

Ele torceu a mão, como se fosse tocá-la de novo, mas, então, deixou-a em sua lateral.

– Eu quero levar meus negócios a um lugar onde nunca estiveram, e seus amigos podem me dar isso. Então, vá em frente, organize suas festas sociais, mas é melhor fazer nosso casamento parecer convincente, porque se há uma coisa que eu sei é que aqueles parasitas observam cada passo que você dá.

A amargura de Jax gelou-a. Ela não deveria se importar com o óbvio desgosto dele contra as pessoas que o evitavam por causa do pai. Mas a tristeza nos olhos cor de ébano mexia com Ruby num nível profundo.

– Quão ruim foi? Quando seu pai foi preso?

Ele enrijeceu, o rosto tornando-se uma máscara impassível. Nada se movia, exceto a pulsação na base do pescoço.

– Muito ruim.

Duas palavras desprovidas de emoção, mas carregadas de necessidade de aprovação.

– Quer falar sobre isso?

Ela roçou-lhe a mão, e ele afastou-se.

– Não.

Jax virou-se e se dirigiu para a porta, onde parou para lhe dar um olhar gelado.

– Não tente se aproximar muito de mim. Eu já lhe confessei que não sou esse tipo de sujeito.

Enquanto observava-o se retirar, por alguma razão inexplicável, Ruby desejou que ele fosse.

QUANDO A elite dava uma festa, eles iam ao Palladium em Crown Casino. Ruby fora a muitos bailes lá, e o lugar parecia apropriado para uma grande festa de casamento.

As pessoas ficariam chocadas por seu casamento secreto, então ela queria ir até o fim e convencê-las da veracidade deste. Uma tarefa difícil, mas uma que estava disposta a tentar.

Jax não lhe pedira detalhes. Na verdade, ele mal lhe falava desde que ela cometera o erro de tentar unir-se a ele num nível mais profundo.

Ele passava as noites trabalhando, recusando o único convite de Ruby para jantar, e para sua irritação, ela sentira falta dele.

Impossível, quando mal o conhecia. Embora Jax só tivesse usado a chave que ela lhe dera uma vez, uma pequena parte sua tinha esperança de que ele ignorasse sua estipulação e aparecesse sem avisar.

Como um homem tão irritante conseguira entrar em sua vida num espaço tão curto de tempo?

Ruby estava ocupada, trabalhando em seus preciosos diamantes cor-de-rosa e organizando a festa do ano. Devido ao atraso, cada convite fora entregue com instruções rígidas de enviar resposta em um dia.

Opal tinha lidado com isso, enquanto Ruby perpetuava o mistério, ignorando os telefonemas de conhecidos curiosos, deliberadamente escondendo-se no workshop ou no apartamento, se alguém aparecesse.

Felizmente, seu círculo de conhecidos não precisava de uma desculpa para ir a uma festa, e eles desvendariam o mistério, aparecendo em multidões, esta noite.

Ruby tinha a impressão de que, no momento em que revelasse o motivo da festa... ou entrasse no braço de Jax... as pessoas ficariam frenéticas por semanas.

De certa forma, Jax ficara com a parte fácil do acordo, permanecendo atrás dos bastidores. O trabalho duro de convencer pessoas publicamente que ele era o amor de sua vida era de Ruby.

O que ela estivera pensando?

Seu olhar foi para a pérola delicada e o bracelete de ouro branco no pulso, e ela soube.

Estivera pensando em Sapphie, na Seaborn, em sua mãe e em si mesma sendo capaz de criar mais peças lindas como esta.

Podia fazer isso.

Tinha de fazer.

Se ela fracassasse e Jax fosse embora, levando seu acordo precioso consigo... Não, Ruby não suportava contemplar a possibilidade.

– Pronta para ir?

Jax saiu do banheiro da cobertura do palacete e o coração de Ruby disparou violentamente no peito.

Uma palavra lhe veio à mente, enquanto ela olhava para seu marido.
Divino.

Ele penteara o cabelo para trás, enfatizando os olhos escuros, a brancura da camisa sob o smoking acentuando o bronzeado.

Quando ele entrasse no salão de bailes, em alguns minutos, teria metade dos presentes convencidos de sua linhagem: a metade feminina.

– Claro, vamos fazer isso – declarou ela, alisando o seu vestido de seda azul-claro longo grego, esperando que suas palmas não deixassem marcas.

Sim, ela estava suando tanto assim.

Jax atravessou a sala na sua direção, a linha do horizonte brilhando nos fundos, através das janelas que iam do chão ao teto. Mas o brilho das luzes da cidade não poderia distraí-la da beleza de seu marido, pausando para pegar uma rosa de um vaso e entregar-lhe com um floreado.

– Bonito gesto.

Ela levou a flor ao nariz e inalou, o aroma doce lembrando-a do perfume de rosas cor de damasco que sua mãe adorara.

Foi quando a enormidade do que estava fazendo atingiu-a. Ela mentiria para os amigos de sua mãe, pessoas que a tinham respeitado, pessoas que acreditavam que Ruby corresponderia à memória da mãe.

Oh, droga.

– Ei. – Ele inclinou-lhe o queixo, e ela piscou, antes que as lágrimas queimando seus olhos caíssem. – Eu vi isso num filme uma vez, e achei que você gostasse desse tipo de coisa, não que fosse chorar.

– Por que eu gostaria? Porque tenho ovários?

– Porque você é romântica.

Pelo menos, as suposições de Jax a distraíam de sua vontade de gritar.

– Por que você pensa assim?

Ele liberou-lhe o queixo e deu um passo atrás, gesticulando para seu vestido.

– Você gosta de roupas e joias chiques. – Pela primeira vez, Ruby viu a travessura brilhar nos olhos dele. – E eu vi a sua coleção.

– Coleção do quê?

– De DVDs românticos.

– Quando?

– Naquela primeira noite que você me convidou para ir ao seu apartamento. Você estava muito ocupada me esfolando vivo para notar que eu estava estudando as redondezas.

Ela fez uma careta.

– Você é ainda melhor que James Bond.

Ele riu.

– Ei, não sou eu quem consegue assistir toda aquela bobagem. Você deve ser romântica.

Ruby riu e liberou a tensão, a tristeza passando.

Sapphie prometera à mãe delas manter a companhia viva.

Sua mãe se fora.

Ela teria entendido o fato de Ruby perpetuar um casamento falso para o bem maior.

Ela estalou os dedos.

– Ah, então é isso que você tem feito no escritório, todas as noites.

Confuso, ele arqueou uma sobrancelha.

Ruby pôs um dedo no peito dele.

– Você está conhecendo a minha coleção através do Netflix. Deixe-me adivinhar, seu favorito é aquele que eles se conhecem online e se unem...

– Casamento não mudou minha opinião. – Jax pegou-lhe a mão e puxou-a para si. – Você ainda fala demais.

Ele abafou quaisquer protestos que ela poderia ter contemplado, beijando-a, até que Ruby esqueceu onde estava, quem era ou por que estava lá.

Diversos minutos depois, com a gravata borboleta de Jax torta, e com o laço de seda num de seus ombros sob séria ameaça de se desfazer, eles se separaram. Ofegantes e excitados.

Ela tocou uma mão em sua boca e em seu batom arruinado.

– Pessoas estão esperando lá embaixo.

– Eu não me importo.

Com isso, ele pressionou-a contra a porta, deslizou uma mão por baixo da saia de Ruby e começou a enlouquecê-la.

CAPÍTULO 11

JAX CONGELOU diante da soleira do Palladium.

Um mau presságio comprimia sua nuca.

O gelo corria por suas veias.

A indecisão, potente e selvagem, reprimiu sua resolução de entrar no salão de bailes, fazer pessoas se levantarem e notarem que Jax Maroney estava de volta, e não havia absolutamente nada que elas pudessem fazer sobre isso.

Resolver aquilo era fácil, mas agir, com centenas de olhos curiosos e críticos sobre ele? Mais difícil do que Jax esperara.

– Você se sairá bem. – Ruby apertou-lhe a mão, sentindo sua hesitação, a intuição dela assustando-o tanto quanto à multidão.

Não importava quantas vezes ele a afastasse de si, o quanto tentasse manter distância, sempre voltava para mais, atraído para ela de um jeito que desafiava explicação.

Não queria se aproximar de Ruby. Não queria ver a admiração nos olhos dela quando ele tinha saído do banheiro mais cedo, não queria ver as lágrimas quando ele lhe dera a rosa num impulso, não a queria fazendo perguntas, sendo perceptiva ou tentando entendê-lo.

Não queria *sentir*.

Coisa alguma.

Por que Ruby não podia deixá-lo em paz? Por que tinha de continuar sondando, tentando derrubar suas defesas como uma mineradora

determinada a encontrar ouro?

Quando ele não falou, a expressão de Ruby tornou-se preocupada.

– O que está errado?

Tudo, ele queria gritar.

Você, essas pessoas, meu pai abominável, minha mãe fugitiva, meu casamento com você.

Tudo estava errado, mas ele superaria aquilo, como superara outros momentos difíceis de sua vida.

– Nada. – Jax endireitou os ombros, apertou mais a mão dela. – Vamos fazer a melhor representação de nossas vidas.

E eles fizeram. Pelas próximas horas, ele forçou sorrisos educados, apertou mãos e conversou sobre tudo, desde festas em jardins até o Melbourne Spring Race Carnival.

Pessoas que o tinham evitado anos antes, e no lançamento na Seaborn, vestiram suas máscaras e fingiram gostar dele.

Tudo por causa da mulher estoica ao seu lado.

Ruby não o deixou por um segundo, segurando-lhe a mão, durante cada apresentação. Ela não permitiu uma trégua na conversa. Jogou seu charme, fazendo perguntas intrusivas, distraindo pessoas com sua vivacidade natural. Desviou comentários potencialmente desastrosos com um sorriso ensolarado e observações espirituosas que fizeram pessoas rirem, em vez de enfurecerem-se.

Ela simplesmente encantou a multidão.

E a ele.

O sexo que eles haviam tido antes de descer fora designado a distrair, e talvez tivesse aliviado seu perpétuo desejo por ela, mas observá-la sorrir e abraçá-lo pela cintura como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo, fez Jax acreditar em conto de fadas, também.

Enquanto eles dançavam, o corpo deleitoso pressionava-se tanto ao seu que ele quase esqueceu por que eles haviam se casado.

– Você ainda está muito tenso – sussurrou ela, descansando uma mão contra o seu peito, diretamente sobre seu coração impenetrável.

– Você não ficaria, se estivesse cercada por piranhas, esperando seu primeiro vacilo?

– Não realmente. Eu não ligo para toda essa bobagem falsa. Nunca liguei.

– Porque cresceu cercada por isso, e eles a aceitam por quem você é.

Ela não perdeu o passo quando ele girou-a em volta do salão, inclinándose para trás, a fim de encontrar-lhe o olhar.

– Talvez, se você relaxasse, as pessoas não se sentissem tão intimidadas por você.

O que ela queria dizer com aquilo? A elite de Melbourne o evitava por uma única razão: seus antecedentes ruins. O que eles esperavam... que Jax lhes roubasse milhões, como Denver fizera?

– Eu conversei com eles, esta noite.

Ela fez uma careta.

– Sim, com uma expressão ameaçadora e raivosa. – Ruby traçou uma linha na testa dele. – Bem aqui.

– O que eles veem é o que eles recebem.

Ele virou a cabeça levemente para a esquerda, levando o pulso de Ruby em contato com seus lábios. Ela arfou quando ele beijou a pele sensível ali, sua língua traçando círculos lentos contra a pulsação. Isso a fizera derreter naquela manhã que eles haviam acordado na mesma cama no chalé do hotel, e tinha o mesmo efeito nela agora. Seus músculos relaxaram. Suas pernas queriam dobrar.

– Ei, vocês dois, vão para um quarto.

Otto Smit, um velho amigo da família Seaborn e parceiro ocasional de Sapphire para eventos sociais, segundo Ruby, os abordou. Jax o conhecera mais cedo, e, embora o sujeito parecesse ser uma boa pessoa, Jax sabia que ele o estivera avaliando a noite inteira.

Ruby dispensou-o.

– Vá embora, pingão de gente.

Otto fingiu ultraje.

– Pingão de gente? Eu sou mais alto do que você, tampinha.

– Talvez, eu não esteja falando sobre altura...

Jax abafou uma risada quando Otto bufou em ultraje falso, antes de voltar-se para ele.

– Espero que não se importe, mas vou roubar sua linda esposa para uma dança.

Jax apertou Ruby com mais força. Por alguma louca razão, não queria deixá-la nem por um segundo.

Entretanto, não tinha escolha, sem parecer rude.

Ele liberou-a.

– Não se preocupe, eu pisei no pé de Otto muitas vezes no passado. Ele não vai durar mais de dois minutos dançando comigo. – Ela sorriu-lhe, e o peito de Jax se contraiu.

– Não tenha pressa – replicou ele, seu ciúme misturado com sentimento de posse perturbando-o mais do que a visão da mão de Otto descansando nas costas de Ruby.

Talvez ele estivesse cansado demais, mantendo esta farsa? Talvez, fingir interesse naquelas pessoas estivesse irritando-o? Talvez, fosse tolo o bastante para acreditar que aquele casamento era real e que Ruby significava mais para ele do que um meio para um fim?

Qualquer que fosse o motivo, Jax sentia-se estranhamente desorientado, como se seu mundo estivesse girando lentamente, porém de maneira descontrolada.

Ele atravessou a pista de dança e dirigiu-se às portas principais. Precisava sair de lá, antes que fizesse alguma coisa estúpida.

Como dizer a sua esposa que aquele casamento estava rapidamente se tornando mais do que uma assinatura no papel.

RUBY OBSERVOU Jax sair do salão de bailes, descer a escada com passos apressados, como se não visse a hora de escapar.

Ela conhecia o sentimento.

Cada segundo desta noite tinha sido terrivelmente doloroso.

Sapphie era a porta-voz da empresa por uma razão. Ela podia lidar com a elite como uma profissional.

Ruby não gostava de beijos no ar e toda aquela falsidade, mas fizera seu papel.

Por Jax.

Infelizmente, quanto mais tempo passava com seu marido errante, mais percebia que provavelmente faria isso e mais por ele.

Queria penetrar por baixo do exterior de sujeito durão dele, queria descobrir por que ele era tão fechado para qualquer coisa, exceto para o superficial.

Não entendia como eles se conectavam tão bem fisicamente, no entanto, ele permanecia distante emocionalmente. Se ela lhe perguntasse, Jax diria que era apenas sexo, mas estaria mentindo.

Você não podia ter o tipo de conexão que eles tinham sem sentir *alguma coisa*.

O que Ruby não entendia era como ele podia exercer tanto poder sobre ela, quando eles mal se viam?

Eles haviam feito sexo apenas duas vezes. Bem, tecnicamente, tinham sido cinco vezes na manhã do casamento e quatro na suíte ali, desde que tinham se registrado aquela tarde.

Ela podia se identificar com o velho clichê sobre a qualidade, e não a quantidade, ser importante.

Talvez, eles não estivessem passando tanto tempo juntos, mas quando estavam juntos? Uau. Combustão.

Então, como ela poderia deixar um homem teimoso e irritante penetrar seu coração?

Não era paixão. Ruby apaixonara-se antes... aquela loucura de coração disparado e perda de fôlego que a possuía uma ocasião. Nada constante, nada duradouro, um breve sentimento eufórico que passava rapidamente; apaixonar-se sendo o oposto de amar.

Com Jax, Ruby não tinha nenhum daqueles sintomas. Com Jax, a coisa era mais profunda. Uma parte sua ansiava por ele num nível inato cuja existência ela não conhecera antes dele.

Jax lhe despertava uma ânsia de ser quem ela queria ser, sem as contenções de corresponder à promessa que Sapphie fizera para a mãe delas,

às expectativas de sua empresa e às responsabilidades colocadas sobre ela por sua irmã.

– Algo me diz que essa expressão sonhadora nos seus olhos não é pela minha proeza em dançar.

Ela perdeu um passo e pisou no pé de Otto.

– Desculpe.

– Não se desculpe. Seria bom ter uma garota ardente me olhando assim.

– Sapphie é uma garota ardente.

Uma expressão não característica franziu a testa de Otto. Ela nunca o vira de jeito algum, exceto alegre.

– Nós dois sabemos que Sapphie me vê como um amigo, uma conveniência. Alguém com quem ela pode contar quando precisa.

Ruby deu-lhe um tapinha no ombro.

– Vocês praticamente cresceram juntos. Não pode culpá-la por contar com você.

– Eu não a culpo. Apenas gostaria...

Ruby não tinha intenção de ser intermediária entre Otto e Sapphie. Perguntara uma vez a sua irmã se havia mais do que amizade entre eles, e Sapphie rira. Algo que ela nunca poderia contar a Otto.

– Como está Sapphie, a propósito?

Satisfeita que ele abandonara o assunto sensível do amor não correspondido por sua irmã, Ruby replicou:

– Ótima. Melhorando a cada dia.

A testa de Otto se franziu ainda mais.

– As Pessoas têm falado.

Ruby pisou no pé dele mais uma vez.

– Desculpe. Sobre o quê?

– Sobre Sapphie estar doente. Sobre você assumir a Seaborn. Sobre os problemas financeiros da companhia.

– As pessoas deviam cuidar de suas próprias vidas.

Ele girou-a em direção à extremidade da pista de dança, dando-lhes espaço, e o mau presságio de Ruby aumentou.

– Elas também estão dizendo que a única razão pela qual você se casou com Jax Maroney foi por uma injeção de dinheiro para salvar a Seaborn.

Ela parou e empurrou Otto, não se importando com o que os casais por perto pensassem. Até que percebeu que alienar um velho amigo da família em sua recepção de casamento não faria os rumores cessarem, apenas daria combustível aos mesmos.

Pegando-lhe a mão, ela puxou-o para um canto vazio, atrás de um pilar de mármore.

– O que mais eles estão dizendo? Conte-me tudo.

Otto hesitou, antes de suspirar, avisando-a que ela não ia gostar do que viria.

– Estão dizendo que seu marido está tentando organizar reuniões com algumas pessoas politicamente influentes, mas elas irão mostrar-se evasivas, toda vez. – Ele tocou-lhe o braço. – Apenas porque você está casada com o homem, Ruby, não espere que as pessoas comecem a gostar dele.

Otto gesticulou em direção ao salão de bailes.

– As pessoas não esqueceram que o pai dele foi responsável por arruinar as vidas de diversas famílias aqui.

– Jax não é o pai dele – retrucou ela, entre dentes, sua raiva aumentando com indignação.

Aquelas pessoas não acreditavam em segunda chance? Em dar o benefício da dúvida a alguém? Jax não fizera nada de errado, a não ser ter nascido filho de Denver Maroney, e estava sendo perseguido por isso.

E se ter se casado com ela não mudasse nada para ele? E se ele abandonasse o acordo, levando consigo a chance de salvar a Seaborn?

– Eu sei, mas você não pode esperar que eles acreditem num homem que aparece na cidade, após ficar longe por uma década, e espera fazer grandes negociações, não depois do que aconteceu com o velho Maroney.

A raiva cegou-a por um momento, e Ruby piscou diversas vezes antes de responder:

– Talvez não, mas eu espero que eles acreditem em *mim*. No *meu* julgamento. Eu me casei com Jax, e se eles confiam no nome Seaborn, é melhor comecem a confiar nele, também.

Deixando Otto boquiaberto, ela virou-se e quase correu para a porta. Pela qual Jax estava entrando, parecendo um estranho em sua própria festa de casamento.

Malditas pessoas de mente estreita.

– O que houve? – Ele segurou-lhe o braço quando ela tentou passar, precisando de ar fresco.

Ruby olhou-o, esperando ver raiva ou preocupação no rosto dele. O que viu afetou-a ainda mais. Estoicismo.

Ele sabia o que ela estava enfrentando, os julgamentos que ambos teriam de conquistar, mas em vez de ficar aborrecido, Jax aceitava aquilo.

Mas não ela.

Ruby deu-lhe a mão e puxou-o de volta para o salão de bailes.

– Eu lhe contarei mais tarde. Por enquanto, nós fazemos o que recém-casados fazem em sua recepção de casamento. Festejamos.

ELES CORTARAM o bolo, fizeram discursos breves, dançaram mais, antes escaparem do círculo de despedidas.

Cinco horas depois de terem entrado no salão de bailes do Palladium, eles partiram, de mãos dadas.

E Jax ainda não perdera a expressão mal-humorada.

Eles andaram em direção aos elevadores.

– Nós conseguimos. Então, por que você parece como se tivéssemos fracassado?

– Não é nada...

– Claro que é.

Ela parou diante dele, muito perto.

– Deixe-me colocar dessa forma. Se você não me contar o que se passa neste segundo, nada, além de dormir, acontecerá naquela cobertura luxuosa.

Os cantos da boca de Jax se curvaram.

– Você não é fácil.

– Pare de enrolar e fale.

Ele suspirou, a relutância óbvia nas feições e postura tensas.

– Eu não o julgarei. Só estou aqui por você – acrescentou Ruby, segurando-lhe o queixo, alisando as linhas de preocupação em volta da boca bonita.

Então, uma coisa maravilhosa aconteceu. Ele visivelmente relaxou, a tensão drenando, enquanto Jax abria e fechava a boca diversas vezes, antes de pigarrear.

– Nós não enganamos ninguém.

Então, o homem era perceptivo, além de inteligente, lindo e tudo mais.

– Eles acabam de descobrir que estamos casados. Dê-lhes tempo...

– Isso nunca irá funcionar.

O sangue de Ruby esfriou diante da finalidade no tom dele, como se Jax tivesse desistido antes que eles começassem.

– Nunca é uma palavra para pessoas que desistem fácil – argumentou ela.

– Nós estamos perdendo tempo. – Ele comprimiu os lábios e as rugas de preocupação voltaram. – Eles nunca me aceitarão. Não conseguem ver além de meu pai.

Havia tanta dor no suspiro de Jax que Ruby envolveu-lhe o pescoço num abraço, temendo que ele fugisse, antes que ela atravessasse suas barreiras emocionais.

– E eu não os culpo.

Ele falou baixinho, enquanto a cabeça tombava para a frente, a testa descansando contra a dela.

– Você não é nada como ele...

– Como você sabe? Não o vii usando pessoas para prosseguir. Não o vii desesperado para ficar um passo à frente do jogo. Não o vii reprimir suas emoções e se fechar completamente das pessoas.

Jax afastou-se, pagando-lhe as mãos e tirando-as de seu pescoço.

– E se eu tiver essas tendências? – Ele bateu no peito. – Aqui?

– Você não tem...

– Verdade? – interrompeu ele, com autodesprezo. – Porque, pelo que vejo, tudo que acabei de falar poderia se aplicar a mim. Nosso casamento? Eu estou usando você, desesperado para seguir em frente, reprimindo minhas verdadeiras emoções...

Ele parou, com a expressão horrorizada, como se tivesse falado demais.

Ruby queria perguntar o que ele quisera dizer com “verdadeiras emoções”. Ousaria acreditar que Jax começava a sentir alguma coisa por ela, algo tangível que seria a base para um relacionamento?

Depois de apenas poucas semanas, isso parecia ridículo. Mas como ela poderia explicar o fato de que não estava disposta a abandonar este homem, por razões que iam além de salvar a Seaborn?

Ela o pressionara para que ele se abrisse, agora era hora do controle de danos.

– Eu o pedi em casamento, lembra? Sou eu quem o está usando, usando quaisquer meios para salvar minha empresa de joias.

Ele balançou a cabeça, com os olhos selvagens.

– O que nós estamos fazendo, Ruby? Isso não é certo.

O coração dela quase parou de bater.

– Nosso casamento, você quer dizer?

Ruby o vira expressar muitas coisas... orgulho, arrogância, comportamento dominante. Derrota não era uma delas, quando ele tombou contra a parede mais próxima.

– Eu estou cansado de mentiras.

Ela o ouviu murmurar:

– Sou exatamente como meu pai, afinal de contas.

Droga, era isso que acontecia quando você mergulhava em assuntos pessoais que deveriam ficar inexplorados.

Antes que perdesse um marido e a Seaborn, sem que tivesse a chance de lutar por eles, Ruby fez a única coisa possível.

Segurou-lhe a mão e conduziu-o em direção aos elevadores.

– Basta de coisas profundas e significativas. Vamos fazer o que fazemos melhor.

Felizmente, ela não precisou pedir duas vezes.

CAPÍTULO 12

– VOLTAR PARA a cama.

Ruby deu as costas para a vista deslumbrante de Melbourne da janela da cobertura e andou de volta para Jax.

Ele estava apoiado num cotovelo, o peito desnudo, o lençol baixo sobre o torso, e ela inquiriu-se como conseguira afastar-se daquele corpo, para começar.

Ele adormecera depois do sexo frenético para banir as preocupações da festa, mas Ruby não conseguira tirar os eventos da noite da cabeça.

Não conseguia dormir, nem quando seu casamento falso estava prestes a se desmoronar.

Ela precisava fazer alguma coisa.

– Com frio? – Ele deslizou um dedo pelo seu braço, traçando padrões em ziguezague no seu cotovelo.

Mas Ruby não podia se permitir ser distraída. Não quando tinha de encontrar uma solução.

Convencer seu círculo social que este casamento era real.

Ganhar aceitação para Jax.

Salvar a Seaborn.

Três problemas interligados, e ela não podia resolver um sem o outro.

– Não, eu estou bem. – Ela sentou-se na beira da cama. – Pelo menos, ficarei, quando souber o que fazer.

– Sobre?

– Tudo.

Entendendo, Jax sentou-se e capturou-lhe a mão.

– Nós poderíamos desistir, antes que isso vá mais longe.

O coração de Ruby entristeceu. Ela soubera que era isso que ele quisera fazer mais cedo, contudo, carregara-o para lá de qualquer forma, tentando apagar os problemas deles com sexo explosivo.

Estupidez. Ignorar os problemas não os faria desaparecer.

– É isso que você realmente quer?

Jax assentiu, o olhar penetrante não deixando o seu.

– É o que faz mais sentido.

Irritada, ela puxou a mão da dele.

– Então, eu perco a Seaborn, você perde a chance de globalizar sua empresa de mineração, e nós parecemos um casal de idiotas. – Ruby meneou a cabeça. – Solução errada.

– O que você quer que eu faça? – Jax recostou-se contra a cabeceira, com a expressão feroz. – Eu preferiria participar de um leilão de solteiros para caridade a encarar uma sala cheia daqueles imbecis arrogantes, outra vez.

Apesar da situação horrível, ela não pôde evitar sorrir diante da imagem de seu marido mal-humorado parado na frente de uma multidão de mulheres ansiosas para comprá-lo.

– Isso não tem graça – afirmou ele.

– Não, não tem. Talvez, eu tenha de ser voluntária para um leilão, também? Embora, quem iria querer uma designer de joias... – Ruby parou, atingida por uma ideia tão louca que a fez saltar da cama.

– O que foi?

– É isso! – Ela abaixou-se e plantou um beijo rápido nos lábios dele, apreciando a expressão chocada de Jax. – Você é um gênio.

Ele quase sorriu.

– Eu sei disso, mas por que você está tão excitada?

– Seaborn precisa organizar um leilão. Com grande divulgação. Apenas peças exclusivas. O maior leilão de joias que Melbourne já viu.

Ela começou a andar, ideias surgindo com cada passo.

– Usaremos a mídia social para construir antecipação. Tempo curto de introdução. Na próxima semana, talvez? Grande oportunidade para escolher peças exclusivas da Seaborn a um preço justo. Precisamos de um bom local. A prefeitura de Melbourne, talvez? Ou...

– Ei, acalme-se – ordenou Jax. – Uma coisa como esta não levaria semanas para organizar?

– Eu tenho contatos. Isso pode ser feito. – Ela continuou andando, a empolgação cada vez maior. – Posso fazer isso. Colocar a Seaborn de volta no mapa das joias. Levantar os fundos tão necessários no processo. – Ruby estalou os dedos. – Por que não pensei nisso antes?

A boca de Jax curvou-se num sorriso sexy.

– Porque fui eu quem inspirou você.

– Você fez algumas observações sobre leilões, *eu* fui o gênio que teve a ideia.

Ele bateu do seu lado na cama.

– Por que o gênio não senta aqui, de modo que nós possamos ter mais ideias?

Felizmente, o mau-humor de Jax... que o fizera ameaçar desistir do casamento, antes mesmo que este começasse... passara, e ela sentou-se de pernas abertas sobre ele.

Jax inclinou-se para trás com um gemido.

– Quer ver que outras ideias de gênio eu sou capaz de ter?

Ele não precisou que ela lhe perguntasse novamente, quando gemeu de prazer e puxou-a para baixo.

– Você adora estar por cima, não é? – A respiração quente de Jax soprava em sua orelha, os lábios brincando com seu lóbulo, enquanto ela se contorcia.

– Estar no controle é bom – respondeu Ruby, ansiosa para tomá-lo dentro de si.

– Conte-me sobre isso.

Ele reverteu as posições tão depressa que a cabeça de Ruby girou.

– Pronto, assim é melhor, de volta no topo, onde eu pertencço.

Ela bateu-lhe no peito.

– Fanático por controle.

– Você adora quando eu sou dominador e poderoso – argumentou ele, com as mãos começando nos ombros dela, segurando-lhe os seios, circulando sua barriga, provocando seu centro feminino, até que ela estivesse se contorcendo, desesperada por liberação.

– Dominador. Poderoso. Entendi. Ooh... – O calor inundou-a quando ele abriu suas pernas, abaixou a cabeça e lambeu-a até que ela quase desmaiasse.

Ruby fechou os dedos nos lençóis, enquanto ele a levava ao topo com a língua e com a penetração de dedos em seu interior.

Ela estava enlouquecida de prazer, a tensão se construindo, até que não pôde aguentar mais. Arqueou o corpo, apoiando-se sobre os cotovelos para assisti-lo levá-la ao orgasmo.

Eles se entreolharam quando a ponta da língua dele circulou seu clitóris por uma última vez, e ela atingiu o clímax, gritando o nome dele.

Não havia convencimento nos olhos escuros, apenas satisfação, e quando Jax pegou um travesseiro e deslizou-o para baixo dos quadris dela, Ruby soube que alguma coisa importante acabara de acontecer.

Homem algum já a olhara do jeito que Jax acabara de olhá-la.

Como se ele pudesse ver através de sua alma.

Ela deveria estar apavorada. Em vez disso, com os deliciosos efeitos do prazer pulsando em seu corpo, tudo que Ruby podia pensar era como se sentia conectada a ele naquele momento.

– Você ainda me chama de fanático por controle? – Ele ajoelhou-se entre suas coxas, com os ombros largos, bronzeados e magníficos.

A pélvis dela arqueou-se numa reação reflexa.

– Sim, mas do jeito que você lida com isso, pode me controlar quando quiser.

– Com prazer. – Os olhos escuros brilharam com luxúria, e ele se protegeu, antes de possuí-la com uma investida longa e lenta.

Seus músculos internos o comprimiram, dando-lhe as boas-vindas, sentindo a falta dele no instante em que Jax retirou-se, desesperada por mais.

Ele deu-lhe mais, agarrando-lhe os quadris e investindo repetidas vezes, cada investida levando-a para mais perto do pico.

– Mais rápido – incentivou ela, envolvendo-lhe a cintura com as pernas, segurando a cabeceira da cama como uma alavanca.

– Sou eu quem está no comando – sussurrou ele, enquanto continuava deslizando para dentro e para fora de seu corpo de maneira torturante.

– Jax, por favor. – A pélvis de Ruby levantou-se do travesseiro para encontrar cada investida.

– Considerando que você pede tão educadamente... – Ele acelerou os movimentos, estabelecendo um ritmo erótico, ambos ofegando e gemendo enquanto subiam ao topo, juntos, e caíam em esquecimento abençoado do outro lado.

Jax tombou por cima dela, e Ruby ficou feliz de abraçá-lo junto a si.

Sim, alguma coisa definitivamente mudara entre eles, mas no momento, com seu corpo saciado e sua mente nublada, ela não ousava determinar o que era.

– FOI UMA festa e tanto.

Ruby colocou a lupa sobre o tapetinho de veludo preto à sua frente, não no humor de discutir sua festa de casamento com sua prima, mas sabendo que Opal não partiria até que ela o fizesse.

Ela conseguira esconder-se no workshop durante a tarde inteira, em parte por fuga, em parte para conforto. Necessitava de muito conforto, hoje.

– Sim, foi boa.

Opal inclinou-se contra o batente da porta e cruzou os braços.

– Jax está apaixonado.

Ela quase bufou. A única coisa pela qual Jax estava apaixonado era por seus negócios.

– Todos falaram sobre como vocês dois estavam aconchegados na pista de dança. – Opal pausou, mordendo o lábio. – Provavelmente uma coisa boa, porque eles passaram a primeira metade da noite duvidando da validade de suas núpcias secretas, mas a maioria estava encantada com o casal no fim da noite.

Ruby deu de ombros.

– Eu não me importo com o que os esnobes pensam, nunca me importei.

Uma mentira. Ela se importava. Se aquelas pessoas não aceitassem seu novo marido e fizessem negócios com ele, Jax iria embora, levando sua chance de salvar a Seaborn.

Ele quebraria o acordo, Ruby não tinha dúvidas disso, se não conseguisse o que queria. Era esse tipo de homem: implacável, sem coração.

Ele estivera prestes a desistir do acordo na noite anterior, se ela não o tivesse distraído com a ideia do leilão. E com o sexo fenomenal.

Pois era isso que eles tinham. Um casamento baseado em ganhos monetários mútuos e numa atração física potente.

Ela enganara-se ao pensar que vislumbrara mais durante o sexo deles, pois Jax não ousaria baixar a guarda, e esta manhã, ele voltara ao jeito frio e controlador.

Ele não tinha intenção de conhecê-la além do superficial, e embora Ruby devesse estar feliz com isso, sentia-se desiludida.

Deveria ter sabido. Ela não era do tipo de acordar ao lado de um corpo quente, depois de ter compartilhado seus problemas com ele, e permanecer imune.

Seu erro fatal havia sido contar a verdade a Jax, esta manhã.

Eles estavam voltando de Crown Towers, e, enquanto dirigia, ele lhe perguntara como as pessoas tinham aceitado o casamento deles.

Ruby poderia ter mentido, mas não o fizera.

Contara-lhe como as pessoas estavam desconfiadas da motivação deles por trás do casamento, como estavam relutantes em confiar nele por causa dos pecados do pai.

Jax aceitara aquilo surpreendentemente bem. Mas, então, não teria sido um choque, considerando que ele fora rejeitado repetidamente quando tentara marcar reuniões profissionais.

No instante em que ele a deixara ali, a expressão no rosto bonito estivera tão negra quanto o humor dele.

– Quer falar sobre isso?

Ruby meneou a cabeça.

– Obrigada, Opal, aprecio a oferta, mas estou muito ocupada.

Ela virou-se para sua bancada de trabalho, esperando que sua prima entendesse a indireta. Opal não entendeu.

Atravessando o pequeno espaço, sua prima parou ao seu lado.

– No que você está trabalhando?

– Num conjunto de diamantes canário. Eu acabei o colar, comecei os brincos, e ainda faltam o broche e o bracelete.

Opal ergueu o colar, os diamantes lapidados refratando a luz.

– Uau, Rubes, você fica cada vez melhor.

– Seria melhor se eu tivesse encomendas para as joias – murmurou ela, fazendo uma anotação mental para retornar 12 telefonemas, cujos recados Opal deixara sobre sua mesa mais cedo.

Fazia muito tempo que ela não recebia cinco telefonemas num dia, muito menos doze. Assumira que as ligações eram de fofoqueiros da noite anterior, querendo destruir seu casamento, mas e se fossem pedidos?

Certamente, não seria o planejador de eventos com quem ela encontrara esta tarde para planejar o leilão, o mesmo que recusara sua proposta.

– Nossa, eu quase esqueci. – Opal recolocou o colar sobre o veludo e estalou os dedos. – Você recebeu uma encomenda para um anel de noivado de diamante cor-de-rosa. Ouro branco, corte fantasia, três quilates.

Ruby assobiou.

– Você cotou um preço?

Opal assentiu, sorrindo.

– Sim, e eles nem barganharam. Fecharam o pedido na hora.

– Uau.

Irônico, se ela tivesse de escolher um anel de noivado, escolheria exatamente este. Adorava o corte fantasia, lapidar pedras com ângulos de formato livre. Aquilo libertava sua criatividade como nada mais fazia, e trabalhar com diamantes cor-de-rosa daquele tamanho, com a opção de fazer o que quisesse... Ruby podia ver o design nos olhos da mente, combinando um brilhante com alguma coisa para maximizar o fogo natural da pedra.

Uma pedra de clareza única, mínimas inclusões...

Opal riu e bateu no seu ombro.

– Posso ver que você já está imaginando como esse anel vai ficar, então eu vou deixá-la com seus pensamentos.

– Para quando eles precisam do anel?

O sorriso de Opal desapareceu.

– Uh... O prazo é curto. Eu concordei, porque sei que precisamos do trabalho.

– Quanto tempo?

– Duas semanas?

– Isso é ridículo...

– Ajudará se eu ficar acordada até tarde com você? Eu lhe trarei café e *muffins*, e aqueles *brownies* de chocolate que você adora.

Ruby não deveria estar reclamando. A venda deste anel seria um passo da Seaborn em direção a sair do vermelho.

– Tudo bem. Arranje a medida do dedo.

Opal meneou a cabeça.

– Não será possível. O homem quer que seja uma surpresa. Ele me deu o número de roupa que ela usa e alegou que isso tem de servir.

Ruby franziu o cenho.

– Você sabe que eu não gosto de trabalhar em peças como essa, sem me assegurar do tamanho exato do dedo, desde o começo.

– Eu informei a ele, mas a surpresa não permite...

Românticos estúpidos. Contanto que o homem não viesse reclamar se a futura noiva não gostasse do design, ou se o anel não servisse.

– Sem preocupações, eu apenas farei o melhor anel da minha vida – replicou ela, dando um empurrão gentil em Opal em direção à porta. – Agora, vá, eu tenho trabalho a fazer.

Opal sorriu e saiu, mas embora Ruby tentasse se concentrar no trabalho que estivera fazendo, não pôde evitar pensar sobre o anel de diamante rosa e em como desejava ter um homem que a amasse o bastante para surpreendê-la com alguma coisa similar.

JAX FICOU longe de Ruby por dois dias.

Aquela recepção de casamento podia ter sido um degrau para lançar seus negócios na cidade, mas tinha sido sua ruína em todos os outros sentidos.

Aumentara sua suscetibilidade em relação à sua esposa feiticeira.

Ele a deixara entrar um pouco em seu coração naquela noite, e não se recuperara desde então.

Ruby via tanto... seus medos secretos, suas vulnerabilidades... e ele precisava erguer algum tipo de barreira entre eles, antes que acabasse lhe contando a história inteira de sua vida.

Jax deliberadamente mergulhara no trabalho, evitando contato. Fazendo muitas reuniões, planejando novas propostas e traçando uma nova missão da empresa para quando eles fossem globais.

Definitivamente *quando*. Ele não consideraria *se*.

Apesar do fato de as pessoas influentes na cidade ainda estarem protelando as reuniões, Jax finalmente se acalmara, percebendo que sua aceitação não aconteceria da noite para o dia.

Seu pai roubara aquelas pessoas, arruinando suas reputações e famílias. Ele não podia culpá-las por serem cautelosas. Ele faria o mesmo em seus lugares.

Não ligava o mínimo para o que todos pensassem ao seu respeito, pessoalmente, mas o fato de que eles continuavam evitando suas estratégias de negócios lucrativas irritava-o.

Então Jax fez o que fazia melhor. Aumentou a pressão. Continuou tentando marcar reuniões. Recusando-se a desistir.

Estivera muito ocupado tentando atravessar a gigante porta corporativa em Melbourne, e por isso não tivera tempo de acompanhar a ideia de leilão de Ruby.

Uma desculpa que ele daria.

Então, qual era sua desculpa agora, relutantemente usando a chave que Ruby lhe dera para entrar no showroom?

Se ele fosse completamente honesto, admitiria que estava sentindo a falta dela. Sentindo falta da exuberância, do jeito direto, do otimismo de Ruby.

Mesmo quando ele estivera prestes a desistir de tudo na recepção do casamento, ela surgira com alguma coisa criativa, e ele se permitira ser

distraído.

Sua esposa o intrigava em tantos níveis que Jax não ousaria arriscar-se ali.

Estivera enganando a si mesmo ao pensar que poderia permanecer imune a ela. Deveria ter reconhecido o problema no qual estava se envolvendo no momento em que Ruby o abordara na primeira noite, toda audaciosa e desafiadora.

Ele admirava tanta coisa nela. Sua dedicação ao trabalho, à empresa, à família. Sua habilidade de tirar o melhor de cada situação, de ver o melhor nas pessoas.

Inclusive em alguém emocionalmente reprimido como ele.

Jax seguiu o som de metal batendo que vinha do workshop de Ruby, escondendo-se atrás da cortina, contente em vê-la trabalhar. O cabelo loiro estava preso num rabo de cavalo, os cachos emoldurando o rosto, a língua entre os lábios, enquanto ela torcia metal com um alicate próprio.

Na terceira tentativa, ela largou a ferramenta e praguejou.

Hmm... talvez não seja o melhor momento para uma visita surpresa.

– Ei.

Ruby levantou a cabeça e franziu o cenho ao avistá-lo.

Definitivamente não às boas-vindas que ele antecipara.

– Você me pegou numa hora ruim. – Ela gesticulou para a bancada de trabalho, antes de estreitar os olhos para ele. – E o que aconteceu com a regra sobre esperar ser convidado para usar a chave?

Jesus, e ele pensara que estivera mal-humorado pelos últimos dias.

– Quer que eu vá embora?

Jax esperava que ela assentisse. Não esperava ver o súbito brilho de lágrimas nos olhos verdes.

– O que aconteceu? – Ele atravessou o pequeno espaço e puxou-a para seus braços.

Ruby aconchegou-se contra ele, os soluços baixinhos fazendo-o querer socar quem ou o que a fizera chorar.

Quando ela se aquietou, ele afastou-a um pouco, incerto sobre como lidar com aquilo.

– O leilão não vai acontecer – sussurrou ela, o lábio inferior tremendo. Aparentemente, o pessoal de Relações Públicas não vai arriscar promover uma coisa tão valiosa sem um investimento razoável para apoiar o evento. – Ela meneou a cabeça. – Dinheiro que eu não tenho.

Ruby empurrou-o e ele soltou-a. Jax entendia a frustração dela. A excitação de desenvolver uma ideia apenas para vê-la ir por água abaixo, porque as pessoas certas não colaboravam.

Ela abriu os braços.

– Olhe este lugar. Parece suficiente, certo? *Seaborn*. E tudo que a companhia representa. Aparentemente não.

– Há algo que eu possa fazer?

Simplesmente assim, toda a luta foi drenada de Ruby, e ela sentou-se no banco na frente da bancada.

– Não. Eu estou apenas desabafando. Isso me deixa tão furiosa. Pessoas têm essa noção preconcebida de que eu sou a Seaborn irresponsável e inadequada.

Uma expressão triste cobriu-lhe o semblante, e ele estendeu o braço, mas ela o manteve a distância.

– Eles não me levam a sério. Eu quero salvar este lugar, mas como posso, quando eles não me dão uma chance, e nada que eu faço parece funcionar...

– Ei, nosso casamento está funcionando. – Jax acariciou-lhe as costas. – Pode ser um casamento não convencional, mas estamos fazendo o melhor que podemos.

– Suponho que sim – murmurou ela, num tom cético menos do que convencido.

Infelizmente, parecia que ambos levariam um tempo para conseguirem o que queriam.

A menos que... O olhar de Jax foi para as joias que ela fizera, descansando em caixas de veludo preto, numa prateleira de aço ao lado da bancada de trabalho.

Ruby possuía o talento.

Ele possuía o dinheiro.

Por que ela não poderia vender suas peças, se tivesse o apoio certo?

– Eu tenho uma ideia.

– Sim? – Ela não pareceu impressionada.

– Que tal se Maroney Mine der a garantia para seu leilão? Dessa forma, você pode vender suas peças e provar a todos que tem o que precisa para tornar sua empresa um sucesso.

Os olhos verdes se arregalaram, e a garganta de Jax apertou diante da expressão de gratidão que ele viu neles.

– Por que você faria isso?

Porque ele se importava, mas não complicaria a situação com emoção.

– Ganho mútuo. Maroney Mine obtém boa publicidade, você consegue seu leilão.

Ruby ponderou por um momento, antes de dar um sorriso tão amplo que o fez sentir como se tivesse salvado a humanidade.

– É uma ideia incrível. – Ela entrelaçou as mãos em volta de seu pescoço, saltando em seus braços e envolvendo as pernas ao redor de sua cintura. – Obrigada, obrigada, obrigada.

Ela pontuou seu agradecimento com beijos, e Jax desejou que pudesse ser altruísta assim todos os dias.

Quando ela finalmente parou de beijá-lo, olhou-o.

– Não acredito que você fará isso por mim.

O coração de Jax disparou, e ele cobriu sua incerteza com arrogância.

– Eu me casei com você, certo? Um investimento muito maior do que abrir mão de alguns dólares.

Ela deu-lhe um tapinha no nariz.

– Sua aspereza não me engana.

Ruby deslizou as pernas para o chão, ainda em delicioso contato com ele, enquanto lhe batia no peito.

– Aqui dentro? Feito de ouro.

Ele não gostava de ser visto como terno e sentimental. Então, fez a única coisa possível para distraí-la.

Beijou-a.

Um beijo que logo saiu do controle.

Ele esperara que ficar longe de Ruby diminuísse seu desejo. Apenas servira para aumentá-lo.

Cegado por luxúria, ele impulsionou-a contra a bancada, uma mão lhe segurando a cabeça, enquanto a beijava, a outra aberta sobre as pequenas costas, puxando-a para mais perto.

– Deus, eu quero você – sussurrou Jax, devorando-lhe a boca, até que ela agarrou-se a ele, com os gemidos excitando-o tanto quanto as mãos desesperadas deslizando por todo seu corpo.

– E eu quero você – confessou ela, removendo-lhe o paletó e jogando-o longe. – Quer fazer isso lá em cima? – Ela mordiscou a pele sensível abaixo da linha de seu maxilar, e ele gemeu.

– Eu não vou esperar tanto tempo.

Jax deslizou as mãos por baixo do vestido que ela usava e rasgou-lhe a calcinha para provar isso.

Ela arfou por um segundo, antes que um sorriso sensual curvasse os cantos da boca carnuda.

– Nem eu.

Com desespero, eles tiraram as roupas um do outro, não se importando com algodão rasgando, botões voando ou qualquer coisa, exceto em ficarem nus.

– O que há sobre você que me deixa tão louca? – indagou ela, segurando-lhe o queixo, a outra mão acariciando sua cintura, sua barriga, descendo... e ele deteve-a antes que perdesse o controle completamente.

– Meu charme irresistível. – Jax lambeu-lhe a pele do colo. – Minha perspicácia. – Seus lábios desceram para a barriga reta, a língua circulando o pequeno umbigo, antes que as mãos de Ruby se entrelaçassem em seu cabelo para puxá-lo gentilmente.

– Desta vez, estamos juntos o caminho inteiro.

Por mais que ele ansiasse por lhe dar prazer do jeito que sabia que ela adorava, não pôde resistir à súplica sedutora.

Levantou-se, hipnotizado pelos lábios inchados dela, pelos olhos verdes repletos de paixão.

Esta mulher magnífica o queria de um jeito que o fazia se sentir vitorioso como fechar o melhor negócio do mundo não fazia.

– Juntos, parece bom. – Jax tocou-lhe o lábio inferior com a ponta do dedo, traçando o contorno suave. – Mas ainda faremos isso do meu jeito.

A língua de Ruby saiu da boca, a fim de lambeu seu dedo, começando na ponta e indo até a junta, a qual ela banhou com leite.

Jax praguejou, e o sorriso de Ruby excitou-o ainda mais.

Ele precisava penetrá-la.

Agora.

Ele pegou um rolo de veludo preto de uma prateleira e abriu-o no chão. Ela arqueou uma sobrancelha e ele murmurou:

– Venha comigo – enquanto a abaixava sobre o veludo.

Quando Ruby estava deitada ali, a pele brilhando com uma fina camada de transpiração, era mais linda do que qualquer pedra preciosa colocada contra aquele pano de fundo.

No instante em que ele ajoelhou-se ao seu lado, o brilho de ouro capturou seu olhar sobre o ombro esquerdo dela, e Jax sorriu quando uma ideia lhe ocorreu.

– Que sorriso travesso é este?

Ele beijou-lhe o lóbulo.

– Você verá.

Jax pegou um saquinho de veludo do estoque claramente rotulado e abriu-o demoradamente.

Ela observou quando ele virou as amostras de ametistas, rubis, safiras e esmeraldas na palma, pesando-as cuidadosamente, antes de espalhá-las sobre sua barriga, o caleidoscópio capturando a luz e refratando em arco-íris contra sua pele.

– Você sabe quanto estas pedras valem?

– Não tanto quanto à tela inestimável onde elas estão colocadas – respondeu ele, roçando-lhe os lábios repetidamente, até que ela suspirou com desejo.

Ele brincou com as joias, posicionando-as em volta do umbigo delicado, saboreando o tremor de Ruby cada vez que uma escorregava dentro do

buraquinho e ele a tirava com o dedo.

Alinhou as safiras enquanto lambia um seio.

Fez padrões com as esmeraldas e ametistas enquanto provocava o outro.

Fez um coração de rubis, enquanto sussurrava no ouvido de Ruby o que ia fazer com ela durante a noite inteira.

– Há alguma coisa infinitamente excitante em usar pedras preciosas como preliminares – murmurou ela, ofegante, quando ele roçou-lhe a linha do biquíni com o dorso da mão.

– Espere até ver o que tenho em mente para a barra de ouro.

Ela riu e rolou para o lado, cuidadosamente reunindo as pedras e depositando-as de volta num saquinho.

– Você é incrível – sussurrou ela, com a admiração guerreando com ardor nos olhos verdes, um afrodisíaco poderoso para um homem que, certamente, não precisava de um.

– E você é deslumbrante – afirmou ele, difundindo o momento carregado de emoção ao se concentrar deliberadamente no físico. Já era ruim o bastante estar perdendo sua cabeça por ela; ele não permitiria que seu coração seguisse.

– Você se divertiu com as joias, agora é minha vez. – Ruby levou as preliminares para um nível novo, abaixando a cabeça para a ereção viril.

O erotismo de ver o cabelo loiro caído sobre suas coxas, o brilho de pedras preciosas inestimáveis nos fundos, emoldurando o lindo corpo feminino, enquanto a cabeça dela subia e descia, quase fez Jax perder o controle.

Mas ele tinha outras ideias de onde este interlúdio acabaria, e essas o envolviam dentro de Ruby, agora.

Ele mexeu nos bolsos da calça, achou um preservativo e afastou-se.

Ela observou-o se proteger, antes que ele a segurasse pelos quadris e a guiasse para si, de maneira muito, muito lenta.

Com o veludo acolchoando suas costas, as mãos na cintura fina, Jax assistiu Ruby erguendo o corpo e deslizando sobre ele. De novo e mais uma vez.

Erótico. Excitante.

Ele investiu com mais vigor, e a cabeça dela tombou para trás, expondo a longa coluna do pescoço, os seios se projetando para a frente.

Jax segurou-lhe o quadril com uma mão, a outra indo para os seios magníficos, girando os bicos, enquanto ela aumentava o ritmo dos movimentos.

O som de suas respirações ofegantes misturava-se com os gemidos cada vez mais altos, conforme a pressão se construía, e tudo que ele podia pensar era sobre ela, ele, molhados, em chamas.

Observando-a, abandonada e devassa, sentindo-a abraçar seu sexo, ele finalmente deu vazão ao prazer.

Jax gritou o nome dela, ao mesmo tempo em que Ruby o comprimia repetidamente, o rosto contorcido em êxtase, antes de fitá-lo e sorrir.

O sorriso pecador de uma mulher saciada.

A mercadoria naquela sala podia valer milhões, mas o que eles haviam acabado de fazer?

Inestimável.

CAPÍTULO 13

RUBY CRUZOU os dedos atrás das costas, quando o último colar começou a ser leiloado.

Não que ela precisasse de sorte. Cada peça da Seaborn tinha sido vendida esta noite, os lances altos superando suas melhores expectativas.

– Você foi bem, garota. – Otto apertou-lhe o braço, e ela pôs um dedo sobre os lábios, silenciando-o.

Ele riu.

– Estamos atrás dos bastidores. Ninguém pode nos ouvir.

– Eu quero ouvir por quanto este será vendido – murmurou ela, erguendo-se na ponta dos pés para ver o leiloeiro começar os lances. – A gargantilha de diamante amarelo é minha favorita, e a mais cara. Talvez, ninguém dê lances?

Quando diversas mãos levantaram no ar para a oferta de abertura, Otto cutucou-a.

– Você acha?

Os lances rapidamente escalaram, e Ruby prendeu a respiração no momento em que o martelo do leiloeiro bateu pela última vez.

– Sim! – Ela balançou um punho fechado no ar, tolerando um abraço impulsivo de Otto, desejando que fosse de seu marido, que estava supervisionando o foyer.

A prefeitura de Melbourne havia sido oferecida a eles assim que Maroney Mine dera seu apoio financeiro de peso ao leilão.

O lugar fora perfeito para o maior leilão de joias que Melbourne já vira.
E ela devia tudo isso a Jax.

Otto puxou-lhe o braço.

– Venha, hora de socializar-se.

Ela o seguiu para um anexo lateral abaixo, onde garçons já estavam passando entre a multidão, oferecendo champanhe e canapés.

Outra ideia genial de seu marido, para dar aos licitantes uma desculpa para ficarem e discutirem seu trabalho incrível, talvez encomendarem peças similares àquelas que haviam perdido.

Ruby reprimiu um sorriso quando Otto entrou no salão, bateu palmas para chamar atenção, e procedeu em apresentá-la com meia reverência.

Aplausos se seguiram. Então, pessoas rodearam-na, comentando sobre suas peças, seus preços, elogiando-a.

Ela assentiu, sorriu e deu beijos no ar, o tempo inteiro procurando Jax.

Esta recepção era tão diferente do lançamento de primavera da Seaborn que Ruby mal podia acreditar. Pessoas estavam tão desesperadas por vencer outras que compravam qualquer coisa?

Não que ela estivesse reclamando, pois o dinheiro levantado esta noite ajudaria a tirar a Seaborn de apuros. Na verdade, com Jax também parando de reduzir os preços das pedras, a situação da Seaborn parecia melhor a cada minuto.

Ela conseguira.

Provar a todos, inclusive a si mesma, que não era uma cabeça de vento que não servia para nada, além de criar designs.

Então, por que o estranho vazio?

Ela sabia.

Agora que ela conseguira o que queria, Jax iria embora?

O pensamento fez seu estômago se contorcer e suas palmas suarem.

Todavia, não era o pensamento de ele partindo que lhe causava tanta angústia. Era mais do que isso. Muito mais.

Ela não se sentiria assim, a menos que a partida dele estivesse diretamente ligada ao seu afeto crescente por seu marido.

Afeto? Era assim que chamavam amor, hoje em dia?

Porque era exatamente isso que acontecera durante a última semana.

Ruby apaixonara-se por seu marido.

Através das reuniões de planejamento estratégico... de finanças, relações públicas, bufê... Jax estivera ao seu lado, apoiando-a, encorajando-a.

Jax alegava estar fazendo aquilo para boa publicidade, mas, às vezes, ela o pegava olhando-a com tanto carinho que imaginava se ele se sentia da mesma maneira a seu respeito.

Otto bateu no seu ombro.

– Há alguém que quer cumprimentá-la, pessoalmente.

– Quem?

– Seu marido. Ele está lidando com um problema do bufê, mas comentou que quer vê-la.

Ruby não precisava ouvir aquilo duas vezes.

APÓS LIDAR com uma falta de sushi, Jax foi à procura de Ruby.

Entretanto, assim que pôs os pés no anexo, Harrod Meyer, diretor-geral de Global Mining Corp, abordou-o.

O homem com quem Jax vinha tentando marcar uma reunião havia meses. O homem que protelara seu convite toda vez.

– Bom trabalho – mencionou Harrod, e Jax forçou-se a assentir em agradecimento.

Harrod e os amigos o tinham rejeitado inúmeras vezes, ignorando-o no lançamento na Seaborn e na corrida de cavalos, e mal lhe dera os parabéns em sua recepção de casamento.

Então, o fato de o grande homem abordá-lo agora? Prova de que ele devia estar fazendo alguma coisa certa.

– Obrigado, mas, na verdade, o mérito é de Ruby.

Harrod sorriu, a admiração por Ruby evidente no calor iluminando seus olhos, o que diminuiu o ressentimento de Jax. Não se importava com o que este sujeito pensava a seu respeito, mas o fato de ele ter sentimento genuíno por Ruby importava.

– Claro que é. Embora, pelo que ouvi dizer, você teve uma grande participação, ajudando-a?

– Eu fiz o que qualquer marido faria... apoiei-a.

Harrod assentiu, com a expressão pensativa.

– Devo dizer que você surpreendeu muitos de nós.

Por quê? Porque ele não era como seu pai? Porque era bem-sucedido e poderoso pelo seu próprio esforço? Porque a culpa por associação que eles haviam colocado nele fora removida pela virtude de seu casamento com uma pessoa do círculo deles?

A Maroney Mine precisava do que Harrod tinha a oferecer, mas Jax não podia respeitá-lo. Não queria perguntar, não estava interessado em nada que o sujeito tivesse a dizer, a menos que envolvesse uma reunião com a Maroney Mine, mas alienar Harrod não ajudaria ninguém, muito menos sua esposa.

– Como?

Harrod hesitou, puxando suas abotoaduras, antes de endireitar os ombros, como se tivesse tomado uma decisão.

– Muitos de nós aqui vimos Ruby crescer. Nossos filhos frequentaram a mesma escola. Nós cuidamos uns dos outros.

Jax sabia disso. A panela da alta sociedade era um grupo fechado que não deixava ninguém entrar, muito menos o filho de um criminoso.

– Considerando como seu pai prejudicou muitos de nossos amigos, tínhamos dúvidas sobre você. Sérias dúvidas. Porém, o jeito que você vem tratando nossa Ruby... bem, vamos apenas dizer que estamos dispostos a reavaliar nossas opiniões.

Bravo. Jax cerrou os dentes, detestando ter de aceitar aquele comportamento arrogante de um imbecil pomposo, por causa de seus negócios.

– Na verdade, por que nós não marcamos uma reunião para que você apresente seus planos à corporação de mineração? Vamos dizer, segunda-feira?

Jax mentalmente sacudiu o punho fechado no ar. Já não era sem tempo. Uma chance legítima de impressionar a corporação com suas estratégias incríveis para levar sua companhia ao topo.

A Maroney Mine iria se tornar global.

– Parece bom. Quem eu contato para coordenar?

Jax queria detalhes aqui e agora, não querendo dar chance de Harrod voltar atrás. Não confiava num homem que mudava de ideia abruptamente... embora, na verdade, não houvera nada abrupto sobre a aceitação gradual dele... não no mundo dos negócios.

Harrod tirou um cartão do bolso.

– Aqui. Ligue para minha secretária e ela marcará uma reunião.

– Farei isso, obrigado. – Jax estendeu a mão e, desta vez, diferentemente do dia de sua festa de casamento, Harrod apertou-a sem hesitação.

Quando o homem se afastou, Jax olhou para o cartão, girando-o entre os dedos.

Ele fizera aquilo. Encontrara uma entrada.

A ironia? A única razão pela qual se casara com Ruby era esta: usar a posição social atada ao nome Seaborn e ganhar entrada profissional no refúgio sagrado.

No entanto, a motivação para ajudá-la com o leilão tinha sido muito além de negócios.

Fizera aquilo porque gostava de Ruby, porque detestava vê-la insegura.

Admirava muito o jeito que ela lidava com uma situação difícil, e queria que ela fosse bem-sucedida.

Ele sabia como era quando todos ao seu redor duvidavam de você, e era isso exatamente o que acontecera com Ruby.

Ninguém lhe dera crédito, a não ser pelas joias que ela criava. Agora, dariam, e ele sentia-se satisfeito por ter sido parte disso.

Ganhar entrada no círculo fechado de Harrod? Um bônus.

Ele digitou os números em seu smartphone, antes de guardar o cartão na carteira. Não permitiria que Harrod voltasse atrás nisso.

Enquanto guardava a carteira no bolso de seu paletó, avistou Ruby andando na sua direção, e alguma coisa se moveu em seu peito, provando que ele sentia mais do que apenas gostar dela.

Encontrou-a no meio do caminho, segurando-a quando ela se atirou nos seus braços.

Jax girou-a e girou-a no ar, apenas registrando os aplausos à sua volta quando a liberou.

– Vão, vocês dois, eu lidarei com este lote. – Otto pôs uma mão nas costas de cada um e empurrou-os.

Jax assentiu, e Ruby deu um sorriso agradecido a Otto, enquanto acenava para a multidão com uma mão, e entrelaçava a outra na dele.

Eles chegaram do lado de fora, antes que ele a beijasse, tentando transmitir um décimo do que estava sentindo por esta mulher extraordinária.

Quando a avidez um pelo outro diminuiu, Ruby sorriu contra sua boca.

– Nós fomos bem.

Jax afastou-se para olhá-la, segurando-a no círculo dos seus braços.

– Você é o gênio talentoso de quem eles queriam um pedaço.

O sorriso radiante dela o fez querer beijá-la outra vez, e nunca mais parar.

– E você foi quem fez tudo isso acontecer.

– Nós formamos um bom time.

No instante em que as palavras saíram de sua boca, Jax imaginou se ela leria mais nelas, perguntou-se como se sentia sobre isso.

Ainda eufórico com a aceitação de Harrod e a chance de realizar seus sonhos para Maroney Mine, ele não queria fazer promessas num impulso, especialmente se não pudesse cumpri-las.

Precisava analisar seus sentimentos primeiro, *reconhecê-los*, então processá-los, antes de contar para Ruby.

– Com certeza, formamos.

Ela segurou-lhe o queixo, olhando-o com ternura, e, naquele momento, Jax soube que aquele casamento evoluíra para mais do que apenas uma transação de negócios.

– Harrod me convidou a agendar uma reunião na segunda-feira – contou ele, precisando estabelecer alguma distância emocional, antes que falasse as coisas que estavam passando por sua cabeça.

Um pouco do calor esfriou quando ela abaixou a mão.

– Isso é ótimo. Parabéns.

– Sim, parece que nós dois tivemos uma noite vencedora.

– Viva nós.

Ruby fez uma dancinha alegre. Então, por que ele tinha a impressão de que ela não estava tão feliz?

– Bem-vindo ao clube. – Ela bateu-lhe no braço, o gesto alegre de novo parecendo falso.

– Que clube?

– O clube dos “rapazes antiquados”. Eles são assim. Raramente deixam alguém entrar.

– Muito menos o filho de Denver Maroney.

Ela deu de ombros.

– Os homens de negócios nesse círculo sabem que você não é nada como seu pai. Do contrário, eles o teriam vetado de forma muito mais explícita. E jamais teriam aprovado sua entrada na corporação da mineração.

Jax alisou-lhe o rosto.

– Quando você ficou tão sábia?

Ruby torceu o nariz.

– Faço parte dessa elite há muito tempo. O clube de escola particular, onde eles batem uns nas costas dos outros e trocam favores. É simplesmente o jeito que as coisas são feitas.

Ela gesticulou em direção à multidão.

– Eles desconfiam de pessoas que se incluem numa atividade num estágio avançado, portanto, embora sua descendência não ajudasse, eles o teriam mantido a distância por um tempo, de qualquer maneira.

Observação interessante, e Jax imaginou se estivera tão envolvido em seus próprios preconceitos que não dera àquelas pessoas o benefício da dúvida.

– De qualquer forma, você está finalmente dentro. – Ruby ergueu-se na ponta dos pés e beijou-lhe o rosto, um gesto estranho, desprovido da paixão usual deles. – Assista sua empresa subir ao topo.

– Graças a você – replicou ele, angulando a cabeça para lhe capturar os lábios.

– Desculpe interromper, mas os nativos estão exigindo algum tempo particular com Ruby.

Jax olhou com raiva para Otto, amaldiçoando o momento errado do sujeito.

Ruby hesitou, com a expressão fechada perturbando-o tanto quanto o beijo no rosto, e ele sussurrou:

– Vá. Nós podemos conversar mais tarde.

Muito mais tarde, uma vez que ele aceitasse o fato de que, talvez, estivesse apaixonado por sua esposa.

CAPÍTULO 14

UMA SEMANA depois, Jax não estava mais perto de entender seus sentimentos confusos por Ruby.

Não que ele tivesse tido muito tempo para pensar, considerando que estivera preso em reuniões pela maior parte do tempo.

Conseguira tantas coisas nos últimos sete dias, ganhando entrada autorizada na corporação global de mineração, colocando planos em ação para expandir a Maroney Mine em nível mundial, fechando mais negócios do que imaginara possível.

Ela fizera isso acontecer.

Graças à reputação impecável da família de Ruby, eles não questionaram a sua.

Muito educada para levantar o assunto da apelação iminente de seu pai, a corporação focou-se nos negócios em mãos, feliz em aderir a Maroney Mine e suas últimas propostas para aumentar as margens de lucro.

Bom senso nos negócios; algo que Jax não vira antes de seu casamento.

Quantas vezes ele abordara companhias em seu setor corporativo, apenas para ter portas fechadas no seu rosto? Muitas para contar, motivo pelo qual ele entrara neste casamento ridículo, em primeiro lugar.

Um casamento que agora, graças à sua esposa incrível, estava fazendo Jax reavaliar suas prioridades.

Com seus negócios se expandindo ao redor do mundo, e seus escritórios corporativos em Melbourne, não seria irracional realocar. Seu vice-diretor

na Austrália Ocidental poderia ser promovido a diretor-geral, deixando Jax livre para expandir sua base em Melbourne.

E permitindo-lhe permanecer casado com Ruby.

Esse era o motivo de sua nova inquietação, e ele sabia disso.

Hora de começar a se preocupar com outras coisas, além de negócios. Ele não tivera a chance de indagar a maneira que ela se afastara depois do leilão, considerando que eles mal tinham se visto.

Mas, agora, sua semana frenética acabara, e Jax pretendia reavaliar o estado de seu casamento. Um casamento que ele pretendia tornar real.

Dando o primeiro passo num plano para conquistar sua esposa.

DESTA VEZ, Ruby estava mais do que feliz em dirigir para Daylesford sozinha.

A última coisa que precisava era estar confinada num carro com Jax. Não que ele teria ido, se lhe pedisse.

Ele estivera ausente nos últimos sete dias. Já esperava isso, no instante em que vira o triunfo nos olhos escuros, depois do leilão, quando Jax lhe contara sobre a reunião com Harrod e a corporação da mineração.

Ruby ficara feliz por ele, mas uma pequena parte murchara e morrera naquele momento, porque ela soubera o que aquilo significava.

O começo do fim do casamento deles.

Enviara-lhe uma mensagem de texto, avisando sobre seus planos para o fim de semana, por decência, não esperando que Jax se importasse. Se ele não conseguira arranjar mais do que meros momentos em sua agenda movimentada, por que se incomodaria onde ela passaria alguns dias, depois de visitar sua irmã?

O fato que ele não respondera falava volumes. Jax tinha coisas melhores para fazer com seu tempo, como contatar os aristocratas de Melbourne, fechar mais negócios, ganhar mais milhões.

Bom para ele.

O fato de que Seaborn continuava caminhando em direção ao sucesso deveria ser prova de que ela fizera a coisa certa ao propor aquele casamento conveniente.

Mas isso não era o bastante. Não mais.

Ela se apaixonara por seu marido, abrindo-se para um coração partido em potencial.

Não imaginara que isso pudesse acontecer.

Jax Maroney *não* era seu tipo.

Talvez, se continuasse dizendo isso a si mesma por tempo o bastante, passasse a acreditar.

Tenang parecia o mesmo oásis pacífico de sempre, quando ela pegou o caminho de acesso. O que o lugar oferecia poderia lhe fazer bem no momento.

Quanto tempo fazia que tinha ido lá com Jax? Seis semanas? Tempo suficiente para garantir que ela fizesse o impensável.

Apaixonasse-se por seu marido.

Suspirando, Ruby estacionou, pegou o crachá de visitante e andou para o rio. Saph estaria lá, com certeza.

Ela avistou sua irmã, deitada sobre as costas no banco de madeira, um chapéu de palha sombreando-lhe o rosto.

Fazendo absolutamente nada, além de relaxando no glorioso sol da primavera.

Seu coração alegrou-se. Ela nunca vira sua irmã viciada em trabalho ficar sentada imóvel por dois segundos, muito menos deitada no sol.

Este lugar tinha operado maravilhas, e Ruby não via a hora de Saph juntar-se a ela na Seaborn.

Certo, então seu desejo para um retorno rápido não era inteiramente altruísta: quanto antes Saph retornasse às tarefas como porta-voz, mais depressa Ruby poderia fazer o que fazia melhor: criar.

Ela precisava dar os toques finais naquele anel de noivado, até terça-feira. Segundo Opal, o comprador pagara à vista e adiantado. Impressionante. E útil, considerando a dívida delas no banco.

Outra surpresa: Sapphie não perguntara sobre as finanças uma única vez. Claro, ela perguntava sobre a Seaborn quando telefonava, mas nunca nada específico.

Elas conversavam sobre coisas gerais, Sapphie parecendo mais relaxada do que Ruby poderia ter esperado.

Sim, ela não via a hora que sua irmã voltasse para a Seaborn. Tinha a impressão de que precisaria de Saph depois que Jax Maroney saísse de sua vida.

– Você está me encarando? – Sapphie levantou a aba do chapéu e estreitou os olhos para ela.

– Sim. Pensando em tirar uma foto desta cena, para lembrá-la o que você precisa fazer mais, uma vez que voltar a Melbourne.

Sapphie removeu o chapéu do rosto e sentou-se.

– Você ficará contente em saber que eu não vou precisar de muito lembrete. – Ela ergueu três dedos. – Vou me matricular em aulas de yoga, pilates e tai chi.

– Uau. – Ruby sentou-se, segurou-lhe os ombros e sacudiu-a, gentilmente.

– Quem é você, e o que fez com minha irmã?

Sapphie deu de ombros, com o sorriso radiante.

– É a nova Sapphie. Você gosta?

– Sim, eu gosto.

Ruby liberou-a, puxando a ponta de seu rabo de cavalo.

– Eu nunca mais quero ver você esgotada novamente, ouviu?

– Alta e claramente.

Sapphie recostou-se e inclinou o rosto para o sol.

– Eu não estava esperando você este fim de semana.

– Uma garota não pode fazer uma visita surpresa para sua irmã favorita?

– Eu sou sua única irmã.

Ruby sorriu, um sorriso que desapareceu quando sua irmã estudou-a por um longo momento.

– O que houve?

– Nada...

– Rube, é comigo que você está falando. O que Jax Maroney fez agora?

– Nada.

– São dois *nadas* seguidos. Você responderia o mesmo se eu perguntasse se foi tola o bastante para se apaixonar por ele?

Ruby comprimiu os lábios.

– Eu sabia. – Sapphie apontou um dedo na sua direção. – Você se apaixonou pelo imbecil.

– Ele não é assim.

– E aí está minha prova. Você não defenderia o homem, dois meses atrás.

– Eu não o conhecia dois meses atrás.

Sapphie bufou.

– O sujeito estava destruindo nossa empresa.

– Eu propus o casamento como uma negociação, Saph. Jax concordou e tem me ajudado a tirar Seaborn do vermelho.

Sapphie balançou a cabeça.

– Você mesma admitiu que seu casamento é uma farsa.

Percebendo seu erro tarde demais, Ruby replicou:

– É claro que fiz isso por Seaborn. O que você pensou? Que eu seriamente me apaixonaria por um homem como ele?

Sapphie não respondeu, e quando Ruby levantou a cabeça, encontrou pena nos olhos de sua irmã.

– Você se apaixonou por ele?

Cansada de mentir para Jax, para sua irmã, para si mesma, ela assentiu.

– Quão estúpido é isso?

Sapphie pegou sua mão e apertou-a.

– Presumo que vocês estão dormindo juntos, então é normal que você se apaixone um pouquinho por ele.

Quando Ruby ficou calada, sua irmã interrogou:

– Não é só um pouquinho, certo? Você não...

Incapaz de continuar escondendo a verdade de sua irmã, ela encontrou os olhos de Sapphie de cabeça erguida.

Sapphie largou-lhe a mão e levantou-se.

– Não acredito! Não me diga...

– Ficar muito agitada não é bom para você...

– Não tente me proteger. – Sapphie começou a andar de um lado para o outro, com os pés descalços marcando a grama. – Isso é um desastre.

– Não é tão ruim assim.

Sapphie parou diante de Ruby.

– Não? Diga-me, o que você vai fazer quando ele voltar para a Austrália Ocidental? Porque ele irá, e você será deixada com um coração partido.

Lágrimas encheram seus olhos, e ela enxugou-os com o dorso da mão.

– Eu não escolhi amá-lo.

– Você o *ama*? – Sapphie voltou a sentar no banco. – *Jesus*.

Ela o *amava*?

Seu celular escolheu aquele momento para avisar uma mensagem, e Ruby o tirou do bolso, antes de perceber como parecia desesperada.

Sapphie arqueou uma sobrancelha e Ruby virou-se, rapidamente lendo a mensagem, *dele*.

VEJO VOCÊ EM BREVE.

Curta. Doce. Oculta.

– Eu não acredito que você está apaixonada por ele.

Sapphie falava aquilo como se ela tivesse uma doença terminal.

Ruby encarou sua irmã em desafio.

– E daí?

Sapphie meneou a cabeça.

– Você propôs esse casamento, esse acordo. Suponho que emoções não faziam parte do plano?

Irritada pela racionalidade calma... assim como pela piedade... de sua irmã, Ruby cruzou os braços.

– Eu sou uma idiota.

– Você é sensível e sempre vê o melhor nas pessoas. – Sua irmã passou um braço em volta de seus ombros. – Sempre foi. Mas tem certeza de que Jax Maroney é digno do seu amor?

Ruby lembrou-se das pequenas coisas que ele lhe fizera quando pensava que ela não estava ciente: aumentando o aquecimento central nas poucas ocasiões que ele passara a noite, de madrugada, quando ela trabalhava, tendo seu café pronto pela manhã, dando-lhe apoio financeiro e emocional durante o leilão, deixando-a livre para criar.

– Ele é um homem muito bom por baixo da faceta de *bad boy* que apresenta ao mundo.

Sapphie fez uma careta.

– Um *bad boy*. Eu deveria ter adivinhado.

– O que isso significa?

– Como se minha irmã linda e brilhante algum dia fosse optar pelo normal. – Ela suspirou. – Você vai contar a ele?

– Oh, não! – A última coisa que Ruby precisava era que Jax sumisse antes que a Seaborn estivesse no azul.

Sapphie apertou-lhe os ombros.

– Aceite um conselho de quem sabe. Você não pode reprimir esse tipo de coisa. Acabará aqui, pintando eucaliptos e comendo germen de trigo.

– Eca! – Ruby torceu o nariz. – Você passou de Martinis para substâncias viscosas verdes.

– Sim, mas olhe para mim, eu sou uma nova mulher.

Ruby estudou Sapphie. Graças a este lugar e à determinação de sua irmã de se recuperar, sua Saph estava de volta. Curada. Melhor do que nova.

– Eu senti a sua falta, irmã.

Lágrimas marejaram os olhos de Sapphie.

– E eu a sua, Rubes.

Enquanto elas se abraçavam, Ruby sentiu que era a garota mais sortuda do mundo.

Até que se lembrou da mensagem de texto, de seus sentimentos recém-descobertos e do fato de que, logo, teria de ver seu marido saindo de sua vida.

CAPÍTULO 15

JAX ANDAVA de um lado para o outro.

No pequeno jardim japonês do chalé que parecia uma caixa. Ele estava acostumado a lugares abertos da Austrália Ocidental, não com bonsais em miniatura, cascalhos brancos e lanternas quebráveis nas quais ele poderia tropeçar a qualquer segundo.

Somente Ruby para escolher um lugar como este para o fim de semana. Não exatamente justo, uma vez que ela não esperara que ele fosse para lá, então por que ela não escolheria esta casa de boneca?

Do que ele vira até agora, a única coisa que gostava era do chuveiro do lado de fora. Muitas possibilidades naquele oásis sombreado.

Seu sexo enrijeceu, e ele reprimiu o pensamento. Não tinha ido lá para violar sua esposa, apesar de seu corpo almejar exatamente isso.

Tinha ido lá para acertar as coisas. O anel em seu bolso provava isso.

Do ponto alto do chalé numa montanha isolada, ele ouviu o barulho de um motor, primeiro, então viu o carro dela entrar no caminho de acesso.

Jax desejou que pudesse esconder seu carro, fazer sua surpresa completa, quando, na realidade, não podia esperar outro segundo para envolvê-la nos braços.

Ele saberia o momento em que ela avistasse seu carro. Ruby aceleraria em antecipação ou diminuiria a velocidade, desejando que ele não tivesse atrapalhado seu fim de semana.

Ele esperou, o nervosismo o envolvendo.

Quando ela acelerou, Jax cerrou o punho e murmurou:

– Sim.

Segundos depois, ela parou, desceu do carro e correu na direção dele, a alegria evidente no sorriso largo e nos olhos brilhando.

Não quis saber o que ele estava fazendo lá.

Não questionou sua aparência desalinhada.

Não fez nada, exceto se jogar em seus braços com uma velocidade que o impulsionou para trás, contra uma parede de pedra.

Jax não se importou.

Enterrando o nariz no cabelo dela e inalando o delicioso cheiro de frutas, ele não podia se importar com mais nada.

Tinha Ruby em seus braços, mais uma vez.

Não pretendia soltá-la.

– QUANDO LI a mensagem “vejo você em breve”, eu pensei que você estivesse se referindo a Armidale.

Ruby alisou-lhe o peito, seu rosto descansando a um centímetro de sua mão, enquanto ouvia as batidas fortes do coração de Jax.

Sentira a falta dele.

Mais do que de sexo, mais do que da intimidade. Sentira falta *disto*. Do aconchego após outro orgasmo sensacional.

– Eu não podia esperar até domingo para vê-la.

Ruby levantou a cabeça para olhá-lo.

– Sentiu a minha falta, huh?

– Você não imagina quanto.

A sinceridade nos olhos escuros aqueceu-a. Então, ela fora tola em se apaixonar? Mas o jeito que Jax a olhava indicava que ele estava no meio do caminho para o mesmo sentimento.

O que mudara?

Ela não queria perturbar o encontro inesperado deles, não queria arriscar que ele se fechasse, mas se eles quisessem ter uma chance, Jax precisava começar a se abrir com ela.

– Cuidado. Admitir que sentiu a minha falta é equivalente a revelar emoção, algo que você tende a não fazer.

Ele enrijeceu, sombras instantaneamente lhe cobrindo o semblante.

– Você está dizendo que eu tenho dificuldade de expressar emoções?

Ruby arqueou uma sobrancelha, e ele sorriu.

– Certo, talvez eu tenha, mas há uma boa razão para isso.

Ousando acreditar que ele se abriria, ela sentou-se na cama e puxou o lençol para o peito.

– Conte-me.

Após um longo momento, Jax recostou-se contra os travesseiros e olhou-a.

– Eu tive uma ótima infância. Amor dos meus pais. Eu os idolatrava. Ia a festas constantemente, ficava acordado até mais tarde que outras crianças. Nós levávamos uma vida luxuosa e excitante, juntos.

Ele suspirou, e ela esperou pela parte ruim.

– Até que eu me formei na faculdade e ouvi os rumores. Trabalhando no mundo corporativo, havia boatos sobre papai, por que ele ganhava milhões em negociações que deixavam outras pessoas pobres. E por que uma mulher da alta sociedade como Jackie Blaise ficaria com um homem de passado *duvidoso*. Vivendo com alguém inferior, considerando que o pai de Denver era um traficante de drogas que acabou morto por suas fraudes.

– Isso foi duro sobre seu pai.

Ele deu de ombros.

– Eu nunca o conheci. Aceitar a traição de papai... foi muito difícil.

– Ele estava usando sua mãe para cultivar amigos ricos para roubar?

– Eu ainda não sei se ele genuinamente amava mamãe, ou apenas a via como um ticket refeição. Ela o adorava. Ele a usou e roubou milhões da maioria dos amigos dela.

– Como sua mãe lidou com isso?

A tristeza cobriu as feições de Jax.

– Ela se uniu a ele.

Ruby não queria pressioná-lo, não queria ir muito fundo por medo de abrir velhas feridas, mas nunca se sentira tão perto dele como neste

momento.

Isso era verdadeira intimidade... compartilhar confidências, medos secretos.

– O que você quer dizer?

– Muitos rumores circularam quando ele foi para a prisão. Rumores de uma cúmplice.

A dor, pura e não diluída, brilhou no rosto dele, e Ruby tocou-lhe a face momentaneamente, antes de abaixar a mão.

– Houve uma investigação extensiva, mas a polícia nunca provou que mamãe estava implicada, então ela fugiu.

Jax balançou a cabeça, com a expressão de desgosto.

– O fato de minha mãe ter fugido sem olhar para trás prova que devia estar envolvida. Isso me causa náuseas. Os amigos de meus pais confiavam neles, e eles usurparam até o último centavo daquelas pessoas.

Ela acariciou-lhe a mão.

– Aposto que eles destruíram sua confiança, também.

Ele desviou o olhar, e o coração de Ruby sangrou pela desolação de Jax.

– Papai arruinou tudo. Por meses depois da prisão dele, eu não podia trabalhar nesta cidade, não com o sobrenome Maroney. E embora as pessoas não culpassem mamãe abertamente, sei que devem ter suspeitado.

– Então, você foi embora.

Ele assentiu.

– Nunca olhei para trás. A mãe da minha mãe sempre soube que Denver era um patife, e não confiava no julgamento de Jackie, então ela me deixou a mineradora no testamento, e eu fui para o oeste, a fim de provar o meu valor.

– Você nunca o visitou? – inquiriu ela.

A incredulidade de Jax respondeu a pergunta antes que ele abrisse a boca.

– Eu não quero ter nada a ver com ele.

Ruby cobriu-lhe a mão com a sua.

– Eu ouvi dizer que o recurso de Denver está próximo.

– Sim, como eu sou constantemente lembrado pela imprensa, que não desiste de me contatar. – Ele emitiu um som de desgosto. – Aqueles

predadores não aceitam um não como resposta.

– Talvez fosse bom falar com eles, hmm? Ou talvez, ir visitar seu pai, para exorcizar o passado?

Jax a olhou com perplexidade.

– Passei a última década me distanciando do veneno do velho homem. Por que eu iria querer vê-lo?

Ela viu a dor contorcendo as feições bonitas, e quis mudar de assunto. Mas a intimidade ia além do físico, e ele a deixara entrar.

– Porque ele é seu pai. Porque vocês tiveram um ótimo relacionamento, até que ele fosse preso. – Ruby respirou fundo e continuou: – Porque isso pode ajudá-lo a se livrar da raiva latente que o consome por dentro.

– Você não sabe nada sobre mim – sussurrou ele, não a olhando.

– Sim, eu sei – disse ela, entrelaçando os dedos nos dele. – Você é um cara incrível, e não vale a pena deixar o passado afetá-lo. Talvez, se falasse com seu pai...

– Não.

Jax afastou as cobertas e levantou-se tão rapidamente que ela quase caiu da cama.

– Jax...

– Eu vou tomar um banho.

Ele atravessou o quarto, emocionalmente fechado, a distância entre eles maior do que sempre.

Ruby fez a única coisa que uma mulher apaixonada podia fazer.

Ela o seguiu.

Jax ligou o chuveiro, desejando que a água quente pudesse lavar a raiva, a amargura e o arrependimento que corroíam sua alma.

Arrependimento por não ter confrontado seu pai anos atrás, por não ter contratado um investigador particular para encontrar sua mãe. Arrependimento por ter contado sua história triste a Ruby.

E pensar que planejara um fim de semana romântico.

Detestava a pena que vira nos olhos expressivos de Ruby.

Ele bateu na parede de pedra, desejando que pudesse socá-la, até que os nós de seus dedos sangrassem.

Não que isso fosse ajudar. Ele percorrera a estrada do esquecimento quando estivera com vinte e poucos anos. Tinha se perdido em álcool e mulheres. Até que encontrara um novo caminho para apagar a humilhação de ser filho de Denver Maroney: ganhando milhões que seu pai jamais poderia tocar.

Não que Jax tivesse sido alcoólatra ou algo assim, mas, nos primeiros seis meses depois que Denver fora para a cadeia, e o mundo dos negócios o rejeitava continuamente, ele afogara suas mágoas festejando tão insanamente quanto seu pai costumava fazer.

Até que herdara a empresa de mineração e nunca olhara para trás.

Ele não voltara a Melbourne por dez anos, evitando os fantasmas de seu passado. Agora, graças a uma mulher incrível, estava considerando ficar.

O que estava pensando?

Braços suaves deslizaram em volta de sua cintura, quando Ruby pressionou-se contra suas costas, o corpo em total contato, não falando uma palavra, enquanto a água cascadeava sobre eles.

Ele sabia. Sabia por que estava contemplando essa loucura, sabia por que deixara uma mulher entrar em seu coração pela primeira vez, sabia por que valia a pena arriscar ser ferido, de novo.

Ruby Seaborn, com seu sorriso pronto, risada contagiosa e vibração inata que iluminava um cômodo apenas estando nele, era uma mulher por quem valia a pena arriscar tudo.

Jax virou-se, procurando as palavras certas para explicar seu comportamento. Ela o deteve com um dedo nos seus lábios, com os olhos transmitindo mais do que as palavras poderiam.

A piedade nos olhos verdes tinha sido substituída por um afeto tão profundo que lhe roubou o ar dos pulmões.

Ela fitou-lhe os olhos, enquanto deslizava a mão por seu peito, circulando os mamilos masculinos, descendo...

Ele enrijeceu quando ela aproximou-se de sua ereção. Silenciosamente praguejando sua falta de prevenção em não manter pacotes de preservativos ali, Jax tentou detê-la. Apenas para que Ruby afastasse suas mãos e se ajoelhasse na sua frente.

Ela finalmente quebrou o contato ocular, a fim de olhar para sua ereção, a centímetros da boca sensual, e ele pulsou em resposta.

Ruby sorriu com o movimento, um sorriso encabulado que não se desfez quando ela inclinou-se para a frente, de forma dolorosamente lenta, até que os lábios o envolvessem.

Ele praguejou e abriu os braços nas laterais, apoiando-se contra a parede de pedras, enquanto Ruby o tomava inteiro na boca quente e úmida.

Ela o provocou ao ponto de deixá-lo insano.

Insanidade era bom. Insanidade cancelava as perguntas que ela levantara momentos atrás, perguntas que ele já fizera a si mesmo, mas não respondera.

Deveria ir ver Denver? Confrontá-lo? Pôr o passado para descansar?

Ruby gemeu quando girou a língua em volta da cabeça de sua ereção, os movimentos lentos e sensuais que faziam um homem esquecer tudo, exceto a sensação de uma mulher talentosa levando-o à beira do clímax.

Ela lambeu sua extensão, da ponta à base, e de volta, outra vez, a expressão sexy incendiando a libido de Jax.

Ele adorava aquilo sobre ela: a apreciação genuína e desinibida de sexo.

A pressão se construiu rapidamente, mas ele foi impotente para parar, incapaz de desviar os olhos da cena erótica. A mulher que ele amava ajoelhada, dando-lhe prazer com a boca.

Ela acelerou o ritmo, mão e boca movendo-se em sincronia. Jax observou sua fantasia erótica ganhar vida, a óbvia alegria de Ruby em lhe dar o que ele precisava alimentando sua paixão.

Então ele explodiu, a força de seu orgasmo impulsionando-o contra a parede de trás.

Jax levou uns bons cinco minutos para se recuperar. Cinco minutos nos quais lambeu o corpo escorregadio de Ruby e deu-lhe prazer com sua boca, enquanto ela gritava.

Cinco minutos até que ele percebesse o que registrara em seu subconsciente antes que seu orgasmo o abalasse.

Ele a amava.

Oh, Deus.

– FELIZ QUE eu me intrometi em seu fim de semana solitário?

Ruby relutantemente saiu de seu novo lugar favorito do mundo... aninhada embaixo do braço protetor de seu marido... e olhou-o.

– O que você acha?

O sorriso que ele abriu a deixou tão feliz quanto estar ali.

– Eu acho que nós tivemos um fim de semana bem merecido longe dos negócios.

– E um fim de semana para nos reconectar.

Ela quase esperou que ele se irritasse com suas palavras, ou que fizesse algum comentário irônico, dizendo que eles nunca tinham se conectado, para começar, mas, felizmente, ele não o fez. Apenas isso demonstrava quão longe eles haviam chegado neste fim de semana.

Jax se abriu com ela, revelando mais sobre suas inseguranças do que ela teria imaginado possível, cimentando o que Ruby secretamente esperara desde que ele tinha chegado, de modo inesperado.

Que ele se importava tanto quanto ela.

Tudo que ele contara, tudo que fizera, provava isso.

Em algum momento, ela teria de abordar o assunto do que estava realmente acontecendo ali, mas, por enquanto, estava contente em se deleitar no romance de um fim de semana longe de tudo com seu marido.

– Sobre a questão de...

O brilho travesso nos olhos escuros fez a pulsação de Ruby acelerar.

– Do quê?

– Reconexão. – Ele roçou-lhe um beijo nos lábios e murmurou contra a lateral de sua boca. – Eu tenho uma surpresa para você.

– Eu adoro surpresas – declarou ela, pensando que nada podia ser melhor do que o jeito que ele continuava lhe dando prazer na cama.

Ele tirou uma caixinha quadrada do bolso, estendendo-a para ela.

O coração de Ruby disparou violentamente no peito.

Se aquela caixa contivesse o que ela achava que continha, ela estivera errada.

A surpresa nem começava a descrever o que ela estava sentindo.

Júbilo? Alegria? Amor que desafiava lógica?

Ela não deveria ter se apaixonado por ele tão rapidamente. Não deveria ter se apaixonado, em absoluto.

Eles eram tão diferentes, mundos diferentes, mas nada disso importava quando Jax a olhava como se ela fosse a única mulher do mundo para ele.

– Vamos, abra.

Seus dedos tremiam, e ela meneou a cabeça.

– Você faz isso.

– Tudo bem. – Ele deu um sorriso de um homem confiante em sua habilidade de cortejar e confundir.

Ruby prendeu a respiração enquanto ele abria a tampa da caixa de veludo vermelho, não se importando que não era uma das caixas da Seaborn, não se importando com nada, além de ver o anel que ele escolhera para ela.

– Para você.

A respiração que ela estivera prendendo foi exalada num suspiro desapontado, quando Ruby olhou para o anel de rubi e diamante.

Ela não deveria ser ingrata, mas o anel de noivado não era de seu gosto, não era seu estilo, não era o que ela imaginara, em absoluto.

Não percebendo seu choque, Jax tirou o anel da caixa e estendeu-o.

– É um anel de compromisso. Significa que eu prometo não ser tão imbecil sobre este casamento falso, quando nós decidirmos para aonde ir a partir daqui.

Entorpecida, com o gelo correndo nas veias, Ruby observou-o deslizar o anel no dedo de sua mão *esquerda*.

Não um anel de compromisso.

Um anel que algumas pessoas usavam antes do noivado. Quando namoravam.

E o que ele queria dizer com não ser imbecil quando eles resolvessem o que fazer sobre o casamento falso?

O que *era* aquilo, uma joia para comprá-la, de modo que ela não perdesse a calma quando ele pedisse “obrigado pelos bons momentos, querida, mas eu estou indo embora”?

Sem fala, Ruby olhou para o anel, a luz do sol capturando os diamantes, brilhando para ela com alegria.

– Eu escolhi um rubi por óbvias razões – sussurrou Jax, levantando a mão dela aos lábios e beijando a junta acima do anel.

Ótimo, ele planejava dispensá-la com um homônimo de mau gosto, também.

Ingratidão, talvez, mas Ruby não podia superar o fato de que ele lhe dera um anel de compromisso, quando ela esperara muito mais.

– Você não gosta do anel.

O tom frio na voz de Jax assustou-a tanto quanto à verdade que ela teria de falar.

– Não é que...

– Então, o que é?

Ele abaixou-lhe a mão e se afastou, deixando-a fria e ansiando por seu calor.

– Ouça, Jax, o anel é vistoso...

– Vistoso? – ecoou ele com desgosto. – Vistoso não é uma palavra que você usa para um homem dando um anel a uma garota.

Desapontada que ele não a conhecia o bastante para saber o que ela gostava, Ruby tentou suavizar a tensão crescente.

– Apenas não é o que eu...

– O que você quer, certo? – Jax enfiou as mãos nos bolsos, com uma raiva profunda irradiando-se dele, como ela nunca vira antes. – Meu erro. Não acontecerá novamente.

Perplexa, ela o viu andar em direção ao carro com passos furiosos.

– Jax, espere...

– Não se preocupe, eu não quebrarei o nosso acordo. Sua preciosa Seaborn está segura.

Ele pausou e olhou para trás, com uma expressão torturada no rosto bonito.

– Isso é tudo que importa para você, de qualquer maneira.

– Não é verdade – vociferou ela, seu cérebro e pés finalmente funcionando em sincronia, enquanto correndo em direção a ele.

Tarde demais.

Ele ligou o motor, engatou a marcha à ré, saiu da propriedade e da sua vida.

DEZ HORAS depois, o voo de Jax tocou o solo de Perth. Durante a viagem de carro para Melbourne, finalizando detalhes no escritório, indo para o aeroporto Tullamarine e das três horas monótonas de voo para Perth, ele fizera o possível para não pensar em Ruby.

E fracassara miseravelmente.

A rejeição de Ruby de seu anel doía em seu peito.

Ele confiara nela com seus demônios.

Confiara nela com seu coração.

Ela jogara tal confiança de volta no seu rosto.

Jax sabia como era ter alguém que amava rejeitando-o.

O que tornava tudo pior.

O aparente desinteresse de Ruby por seu anel e pelo sentimento por trás deste doía tanto quanto à alienação deliberada de seu pai.

Ele apoiara Denver, e Denver não tivera a decência de contatá-lo uma única vez desde que fora preso.

Ele apoiara sua mãe durante o tribunal e depois, e ela o deixara, de qualquer forma.

Ele apoiara Ruby, genuinamente querendo ver a Seaborn alcançar sucesso através dos esforços dela, e ela jogara isso de volta no seu rosto.

Nossa, como doía. Doía mais do que a traição de Denver e Jackie juntas.

Mesmo agora, depois de repassar a última cena entre eles inúmeras vezes na cabeça, ele não podia acreditar que entendera tudo errado.

Vira o amor nos olhos de Ruby tantas vezes, tivera certeza disso. Certeza o bastante para comprar aquele anel.

Mas ela não queria um anel. Queria um acessório para seu plano de salvar a Seaborn. Era isso. Fim da história.

Deus, como ele tinha sido idiota.

Uma coisa que Sapphire Seaborn comentara surgiu em sua mente.

“... é o que Ruby sempre faz. Joga-se de cabeça em qualquer situação, vivendo o momento, sem pensar no futuro... Não confunda a natureza

entusiasmada de Ruby com alguma coisa que não é”.

Era isso que ela havia feito com eles? Ela se jogara de cabeça para fazer o casamento dar certo, pelo que poderia tirar deste... a sobrevivência da Seaborn?

Jax fizera exatamente o que Sapphire lhe avisara para não fazer, confundindo a natureza entusiasmada de Ruby com amor?

Que tolo.

E ele não podia mudar os planos que começara. Gostasse ou não, estava preso em Melbourne pelo futuro previsível.

Bom para a Maroney Mine, horrível para ele.

Não que precisasse vê-la muito. Ele alegaria pressão crescente no trabalho interestadual, se alguém questionasse os arranjos da moradia deles. Era homem o suficiente para acompanhá-la a eventos, a fim de manter as aparências, e, assim que a hora fosse certa e os negócios estivessem estabelecidos, pediria o divórcio.

Simples.

Mas não era simples, e ele sabia disso.

Não conseguia tirar a expressão de Ruby da cabeça, quando ele lhe dera o anel.

Desapontamento. Tristeza. E algo parecido com devastação.

Aquilo o confundia. Ela não ficaria devastada, a menos que se importasse muito. Então, por que o desapontamento? Ele lhe informara que era um anel de compromisso.

O que lhes daria um tempo para explorar seus sentimentos.

Apavorado pelos seus próprios sentimentos, e incerto dos sentimentos de Ruby, Jax não quisera apressá-la. Aquele anel tinha sido um prelúdio do outro que ele queria lhe dar, uma vez que tivesse certeza de que ela queria, tanto quanto ele, que o casamento desse certo.

Ele tropeçou ao desembarcar, olhando para a comissária de bordo, que lhe ofereceu uma mão e um sorriso de flerte.

Naquele momento, uma percepção o atingiu. Talvez, o tropeço tivesse sacudido alguma coisa solta em seu cérebro nublado, pois ele reconheceu que Ruby possivelmente ficara desapontada.

Talvez, o desapontamento não fora com ele?

Talvez, ela tivesse ficado desapontada porque ele não lhe dera *mais*?

Ruby quisera um anel de noivado? Antecipara isso ao ver a caixa da joia?

Droga, ele estragara tudo.

Deixara suas próprias inseguranças atrapalharem sua única tentativa de felicidade com uma mulher que o aceitava como ele era, com defeitos e tudo.

Andou para o terminal doméstico, ansioso para não perder seu voo de conexão.

Quanto antes cuidasse da promoção de seu vice-presidente na mineradora, mais rapidamente poderia voltar para Melbourne e cuidar de assuntos mais importantes.

Assegurar que seu casamento transcendesse o platônico e permanecesse assim.

RUBY PASSARA uma semana escondida em seu workshop. Criara incontáveis peças novas e completara encomendas, inclusive a do espetacular anel de diamante cor-de-rosa que fazia seu coração doer.

Ela havia criado uma obra de arte, usando cortes fantasia para iluminar a clareza da pedra perfeita, o aro trabalhado de ouro branco acentuando o brilho do diamante.

Era seu melhor trabalho até hoje, e Ruby sabia que colocara todo seu desejo por um anel como aquele em sua criação.

Esperava que a mulher que o recebesse gostasse.

Embora tivesse ansiado por um anel como aquele, ficara satisfeita quando este fora enviado para seu dono.

O anel a lembrava muito do que ela nunca teria.

Depois de tudo que confessara a Jax, depois de abrir seu coração de todas as formas, depois de mostrar-lhe, através de ações, o quanto se importava, ele a dispensara de maneira vaga, com um anel para selar o acordo.

O mesmo jeito que sua mãe e Sapphie costumavam tratá-la: Ruby está ficando um pouco entusiasmada demais, vamos aplacá-la com alguma coisa.

E isso era exatamente o que Jax fizera.

Oferecendo-lhe um anel de compromisso para mantê-la feliz, enquanto se atirava nos negócios e somente lhe dava alguma atenção quando sentia vontade de fazer sexo.

Ela estava sendo dura, talvez, pois sabia que ele se importava. Jax demonstrara isso claramente, ajudando-a com o leilão e começando a se abrir sobre a própria família.

Então, eles tinham ido além de sexo. Mas não muito além.

Um anel de compromisso. O que ele estava pensando?

Quando sua mãe ou Sapphie lhe dera algum presente para mantê-la feliz, Ruby aceitara, enterrando a mágoa que sentia.

Não perturbe a pequena Ruby com coisas difíceis, isso irá reprimir a criatividade dela.

Aqui está o melhor diamante da Austrália Ocidental, Ruby. Vá e faça o que você faz melhor.

Embora elas não tivessem usado essas exatas palavras, era o que haviam implicado. Jax podia não saber, mas ele ressuscitara sentimentos similares.

Então, apesar de se sentir um pouco culpada sobre sua reação ao anel de compromisso, Ruby justificava isso, culpando-o pelo seu clássico comportamento de “lute ou fuja”.

Se ele a amasse, teria ficado para descobrir por que ela reagira daquela forma. Em vez disso, Jax fugira.

Claro, ele havia ligado, mandado e-mail e mensagem de texto, dizendo que tinha negócios urgentes na mineradora, mas que queria vê-la em seu retorno.

Ruby o veria. Para esclarecer os termos de um casamento que deveria ter permanecido platônico desde o começo.

Ela manteria as aparências pelo bem da Seaborn... passara por muita coisa, inclusive tendo um coração partido, para destruir o negócio agora.

Contudo, sem dúvida, quando confrontasse Jax, ela não seria mais a tola apaixonada na qual se tornara.

Ele só entendia sobre negócios?

Tudo bem, negócios seriam.

Com os termos estritamente a seu favor.

CAPÍTULO 16

SE JAX planejasse começar uma vida com Ruby em Melbourne, uma vida preenchida com amor e risadas, ele precisava antes confrontar seus demônios.

A única razão pela qual passara pelo processo humilhante de registrar-se e deixar seus pertences com um guarda era para que pudesse ver seu pai.

Ainda não sabia o que esperava alcançar indo lá, além de encarar seu passado e assegurar que este não era tão assustador como ele acreditava ser.

Assustador no sentido de que Jax temia ter herdado alguma característica de seu pai.

Quando revisse Ruby, queria fazer isso com um coração leve, com suas intenções claras.

Para tal fim, necessitava confrontar Denver.

Ele estava sentado numa cadeira de plástico, com o olhar fixo na porta de metal atrás de um material transparente separando os prisioneiros do público.

Queria ver a expressão de seu pai no instante em que ele o avistasse pela primeira vez em dez anos. Para ver se Denver reconhecia o filho que nunca mais contatara.

Aparentemente, Denver estivera em constante contato com a mídia... mas nunca com ele.

Isso doía tanto quanto estar ali.

Quantas vezes ele enfrentara zombarias de seus supostos amigos sobre a prisão de seu pai? Quantas entrevistas de emprego tinham sido educadamente terminadas, uma vez que eles descobriam o talento de seu pai para usurpar? Quantas vezes ele andara em volta de seu apartamento, impotente com raiva, porque tudo que fazia no mundo corporativo tinha sucesso limitado devido ao simples fato de ele ser filho de Denver Maroney?

Inúmeras vezes. Tantas que ele tivera de buscar o sucesso na Austrália Ocidental.

Agora, estava de volta em Melbourne para ficar, se Ruby o quisesse.

E isso significava assegurar que a reputação manchada de seu pai não o tocasse de novo.

A porta se abriu e seu pai entrou na sala atrás do material de plástico transparente, com os ombros aprumados, a cabeça erguida, o olhar desafiador. Se não fosse pelas algemas unindo os pulsos dele, Jax poderia ter jurado que seu pai não envelhecera um dia.

Denver sentou-se do lado oposto e pegou o telefone que eles precisavam para se comunicar. Jax fez o mesmo, esperando por uma palavra, uma palavra que revelasse que seu pai se importava com alguém além de si mesmo.

Um pedido de desculpas? O mínimo que Denver poderia fazer.

– Bem, bem, o filho pródigo retorna.

Atônito com a incredulidade, Jax só pôde balançar a cabeça.

Depois de todo esse tempo, isso era tudo que seu pai tinha a lhe dizer?

– Você levou muito tempo para vir me visitar. – Denver deu um sorriso irônico. – Ou é porque eu vou sair logo daqui, e você quer fazer as pazes com seu velho pai?

Jax não podia pensar numa pessoa no mundo que desprezasse totalmente, mas naquele momento, seu pai chegou perto.

Respirou fundo antes de perguntar:

– Por quê?

Uma palavra fazendo diversas perguntas.

Por que ele roubou aquele dinheiro?

Por que ele usou Jackie?

Por que ele prejudicou os próprios amigos?

Por que ignorou o filho, quando Jax ficara ao seu lado durante todo o processo: o tribunal, a sentença, o primeiro dia na cadeia?

Denver franziu o cenho, o sorriso presunçoso desaparecendo.

– Por que o quê?

Precisando fazer a pergunta mais importante, Jax inclinou-se para a frente.

– Por que você ignorou a única pessoa que permaneceu do seu lado durante o tempo inteiro? – Seu tom de voz era amargo. – Fiquei do seu lado, pai, e uma vez que entrou aqui, eu deixei de existir para você. Quero saber por quê – falou Jax ao telefone. – É o mínimo que você me deve.

Ele imaginou que Denver fosse sair andando. Seu pai era bom nisso.

Mas a arrogância nos olhos dele diminuiu, substituída por resignação. Somente então, Jax notou as mudanças causadas pelo tempo: as rugas no pescoço de seu pai, as linhas ao redor da boca, dos olhos e entre as sobrancelhas.

Para crédito de seu pai, ele não saiu andando. Ou desviou o olhar.

Encarou-o com um misto perturbador de afeição e arrependimento.

O silêncio enervante prolongou-se.

Jax havia sido um tolo em ter ido lá. Se seu pai não o contatara em dez anos, não ia lhe dar respostas agora.

Ele ia desligar o telefone, quando os lábios de Denver finalmente se moveram.

– Você estava indo a lugares, e o único lugar para onde eu estava vindo era para cá. Eu não quis manchá-lo pelo que fiz.

Jax liberou a respiração que estivera prendendo.

– Mentira. Se você tivesse realmente se sentido assim, não teria feito metade das coisas que fez.

Jax meneou a cabeça, dez anos de ressentimento ameaçando explodir.

– Você usou a mãe como usou os seus amigos. Certamente, não se importava nem um pouco comigo. Fez o que queria fazer, sem se importar com ninguém mais.

Denver não desviou o olhar, e uma pequena parte de Jax o admirou por isso.

– A cadeia não oferece muita recreação, dando a um homem muito tempo para pensar. – Denver coçou o queixo. – Eu tenho pensado muito ao longo dos anos. A questão é, filho, que não há nada que eu possa dizer ou fazer para mudar o passado. Eu fiz coisas ruins. Machuquei muitas pessoas, inclusive aquelas que eu amava. Se eu me arrependo? Oh, sim. Convivo com arrependimentos diariamente. Eu gostaria que minha vida fosse diferente? Pode apostar que sim.

Denver pausou.

– Claro, eu quis contatar você todos os dias, pelos últimos dez anos, mas não podia. Não seria justo. Não depois de tudo que você fez por mim.

Jax não poderia falar, nem se quisesse. As palavras estavam presas em sua garganta: palavras de recriminação, de incredulidade.

Seu pai sempre fora mestre em contar uma lorota; isso não mudara.

– Os primeiros seis meses aqui foram terríveis. Envergonho-me de dizer que eu pensei que a vida não valesse a pena, e tentei acabar com ela. Fracassei, assim como fracassei em tudo mais na vida. Então, sua mãe veio me visitar, contou que você havia herdado a mineradora, como minha prisão afetara as suas oportunidades profissionais em Melbourne, e eu tomei minha decisão.

Ele fez um gesto de corte através do pescoço.

– Cortar todos os laços com você, para seu próprio bem. Eu já o prejudicara o suficiente. Você não precisava de mim, e eu não precisava de você.

Denver comprimiu os lábios, como se tivesse falado demais.

– Pai...

– Mas menti sobre isso, também. Porque eu precisava de você. Sempre precisei de você, filho. Você foi a única coisa boa na minha vida.

Jax ignorou a onda de esperança que o envolveu. A capacidade de Denver de expressar-se sempre fora lendária.

– E quanto à mamãe?

A tristeza sombreou os olhos de Denver.

– Eu supliquei a ela para fugir e nunca olhar para trás. Ela merecia coisa melhor do que eu.

Perplexo diante das revelações de Denver, ele olhou para seu pai demonstrando emoção verdadeira, algo do que não achava que fosse capaz.

Se o velho homem podia fazer isso, por que ele não poderia? Passara muitos anos suprimindo emoções, alimentando sua amargura, quando, na realidade, estivera aprisionado por seus próprios demônios, assim como seu pai.

Seu amor por Ruby era real, uma emoção pura e verdadeira.

Irônico, Jax tivera medo de ser como seu pai, uma pessoa incapaz de ter uma conexão com alguém, exceto com seu próprio eu narcisista.

Ouvir a confissão de seu pai, percebendo que Denver se importava o bastante para sacrificar o contato que o sustentaria durante seu tempo de encarceramento... mostrava-lhe que os homens Maroney eram capazes de sentimento, afinal de contas.

– Por que você voltou aqui, Jax?

Ele ponderou sua resposta cuidadosamente, ainda não pronto para perdoar os pecados do passado.

– Dez anos é um longo tempo, pai. Os tempos mudam. Esperançosamente, as pessoas podem mudar, também.

Entendendo a implicação, Denver assentiu.

– Eu não tenho ideia quando é o recurso ou o provável resultado, mas saiba de uma coisa. Quando eu sair daqui, vou recomeçar, e espero reparar meus erros.

Um recomeço. Contanto que o recomeço de Denver não incluísse arrastar seu nome para a lama, mais uma vez. A última coisa que Jax precisava, quando estava finalmente no topo, era de que a reputação de seu pai destruísse tudo que ele conquistara.

– Irei para o sertão australiano. Vou encontrar a cidade mais tranquila do país, mudar de nome, levar uma vida sossegada. Se eu tiver muita sorte, sua mãe não terá seguido em frente, e eu finalmente poderei fazer dela uma mulher honesta.

Jax não acreditava em contos de fadas. E, após o número de mentiras que Denver contara para seus melhores amigos, antes de roubá-los, era difícil acreditar nele agora. Todavia, pelo bem de seu pai, Jax esperava que ele permanecesse verdadeiro aos seus objetivos.

– Boa sorte, papai.

A mão de Denver tremeu quando ele quase recolocou o telefone no gancho, antes de levá-lo no último momento.

– Eu vou ficar fora de seu caminho, filho, prometo.

Jax tivera o bastante das promessas vazias de seu pai no passado, mas, considerando o que descobrira hoje, estava num humor caridoso.

– Veremos o que acontece quando você sair e encontrar aquele lugar no sertão.

Denver assentiu e desligou, sinalizando para o guarda levá-lo de volta.

Jax sentiu-se aliviado quando seu pai foi embora, com seu coração consideravelmente mais leve do que quando ele chegara.

Sim, os homens Maroney eram capazes de redenção.

Ele agora precisava fazer sua esposa acreditar nisso.

RUBY CONTEMPLARA trocar as fechaduras enquanto Jax estivera fora. Infantilidade? Sim, ela não estivera pensando com clareza desde que ele partira.

A percepção de que poderia ter reagido de forma exagerada sobre o anel de compromisso não ajudava.

Quanto mais pensava sobre isso, mais absurda sua reação parecia. O que ela esperava? Eles mal se conheciam, haviam entrado de cabeça num casamento falso que, milagrosamente, transformara-se em mais, e esperava que o anel fosse uma promessa para uma vida inteira?

Poderia desculpar-se quando ele voltasse. Mas não faria isso.

Eles tinham um acordo profissional, e amor não estava no programa. E Ruby não tinha tempo para sentar e esperar, desejando que a promessa dele se tornasse algo mais profundo.

Ela o amava.

Precisava que Jax a amasse de volta.

Agora. Não em algum momento do futuro.

Irrequieta e incapaz de dormir bem durante a última semana, ela saiu da cama e vestiu seu roupão.

Estava trabalhando num novo colar de safiras, nos últimos dias. Talvez, trabalhar a ajudasse a tirar seu marido da cabeça.

Ruby desceu a escada descalça, abriu a porta de ferro e seguiu em direção ao seu workshop.

Afastou a cortina para entrar quando uma mão segurou seu ombro. Ela gritou.

– Ei, sou eu, Jax.

Nervosa, Ruby virou-se e empurrou-o.

– O que você acha que está fazendo, entrando aqui escondido e quase me matando de susto?

– Desculpe. – Ele ergueu as mãos em rendição. – Pensei que você estivesse dormindo. Entrei pelos fundos, e estava tentando fazer silêncio quando vi você indo para o workshop.

Ela cruzou os braços, detestando quão descontrolada soava, detestando o jeito que seu coração disparara.

– Você poderia ter telefonado.

– E estragado a surpresa?

Ele deu um sorriso estranho, mostrando uma insegurança que a surpreendeu. O Jax Maroney que ela conhecia era muitas coisas; inseguro não era uma delas.

– Você veio buscar sua escova de dente?

O sorriso dele desapareceu.

– Se for isso que você quiser.

O que ele queria dizer com aquilo? Queria continuar de onde eles tinham parado? Sexo sem elos? Um casamento falso sem investimento emocional?

Ela havia se contentado com tais coisas uma vez. Antes que cometesse o erro de apaixonar-se.

– O que você quer?

– Você – respondeu Jax, um segundo antes de puxá-la para seus braços e cobrir-lhe a boca com a sua.

Ele não lhe deu tempo para resistir, e todos os pensamentos desapareceram da sua cabeça no momento em que a língua de Jax tocou a sua.

Ruby o abraçou, enquanto eles compensavam a semana sem contato com infinitos beijos.

No instante em que eles se separaram, ofegantes e ansiosos por mais, a realidade voltou.

Ela não podia fazer isso, quando tinha de ir embora.

Pressionou as palmas no peito largo, querendo empurrá-lo, mas incapaz de resistir ao último contato.

– Jax, nós temos um acordo, e eu estou disposta a mantê-lo. Mantemos o casamento falso até que sua empresa se torne global e a minha esteja no azul. E é isso.

Ele enrijeceu.

– Você quer que nós nos separemos?

Ruby mordeu o lábio para conter as lágrimas.

– Nós algum dia estivemos juntos, para começar?

Ele não retrucou, estudando-lhe o rosto, procurando respostas. Pena que ela não sabia as perguntas.

– Bobagem. Nós dois estamos neste casamento desde o começo.

– Fisicamente...

– E no resto. – Ele pegou-lhe a mão e conduziu-a para a frente do showroom, para o lugar onde eles tinham se conhecido. – Desde o minuto que você me abordou aqui, cheia de comentários audaciosos, você me teve.

– Tive você? – repetiu ela, soando tola, mas interessada nas revelações dele.

– Sim. Eu não queria sentir nada por você, não podia sentir nada, ou assim acreditei, mas visitei meu pai hoje, e talvez eu não seja uma causa perdida, afinal de contas...

– Você visitou seu pai? Isso é ótimo – murmurou ela.

– Fiz isso por nós. – Jax liberou-lhe a mão para começar a andar. – Você estava certa sobre eu precisar vê-lo para encarar o passado, lidar com ele e seguir em frente. – Eu precisava esclarecer as coisas na minha cabeça antes

de vê-la, porque não queria estragar tudo, como fiz com o anel de compromisso.

Ruby encolheu-se.

– Desculpe. Eu não esperava, e o anel veio do nada.

Ele parou na frente dela, inclinou-lhe o queixo.

– Oh, você esperava um anel, apenas não uma imitação da coisa real.

Jax enfiou a mão no bolso e tirou uma caixa de veludo azul-marinho de dentro. Uma caixa da Seaborn, e o coração de Ruby quase parou de bater.

– Aquele anel de compromisso era uma promessa de que eu esperaria por você. Eu não queria apressá-la, não queria assustá-la com meus sentimentos, então, dei-lhe um anel temporário, oferecendo-lhe espaço, até que você decidisse que queria que o casamento se tornasse real.

Ele abriu a tampa da caixa, e o coração dela disparou violentamente no peito.

– Ademais, este não estava pronto, e eu queria lhe dar alguma coisa.

Ruby gritou ao ver o anel.

Seu anel.

Um perfeito diamante cor-de-rosa de três quilates, com corte fantasia, fixado em ouro branco.

– Como... quando... por quê...?

Ele tirou o anel da caixa e deslizou-o no dedo da mão direita de Ruby.

– Uma vez mencionou o quanto um anel de noivado significava para você, como não queria um, a menos que significasse a coisa real.

Ele ergueu-lhe a mão para a boca e beijou-a.

– Espero que este anel fale o que sinto em meu coração com muito mais eloquência. Eu a amo, Ruby Seaborn. Provavelmente, me apaixonei um pouquinho desde o momento que nos conhecemos. Eu não queria amá-la...

– Pare enquanto está indo bem. – Ela o beijou, abraçando-o tão apertado, não querendo soltá-lo nunca mais.

O anel provava o amor de Jax. Ele o encomendara antes do fim de semana que lhe dera o anel de compromisso.

Quando eles se separaram, Ruby agarrou-lhe a camisa e o sacudiu de leve.

– Você deveria ter me contado sobre o anel de noivado, antes.

– Você deveria ter confiado em mim, confiado no que existe aqui. – Ele pôs a mão sobre o coração dela.

– Então, suponho que um pedido de casamento é desnecessário, não?

Ela riu e envolveu-lhe o pescoço com os braços.

– Eu não sei. Joias nunca são demais para uma garota. Considerando que eu tenho uma aliança de casamento, um anel de noivado e um anel de compromisso, talvez um anel de amor eterno não seja excessivo?

– Você não precisa de um anel para que eu lhe mostre que a amarei por toda a eternidade.

– Hmm... o sujeito durão é realmente um romântico sensível, por baixo.

Ele roçou-lhe o pescoço.

– Esse será o nosso segredo.

– Para sempre – sussurrou Ruby, antes que os lábios dele tocassem os seus.

Ruby não podia pensar num jeito melhor de celebrar o casamento deles, tendo o amor eterno de seu marido.

Porém, já estava imaginando diamantes canários perfeitos que dariam um lindo anel de amor eterno...

Helen Brooks

CORAÇÃO MARCADO

Tradução

Deborah Mesquita de Barros

CAPÍTULO 1

COMO VOCÊ pode ter desejado uma coisa com todo o seu coração, vivendo infinitos minutos, horas, dias e semanas antecipando o momento de que aquilo acontecesse, e ficar apavorada agora que aconteceu?

Melody fechou os olhos com força, contorcendo o rosto enquanto dizia a si mesma para se controlar. Podia fazer isso. Tinha de fazer, na verdade. Não havia escolha. Até esta noite, sua cama de hospital poderia ser ocupada por outra pessoa, e dormir dois na mesma cama era estritamente contra as regras.

O breve momento de humor negro ajudou a restaurar seu equilíbrio. Ela lentamente abriu as mãos, que estavam fechadas em punhos em suas laterais, então abriu os olhos. O pequeno quarto... um dos quatro separados da ala principal... tinha sido seu lar por três meses desde o acidente. Mais cedo, uma das enfermeiras lhe contara que somente os pacientes que ficavam internados por muito tempo eram colocados em suítes particulares. Ela suspeitava que Sarah, a enfermeira em questão, estivera tentando avisá-la para não esperar milagres. O dano que Melody causara em sua coluna e pernas, quando entrara na frente de um caminhão, numa manhã, não seria desfeito rapidamente. Ela soubera que havia mudado sua vida para sempre quando olhara para o rosto contorcido de Zeke ao voltar da anestesia, depois da cirurgia de emergência inicial.

Basta. Não pense nele. Você precisa ser forte hoje.

Obedecendo à voz interior, Melody vestiu seu casaco grosso e quente. Apesar do aquecimento central do hospital, ela sabia que estava congelante do lado de fora. Os especialistas vinham prevendo um Natal com neve há dias, e a previsão parecia estar se confirmando. Já nevara esta manhã, e o céu estava baixo sobre os telhados além das redondezas do hospital.

Melody andou em direção à janela e olhou para a vista que veria pela última vez. O estacionamento estava movimentado, e, fora dos terrenos murados, as ruas de Londres se estendiam, repletas de casas, escritórios e pessoas. Pessoas normais. Ela mordeu o lábio. Garotas que não precisariam pensar duas vezes sobre usar uma saia curta no verão ou um biquíni. Melody tinha sido assim um dia. Agora, toda propaganda que via na tevê e toda revista que lia pareciam cheias de mulheres perfeitas, garotas com pernas longas e peles impecáveis.

Basta. Ela se virou da janela, detestando a autopiedade que sempre parecia atingi-la quando ela menos esperava. Tinha sorte de estar viva, e estava grata por isso. Os danos em sua coluna e pernas, sem mencionar a enorme quantidade de sangue que ela perdera no acidente, significavam que ela escapara por pouco, embora não soubesse muito sobre o que acontecera. Tinha vagas memórias de Zeke sentado ao lado de sua cama, segurando sua mão na Unidade de Terapia Intensiva, mas levava uma semana inteira antes que ela acordasse uma manhã e descobrisse seu cérebro funcionando normalmente de novo.

Agora tudo parecia ter acontecido muito tempo atrás. Assim que ela pudera ser movida do hospital, em Reading, fora transferida para este, que era especializado em danos na coluna. Não soubera que Zeke havia sido instrumental em realizar isso. Também não soubera que, com seu tipo de ferimento, tratamento especializado era essencial, até recentemente, quando seu médico mencionara o fato. Não que isso teria feito alguma diferença em sua decisão de terminar seu casamento.

Melody mancou para a cama estreita, olhando para a mala que arrumara mais cedo naquela manhã. Possuía toda a documentação relevante e já se despedira dos enfermeiros. Só lhe restava deixar o lugar que se tornara confortável em sua segurança durante as últimas semanas e meses, mesmo

quando ela ansiava por estar no controle de sua vida novamente. Mas ali não importava se andasse de modo deselegante. O pessoal da enfermagem estava tão orgulhoso que ela lutara para conseguir andar. Eles não se encolhiam diante da visão de suas cicatrizes, mas elogiavam-na pelo jeito que suportara a fisioterapia dolorosa dia após dia.

Do lado de fora das paredes do hospital estava o mundo real. O mundo de Zeke. Ela engoliu em seco. Um reino onde os ricos e lindos tinham o poder, e nada menos do que perfeição serviria. Melody habitara aquele mundo uma vez... brevemente.

Ela endireitou os ombros, dizendo a si mesma que tais pensamentos apenas a enfraqueceriam quando precisava ser forte, porém, de alguma forma, descobriu que não conseguia controlar sua mente como vinha fazendo desde que dissera a Zeke que o casamento deles estava acabado e que não queria que ele a visitasse novamente.

Zeke James... empresário extraordinário, rei do mundo do show business que ele governava de forma implacavelmente imparcial. Ela ouvira falar dele muito antes de conhecê-lo, enquanto fazia um teste de audição como dançarina para um novo show. Todos no mundo do show business tinham ouvido falar de Zeke. Ele era a personificação de um homem com o toque de Midas.

Ela chegara atrasada para a audição... uma falha imperdoável para quem queria o trabalho. Para cada dançarina selecionada, mais de cem eram desapontadas... a competição era acirrada, e os trabalhos eram escassos. Mas a sra. Wood, a viúva idosa que ocupara o apartamento do térreo da casa onde ela estivera morando, achara o gato amado morto na estrada, naquela manhã, e ficara tão arrasada que Melody não tivera coragem de deixá-la sozinha até que a filha chegasse. Consequentemente, tinha corrido para o teatro e chegado lá ofegante e vermelha. Recebera uma bronca do diretor de dança, sem ter permissão de explicar por que estava atrasada. No momento que subira no palco para dançar, não tinha mais esperança de ganhar um lugar no musical, muito menos o papel da dançarina principal, para o qual se candidatara.

Talvez, por isso, a performance que ela praticara toda noite tivesse saído tão perfeita... Melody não tinha nada a perder. Sentira como se seu corpo fosse um instrumento musical, afinado e tocado como um violino, e respondera ao som do piano, totalmente calma enquanto fluía no ritmo da música.

A boca de Melody tremeu por um segundo. Ela nunca mais se sentiria assim. Uma perda momentânea de concentração, e a carreira pela qual lutara tanto fora perdida para sempre. Todo o treinamento desde criança, os sacrifícios, o tempo passado levando seu corpo ao limite a fim de alcançar forma física e agilidades maiores do que aquelas necessárias pela maioria dos atletas haviam sido para nada. Os anos dançando em boates e cabaré, enquanto aperfeiçoava sua arte, o trabalho como garçoneiro para pagar o aluguel, a falta de oportunidade de sacrificar quaisquer raízes, uma vez que a maioria das companhias de dança fazia tours pelo país e no exterior, o salário baixo e a disciplina constante... tudo inútil, agora.

Mas nada disso importa tanto quanto perder Zeke.

Melody continuou olhando para o quarto compacto, mas estava a quilômetros de distância, perdida em memórias.

A primeira vez que ela vira Zeke tinha sido quando acabara o teste de audição, e alguém do pequeno grupo sentado no auditório levantara e começara a aplaudir. Ela endireitara o corpo e seu olhar focara num homem alto de ombros largos, com cabelos escuros e feições fortes.

– Excelente, senhorita... – ele consultou as anotações na mão. – Srta. Brown. Antes tarde do que nunca. Ou nós temos uma prima-dona aqui, que espera que sejamos gratos por ela ter se incomodado em aparecer?

Melody soube instintivamente que ele era Zeke James; todos nos bastidores haviam comentado o fato de que o grande homem estava presente. Ela também desgostou dele de imediato. Detestava sarcasmo, e a voz profunda e rouca estava repleta de sarcasmo. Erguendo-se em toda a sua altura de 1,55m... algo que estragara suas chances de se tornar uma bailarina de sucesso, mas que não interferira com sua carreira como dançarina contemporânea... ela tentou manter a voz neutra ao responder:

– Desculpe-me pelo atraso, mas foi inevitável.

– Verdade? – murmurou ele. – Eu gostaria de saber o que vem antes de um lugar na minha produção, srta. Brown? Presumo que foi um caso de vida ou morte?

– Morte, na verdade.

Ela pôde ver que o pegara de surpresa. Ele pareceu perdido por um momento, mas, então, recuperou-se quase imediatamente.

– Sinto muito. – Os olhos escuros se estreitaram, enquanto ele a fitava mais intensamente, antes de voltar a se sentar.

Uma vez nos bastidores, duas das outras dançarinas que ela conhecia abordaram-na, e Melody lhes contou o que tinha acontecido, enquanto elas esperavam para descobrir seu destino.

– Um gato? – Katie, uma ruiva alta que era a pessoa mais ambiciosa que Melody já conhecera, olhou-a com incredulidade. – Quando ouvimos você falar em morte, achamos que somente uma pessoa muito próxima a impediria de tentar conseguir o papel de Sasha, mas era um *gato*?

– Talvez seja só um gato para você, mas era o companheiro e melhor amigo da sra. Wood, e ela estava devastada esta manhã – respondeu Melody, mesmo sabendo que Katie nunca entenderia. Dançar era um trabalho muito competitivo, e apenas uma em dez dançarinas registradas em Equity conseguia algum trabalho. As perspectivas eram sempre pobres. Todos os professores de dança que Melody tivera haviam enfatizado que somente as dançarinas mais dedicadas e talentosas alcançavam o sucesso, e você teria de ter a pele grossa e ser implacável.

Katie, que também estava tentando o papel da dançarina principal, confirmou seus pensamentos ao dizer:

– Querida, você é uma gracinha, mas eu não teria feito Zeke James esperar nem se minha mãe tivesse morrido na minha frente esta manhã. Você precisa pensar primeiro em si mesma porque ninguém mais pensará, acredite.

A outra dançarina se intrometeu:

– E todos aqui sabem que você pisaria em cada uma de nós, Katie, se isso lhe desse a chance de conseguir o que queria, imagine uma senhora idosa e seu gato.

– Verdade. – Katie sorriu, totalmente descarada. – E a única diferença entre nós é que eu admito isso. Você faz o mesmo. Qualquer uma de nós faria o mesmo, exceto talvez Melody, nosso anjinho da misericórdia.

Foi somente então que elas perceberam que Zeke James, o diretor de dança e o produtor, estavam parados a alguma distância, tomando café. O fato de que os três homens deviam ter ouvido a conversa ficou evidente quando Zeke aproximou-se, momentos depois, e falou baixinho, de modo que ninguém mais pudesse ouvir:

– Esta é a primeira vez que faço um papel secundário para um gato, srta. Brown. Uma experiência nova.

Ele saiu andando antes que ela pudesse responder, e, quando Melody olhou para Katie, alguma coisa na expressão da outra garota a fez suspeitar que Katie soubera que Zeke James estava por perto e ouvindo.

Dez minutos depois, todas tinham sido chamadas de volta ao palco. Melody ganhara o papel principal, e Katie, um papel inferior. E quando ela saíra do teatro mais tarde naquele dia, a Ferrari preta de Zeke estivera esperando por ela...

Basta. Melody balançou a cabeça, forçando-se a voltar ao presente. Livrando os cabelos loiros da gola do casaco, ela pegou sua mala. Suas mãos estavam tremendo. Respirando fundo diversas vezes, ela se recompôs, e quando as estudou novamente, elas estavam firmes. Uma pequena vitória, mas encorajadora.

Ela iria ficar bem. Seus planos haviam sido cuidadosamente traçados. Tudo que precisava fazer era viver um dia de cada vez. O hospital pensava que ela ia se hospedar com amigos, mas, uma vez que Melody soubera que poderia partir um dia antes da véspera do Natal, ligara para diversos hotéis em Londres até que achara um quarto, reservando-o por uma semana inteira. Devido a uma confusão com a papelada, sua partida tinha sido atrasada um dia, mas o hotel guardara seu quarto quando ela os avisara que agora chegaria na véspera do Natal. O quarto era caro, todavia, considerando o período do feriado, ela tivera sorte de encontrar um. O lugar lhe daria o espaço necessário para respirar, e isso era tudo que importava.

Uma vez na ala principal, Melody ficou tocada por como a equipe de enfermagem a rodeou, apesar de ela ter se despedido mais cedo naquela manhã, mas finalmente ela estava livre para partir, e andou em direção aos elevadores. Não esperara se sentir trêmula, e, enquanto o elevador descia para o saguão do hospital, era como se ela estivesse se aventurando num território estranho e hostil. No momento que as portas se abriram, Melody teve de forçar-se a se mover.

Um homem robusto esbarrou nela ao entrar no elevador, e, embora a ação fosse leve, foi suficiente para tirar seu equilíbrio, devido aos seus ferimentos. Melody tropeçou, o peso de sua mala dificultou para que ela recobrasse o controle, e, para seu horror, ela soube que ia cair. Resistira a todas as sugestões de uma bengala ou muletas, mas andar dentro do quarto era muito diferente de lidar com um foyer lotado de um hospital.

Então, subitamente, um par de braços fortes a estava segurando, e, no momento seguinte, a mala foi tirada de sua mão.

– Olá, Melody. – A voz de Zeke era inexpressiva, os olhos cor de ébano estavam inescrutáveis enquanto encaravam seus olhos verdes assustados.

– O que...? – Ela estava tão surpresa que não conseguiu terminar a pergunta. – Como...?

– Perguntas mais tarde. – Ele a estava conduzindo em direção às enormes portas automáticas, com uma mão firme no seu cotovelo, e Melody não teve escolha senão acompanhá-lo. – Por enquanto, vamos sair daqui.

CAPÍTULO 2

Foi o impacto da noite gelada do lado de fora do hospital quente que a tirou do estado de choque. Melody liberou seu braço, parando e encarando-o.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, furiosamente.

– Não é óbvio? Apanhando minha esposa.

A voz dele era calma, mas Melody sabia que Zeke era mestre em disfarçar pensamentos e emoções; esse era dos atributos que o tornavam tão bem-sucedido.

Havia muitos outros.

Aos 38 anos, Zeke vinha construindo seu império há vinte anos com uma determinação desprovida de sentimento. Ele não privilegiava pessoas. Nos dois anos desde que eles estavam casados... ela se casara com 25 anos... Melody passara a perceber que, fosse uma grande estrela ou um completo novato, Zeke tratava cada artista exatamente do mesmo jeito. Esperava total dedicação e comprometimento, e se tivesse ambos, ele era o charme em pessoa.

Sem dúvida, o carisma de Zeke era enorme e natural... especialmente com as mulheres. Ele media 1,95m e era grande, embora Melody soubesse que não havia um centímetro de gordura naquele corpo musculoso. As feições eram muito fortes para que ele fosse considerado bonito, mas ele possuía alguma coisa muito mais poderosa do que um rostinho bonito de garoto: um magnetismo que enfatizava sua masculinidade. Possuía sexy appeal.

Os cabelos eram negros e os olhos cor de ébano, emoldurados por cílios grossos, mas a boca de Zeke era o que sempre a fascinara. Em repouso, era deliciosamente desigual e atraente, e a voz dele... No primeiro encontro deles, ela sentira que poderia ouvir aquele tom rouco e profundo para sempre. Ainda sentia isso.

Todavia, tomara sua decisão, e esta era irrevogável. Ela não pertencia mais ao mundo de Zeke. Talvez, nunca tivesse pertencido. E não ia se agarrar a ele, até que mesmo as memórias dos tempos felizes em sua vida fossem amargadas pelo presente. Melody nunca entendera o que ele vira nela para amá-la, em primeiro lugar... não quando ele poderia ter qualquer mulher que quisesse... mas a Melody com quem Zeke se casara não existia mais.

Esforçando-se para que sua voz não traísse seu tremor interno, ela disse:

– Como você sabia que eu estava saindo hoje? Não contei a ninguém.

– Eu sou seu marido. – Ele sorriu, mas o sorriso não alcançou os olhos pretos.

Um calafrio percorreu a coluna de Melody. Ela reconheceu aquele sorriso, que não era um sorriso, embora nunca tivesse sido dirigido a ela antes. Mas então, Melody nunca tivera motivo para desafiá-lo no passado e deparar-se com a determinação inflexível dele.

– Nós estamos separados, e eu lhe disse que quero o divórcio.

– E eu lhe disse que só sobre meu cadáver – replicou ele. – Então, vamos ficar aqui no frio, discutindo, ou você será sensata e irá para casa comigo?

Raiva a inundou.

– Eu não pretendo fazer nenhuma dessas duas coisas. – Ela olhou para a fila de táxis do lado de fora dos portões do hospital. – Vou pegar um táxi para onde quero ir, então, pode devolver minha mala, por favor?

Ele meneou a cabeça.

– Não.

Ela o olhou com irritação.

– Estou falando sério, Zeke.

– Eu também.

– Certo, fique com a mala. – Melody tinha sua bolsa sobre o ombro, contendo dinheiro e cartões de crédito. – Mas me deixe em paz.

– Pare com isso. – A atitude estudadamente calma desapareceu. – Eu fiquei longe pelas últimas seis semanas como pediu. Pensei em lhe dar tempo para recobrar o bom senso, depois que o médico falou, na minha presença, que eu a estava aborrecendo e atrasando sua recuperação. Mas não admito que esta farsa continue por mais uma hora. Você é minha esposa... Nós nos casamos para sempre, lembra? Na riqueza ou na pobreza, na saúde ou na doença, até que a morte nos separe...

Ela só ouviu a parte “para sempre”. Aquilo soara como o cumprimento de um dever, fazendo a “coisa certa”, quando tudo em Zeke gritava contra isso, confirmando todos os medos dela. Melody sentiu-se encolhendo.

Zeke nunca fizera segredo do fato de que se deleitava no seu corpo. Todas as noites do casamento deles, e, às vezes, durante o dia também, ele a adorara com seu ato de amor, levando-a a alturas que ela nunca imaginara. Era um amante habilidoso e generoso, aventureiro, porém infinitamente carinhoso, sempre preocupado em lhe dar prazer, mesmo enquanto satisfazia o próprio desejo. Melody nunca dormira com alguém antes de Zeke, porque nunca se apaixonara por qualquer dos homens que namorara, e sempre soubera que queria esperar pelo “homem de sua vida”. Então, Zeke entrara em sua vida como um meteoro brilhante, e, dentro de dois meses, ela se tornara sra. James.

Melody respirou fundo, e ao fazer isso, o primeiro floco de neve flutuou com o vento.

– É preciso dois para fazer um casamento dar certo, Zeke. Você não pode me forçar a ficar.

– Não acredito que estou ouvindo isso.

– Acredite, porque eu falo muito sério. As coisas estão diferentes agora.

A opinião de Zeke da sua última declaração era decididamente profana, mas ela não se encolheu diante da raiva estampada no rosto dele.

– Está dizendo que você não me ama mais? – perguntou ele. – É isso?

Melody desviou o olhar. Do contrário, não poderia mentir convincentemente. Permitindo que seus cabelos caíssem para a frente e escondessem seu rosto, ela murmurou:

– Sim, é isso. Eu não o amo mais. Tudo bem?

– Olhe para mim e fale isso. – Ele ergueu-lhe o queixo com os dedos. – Diga-me que está disposta a jogar fora os dois últimos anos e tudo que nós compartilhamos como se eles nunca tivessem acontecido. Diga-me isso, olhando nos meus olhos.

– É claro que esses dois anos aconteceram, e eu sempre serei grata por eles, mas coisas mudam. Pessoas mudam. – Ela podia ouvir a si mesma dizendo as palavras como se fosse outra pessoa falando.

– *Eu não mudei!* – Ele subitamente balançou a cabeça em movimentos rápidos, significando um pedido de desculpas silencioso para seu tom de voz alterado. – Eu não mudei – repetiu, a rouquidão na voz aparente. – E não acredito que você tenha mudado.

– Oh, eu mudei – disse ela com amargura. Ele se casara com uma mulher jovem e inteira. Agora, Melody não se sentia mais jovem e, certamente, não era mais inteira. Estava péssima, por dentro e por fora. E não havia espaço no mundo de Zeke para incapacidades físicas e emocionais.

– Você fala do acidente? Suas pernas? – A voz dele era tão baixa que ela mal conseguia ouvir. – Isso não faz a menor diferença para mim... Certamente você sabe? Você ainda é você...

– Não. Eu sou diferente, Zeke. E você não pode balançar uma varinha mágica e me transformar na velha Melody, mais do que pode fingir que não estou danificada. Eu nunca mais dançarei. Nunca mais andarei sem mancar. Tenho meses de fisioterapia a minha frente, e já me avisaram que as chances de artrite, quando eu ficar mais velha, são altas. É possível até que eu acabe numa cadeira de rodas.

– Eu sei de tudo isso. Tenho conversado com o médico em bases regulares e trabalhei num programa de treinamento com ele. – Antes que ela pudesse reagir, ele pegou-lhe o braço novamente, acrescentando: – Está começando a nevar, e você está ficando fria. Venha se sentar no carro pelo menos.

– Eu lhe disse que vou pegar um táxi. – Ele estava usando um sobretudo preto, e os cabelos estavam curvados sobre a gola, diferentemente do estilo usual de Zeke... tão curtos que pareciam de um militar. Aquilo era de propósito ou ele precisava de um corte de cabelo? Por alguma razão, Melody achou tal pensamento enfraquecedor, e para combater isso, sua voz adotou

um tom agudo quando ela disse: – E eu não quero mais que você converse com meu médico, muito menos que decida sobre meu tratamento. Posso cuidar de mim mesma. Nós não estamos mais juntos, Zeke. Lide com isso.

Antes que ela tivesse conhecido Zeke, cuidara de si mesma por anos. Sabia, pela sua avó, que seu pai abandonara sua mãe antes que Melody nascesse, mas, uma vez que sua mãe morrera quando Melody era pouco mais que um bebê, ela não se recordava dela. Sua avó materna a criara, e, como sua mãe tinha sido filha única, não houvera tias, tios ou primos na sua vida, e seu avô divorciara-se anos antes e se mudara.

Consequentemente, sua infância havia sido singular, sobretudo porque sua avó desencorajara amizade com outras crianças. Melody vivera para as aulas de dança que fizera desde criança. Aos 16 anos, ela fora aceita numa escola de dança, e tinha acabado de se formar quando sua avó faleceu, deixando-a uma pequena herança. Ela se mudara de sua casa no oeste da Inglaterra para a capital, achando um apartamento de um quarto e começando a procurar trabalho como dançarina enquanto praticava todos os dias. Quando suas economias tinham acabado, Melody fora forçada a aceitar outros trabalhos entre compromissos de dança para pagar as contas, mas estivera feliz, enquanto esperava por sua “grande oportunidade”. E então, o papel de Sasha surgira, ela conhecera Zeke e sua vida mudara para sempre.

– Você está sendo infantil, Melody – disse Zeke num tom que usaria com uma criança rebelde. – Pelo menos, deixe-me lavá-la para onde você quer ir. O que acha que eu vou fazer, pelo amor de Deus? Sequestrá-la e levá-la embora contra a sua vontade?

Esse era exatamente o tipo de coisa que ele *faria*, e seus olhos verdes espelharam seus pensamentos, dando a resposta a ele.

Zeke suspirou em exasperação.

– Eu lhe dou a minha palavra... que tal assim? Mas precisamos conversar. Você me deve isso pelo menos. A última vez que conversamos, você estava praticamente histérica, e metade da equipe médica no hospital me acusava de atrasar sua recuperação. Eu não entendia o que tinha feito de errado, e ainda não entendo. E pretendo entender.

– Eu escrevi para você, a semana passada – murmurou ela, sabendo que ele tinha razão. Mas como poderia explicar para Zeke o que não entendia completamente? Apenas sabia que era impossível que eles ficassem juntos. – Não há mais nada a ser dito.

– Ah, sim, uma adorável cartinha – Zeke falou com sarcasmo. – Algumas linhas declarando que você queria o divórcio, que não exigia absolutamente nada em termos de bens, e que, em vista dessa gentileza, esperava que o divórcio ocorresse sem contestação. Bem, tenho novidades para você. De *maneira nenhuma*, irei deixá-la se separar de mim. Você é minha esposa. Quando eu fiz aqueles juramentos, eles foram para a vida inteira.

Ela ergueu o queixo.

– Eu não sou uma posse, Zeke. Como sua Ferrari ou sua mansão em Madeira. Esta aquisição pode pensar e sentir.

– Não distorça minhas palavras – disse ele com calma notável. – Agora, vai me deixar lavá-la para onde você está indo, sem uma cena, ou devo colocá-la sobre meu ombro e carregá-la para o carro? A escolha é sua. Para mim, tanto faz.

Melody não cometeu o erro de dizer *Você não ousaria*. Zeke ousaria. Reunindo a pouca dignidade que lhe restava, ela fitou-o friamente, antes de permitir que ele a conduzisse na direção da Ferrari.

Estava nevando muito mais forte quando Zeke ajudou-a a entrar no carro. Ela observou-o rodear o capô, um nó se formando em seu estômago. Esse era exatamente o tipo de confronto que tentara evitar, mas, então, deveria ter sabido que Zeke não desistiria *facilmente*. Ela *soubera*. Até mesmo desejara?, perguntou uma vozinha. O que era ridículo. Zeke estava constantemente cercado pelo melhor da indústria de entretenimento, e as mulheres eram atraídas para ele como abelhas para o mel. Melody vira isso inúmeras vezes em festas e eventos. Ele possuía alguma coisa indefinível que valeria uma fortuna se pudesse ser engarrafada, e que não tinha nada a ver com a riqueza de Zeke. Ela sempre o provocara, dizendo que ele teria dado um gigolô irresistível, se tivesse optado por uma carreira diferente. Isso não parecia engraçado agora. Na época, Melody se sentira confiante de sua juventude e de seu corpo perfeito. Agora...

Ele não ligou o carro imediatamente, virando-se para ela e deslizando um braço ao longo do encosto do banco de passageiro.

– Eu senti a sua falta – murmurou com voz rouca, os olhos cor de ébano suaves como veludo. – Cada minuto. Cada hora.

Não, não faça isso. Com a raiva e mau humor dele, ela podia lidar; então ele era o Zeke que o mundo conhecia... duro, determinado, implacável. Mas com ela, sempre tinha sido o oposto de todas essas coisas. E quando um homem grande e másculo como Zeke revelava sua essência suave, era terrivelmente sedutor. Desde a primeira noite, quando ele a esperara do lado de fora do teatro, estivera aberto e vulnerável de um jeito que acabara imediatamente com o antagonismo inicial de Melody. Mais ainda, quando ele lhe contara sua história.

Zeke havia sido criado em lares adotivos desde os 8 anos, quando a mãe solteira finalmente o abandonara, depois de anos de negligência, e desaparecera. Ele admitiu ter tido uma infância problemática e uma juventude ainda pior, e lembrava-se de um professor prevendo que, no futuro, ele seria um vilão ou um milionário... ou talvez, ambos.

– Aquele professor me fez um favor, embora ele não soubesse disso na época. – Zeke lhe contara uma noite durante um jantar num restaurante fino. – Foi uma daquelas encruzilhadas da vida... um momento de decisão. Teria sido fácil seguir por aquele caminho sombrio... eu já estava mais da metade do caminho para lá. Todavia, fazer uma fortuna legitimamente era difícil. Mais do que um desafio. Então eu decidi provar alguma coisa para ele e para mim mesmo.

Melody o olhara em fascinação.

– E essa foi a única razão pela qual você optou pela lei e ordem?

– Não. No fundo, eu queria fazer a coisa certa e nobre – respondeu ele com o sorriso irônico que ela já conhecia. – Mas a verdade é que eu não pensava assim na época. Vivia num ambiente depressivo, misturado com todo tipo de gente, quando eu estava com minha mãe, e, uma vez sob os cuidados do governo, desenvolvi uma personalidade agressiva. – Fui um jovem zangado, suponho. – O sorriso dele ampliou-se. – Eu teria sido um excelente vilão todavia.

Ela riu.

– Fico feliz que você tenha escolhido o caminho do bem – disse ela um pouco ofegante.

Com a expressão séria, Zake pegou-lhe a mão do outro lado da mesa.

– Eu também, e mais ainda neste momento. Eu teria achado muito difícil fitar seus olhos e pedir-lhe que amasse um homem como aquele.

Ela piscou.

– É isso que está me pedindo? Para eu me apaixonar por você?

– Eu a amei desde o momento que a vi naquele palco, colocando-me no meu lugar, e nunca falei para outra mulher que eu a amava, porque não tinha sido verdade antes. Não quero apressar as coisas, Melody, mas quero me casar com você. Quero que seja minha esposa, mãe dos meus filhos, minha parceira na vida. Eu a amo e preciso de você. – Ele recolheu o braço e recostou-se. – Isso responde sua pergunta?

Eles tinham ficado noivos naquela noite, se casado seis semanas depois, e Melody sentira que sua vida apenas começara no dia que ela conhecera Zeke. Ter alguém que a amava havia sido doce.

Ela virou a cabeça para ele agora.

– Você não deveria ter vindo aqui hoje, Zeke.

– É claro que deveria. Nada teria me impedido.

A neve estava cobrindo o para-brisa de branco, fechando-os em seu pequeno mundo. Ele estava tão perto, o cheiro da colônia pós-barba trazendo memórias que Melody não queria. Memórias que a excitavam.

Sabia que ele ia beijá-la, e quando ele ergueu seu queixo e cobriu-lhe a boca com a sua, ela não resistiu. Foi um beijo preguiçoso e sensual, e Melody precisou de toda a sua força de vontade para não responder à mágica daqueles lábios. Mas conseguiu.

Após alguns momentos, Zeke levantou a cabeça e estudou seu rosto.

– Eu entendo – disse ele. – Você acha que pode continuar fazendo isso?

Ele afastou-se, engolindo em seco antes de murmurar:

– Eu não sei o que você quer dizer.

– É claro que não sabe. – Ele beijou-a novamente, e com uma avidez que não fez questão de frear, e no momento que Zeke terminou, Melody não

estava somente correspondendo ao beijo, como também tremendo de desejo.

– Pronto. Assim está melhor. – Ele falou suavemente, então tirou uma mecha de cabelos loiros da testa dela. – Podemos ir para casa agora?

Melody olhou para as feições duras e, de súbito, uma onda de raiva sufocou todas as outras emoções. Afastou-se dele, dizendo:

– É isso que você acha? Que basta um beijo e estou em suas mãos?

Um músculo saltou no maxilar dele.

– Eu não vou para casa com você, Zeke. Não hoje, não amanhã, não qualquer outro dia. – Ignorando a expressão de fúria surgindo nas feições fortes, ela continuou: – Agora, você vai me levar para o hotel onde reservei um quarto, ou devo ir por minha própria conta?

Houve uma longa pausa, depois que ele virou-se e agarrou o volante como se quisesse quebrá-lo. Então, sem uma palavra, ligou o motor, e o carro potente ganhou vida.

– Para onde você quer ir? – perguntou Zeke friamente, e, depois que ela lhe deu o nome da rua do hotel, ele começou a dirigir.

Ela vencera. Zeke tinha cedido. Enquanto eles atravessavam os portões do hospital, Melody ficou imóvel, sentindo-se entorpecida, recusando-se a pensar. O momento para pensar viria mais tarde, quando ela estivesse sozinha. Por enquanto, precisava permanecer na bolha que a cercava. Era a única maneira de reter sua sanidade.

CAPÍTULO 3

MELODY NÃO tinha visto uma fotografia do hotel. Uma vez que a maioria dos hotéis estivera cheio para o Natal, ela não pudera escolher muito. Agora, quando Zeke parou na frente de um prédio meio decadente, situado numa ruazinha de Bayswater Road, Melody respirou fundo.

– Sinto muito – disse ela. – Mas, um dia, você verá que foi melhor assim. Obrigada por ter me encontrado hoje, mas de agora em diante, prefiro que nos comuniquemos apenas por intermédio de nossos advogados.

Zeke não disse nada, saindo do carro e rodeando o capô para ajudá-la a descer.

Devido aos danos em suas pernas, ela desceu na calçada sem muita elegância. Sabendo que Zeke apreciava graça e estilo, Melody encolheu-se por dentro, antes de dizer a si mesma que era melhor assim. Se ele sentisse repulsa por sua falta de jeito, isso apenas reforçaria o que ela vinha dizendo: que eles não tinham futuro juntos.

Quando ele pegou sua mala, Melody estendeu a mão para a mesma, mas ele ignorou a ação, pegando-lhe o braço e conduzindo-a em direção às portas de vidro do hotel.

Uma vez dentro do saguão... que não era tão ruim quanto ela esperara, pelo exterior do prédio... Melody estendeu a mão para a mala novamente.

– Obrigada. Eu posso me virar daqui.

– Sente-se. – Ele depositou-a num dos sofás do saguão. – Eu vou pedir para que levem sua mala para seu quarto. Depois nós vamos almoçar.

Precisa de alguma coisa da mala antes que eu a despache?

Melody meneou a cabeça. Seus remédios estavam em sua bolsa.

– Mas não acho...

– Ótimo. Não pense – murmurou ele com sarcasmo. – Por uma vez na vida, apenas ouça.

Ela observou Zeke andando para a recepção, enquanto sua cabeça girava, suas pernas e suas costas doíam. Quando estivera no hospital, seus planos para este dia importante... sua reentrada no grande mundo ruim... pareciam tão simples. Os médicos tinham-na avisado que seria cansativo, após as semanas passadas na cama ou na cadeira, e ela imaginara pegar um táxi para lá, então descansar pela maior parte do dia, usando serviço de quarto se quisesse comer. Mas não esperara se sentir tão fraca, e, talvez, isso se devesse mais à presença inesperada de Zeke do que a sua condição física.

Ele voltou em poucos minutos.

– Tudo resolvido. Eles servirão almoço no restaurante em uma hora, então eu pedi que o porteiro estacionasse o carro. Eles têm algumas vagas reservadas para o staff, mas foram muito prestativos.

Ela não duvidava disso. Dinheiro sempre resolvia tais problemas, e Zeke era muito generoso.

– Pensei que você iria preferir comer aqui em vez de em qualquer outro lugar. – Ele sentou-se ao seu lado. – Você parece cansada. E eu pedi café enquanto esperamos.

Melody irritou-se. Como ele ousava assumir o controle de tudo? E ao comentar que ela parecia cansada, queria dizer que sua aparência não estava boa? Bem, Zeke não precisava lhe dizer isso. Seu espelho fazia um ótimo trabalho todas as manhãs. Ela não dormia bem desde o acidente e tinha muitos pesadelos.

Melody olhou pela janela ao lado do sofá. Estava nevando, e telhados já estavam cobertos com o manto branco. O Natal seria branco, com certeza. No último ano, eles haviam passado o feriado esquiando na Suíça, voltando para o alojamento maravilhoso no fim da tarde e passando as noites abraçados em frente à lareira, tomando chocolate quente. Ela estivera prestes a ser envolvida numa grande produção no West End, no Ano Novo, e a vida

estava doce. Eles tinham conversado sobre ter uma família um dia, é claro, mas não por anos. A maioria das dançarinas precisava acabar suas carreiras entre seus 30, 35 anos, e Zeke sentira-se contente em esperar até que ela estivesse pronta.

Como se pudesse ler sua mente, ele murmurou:

– Parece que nós não precisaremos seguir a neve este ano. Ela veio até nós.

– Exceto que não é possível esquiar em Bayswater Road – replicou ela, mesmo sabendo que seus dias para tais esportes tinham acabado. – A menos que você queira ser levado embora por homens em jalecos brancos.

Zeke riu, então ficou sério e inclinou-se para a frente.

– Fale comigo, Dee – pediu ele, chamando-a pelo apelido que criara para ela. – Conte-me como você se sente. Eu preciso saber. Essa desculpa sobre não se sentir a mesma não combina com você.

Aquela *era* a verdade, e não era. E, no fundo, ela soubera que teria de se explicar completamente, para que Zeke aceitasse que o casamento acabara. Ao mesmo tempo, sabia como ele se sentia sobre doença. Nos anos com a mãe dele, antes que ela partisse, Zeke fora criado nos lugares mais sórdidos, convivendo com traficantes de drogas, viciados e alcoólatras. O que o deixara com uma resolução quase patológica de cuidar do próprio corpo. Ele não conseguia entender pessoas que descuidavam da própria saúde. O corpo de dançarina e a saúde física de Melody haviam formado grande parte da atração que ele sentira por ela. Melody sabia disso, embora ele nunca tivesse falado em tantas palavras. E agora...

Escolhendo as palavras cuidadosamente, ela o encarou.

– Zeke, você vai me ouvir? *Realmente* ouvir, e não me interromper até eu terminar?

Ele assentiu.

– Se você me falar a verdade.

– Você me perguntou mais cedo se eu ainda o amo, e a resposta para isso é: claro que sim. – Com o movimento dele, ela levantou a mão. – Você prometeu.

Ele recostou-se, os olhos cor de ébano intensos nos seus.

– Continue.

– Mas agora, depois do acidente, o fato de eu amá-lo, ou de você me amar, não basta. Desde garotinha, tudo que eu sempre quis fazer foi dançar. Isso era minha vida. Eu era totalmente dedicada, e disciplinada pelas demandas do balé, até que fiquei muito alta, mas contanto que pudesse continuar dançando, eu não me importei muito. Você sabe como a competição é acirrada nos negócios de entretenimento, mas isso nunca me causou um momento de dúvida, porque eu *tinha* de dançar. Era simples assim. E agora acabou.

O garçom chegando com café interrompeu Melody, e ela esperou até que ele saísse, antes de continuar:

– Eu sei que poderia ter morrido naquele dia, e agradeço por estar viva, mas as coisas nunca mais serão como antes. Se eu não quiser me afogar num mar de autopiedade, tenho de construir uma vida nova, longe do mundo que abracei pela última década. E Zeke... você é a personificação daquele mundo. Um mundo que você adora, que é sua vida inteira.

Mais uma vez, ele ameaçou falar, e Melody deteve-o com uma mão erguida.

– Mas isso é apenas parte do motivo pelo qual eu preciso partir. Você está cercado por mulheres que o veem como um meio para entrar no mundo do entretenimento. Mulheres lindas, talentosas, jovens e ambiciosas. Sei quão longe algumas delas podem chegar para conseguir chamar sua atenção. Eu não gostei disso na época, e gosto ainda menos agora.

Ela estava tremendo e deu um gole do seu café, precisando da cafeína. A próxima parte era mais difícil de dizer.

– Na época, eu poderia ser tudo o que você precisa. Agora, não posso. Temos de ser honestos aqui, encarar os fatos. Você tem uma esposa mutilada. Você... o rei dos negócios de entretenimento. Quando nós fossemos a eventos e jantares, e andássemos pelo tapete vermelho, eu estaria mancando do seu lado. Talvez, até houvesse um dia quando você precisasse me empurrar numa cadeira de rodas. Ou eu ficaria em casa, assistindo de longe, me tornando alguém que não quero ser, e, por sua vez, você mudaria.

Eu não quero que acabemos assim. É muito melhor terminarmos agora, enquanto ainda nos gostamos e temos boas memórias para cultivar.

Ele a estava olhando como se ela estivesse louca, e agora, nada poderia ter detido as próximas palavras de Zeke.

– Isso é bobagem... pura bobagem – declarou ele com fúria controlada. – Você não está falando sobre nós dois. O que temos é mais forte e melhor do que as pessoas que você pintou. E as mulheres supostamente lindas que citou... o que você é, senão linda? Por dentro e por fora?

– Eu não sou linda, Zeke, não mais. Tenho cicatrizes... feias e vermelhas na pele que você costumava dizer que era sedosa e da cor de mel... e elas sempre estarão aqui. Oh, elas podem se suavizar com o tempo, mas não vão desaparecer.

– Eu não me importo com suas cicatrizes.

– Você não as viu. – Melody o olhou morrendo por dentro.

– E de quem é a culpa disso? Quando pedi para vê-las, você ficou histérica, fui expulso do quarto e avisado para não mencioná-las novamente. Você me mostraria quando estivesse pronta, eles disseram. Mas logo em seguida, fui avisado que visitá-la estava lhe causando mais danos do que benefícios, e que se me importasse com você, deveria lhe dar espaço para respirar. Bem, se “espaço para respirar” resultou nessas suas ideias tolas, eu deveria ter continuado visitando. Eu *a* amo, Dee... cada parte sua, com cicatrizes e tudo... e não gosto de ser rotulado como um homem patético que vai dormir com qualquer mulher em oferta. Este não é quem eu sou, e você sabe disso.

O rosto pálido de Melody corou de raiva agora.

– Eu não disse isso.

– Foi exatamente o que você disse. – Ele estava furioso. – Certo, deixe-me lhe perguntar algo. E se tivesse sido eu no acidente? E se minhas pernas tivessem sofridos danos? Você procuraria outra pessoa?

– Você sabe que não.

– Então, por que acha que eu procuraria? E o que torna seu amor tão superior ao meu? Porque é isso que você está insinuando, e me magoando no processo.

– Você está distorcendo minhas palavras. – Melody estava à beira das lágrimas. – Eu nunca disse que meu amor é melhor do que o seu.

Zeke fitou-lhe os lábios trêmulos, as olheiras por falta de sono, e o corpo que perdera peso nos últimos meses. Praguejando baixinho, puxou-a para si.

– Não chore. Eu não quero fazer você chorar. Quero amá-la e cuidar de você. Mas você está me enlouquecendo, mulher. Quase fiquei insano nas últimas semanas. Eu até mesmo vinha para o hospital de noite e ficava sentado no estacionamento, apenas para estar perto de você. Loucura, não? Mas é assim que tem sido.

Melody relaxou encostada nele por um momento... mas apenas por um momento. Zeke sentia que ficar com ela, apoiá-la, protegê-la, era seu dever. Dever não era uma coisa ruim; ela apenas não queria que fosse a razão para que o casamento deles continuasse. Não podia viver com a piedade dele.

Distanciando-se, Melody bebeu o resto de seu café. Após um momento, ele fez o mesmo, mas os olhos cor de ébano permaneceram fixos nos seus.

– Em parte, isso tem a ver com sua avó – disse Zeke, após um tempo. – Você sabe disso, não sabe?

Pega desprevenida, ela encontrou-lhe o olhar.

– Sobre o que você está falando? Minha avó está morta há anos.

– Eu sei que ela a criou e que você a amava, mas sua avó não era exatamente fã dos homens pelo que me contou. Ela nunca a deixou esquecer que seu pai abandonou sua mãe, e os casos extraconjugais de seu avô eram mencionados todo dia.

– Todo dia é um exagero.

– Não muito. Sua avó pingou o veneno da própria amargura por anos. Ela não podia superar o fato de que ele partira, no final, apesar de ela ter aguentado infidelidade pela maior parte do casamento deles.

Melody ergueu o queixo.

– E por que ela deveria tê-lo perdoado? Ele era um homem detestável. Eu o teria levado ao veterinário para certa operação se ele fosse meu marido.

Zeke sorriu.

– Eu mantereis isso em mente. Mas a verdade é que a visão ressentida de sua avó causou danos, e tornou você insegura em certas áreas. Admita, Dee.

– Eu não farei uma coisa dessas. – Como ele ousava criticar sua avó assim? – E as ações de meu pai e de meu avô não têm nada a ver com esta situação.

– Esta não é uma situação, Dee. É o nosso casamento, e, independentemente do que você fale, a infidelidade deles tem um peso sobre como você me vê. Você já nos imaginou envelhecendo, juntos? Duvido. Mas isso não importava, porque eu pretendia provar que você estava errada, e que eu não ia a lugar algum. Ainda não vou.

Ele a estava confundindo, e isso não era justo. Melody se preparara para o inevitável durante as últimas semanas torturantes, endurecendo seu coração contra qualquer esperança, e não voltaria para o terrível momento depois do acidente, quando não soubera o que fazer. Aquilo tinha sido pior do que depois que ela percebera que deixar Zeke era a única maneira de reter sua dignidade. Não poderia assisti-lo deixar de amá-la, aos poucos, enquanto sua vida em conjunto não dava mais certo. O trabalho e colegas deles, os amigos... *tudo* estava incluso num mundo no qual Melody não fazia mais parte. A mesma coisa que os unira, agora os separava. Grande ironia.

– Eu só sei que não posso mais continuar com nosso casamento, Zeke. Não posso.

As portas de entrada do hotel se abriram, e um jovem casal de japoneses entrou com duas crianças pequenas e claramente excitadas. As garotinhas eram tão lindas em seus casacos e chapéus vermelhos iguais que, apesar de como estava se sentindo, Melody teve de sorrir quando encontrou os olhos da mãe.

– É a neve – a mulher explicou num inglês perfeito. – Elas queriam tanto neve no Natal, de modo que Papai Noel pudesse aterrissar seu trenó aqui e se sentir em casa.

– Isso é muito importante – concordou Melody, olhando para as crianças e acrescentando: – E não se esqueçam de deixar algumas cenouras para as renas, certo? Elas ficam muito cansadas levando tantos presentes em uma noite.

As crianças riram; se a entendiam ou não, Melody não sabia, mas quando ela voltou-se para Zeke, ele a observava com olhos inescrutáveis.

– E quanto à família que nós dissemos que teríamos um dia? – questionou ele. – Onde filhos se encaixam nos seus planos futuros?

Ela olhou para as mãos.

– Eles não se encaixam – sussurrou ela, sabendo que, se não tivesse bebês com Zeke, não os teria com ninguém mais. O mero pensamento de outro homem tocando-a era insuportável. Ela era de Zeke... corpo e alma... e sempre seria, mesmo que não pudesse estar com ele.

– Entendo. – A voz dele era baixa e tensa. – Então, você tomou a decisão por mim também. Que gentileza. E eu tenho direito de protestar por perder a chance de paternidade?

– Você não precisa perdê-la. Pode ter filhos com outra pessoa. – Ela ainda não o olhou.

– Se nós não estivéssemos num lugar público, eu lhe diria exatamente o que penso disso – respondeu ele, com fúria. – Você imagina, seriamente, que alguém possa tomar seu lugar? Nada que eu disse no passado significou algo? Eu me apaixonei por *você* . Não quero ninguém, *exceto* você. Nunca. Ouça o que estou falando, droga.

Melody nunca o vira tão zangado como quando cometeu o erro de olhar para cima. O rosto dele era de um estranho... um estranho ultrajado, perigoso.

Seu coração começou a ceder, mas, de alguma forma, ela manteve a voz firme ao dizer:

– Era isso que eu estava tentando evitar não vendo você. Não quero brigar, Zeke, mas falo sério, e não mudarei de ideia. Se você quiser esquecer sobre o almoço e ir embora agora, tudo bem.

Ela observou-o frear a raiva com formidável autocontrole. Ela já vira a habilidade de Zeke de controlar as emoções, e era quase assustadora. Após alguns momentos, ele sorriu, e você teria de conhecê-lo muito bem para reconhecer que não era um sorriso real. Mas ela o conhecia bem.

– Estou aqui e vou ficar – disse ele.

E Melody teve a impressão de que Zeke não estava falando apenas sobre o almoço.

CAPÍTULO 4

ELLES PERMANECERAM sentados num silêncio que vibrava com coisas ditas e não ditas, até que uma jovem recepcionista foi informá-los de que a mesa deles no restaurante estava pronta.

O restaurante era agradável, mas nada como os lugares caros e sofisticados nos quais Zeke costumava levá-la. De qualquer forma, as decorações natalinas eram de bom gosto e davam um charme festivo ao salão. A mesa para dois tinha uma bonita árvore de Natal no centro de uma toalha branca bordada com estrelas prateadas.

Depois que o garçom lhes entregara o cardápio e saíra para que eles decidissem o pedido, o garçom de vinhos apareceu. Zeke sorriu para ela.

– Uma vez que estamos comemorando, uma garrafa de seu melhor champanhe – ele falou para o garçom, mas com os olhos em Melody. O garçom sorriu e retirou-se.

– Comemorando? – perguntou ela com voz inexpressiva.

– É claro. Você saiu do hospital e a vida pode começar novamente. – O sorriso dele era desafiador. – Isso não merece um bom champanhe?

Ela não ia morder a isca, disse a si mesma. Deu de ombros.

– Eu não pensei que você aprovasse beber e dirigir.

– Certíssima – concordou ele. – Eu não aprovo.

Lutando contra a vontade de perguntar o que ele ia fazer com a Ferrari, porque sabia que Zeke queria que ela fizesse exatamente isso, Melody cerrou os dentes e concentrou-se no cardápio. Sem dúvida, ele chamaria algum de

seus empregados para apanhar o carro e voltaria de táxi para casa. Ele não se importaria sobre estragar os planos de alguém para a véspera do Natal.

E então, ela imediatamente envergonhou-se de si mesma. Zeke não era cruel com seu staff. Ela é quem estava sendo cruel, o que não combinava com sua personalidade. Mas, então, não se reconhecia mais desde depois do acidente.

Ela sempre se considerara uma pessoa focada, equilibrada... o tipo de mulher que saberia lidar com quaisquer problemas que a vida lhe trouxesse. Porém o acidente a abalara demais... não apenas fisicamente, mas mental e emocionalmente. Tinha sido um daqueles eventos cataclísmicos... um daqueles desastres que ela não imaginara nos piores pesadelos. E não soubera lidar com isso. Ainda não sabia. O ocorrido levava à superfície emoções que revelavam inseguranças e dor interna, começando pelo fato de seu pai ter abandonado sua mãe e ela. Ele obviamente não quisera a responsabilidade, então, abandonara sua mãe por causa dela? Melody tinha sido a causa do rompimento deles?

Ela subitamente percebeu que o garçom tinha voltado e estava servindo o champanhe. Depois que ele colocou a garrafa no balde de gelo e saiu, Zeke ergueu sua taça.

– A você – disse ele, suavemente. – Minha esposa vulnerável, doce e incomparável. O centro do meu universo.

Ela erguera a própria taça. Agora, colocou-a sobre a mesa sem dar um gole.

– Não faça isso, Zeke.

– Não fazer o quê? Dizer o quanto eu a adoro? Mas eu a adoro, Dee.

– Você... não precisa dizer isso.

– Não preciso? – O tom dele era irônico. – Quando eu já fiz alguma coisa porque preciso fazer? Certo, você não gostou do brinde. Que tal – ele levantou a taça novamente e esperou que ela fizesse o mesmo – a nós?

– Zeke – ralhara ela, mas ele meramente sorriu.

– Ao Natal, então. Um feliz Natal para todos. Impessoal o suficiente? Certamente, você pode beber a isso.

Melody provou o champanhe. Era delicioso, sedutor e sofisticado... muito como Zeke. Ela o olhou.

– Muito bom – disse ela, tentando não notar o sorriso dele.

– Não é? – concordou ele. – Está com fome?

Surpreendentemente, pela primeira vez desde o acidente, Melody tinha algum apetite. Assentiu.

– Um pouco.

– Ótimo. Você precisa se alimentar. – Ignorando-lhe a careta diante da crítica a sua magreza, ele continuou: – Eu vou deixar para comer peru de Natal amanhã à noite, e optar por vitela com molho vermelho e alecrim. Escolherei a sobremesa mais tarde. E você?

Melody teria escolhido o mesmo prato, mas sentiu necessidade de afirmar sua independência.

– Eu quero patê de cogumelos e bife ao molho madeira. – Ela pôs o cardápio sobre a mesa e deu outro gole de champanhe. Precisava ser cuidadosa. Não tomara uma gota de álcool nos últimos meses enquanto estava no hospital, e o champanhe fino era tanto delicioso quanto perigoso. Ela nunca fora capaz de resistir a Zeke no passado, com ou sem álcool.

O garçom aproximou-se, e, enquanto Zeke conversava com ele, Melody estudou-lhe o rosto pela primeira vez naquela manhã. Ele estava atraente como sempre, mas parecendo cansado e preocupado. Estaria trabalhando demais? Antes do casamento deles, ela soubera que ele costumava virar noites trabalhando, e, mesmo depois do casamento, houvera ocasiões nas quais eles não se viam por mais de 24 horas. Zeke achava impossível delegar, esse era o problema. Tendo construído seu império com sangue, suor e lágrimas, ele era orgulhoso e protetor do mesmo, e nem sempre tão seguro de si como gostaria que as pessoas acreditassem. Particularmente em relação a ela.

Era isso que a cativara quando eles haviam começado a namorar, reconheceu Melody. Ele estivera louco por ela, mas inseguro de como ela se sentia a seu respeito, o que a surpreendera. Zeke raramente falava sobre a própria infância, mas quando falava, revelava que tivera grandes problemas como amor e compromisso no passado, e em confiar nas mulheres.

O pensamento perturbou-a. Melody vinha tentando reprimir tais verdades nas últimas semanas.

Entretanto Zeke *encontraria* outra pessoa, facilmente, ela assegurou-se. Sua avó sempre dissera que amor significava algo inteiramente distinto para homens e mulheres, e que o amor dos homens era mais físico e transitório.

– Mesmo os melhores deles procurarão uma modelo mais jovem com o tempo, Melody. Apenas para que se lembre disso e se proteja contra o dia que acontecer.

Por um momento, era como se sua avó estivesse lá, e Melody piscou, sacudindo-se mentalmente. Zeke dissera que a visão preconceituosa que sua avó tivera da vida e do amor a afetara, o que ela não gostara de ouvir na ocasião, mas poderia haver alguma verdade nisso? Aquilo a influenciara de maneira negativa?

Sentindo que a ideia era uma traição à mulher que a criara e se sacrificara tanto para lhe dar as aulas de dança que ela tanto queria, Melody imediatamente repudiou o pensamento. Homens *tinham* obsessão por corpos e aparências de mulheres. O número de mulheres de meia-idade que eram dispensadas durante crises com seus maridos era prova disso. Homens simplesmente não eram monógamos por natureza.

Melody saiu de seu devaneio para descobrir que, sem querer, terminara sua taça de champanhe, e Zeke a olhava intensamente. Em silêncio, ele completou sua taça.

– No que você estava pensando? Não era em mim, era?

Ela não ia contar-lhe, mas precisava falar alguma coisa para satisfazê-lo. Olhou ao redor do restaurante, que estava enchendo aos poucos antes de murmurar:

– Apenas que hoje não aconteceu do jeito que eu planejava.

– Realmente acha que, depois de três meses presa num hospital, eu a deixaria fazer isso sozinha?

– Eu sou mais do que capaz de cuidar de mim mesma – disse ela. – Não sou criança.

A voz de Zeke continha mais do que um pouco de autodepreciação quando ele replicou:

– Acredite, Dee, eu nunca a vi como criança. Exasperada, impenetrável, às vezes, mas nunca criança.

Ela corou diante do desejo sensual nos olhos cor de ébano. Agitada, deu um gole do champanhe, antes de perceber o que estava fazendo e pôr a taça sobre a mesa de modo tão abrupto que quase derramou o líquido.

– Relaxe. – Ele pegou-lhe a mão como se tivesse todo direito de tocá-la quando quisesse, e como se a conversa de separação e divórcio nunca tivesse acontecido. – Você é como uma gata em telhado de zinco quente. Este sou eu, lembra? Seu marido.

Zeke ergueu a mão dela e levou-a aos lábios. Uma onda de eletricidade subiu pelo braço de Melody, antes que ela pudesse reprimir sua reação diante daquela boca em sua pele sensível. Recolhendo a mão, ela falou com veemência:

– Não faça isso.

– Mas você gosta que eu a toque. Não negue. E eu gosto de tocá-la, Dee. Lembra como costumava ser? – O olhar dele baixou para seus lábios, e ela sentiu seus mamilos enrijecendo, quando uma onda de desejo sexual inundou-a. – Nós fazíamos amor em qualquer lugar, a qualquer hora. E era isso que fazíamos, Dee... *amor*. Não fazíamos apenas sexo, por mais maravilhoso que fosse.

Ela queria mandá-lo parar, mas a voz profunda estava evocando memórias que persistiam em perseguir seus sonhos noturnos, e que a faziam acordar arrasada quando percebia que ele não estava lá.

– Como aquela vez em Madeira, quando nós estávamos cozinhando panquecas para o café da manhã, e descobrimos outro uso para o melado – acrescentou ele, com voz rouca. – Eu nunca provei nada tão bom. Nós nunca comemos as panquecas, comemos?

Eles tinham se amado ali mesmo no piso de madeira da cozinha, aquecido pelo sol, e, mais tarde, quando brincaram de lambar melado um do corpo do outro, fizeram amor de novo, devagar e preguiçosamente. Dias mágicos.

Consciente de que estava num lugar público, e não podia dar vazão à angústia que as palavras de Zeke haviam induzido, Melody lutou por

autocontrole. Não importava como eles tinham sido bons juntos. A garota que se deleitara em envolver seus membros cor de mel em volta dele, que se deleitara no prazer que ele sentia por seu corpo perfeito, não existia mais. Ela nunca mais se sentiria tão desinibida, tão cheia de alegria, tão *dele*. Não esperava que Zeke entendesse isso, mas sobrevivência ditava que ela precisava deixá-lo antes que murchasse e morresse, tentando ser a pessoa que se apaixonara por ele. Não podia encarar a perspectiva de gentileza e piedade substituindo desejo e paixão que ele sentira por ela.

– Você me quer, Dee. Tanto quanto eu a quero. – Zeke recusava-se a aceitar a autonegação dela. – Precisa me sentir em seu interior, tanto quanto eu preciso estar lá. Quero fazer amor com você por horas novamente. Nada apressado, porque temos todo o tempo do mundo agora que você está comigo outra vez. Eu posso acabar com todas as suas dúvidas, com suas preocupações, fazendo-a acreditar que estamos bem.

– Não, você não pode, e nós não estamos juntos outra vez – Melody falou fervorosamente, tentando sufocar o desejo que as palavras dele lhe causavam.

– Você é minha, sempre será, e sabe disso. – Zeke inclinou-se para mais perto, sem tocá-la, mas envolvendo-a com seu calor. – Nossa casa nos espera, e viver lá sozinho está me matando. Não posso estar lá sem imaginá-la nos meus braços, fazendo amor em todos os cômodos como fizemos na primeira semana que nos mudamos. – Ele observou sua expressão desejosa, então continuou com voz rouca: – Hoje é o primeiro dia do resto de nossas vidas, juntos...

– Pare com isso. – O tom de Melody foi agudo. – Pare, ou eu irei embora imediatamente.

Ele fitou-lhe os olhos, grandes e trágicos contra as feições pálidas, então praguejou. Recostando-se, bebeu todo o champanhe da taça.

O garçom levou as entradas à mesa nos próximos momentos, e, após alguns minutos que eles começaram a comer, Zeke disse:

– Eu não sei se quero beijá-la ou estrangulá-la no momento.

– Não se preocupe com isso, porque eu não o deixaria fazer nenhuma das coisas. – Ela deliberadamente manteve a voz leve e o rosto inexpressivo. – O

patê está ótimo a propósito.

Os olhos de Zeke estavam duros enquanto ele tentava assimilar a mudança nela. E porque estava sempre no controle, não gostava daquilo. Melody não achava que uma mulher já falara não para ele antes. Até conhecê-la, Zeke sempre fora aquele que terminara seus relacionamentos.

– Então, você está determinada a continuar com essa farsa ridícula? – murmurou ele, após terminar seu salmão.

Melody o encarou, abençoando a força que viera de algum lugar e que a fazia tremer apenas por dentro.

– Está falando da separação? É claro.

– É claro? – repetiu ele, suavizando o humor. – Eu não teria dito que existe “é claro” sobre isso. Mas quem sou eu? Um mero homem.

Melody observou-o cautelosamente. Ninguém poderia acusar Zeke James de ser um mero qualquer coisa.

Por que ele tinha de ser tão... tão *tudo?*, ela perguntou-se em desespero. Por que ela não podia ter se apaixonado por um homem comum, atraente, porém que não tivesse o resto da raça feminina perseguindo-o? Alguém que ela pudesse sentir que fosse verdadeiramente seu?

Mas não acontecera assim, infelizmente.

Zeke completou as taças quando o garçom retirou os pratos vazios. Música de Natal tocava nos fundos, e do lado de fora das janelas do restaurante, o pequeno pátio tinha sido transformado numa terra encantada de inverno, a única árvore ali orgulhosamente exibindo sua nova roupagem branca. Os flocos de neve continuavam caindo, o solo já formando mais de um centímetro de carpete.

Sem pensar sobre o que ia dizer, ela voltou-se para Zeke.

– Está nevando mais forte. Assim que acabar de comer, você deveria ir embora.

A hora de carro que levava para chegar à mansão deles na extremidade de Reading dobraria com este tempo, e a Ferrari... apesar de linda... não era ideal para condições árticas. Ele poderia facilmente ficar encalhado no meio do nada.

O sorriso de Zeke foi irônico.

– Não vê a hora de se livrar de mim?

– Isso, e o fato de que você teria a chance de ficar enclalhado na neve. O vento está aumentando de velocidade... ou não notou?

– Eu notei.

Melody deu de ombros.

– Não diga que eu não o avisei.

– Considerando que você não fez nada, *exceto* me avisar sobre coisas desde o começo desta manhã, eu não sonharia com isso.

Ele ainda estava sorrindo, mas o tom da voz de Zeke dizia que ele não aceitara derrota. Uma onda de consciência intensa a percorreu por um momento. Ela não queria brigar com ele. Sentia-se tão abalada emocionalmente que ansiava por paz mental, e não obteria esta até que estivesse longe de Zeke. Uma vez que organizasse algumas coisas essenciais, Melody pretendia desaparecer por alguns meses. Não aceitaria um centavo da fortuna dele para se sustentar... ela já trabalhara em bares e restaurantes antes, e poderia fazer isso novamente, e já pensara em se tornar professora de dança no futuro.

O garçom chegou com o prato principal, mas Melody subitamente perdera o apetite, e teve de se forçar a comer. Não ajudava que Zeke a observava o tempo inteiro, como se procurando uma rachadura em sua armadura.

– Você está se esforçando para comer – comentou Zeke. – Cansada?

Ela assentiu. O esforço de sair do hospital e o confronto com Zeke, o qual ela tivera esperança de evitar até que estivesse mais forte, roubara mais suas forças do que ela pensara ser possível. Os médicos haviam previsto que ela experimentaria extrema exaustão nos primeiros dias após a alta, mas Melody não imaginara que fosse se sentir tão esgotada. Tudo o que queria era dormir.

– Quer abrir mão da sobremesa por enquanto?

Ela não sabia o que ele queria dizer com “por enquanto”, mas estava muito exausta para questionar. Assentiu. Poderia deitar a cabeça e dormir imediatamente.

Zeke levantou a mão. O garçom apareceu e, dentro de momentos, eles estavam saindo do restaurante. Ela soubera que ia achar difícil levantar e andar... seus músculos ainda não estavam funcionando como antes, e ficavam rígidos facilmente, embora o fisioterapeuta a assegurara que isso era apenas temporário... mas as mãos firmes de Zeke em seus cotovelos facilitaram. De qualquer forma, Melody sabia que estava mancando, e imaginou o que ele estaria pensando. Ele sempre dissera que ela possuía a graça de uma gazela. Bem, não mais, pensou ela dolorosamente.

Uma vez no *foyer* do hotel, ela parou e encarou-o, de modo que ele foi forçado a largar seu braço. Zeke usava um terno cinza-chumbo com uma camisa cor de pêssego e uma gravata, e nunca parecera mais atraente. O magnetismo dele era tão forte que ela podia sentir o gosto. De forma entorpecida, Melody falou:

– Obrigada pelo almoço. Estava muito bom. E, apesar de poder não ter parecido, eu apreciei sua gentileza em ter ido me buscar no hospital hoje, embora não fosse necessário. Espero que faça uma boa viagem até Reading.

O maxilar de Zeke estava rígido, mas a voz era tranquila quando ele murmurou:

– Você precisa descansar. Eu pegarei a chave do quarto.

– Eu posso fazer isso... – Ela parou. Estava falando sozinha. Ele já estava a caminho da recepção.

Muito cansada para protestar, Melody observou-o trocar algumas palavras com a recepcionista, antes de guardar a chave do quarto no bolso. Então ele estava de novo ao seu lado, pegando-lhe o braço e dizendo:

– Eu pedi chá com bolo do serviço de quarto para às 16h. Isso lhe dará duas ou três horas de sono, tudo bem?

Não estava tudo bem. O que ele estava *fazendo*, assumindo o comando da situação, depois de tudo que ela dissera?

– Zeke...

– Não crie uma cena, Dee. Não com todas essas boas pessoas a nossa volta. Você não quer estragar o Natal de alguém, quer?

Além de se desvencilhar dele, o que ela não confiava que pudesse realizar, Melody descobriu que não tinha opção senão andar com ele para o elevador.

Não queria que Zeke a acompanhasse até seu quarto. O *foyer* era um lugar neutro para uma despedida, com pessoas ao redor; seu quarto era uma proposição totalmente distinta.

No final, isso não foi problema, porque, uma vez que o elevador deixara-os no andar requisitado, e Zeke andara alguns metros no corredor e abrira uma porta, Melody descobriu que ele não tinha intenção de ir embora.

Ele deu um passo ao lado para que ela o precedesse, mas Melody parou na soleira do que era claramente uma suíte de cômodos.

– Este não é meu quarto. Eu não reservei isto. Pedi um quarto de casal padrão. – E *aquela* custara uma pequena fortuna.

– Suas acomodações foram claramente aprimoradas – murmurou ele, conduzindo-a para uma sala de estar luxuosa, completa com árvore de Natal decorada, antes que o cérebro de Melody voltasse a funcionar.

Quando funcionou, ela virou-se para encará-lo com expressão acusadora.

– Você fez isso. Eu quero meu próprio quarto. Quero o quarto que reservei.

– A recepcionista me informou que aquele foi ocupado minutos depois que eu transferi para este, quando nós chegamos – Zeke falou com imperdoável satisfação. – Pense nisso como sua boa ação de Natal. Aquelas pessoas provavelmente não teriam tido condições de pagar esta cobertura, que era a única outra acomodação disponível quando eu perguntei, então, o fato de nós estarmos aqui significa um Natal feliz para mais alguém. *É* a época das boas ações.

Melody disse alguma coisa muito rude em resposta, a qual chocou a ambos. Então, absorveu o significado das palavras dele.

– O que você quer dizer com “nós”? – perguntou ela, furiosamente. – Este é meu quarto, e eu ficarei aqui, sozinha... e pagarei por ele. – De alguma forma.

– O pagamento já foi feito – replicou Zeke, parecendo intocado por sua raiva.

– Bem, pode ser desfeito.

– E causar ao hotel toda a chateação com papelada? – Zeke meneou a cabeça. – Você parece não se importar muito com gentileza humana. O

espírito natalino não a tocou nem um pouco?

Melody nunca chegara tão perto de bater em alguém antes, o que a chocou mais, porque ela nunca se considerara uma pessoa violenta. Cerrando os dentes, respirou fundo.

– Eu quero que você vá embora, Zeke. Imediatamente.

Ela esperara que ele discutisse, então ficou sem ação, quando ele concordou suavemente.

– Assim que você estiver seguramente na cama. E não se preocupe que não vou agarrá-la. Posso ver que você está exausta, querida.

Foi o jeito que ele falou a última palavra que drenou toda a resistência de Melody. Com medo que fosse chorar a qualquer minuto, ela começou a atravessar o quarto.

– Eu vou ao banheiro.

A suíte tinha mais três cômodos... um pequeno estúdio, completo com computador e tudo que um visitante de negócios precisasse para se conectar com o mundo, e dois quartos, ambos com banheiro, e decorados com os mesmos tons de creme, cinza e dourado que na sala de estar.

Dentro do banheiro do segundo quarto, Melody fechou os olhos por um momento. Foi um esforço enorme abri-los e andar até o espelho longo. Ela gemeu ao ver seu reflexo. Seu bronzeado de verão já tinha desbotado há muito tempo, depois de meses no hospital, mas ela fora cuidadosa em hidratar a pele, apesar de tudo. Hoje, todavia, sua pele estava quase cinza de exaustão, e seus olhos verdes pareciam enormes no rosto magro. Não era uma visão bonita; não era de admirar que Zeke quisesse encurtar a refeição... ela parecia um fantasma.

Melody vira sua mala no quarto ao passar por lá, mas em vez de ir para o quarto, ela despiu-se, antes de colocar o roupão branco atoalhado, que estava pendurado atrás da porta. Era enorme, porém ótimo, decidiu, amarrando a faixa em volta de sua cintura fina. O roupão escondia tudo que ela precisava esconder daqueles olhos cor de ébano penetrantes, e isso era o que importava.

Zeke a aguardava quando ela entrou descalça na sala de estar e anunciou:

– Estou pronta para dormir, então você pode ir.

O olhar dele percorreu-a da cabeça aos pés. Melody descobriu que estava duplamente grata pelo roupão volumoso, quando seu corpo traidor respondeu, seus mamilos enrijecendo.

– Você parece ainda mais magra nessa coisa – comentou Zeke. – A comida do hospital era tão ruim assim?

Ela meneou a cabeça.

– Eu que não tinha apetite. Logo ganharei peso.

– Magra, mas linda. – A voz dele estava rouca agora, o rosto dizendo o que as palavras não diziam. – Encantadoramente linda, na verdade.

– Por favor, Zeke, vá embora. Eu não posso... – Melody engoliu em seco. – Por favor, vá.

– Eu sei, eu sei. – Ele pegou-lhe as mãos nas suas, puxando-a contra seu peito largo e roçando-lhe o topo da cabeça com o queixo. – Você precisa descansar. Fez demais para seu primeiro dia.

Melody não pôde evitar um sorriso.

– Você fala como se eu tivesse acabado de sair da prisão – sussurrou ela, a voz abafada contra sua camisa. E então, afastou-se, o cheiro masculino e único maravilhosamente familiar. Ela queria envolver os braços no pescoço dele, beijá-lo e suplicar-lhe que esquecesse tudo que ela dissera.

– Por favor, vá – repetiu com a voz tremendo.

Zeke afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. Melody pensou que ele fosse beijá-la, e quando ele meramente roçou-lhe a testa com os lábios, ela experimentou desapontamento agonizante.

– Doces sonhos – murmurou ele, muito suavemente. – Não se esqueça do chá com bolo, às 16h.

Ela assentiu, não acreditando que ele a deixaria. Observou-o atravessar o quarto e abrir a porta para o corredor, esperando que, a qualquer momento, Zeke se virasse e voltasse para ela. Mas ele não fez isso.

A porta fechou-se. Melody estava sozinha. O que era exatamente o que ela exigira.

CAPÍTULO 5

MELODY FICOU parada, olhando para o outro lado do quarto por alguns momentos, lutando contra a vontade de correr atrás de Zeke e dizer...

Dizer o quê? Que ela mudara de ideia? Mas não mudara. Não sobre deixá-lo. Todas as suas razões para isso eram válidas, e talvez tivessem se aprofundado nas últimas horas, desde que ela o vira novamente. Amava-o muito, e o poder de Zeke sobre ela sempre a assustara um pouco, dentro do lugar privado de sua mente, onde verdades desconfortáveis estavam enterradas. Ela precisava ficar longe dele. Era o único jeito.

Balançou um pouco, tão cansada que mal conseguia parar em pé, então foi para o quarto onde vira sua mala mais cedo. Removendo o roupão, subiu na cama, querendo pensar sobre ela e Zeke, reafirmar a razão que justificava sua decisão, mas com tanta exaustão, seu cérebro não computava. Ela não conseguia pensar. Não agora.

A neve do lado de fora havia banhado o quarto numa sombra suave, apesar de passar só um pouco da uma hora, e a cama era incrivelmente confortável, depois da cama de hospital que ela suportara pelos últimos três meses. Dentro de segundos, Melody caiu num sono sem sonhos.

Ela estava completamente inconsciente da figura grande e larga que entrou no quarto, alguns minutos depois, parando do lado de dentro da porta, até que se certificasse de que ela estava realmente dormindo, em cujo ponto andou para a cama. Zeke olhou para sua esposa adormecida por

diversos minutos, seu olhar acariciando as feições bonitas, enquanto ela dormia, e a qualidade frágil da forma embaixo da colcha.

Quando ele fechou as cortinas contra a tempestade do lado de fora do casulo aconchegante do hotel, seu rosto estava úmido.

MELODY NÃO sabia exatamente o que a tirara de um sono tão profundo que faziam seus membros parecerem pesar toneladas. Ela estava deitada num espaço vazio quente, uma luz parecendo o crepúsculo banhando o quarto em sombras indistintas, enquanto ela se forçava a abrir os olhos. Sentia-se abençoadamente relaxada.

Por um momento, não teve ideia de onde estava, então as últimas horas voltaram para sua mente, ao mesmo tempo em que seu cérebro registrou vozes além do quarto. Vozes masculinas.

Ela não se lembrava de ter fechado as cortinas. Olhou na direção da janela, ainda confusa, mas então, no momento que se sentou na cama, reconheceu a voz familiar. *Aquela era a voz de Zeke.* Melody olhou para seu relógio, mas estava muito escuro para ver a hora.

Com o coração disparado, afastou a colcha e pegou o roupão sobre a cadeira ao lado da cama, vestindo-o apressadamente. Depois de acender o abajur, checkou o relógio novamente. Quatro horas. Chá com bolo. Serviço de Quarto. Mas isso ainda não explicava o que Zeke estava fazendo lá... a menos que ela tivesse imaginado a voz, é claro.

Zeke era muito real quando ela abriu a porta para a sala de estar. Os sentidos de Melody se aguçaram quando ela registrou o corpo muito másculo apenas em calça preta de seda do pijama. Não que ela já tivesse visto Zeke usando pijama alguma vez.

Era óbvio que ele acabara de tomar banho antes de abrir a porta. O torso musculoso brilhava onde ele não se enxugara antes de vestir a calça do pijama, e havia gotas de água nos pelos pretos do peito. Ele estava magnífico.

Melody engoliu em seco, dizendo a si mesma para falar alguma coisa. *Qualquer coisa.* Mas seu raciocínio estava afetado.

– Oi. – O sorriso de Zeke foi ridicularmente normal nas circunstâncias. – A batida à porta acordou você? É nosso chá com bolo.

Ela tentou, *realmente* tentou se comportar como uma das mulheres sofisticadas que ele namorara antes de conhecê-la teria se comportado, mas soube que fracassara miseravelmente quando sua voz soou aguda.

– *O que você está fazendo aqui?* – gritou ela. – Você deveria ter ido embora.

A expressão de Zeke tornou-se inocente e magoada, o que era ainda mais inacreditável em vista do traje dele... ou da falta deste. Antes que ele pudesse dar uma explicação falsa, ela continuou:

– E por que o chá com bolo é para dois, considerando que você o pediu horas atrás?

– Ah... – Ele deu um sorriso ingênuo. – Eu posso explicar.

– Por favor, explique – murmurou ela com sarcasmo.

– Eu não queria que você passasse a véspera de Natal sozinha, então pensei em ficar por um tempo.

Ele passou a mão nos cabelos pretos, e ela foi lembrada de como Zeke ficava bem com os cabelos um pouco mais longos do que normalmente usava, antes de reprimir o pensamento.

– Eu não convidei você – replicou ela, zangada. – E por que está vestido... talvez *despido* fosse uma descrição mais apropriada... assim?

Ele olhou para a calça do pijama como se estivesse surpreso pela pergunta, então, encontrou-lhe o olhar com uma serenidade que deixou Melody ainda mais nervosa.

– Estava tomando banho quando o serviço de quarto chegou.

– Por que você estava tomando banho no meu quarto de hotel? – perguntou ela, impaciente. – E por que seu pijama está aqui?

– Eu estava tomando banho no *meu* quarto... você notou que esta suíte tem dois quartos? – O tom era como se ele estivesse falando com uma pessoa estúpida. – E saí para comprar o pijama e algumas outras coisas enquanto você estava dormindo. Presumi que você fosse preferir que eu usasse alguma coisa para atender a porta no tipo de situação que acabou de ocorrer – acrescentou ele de modo tão lógico que ela queria socá-lo.

Olhando-o, Melody perguntou-se como perdera o controle das coisas. Tudo estivera tão organizado esta manhã. Sair do hospital. Ir para o hotel.

Aconchegar-se na cama e hibernar durante o Natal. E agora, encontrava-se nesta posição ridícula... seu marido compartilhando sua suíte de hotel e praticamente nu a alguns metros de distância.

E muito sexy. A vizinha no fundo de sua mente foi impiedosamente honesta.

Recompondo-se, Melody endureceu seu coração, assim como sua expressão.

– Você disse que ia embora. E eu imaginei que você fosse fazer exatamente isso.

Zeke sorriu-lhe e se sentou num dos sofás em frente da mesa de vidro, onde chá e bolinhos os aguardavam.

– Não – corrigiu ele. – Eu nunca disse que ia embora. Sei disso, porque nem cavalos selvagens me arrastariam daqui. Eu teria preferido que nós fôssemos para casa e discutíssemos o que precisa ser discutido lá, mas claramente isso não vai acontecer. Portanto, eu adaptei as circunstâncias.

– Consequentemente, mudando o quarto para uma suíte de cômodos?

– Claro. Assim podemos ficar confortáveis pelo tempo que essa farsa durar. – Ele sorriu. – Estes bolinhos parecem fantásticos. Eu sempre adorei cupcakes de chocolate. E tem um de limão se eu não estiver enganado. Nós não comemos sobremesa, então venha aproveitar – disse enquanto servia duas xícaras de chá.

Melody hesitou por um momento. Não ia ceder, e, de maneira alguma, Zeke ia compartilhar a suíte esta noite, mas a variedade de cupcakes *parecia* tentadora, e, surpreendentemente... pela segunda vez naquele dia... ela descobria que estava com fome. Teria preferido que Zeke estivesse completamente vestido, todavia, uma vez que ele parecia mais interessado na comida do que nela...

Melody sentou-se no sofá oposto, aceitando o chá que ele lhe entregou, e selecionando um cupcake rosa e branco, decorado à mão com margaridas de açúcar. Derreteu em sua boca, e quando Zeke lhe estendeu a bandeja dos bolinhos, novamente, ela pegou um de limão, recusando-se a reconhecer como aquilo era aconchegante.

Do lado de fora, a neve estava muito forte, e, ao olhar pela janela, o estômago de Melody contorceu-se. Era tarde demais para mandar Zeke embora. Ele nunca chegaria a Reading agora, reconheceu, silenciosamente. Certo, então ele *teria* de ficar, afinal de contas, mas estritamente nos seus termos... O principal sendo que cada um ficaria no seu próprio quarto.

Melody o fitou por sob os cílios. Ele estava sentado e comendo, e, aparentemente, muito relaxado.

Zeke levantou a cabeça e pegou-a olhando para ele. E quando sorriu-lhe, o coração de Melody disparou.

– Lembra quando você fez aquele bolo de polenta, açafraão e laranja, em Madeira? – murmurou ele suavemente. – Eu não provei nada tão bom antes ou desde então. Você prometeu que faria de novo na Inglaterra, mas nunca fez.

A memória daquele dia no palacete em Madeira lhe veio à cabeça. Tinha sido as últimas férias deles antes do seu acidente, e eles haviam vivenciado momentos mágicos: cavalgando ao longo da praia, mergulhando, tomando sol ao redor da piscina privada deles e passando todas as noites nos braços um do outro. Eles haviam comprado pequenas laranjas num mercado local, e ela seguira a receita que Aida... a diarista de Zeke do vilarejo... lhe escrevera. Melody era a primeira a admitir que não cozinhava muito bem... Zeke era muito melhor do que ela, possuindo um talento natural para isso... mas o bolo ficara surpreendentemente delicioso, e Zeke a elogiara muito.

Eles tinham comido o bolo úmido e macio depois do jantar, com café, sentados no terraço do palacete, no ar ricamente perfumado, enquanto um glorioso pôr do sol preenchia o céu com tons de vermelho, dourado e violeta, e, depois, contentes e saciados, os dois haviam feito amor por horas na enorme cama. Ele lhe dissera que ela era maravilhosa, uma deusa...

Bastava. O aviso soou alto em sua cabeça. Aquilo tinha sido no passado, e isso era agora, e a garota que vivera num biquíni praticamente as férias inteiras não existia mais. Melody nunca se considerara linda, mas sempre tivera consciência de seu corpo firme e gracioso de dançarina, capaz de confiar em si mesma em relação às inúmeras mulheres que se derretiam por Zeke. O que ela diriam agora?

Pessoas. Os olhos verdes de Melody escureceram. Sempre pessoas. Pensando agora, ela nunca tivera Zeke completamente. Sempre houvera pessoas nos bastidores reivindicando por ele. Mesmo em Madeira, amigos tinham aparecido para jantar ou para churrascos... pessoas lindas, ricas, engraçadas, inteligentes, fascinantes. Ela dissera a si mesma que aquilo era esperado; ele tinha quase 40 anos, pelo amor de Deus, e construído uma vida que precisava continuar quando ela chegara. Esperar qualquer outra coisa teria sido irracional. E Melody não se importara com aquilo na época... não muito, pelo menos. Apenas às vezes se sentira do lado de fora.

– Qual é o problema? – Zeke a estava olhando.

Ela voltou do passado para descobrir que devia estar olhando para ele sem vê-lo.

– Nada – respondeu rapidamente. – Minha mente estava vagando, só isso.

– Pela expressão no seu rosto, sua mente não devia estar num lugar bom.

– Zeke estreitou os olhos. – O que me faz pensar que você estava pensando em alguma coisa que tem a ver conosco? – acrescentou, recostando-se no sofá e observando-a com olhos pretos brilhantes. – O que era?

Os sentidos de Melody registraram o movimento dos músculos poderosos a sua frente, e ela foi lembrada, mais uma vez, de como o corpo dele era magnífico.

– Melody? – pressionou ele, deixando claro, pelo tom de voz, que ele não deixaria o assunto morrer. – Conte-me.

Subitamente, ela jogou a cautela ao vento.

– Eu estava pensando sobre como, durante todo nosso casamento, sem contar a lua de mel, nós vivemos constantemente cercados de pessoas querendo um pedaço seu – disse ela. – Dias de semana, fins de semana... era sempre igual. Eu, às vezes, pensava que era apenas uma das muitas parasitas em seu mundo.

Ela obviamente o chocara. Observou enquanto Zeke considerava suas palavras.

– Você nunca, jamais foi *apenas* qualquer coisa. Como minha esposa, estava 100% comigo. Ou pelo menos, eu pensei que estivesse. – Ele se sentara ereto, o corpo tenso agora. – Obviamente, eu me enganei.

Ela não ia levar toda a culpa.

– Você nunca me perguntou o que eu queria, Zeke. Não realmente. E admito que eu deveria ter falado, mas eu estava fascinada por tudo aquilo. – *Pela minha sorte incrível em me casar com você. Pelo fato impossível que você me amava.* – E não estou dizendo que não apreciei nosso tempo juntos, porque apreciei, mas eu nunca realmente me senti...

– O quê? O que você não sentiu?

– Que eu me encaixava no seu mundo, suponho. – Melody meneou a cabeça. – Talvez, você estivesse certo quando disse que eu nunca achei que nosso casamento duraria. Nunca tive consciência de pensar assim, mas uma vez que você falou, percebi que há um elemento de verdade nisso. E não somente por causa da minha avó e da atitude dela em relação aos homens. Mas também porque eu entrei na sua vida, sem você ter de fazer mudanças no jeito de conduzi-la. E se eu desaparecesse novamente, o mesmo aconteceria. Nada mudaria realmente. Eu não abalaria seu mundo se partisse.

Zeke a olhava como se nunca a tivesse visto antes.

– Você *não* pode acreditar nisso – disse ele, claramente chocado. – Quantas vezes eu lhe disse que a amava? Que nunca amei outra pessoa? Achou que eu estava mentindo?

Melody pausou antes de responder. Sabia que tinha aberto uma lata de minhocas, mas não havia volta agora.

– Não, eu sei que você me amava – respondeu ela. – Mas por que não me amaria, quando eu estava fazendo tudo que você queria? Sendo quem você queria? E não estou dizendo que foi tudo culpa sua. Eu adorava ver como a outra metade vivia, e ser parte daquele mundo. Era uma vida excitante e louca, e muitas outras coisas. Mas... – ela pausou, procurando palavras para explicar o inexplicável. – Mas existe outro mundo, também. Um mundo real. Um mundo desprovido de vidros cor-de-rosa.

– Significando o que exatamente? – O tom de Zeke era amargo.

Ela deu de ombros.

– Quero dizer que, do lado de fora da bolha de Zeke James, pessoas trabalham das 9h às 17h para pagar suas contas, lutam arduamente. Elas não

podem simplesmente pegar o telefone e ter meia dúzia de pessoas prontas para atender aos seus desejos. Nunca experimentaram como é entrar numa loja e ser capaz de comprar o que você quiser, sem olhar as etiquetas de preço. Elas têm dias ruins, ficam doentes... sofrem acidentes.

Melody parou abruptamente. Não estava colocando aquilo muito bem. O que queria dizer não tinha nada a ver com riqueza. Não realmente. Era sobre Zeke pertencer a ela, e ela pertencer a ele.

– Eu não consigo explicar isso bem – acrescentou ela.

– Você está me culpando por ser bem-sucedido na vida? – perguntou Zeke, a voz gelada. – Porque eu não irei me desculpar por isso. Eu saí da sarjeta, e vi o bastante para saber que prefiro cortar meu próprio pescoço a voltar para lá. Imagine viver numa sucessão de cômodos, com a pessoa que deveria amá-lo e cuidar de você, mas que esquece que você está viva, na maior parte do tempo. Dormir em camas sujas, comer coisas horríveis, porque se não comer, irá morrer de fome e ninguém se importará. Não ter ideia do que é um banho, mas sabendo que outras pessoas não cheiram como você e sua mãe. E quando você é finalmente é rejeitado de vez, deseja voltar para aquela vida, ruim como era, porque é tudo que já conheceu e está apavorado.

Como se não suportasse olhá-la, Zeke se levantou, dando-lhe as costas e respirando fundo, os ombros tensos, cada linha do corpo poderoso proclamando o quanto ela o magoara.

Horrorizada com as feridas que ela descobrira, Melody murmurou:

– Zeke, sinto muito. Eu não pretendia... Sinto muito.

Ele virou-se para encará-la, e ela viu que o controle de ferro estava de volta.

– Não importa. – O rosto dele estava relaxado, calmo, mas ela sabia que ele não estava se sentindo assim por dentro. – Faz muito tempo. Mas não me diga que eu não experimentei a vida, Dee. Eu não fui criado no que você chama de bolha de Zeke James. Sangue, suor e lágrimas me trouxeram onde estou hoje... isso e a sorte. Mas vou lhe dizer uma coisa. – Ele moveu-se para onde ela estava de pé agora, olhando-a fixamente. – Eu poderia desistir de tudo amanhã, e partir sem olhar para trás e sem arrependimentos. Você fala

sobre meu mundo, mas deixe-me esclarecer uma coisa. Meu mundo não me pertence. Eu o pertenço. Há uma enorme diferença.

Melody observou seu rosto. Queria acreditar nele, mas não sabia se acreditava. De qualquer forma, que diferença fazia? Tudo era relativo.

Assim, de perto, ela estava consciente do cheiro fresco de sabonete emanando do corpo forte, dos cabelos ainda úmidos desalinhados, os quais, de alguma forma, reforçavam a masculinidade dele de um jeito que fez seu coração disparar, enquanto a intimidade do momento se aprofundava.

Zeke estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelos do rosto de Melody, então acariciou sua face.

– Você parece mais deliciosa do que os cupcakes, e infinitamente mais satisfatória.

Melody sabia o que ia acontecer, e também sabia que ele estava lhe dando tempo para que ela se afastasse, para que quebrasse o encanto. A sala de estar estava iluminada por apenas dois abajures que Zeke acendera, e o brilho suave era realçado pela neve do lado de fora da janela e pelas luzinhas brancas na pequena árvore de Natal. O ambiente era aconchegante, seguro e caloroso, e o poder da sensualidade dele envolveu-a, quando ela cedeu à mágica do beijo de seu marido.

Braços fortes rodearam sua cintura, puxando-a para os quadris estreitos, enquanto ele aprofundava o assalto aos seus sentidos. Melody sentiu seus seios responderem quando o roupão atalhado foi pressionado contra a parede do peito largo, seus bicos enrijecendo, enquanto sangue esquentava suas veias.

A língua de Zeke provocou o interior de sua boca, e o efeito foi elétrico. Um pequeno gemido escapou da garganta de Melody, vibrando contra a boca dele e fazendo-o gemer em resposta, enquanto ela lhe circulava o pescoço e entrelaçava os dedos nos cabelos pretos grossos.

Agora, o beijo se tornara voraz, exigente e maravilhosamente familiar, deixando-a em chamas. Ela aninhou-se contra ele em abandono, inconsciente de que as lapelas de seu roupão tinham se aberto, e que a faixa estava desamarrada. E então, ela sentiu mãos quentes sob o sutiã fino que estava usando e congelou.

– Não. – Sua voz soou alta com pânico, enquanto Melody se afastava, ajeitando o roupão no lugar e amarrando a faixa.

Zeke estava totalmente ofegante, e teve de respirar fundo, antes que pudesse falar.

– Está tudo bem. – Ele não a deixou escapar completamente, puxando-a de volta para seus braços com uma força que não permitia protesto. – Nós podemos fazer isso tão devagar quanto você quiser.

– Eu não quero fazer isso, em absoluto. – Sentindo a boca seca, Melody umedeceu os lábios. – Nós não podemos...

– Nós podemos. – Ele beijou-a novamente... um mero roçar em sua boca trêmula. – Somos casados, Dee, e você acabou de provar que me quer tanto quanto eu a quero. – As palavras não eram arrogantes, mas apenas a declaração de um fato. – Nós somos um, e você não pode lutar contra isso.

Ela balançou a cabeça, confusa, emoções conflitantes inundando-a. Se eles fizessem amor, se Zeke a visse nua, ele sentiria repulsa. E Melody não poderia suportar isso. Queria estar na lembrança dele como ela havia sido... com pele sedosa, macia, convidativa. Estava fazendo isso por ele, tanto quanto por si mesma. Zeke a desposara quando ela era perfeita. Por que teria de aprender a se adaptar com menos? Melody estava achando a tarefa difícil, mas o que aquilo faria com um homem como Zeke? Não, isso tinha de acabar agora. De maneira rápida e sem hesitação... como um bisturi do cirurgião. Ela precisava permanecer forte. Não podia fraquejar.

– Não, Zeke – sussurrou Melody. – Nós não somos mais casados. Não aqui, na minha cabeça.

– Eu não acredito nisso. – Ele continuou abraçando-a, mas agora de forma mais relaxada. – Nem por um segundo. Portanto, não perca seu fôlego tentando me convencer quando tudo que está fazendo é mentindo para si mesma. Agora, vá tomar um longo banho de banheira, passar cremes, se arrumar e fazer o que qualquer mulher faz quando está se aprontando para uma noite na cidade. Vou levá-la para jantar, e tenho ingressos para o teatro.

Melody o olhou em perplexidade.

– Eu não vou sair.

– É claro que vai. Nós não tomaremos neve. Aqui é Londres, não o ártico.

– Não foi o que eu quis dizer. – E ele sabia disso. – Eu ficarei aqui.

– Por quê? – Os olhos cor de ébano a desafiaram.

Melody optou por uma das desculpas mais velhas... aquela que vinha logo depois de *Estou com dor de cabeça*.

– Eu não tenho nada para usar. – Era verdade. Sua mala continha *leggings*, camisetas e outras roupas confortáveis que ela usara no hospital, mas nada adequado para o tipo de noite que Zeke descrevera. Todas suas roupas de sair estavam na casa deles.

Ele sorriu.

– Sem problemas. – Liberando-a, ele andou para a árvore de Natal, e ela viu que, em algum ponto durante a tarde, pacotes lindamente embrulhados haviam aparecido abaixo da árvore. – Você pode receber alguns de seus presentes, adiantado – disse ele, alegremente, pegando dois pacotes da pilha. – Eu comprei um número menor do que o seu, então, acho que irá servir. Experimente e veja.

Totalmente atônita, Melody gaguejou.

– Quando...? Como...?

Diversas emoções... cautela, deleite, embaraço... brincaram nas feições de Zeke.

– Eu fiz algumas compras enquanto você dormia – admitiu ele. – Deixei seus presentes de Natal em casa. Pensei... Bem, você sabe o que eu pensei. Não esperei que fossemos passar o Natal num hotel na cidade.

– Zeke, eu não posso aceitar estes. – Parecia absurdo aceitar presentes dele nas circunstâncias. – Entenda isso.

– Por que não? – questionou ele.

– Simplesmente não posso. Eu não tenho nada para você, para começar. E... não seria certo.

Ele jogou os pacotes num sofá e alcançou-a novamente, recusando-se a soltá-la quando ela tentou se afastar. Uma mão levantou-lhe o queixo gentilmente, de modo que seus olhos se encontrassem.

– Você ter sido capaz de sair daquele lugar hoje é o presente que eu mais queria. Naqueles primeiros dias, eu não achei que você fosse sobreviver.

Estava apavorado e não podia fazer nada. Algo assim me fez definir prioridades na vida, acredite. Então, você é meu presente de Natal, este ano.

– Zeke... – Ela estava lutando para não chorar. – Eu não posso...

– Eu sei, eu sei. – Ele beijou-lhe os lábios, brevemente. – Você não quer ouvir isso, mas é a verdade. Agora, pegue seus presentes e fique ainda mais linda se isso for possível. Porque nós *vamos* sair esta noite, Dee. Mesmo se eu tiver de vesti-la. – Ele sorriu, mas Melody sabia que ele não estava brincando. – O que, por acaso, é minha opção preferida.

Sabendo que precisava ser mais forte, mas ainda se derretendo pelas coisas lindas que ele falara, continuou olhando-o por mais um momento. Talvez, sair fosse a melhor ideia, afinal de contas. Uma noite no quarto seria perigosamente aconchegante, com Zeke naquele humor muito sedutor no qual se encontrava.

Como se para confirmar seus pensamentos, Zeke beijou-a novamente, como se não pudesse evitar... um beijo lento e sensual. Ela abriu as palmas no peito poderoso, num esforço de afastar-se do desejo ardente que a envolvera. Era sempre assim; ele só tinha de tocá-la, e Melody estava perdida. A boca de Zeke moveu-se para sua orelha, mordiscando-a, antes de progredir para seu pescoço e encontrar a pulsação ali. As batidas aceleradas do coração sob suas palmas revelavam a excitação de Zeke, tanto quanto o volume sob a calça do pijama, e, por um segundo, ela experimentou o velho deleite por ser capaz de despertar tanto desejo nele, antes que a realidade destruísse o sentimento com a mesma eficiência de um balde de água fria.

Ele não sabia como estava sua aparência debaixo do roupão. Não vira as cicatrizes e a pele enrugada.

Melody afastou-se tão violentamente que o pegou de surpresa.

– Por favor, não – disse ela, com fraqueza. – Por favor, Zeke. – Pegando os pacotes que ele jogara no sofá, foi para a porta, virando-se para perguntar: – A que horas eu preciso estar pronta?

Ele não se movera, e a respiração de Melody ficou presa na garganta diante da beleza máscula daquele corpo. Os olhos aveludados a percorreram, e não havia irritação no semblante de Zeke. A voz era profunda e calorosa quando ele respondeu:

– Eu pedi coquetéis aqui no quarto para às 19h, antes de irmos.

Melody assentiu, segurando as lágrimas com muito esforço, quando lhe ocorreu que nunca o amara tanto quanto neste exato momento. Zeke possuía tudo que ela sempre quisera... sempre quereria... e ela precisava mandá-lo embora de sua vida. Apenas tinha de fazê-lo acreditar nisso, antes que enlouquecesse tentando.

CAPÍTULO 6

UMA VEZ em seu próprio quarto, Melody fechou a porta e sentou-se na cama, os pacotes no seu colo. Olhou para eles através das lágrimas embaçando sua visão. Esfregando os olhos, fungou. *Não ia chorar. Não agora. Não até que aquilo acabasse.* Não podia ceder. Precisava ser forte.

Sempre soubera que a vida depois do acidente, principalmente nos primeiros dias e semanas, ia ser dura. Por todo tipo de razões.

Não apenas por ter de aprender a lidar com o mundo do lado de fora do hospital. Percebeu que soubera que esse confronto com Zeke aconteceria, desde o momento que decidira que o relacionamento deles estava acabado. Se fosse possível, ela teria apenas desaparecido da vida dele; não queria discutir ou racionalizar, mas sempre aceitara que teria de fazer isso.

Os dedos da mão direita de Melody moveram-se sobre os anéis na mão esquerda, mas ela recusou-se a pensar no dia que escolhera seus anéis de noivado e casamento. Em vez disso, abriu os presentes que Zeke lhe dera. A calça de seda prateada era linda, e a túnica de seda cor de creme, ainda mais. Ela não ousou contemplar quanto o traje devia ter custado, mas a marca de grife gritava exclusividade.

Ela desejou que ele não tivesse feito isso. Fechando os olhos, sentiu que, a qualquer momento agora, ia desmoronar, todo o benefício do sono da tarde parecendo arruinado.

Banho, disse a si mesma com uma ponta de histeria. Tiraria o cheiro de hospital dos cabelos e da pele. Estava livre do cheiro de antisséptico agora...

livre das rotinas infinitas e visitas do médico e da falta de privacidade. Então, por que seu coração ainda pesava no peito? Necessitava recompor-se. Não podia permitir que Zeke a afetasse daquela maneira. Se não fosse forte agora, isso dificultaria ainda mais as coisas no futuro. Esta era apenas uma noite. Ela poderia passar por isso.

Deixando as roupas em cima da cama, entrou no banheiro e começou a encher a banheira, usando uma boa quantidade de óleo de banho do hotel, até que a água estivesse cheia de bolhas perfumadas. Removendo roupão, calcinha e sutiã, Melody entrou na espuma até que somente sua cabeça estivesse visível. Foi somente então, quando seu corpo e membros estavam escondidos, que ela começou a relaxar na deliciosa água quente.

Depois de meses no hospital, era como uma bênção estar no luxo da espuma cheirosa sem medo que uma das enfermeiras batesse à porta perguntando se ela estava bem. Não que Melody não tivesse apreciado a gentileza e preocupação delas, mas sentira-se sufocada algumas vezes.

Por quanto tempo ela ficou deitada ali, não tinha certeza, antes que lavasse os cabelos e saísse da banheira. Nos velhos tempos, ela e Zeke frequentemente relaxavam na banheira depois do trabalho, o cômodo iluminado por luz de velas e uma garrafa de vinho em mãos. Era um começo maravilhoso para a noite... especialmente porque os momentos íntimos na água quente sempre levavam a algo mais. Eles geralmente jantavam tarde, a luz de velas, em seus roupões.

Mas aquilo era passado, e isso era presente, e as viagens pela estrada da memória eram tanto perigosas como enfraquecedoras.

Melody vestiu o roupão, amarrando a faixa na cintura. Não havia retorno, e tentar seria suicídio emocional. Ela não podia mais atender às expectativas de Zeke... e as das pessoas da indústria de entretenimento com quem eles conviviam. E não queria se destruir tentando fazer isso. Oh, não duvidava que a maioria das pessoas fosse educada na sua frente, e algumas delas até mesmo genuínas. Mas ela conhecia aquele mundo, sabia como belezas como Katie podiam ser arrogantes e ambiciosas. Melody não poderia conviver com a espera. Esperando que uma mulher, especial e inteligente, conseguisse atrair Zeke.

Ela enrolou uma toalha na cabeça, então olhou para seu reflexo no espelho. Talvez essa mulher nunca aparecesse... talvez Zeke fosse forte e permanecesse fiel... mas essa não era exatamente a questão. Era *ela* quem estragaria o que eles tinham se ficasse com ele. Sabia disso agora. Ciúme e desconfiança eram coisas horríveis, e não podia esperar que Zeke convivesse com tais coisas e com ela, porque era assim que seria. Melody descobrira muita coisa sobre si mesma nas últimas semanas, e ainda mais desde que o vira hoje, e não estava orgulhosa de suas descobertas. Mas aquilo *era* realidade.

Talvez, se ela não o amasse tanto, ou se tivesse tido uma criação diferente... Ela balançou a cabeça e virou-se do espelho. O acidente desenterrara muitos fantasmas de sua psique, e sua única certeza agora era que ela precisava recomeçar a vida em algum lugar longe de Zeke. E *faria* isso. Então talvez pudesse organizar sua mente. Encontrar coragem para lutar contra a apatia que dominava sua visão do futuro, quando pensava nos longos anos sem Zeke. Na verdade, tinha de fazer isso. Fim da história.

Vestiu-se rapidamente, relaxando uma vez que estava coberta. Não achava que Zeke entraria no quarto sem bater, em vista de tudo que tinha sido dito, mas...

Ela secou seus cabelos, deixando-os lisos nas laterais do rosto, antes de aplicar maquiagem... apenas um pouco de sombra e rímel para realçar seus olhos verdes, e um batom cor de cereja nos lábios. De qualquer forma, o efeito foi quase intenso, depois de ficar tanto tempo sem usar maquiagem. Olhando-se no espelho do quarto agora, ela decidiu que se arrumaria mais todos os dias a partir de agora.

Parte de sua reabilitação, pensou, lembrando-se das palavras do médico da última vez que o vira. Dr. Price tinha sido tão gentil. De cabelos grisalhos e com um jeito paternal, ele dissera:

– Eu consertei seu corpo, Melody, mas depende de você fazer o mesmo com seu espírito. Sei que o acidente abalou-a muito, mas você tem o resto de sua vida pela frente... o que é mais que muitos de meus pacientes podem esperar. Entendo tudo que está sentindo, mas quando estiver pronta, eu

gostaria que visse um colega meu que pode conversar com você quantas vezes forem necessárias.

Melody olhara para o nome e número de telefone que ele lhe dera. Dr. Greg Richardson. Engolindo em seco, sussurrara:

– Ele é psiquiatra, não é?

A voz de Dr. Price havia sido suave ao responder:

– Ele é alguém que trabalha com pessoas que precisam de um tipo de cura diferente daquele que eu posso dar. Pense nisso dessa forma. Ele é um bom homem. Mais do que isso, é amigo meu, e sei que você se beneficiaria em vê-lo. Não descarte a possibilidade, Melody. E... – O médico pausara, esperando que ela lhe encontrasse o olhar antes de continuar: – Não tome decisões que possam mudar sua vida por enquanto. Dê tempo a si mesma. Isso pode ser um clichê, mas tempo cura tudo.

– Você está falando sobre Zeke – murmurou ela.

Desta vez, a pausa foi mais longa.

– Em parte, sim.

A intenção de dr. Price tinha sido boa. Virando-se do espelho, Melody respirou fundo. E ela sabia que ele não concordara com a decisão de terminar seu casamento. Emoção inundou-a. Mas ele não entendia; era médico, afinal de contas. Não tinha ideia como era a indústria do entretenimento, além do que experimentava quando assistia à tevê, ia ao cinema ou teatro. A indústria do entretenimento era um mundo à parte, e desde que ela o adentrara, depois de deixar a escola de dança, saboreara cada segundo daquele mundo. Tinha sido difícil, excitante, imperdoável, às vezes, injusto, e frequentemente caprichoso, mas a capacitara a fazer o que ela mais amava... dançar. Ou o que mais amara até conhecer Zeke. Daquele ponto em diante, ele se tornara o centro de seu mundo.

Ela tivera tudo. Mordeu o lábio, sentindo os olhos embaçados. E os deuses não gostavam de meros mortais que provavam o paraíso na terra. Quantas vezes ela pensara que era tudo bom demais para durar? Bem, estivera certa. Não durara.

Melody olhou cegamente para o outro lado do quarto, endireitando os ombros e respirando fundo. E agora tinha de adaptar as cartas que recebera.

Era simples assim. Tudo mudara, mas havia milhões de pessoas em situações muito piores do que a sua. Ela *não* cairia em depressão. Havia vida depois da dança. Havia vida depois de Zeke.

– Melody?

A batida à porta do seu quarto a fez saltar de susto. Levando uma mão ao peito, ela firmou-se. Então andou para a porta e abriu-a, um sorriso forçado no rosto.

– Estou pronta.

Ele estava fabuloso. De terno, os cabelos penteados para trás, magnetismo irradiando-se da figura poderosa.

– Oi – murmurou Zeke. – Os coquetéis na sala de estar estão prontos.

– Ótimo. – A voz de Melody estava um pouco ofegante, mas ela esperou que ele não notasse.

Zeke sorriu-lhe, os olhos calorosos acelerando as batidas do coração dela.

– Você está linda – elogiou ele com voz rouca. – Mas sempre está linda.

– Obrigada. As roupas são muito bonitas.

– Mas eu me esqueci de lhe dar isto quando lhe dei os outros presentes mais cedo. – Ele entregou-lhe um pacote, tão belamente embrulhado como os anteriores.

– O que é? – perguntou Melody sem entusiasmo.

Ele pegou-lhe o braço, conduziu-a para a sala de estar, antes de responder:

– Abra e veja.

– Eu... não quero este. Você já me deu o bastante. Não posso aceitar mais nada. Não... não quando eu não lhe comprei...

– Abra – Zeke interrompeu suas palavras gaguejantes, e quando ela não lhe obedeceu, ele impulsionou-a para a almofada do sofá, sentou-se ao seu lado e começou a desfazer os laços de fita da grande caixa. – O conteúdo não vai mordê-la.

Quando ele abriu a tampa, Melody olhou para as botas prateadas. O couro macio era trabalhando com minúsculos cristais, num design que serpenteava dos dedos dos pés até o calcanhar, numa pequena linha do lado externo de cada bota, e ela soube imediatamente que tinham custado uma

fortuna. Melody não removeu as botas do papel seda, erguendo os olhos para Zeke, antes de falar:

– Eu não posso aceitar estas. Falo sério, Zeke. Não quero mais nada.

Ele recostou-se, cruzando os braços sobre o peito enquanto a estudava com aceitação enganosa.

– Por que não?

– Eu não devia ter aceitado as roupas – disse ela como resposta, sentindo-se rude, mas sabendo que precisava fazê-lo entender.

– Mas você aceitou. E as botas são parte do presente. – Os olhos cor de ébano baixaram para as botas pretas que ela estava usando, as quais eram simples e práticas, e não podiam se comparar às criações exóticas na caixa.

Melody ergueu o queixo. Sabia o que ele estava pensando, mas ou ela ia com suas velhas botas, ou não iria, em absoluto.

– Sinto muito, Zeke. Elas são lindas, mas não.

– Sem problemas – disse ele, preguiçosamente. – Se você mudar de ideia antes de nós partirmos, elas estão aqui.

– Eu não mudarei. – Ela levantou-se abruptamente. Sentada ali, podia sentir o aroma sensual da colônia pós-barba de Zeke, o que estava atrapalhando seu processo de raciocínio.

Zeke também se levantou, atravessando para onde uma bandeja continha dois copos com o coquetel favorito dela... *Sapphire Martini*. Ele estendeu-lhe um dos drinques.

– Sem brindes, esta noite, mas espero que aprecie o passeio. Nós jantaremos depois do teatro se assim estiver bom para você. Pensei que isso nos daria mais tempo de ficar com apetite depois de todos aqueles cupcakes.

Melody deu um gole do coquetel. O líquido doce e azul tinha gosto de lavanda, contrastando maravilhosamente com o gim, e dando o impulso que ela precisava para conseguir sorrir e falar normalmente:

– Tudo bem. Não estou com fome.

– Precisamos trabalhar para recuperar seu apetite. Eu sempre fiquei impressionado com o quanto você podia comer.

Melody o olhou.

– Eu era dançarina. Queimava as calorias. Tudo está diferente agora.

– Nem tudo. – Ele inclinou-se para mais perto.

Com o coração disparado, Melody esperou pelo beijo. Quando os lábios de Zeke cobriram os seus, um arrepio de prazer percorreu a coluna dela. Quando Zeke exercia seu charme, este era potente e inebriante. Ele era irresistível, e sabia disso.

Ele parou o beijo por um momento, a fim de colocar os copos deles sobre a mesinha de centro, então a tomou nos braços, outra vez, e provocou-lhe os lábios com os seus. Ela encontrou-se mergulhando no mundo de deleite sensual que Zeke evocava tão facilmente, e, conforme respondeu, braços fortes se apertaram mais ao seu redor, e os lábios dele exigiram mais intimidade. Melody abandonou todas as reservas... por um momento louco, não pôde fazer qualquer outra coisa, não *quis* fazer qualquer outra coisa. Aquele era Zeke, e ela o adorava; por alguns segundos abençoados, era tudo que importava.

Foi Zeke quem terminou o abraço, afastando-se gentilmente, os olhos pretos estudando o rosto corado dela.

Melody lutou para se recompor. Parte sua estava chocada e embaraçada ao perceber quão facilmente Zeke podia quebrar suas defesas; outra parte sua soubera que isso aconteceria. Ele era um homem muito físico; sempre queria tocá-la, abraçá-la, beijá-la, e ela também quisera aquilo.

– Você e eu não mudamos – declarou Zeke com voz rouca. – Certamente, entende isso agora? Nada poderia se colocar entre o que temos. Nós nascemos para estar juntos. Você precisa acreditar nisso.

Teria sido tão fácil derreter-se contra ele e concordar, deixar que a necessidade que sentia da força, da segurança e da masculinidade de Zeke assumisse o controle. Durante os últimos meses, ela vinha lutando constantemente para afastar os pensamentos negativos que lhe vinham à cabeça de dia e de noite, a aceitar o fato de um futuro sem Zeke.

Melody deu um passo atrás. Encarando-o, engoliu em seco, detestando o que tinha de dizer, mas sabendo que precisava ser dito.

– Acabou, Zeke – declarou ela com uma finalidade que ele não poderia deixar de reconhecer. – Eu aceitei isso, e você também *tem* de aceitar. Se me ama, irá me deixar livre. Eu não posso mais estar no seu mundo. Posso

parecer dramática, mas sei o quanto aguento, e sei que continuar no seu mundo me destruiria por dentro. Preciso construir uma vida nova e descobrir quem sou agora.

– Você é minha esposa – disse ele com firmeza.

Se ela não estivesse se sentindo tão arrasada, podia ter sorrido. Aquele era Zeke. Preto e branco. Ele nunca vira sombras cinza. Não confiando em si mesma para falar, ela meneou a cabeça.

– É véspera de Natal. – Ele inclinou-se e beijou-a, novamente... um beijo confiante, forte e doce. – E neste momento, você é minha esposa e nós iremos nos divertir. Não vamos mais falar do futuro, nem mesmo de amanhã. Esta noite viveremos o momento presente, um minuto de cada vez, e isso é tudo o que importa. Certo?

O beijo deixara Melody ofegante e trêmula, mas ela forçou um sorriso. A última noite dos dois, juntos. Ia ser agridoce, mas por que não podia ser memorável? Zeke sabia como ela se sentia, portanto, não era como se ela estivesse fingindo sob falsos pretextos. E seria algo para lembrar nos meses e anos solitários que se seguiriam.

Ele retirara os copos deles, e agora, ela bebeu todo seu coquetel, sabendo que nunca mais poderia tomá-lo, porque o drinque em particular sempre estaria ligado com esta última noite e à dor pela qual ela estava passando.

– Há canapés e champanhe esperando em nosso camarote no teatro se você estiver pronta. – Zeke pegou-lhe o braço, o toque firme, porém gentil.

Melody respirou fundo. Aquela era a primeira vez que sairia desde o acidente. Era provável que eles encontrassem conhecidos no teatro... pessoas que estavam cientes de seus ferimentos, e que a estariam observando atentamente. Ela esperava que, uma vez que eles estivessem no camarote, pudessem ter um pouco de privacidade, mas até lá... Endireitou os ombros e ergueu o queixo.

– Estou pronta.

Era mentira. Ela nunca estaria pronta. E estava com muito medo, mas podia fazer isso. Era apenas uma noite, afinal de contas.

Zeke pôs o casaco dela em volta de seus ombros delgados, então, antes que eles saíssem do quarto, ele virou-a para si, lentamente erguendo sua

mão esquerda, com os anéis de casamento e de noivado, para os lábios. Beijou-lhe o pulso, primeiro, antes de virar-lhe a mão e beijar os anéis, os lábios quentes acariciando-a.

– Você não tem nada a temer comigo – murmurou ele. – Eu lhe prometo isso. Jamais irei machucá-la.

Ela emitiu um gemido baixinho, recolhendo a mão.

– Tão defensiva. – As palavras eram quase um sussurro, e, por um momento, ela pensou ter detectado sofrimento nos olhos escuros, antes que ele piscasse e a expressão desaparecesse.

– Eu pensei que estivéssemos saindo. – Melody falou, mantendo a fisionomia calma. Não podia baixar a guarda. Nem por um momento.

– Nós estamos. – Mas ele não se mexeu.

Melody o olhou cautelosamente, engolindo contra um nó na garganta. Sempre houvera alguma coisa incivilizada sobre Zeke, e esta noite, isso estava em cada movimento e expressão... uma sensualidade que era quase selvagem em seu poder masculino e instintivo.

Então ele sorriu, abrindo a porta.

– Vamos.

CAPÍTULO 7

TINHA PARADO de nevar quando eles deixaram o conforto do hotel, saindo numa noite gelada de inverno, que transformara as ruas da cidade em alguma coisa mágica.

O staff do hotel havia limpado o caminho da porta até a rua principal, removendo o excesso de neve. De qualquer forma, Melody se sentiu grata pela mão firme de Zeke em seu cotovelo enquanto eles chamavam um táxi.

A neve não parecera dissuadir os compradores de último minuto, fazendo uso das lojas que ainda estavam abertas. As calçadas brancas estavam vivas com pessoas cheias de sacolas, e um estranho ar de alegria preenchia o ar. Era como se um Natal branco tivesse evocado a excitação de uma criança até mesmo nos habitantes mais duros, e por um tempo, a maravilha do feriado festivo varrera todos os problemas e dificuldades. Todo mundo parecia feliz.

Zeke sentou-se ao seu lado no táxi, passando um braço em volta de seus ombros, e ela não se afastou, apesar de ficar tensa. Era estranho estar no meio da agitação da vida, novamente, depois de o longo tempo no hospital, mas não era isso que a deixava nervosa, embora ele devesse pensar assim, porque murmurou:

– Relaxe. Nós estamos fazendo isso juntos, certo? Eu estou aqui. Teremos uma noite agradável.

– Eu estou bem – mentiu ela com firmeza. – Estou ótima.

O som que Zeke emitiu dizia que ele não acreditava naquilo, antes que ele abaixasse e beijasse o topo de sua cabeça.

Melody olhou pela janela, sem realmente ver as lojas iluminadas e as multidões, tomada por um misto de emoções... medo e pânico, e, especialmente, amor. O corpo musculoso estava contra o seu, preenchendo-a como a sensação familiar de segurança, de pertencer. Quando ela conhecera Zeke, percebera que estivera procurando sua vida inteira pela segurança que ele oferecia. Pela primeira vez, sentira que tinha uma chance com as coisas que muitas pessoas contavam como garantido. Ele cuidaria dela. Mas agora, isso estava relegado a uma memória... um sonho lindo que havia sido doce enquanto durara.

Eles não conversaram no caminho para o teatro, mas, de vez em quando, Melody sentia os lábios de Zeke roçarem o topo de sua cabeça. Ela precisou de toda a sua força de vontade para não levantar o rosto para ele, e apenas o conhecimento de que seria injusto lhe dar qualquer esperança a impediu de tocá-lo. Vira tristeza misturada com desejo nos olhos cor de ébano, momentos atrás, mas sabia que ele ainda não aceitara que o casamento estava acabado. E tinha de aceitar. Para o bem de ambos.

Zeke ajudou-a a descer do táxi, uma vez que eles chegaram ao teatro, mas Melody ainda estava muito consciente de seus movimentos menos do que elegantes, e desespero a preencheu no momento que ela pisou na calçada gelada. Dr. Price lhe dissera, mais de uma vez, que ela era muito dura consigo mesma.

– É a dançarina em seu interior que exagera que o que você vê como falta de graça – ele insistira. – Outras pessoas não notarão.

Melody o abençoara por sua gentileza, mas soubera que aquilo não era verdade.

Ela respirou o ar gelado, o qual, devido à neve, estava desprovido da poluição da cidade. *Certo, hora de andar*, disse a si mesma quando Zeke deslizou um braço em volta de sua cintura. Talvez, eles não encontrassem nenhum conhecido, de qualquer forma.

Doce ilusão!

Mal tinham acabado de entrar no *foyer* quando uma voz excitada os fez se virarem.

– *Queridos...* – Angela Stewart era atriz, e, Melody suspeitava, um dos casos antigos de Zeke... embora ele nunca tivesse dito isso, e ela nunca tivesse perguntado. Mas havia alguma coisa sobre o jeito que Angela a tratava que fazia Melody sentir que a loira, alta e magra se ressentia dela de alguma forma. – *Tão* adorável encontrá-los. – Os olhos azuis de Angela a percorreram da cabeça aos pés, antes que ela cumprimentasse os dois com beijos do ar.

– Olá, Angela – disse Melody, tentando respirar através do perfume forte que a loira estava usando. Angela era a última pessoa que ela teria escolhido ver.

– Como você *está*? – Uma mão com unhas vermelhas tocou o braço de Melody. – Nós ficamos tão *devastados* ao saber sobre o acidente, pobrezinha. E você é dançarina também. *Tão* triste.

– Ela *está* ótima... não é, querida? – A voz de Zeke era fria, indicando que ele esperava que Angela não prolongasse a conversa.

O companheiro de Angela... um homem alto e distinto, que poderia ter sido dublê de Richard Gere... devia ter pensado a mesma coisa, porque pegou o braço dela, após cumprimentar Melody e Zeke com um gesto de cabeça, dizendo:

– Nosso grupo *está* nos esperando para se sentar, Angela.

Angela desvencilhou-se, olhando diretamente para Melody.

– Todos aqueles meses no hospital devem ter sido tediosos para você. Aposto que não vê a hora de voltar ao seu ritmo de vida – acrescentou ela, suavemente. – Mas vá devagar, querida. Você parece um pouco cansada e magra.

– Melody tem a resiliência da juventude ao seu lado – apontou Zeke. – Lembra como era a sensação disso, Angela? Agora, se nos der licença...

Eles estavam sentados em seu camarote, antes que Melody falasse.

– Você não devia ter dito aquilo – murmurou ela, enquanto Zeke servia champanhe nas taças. – Ela nunca o perdoará. Eu ficaria surpresa se Angela falasse com você novamente.

Zeke sorriu, oferecendo-se o prato de canapés.

– Parece bom.

Abaixo deles, o teatro estava enchendo. O drama musical a que iam assistir era o último grande evento, e os ingressos eram como pó de ouro. O teatro em si era um prédio antigo, com teto alto ornado e um ar vitoriano. O aquecimento central era igualmente arcaico, e não forte o bastante para uma noite tão fria.

Como um mágico produzindo um coelho de um chapéu, Zeke colocou uma imitação de pele de animal sobre as pernas dela.

– Melhor assim? – perguntou ele.

– De onde isto saiu? – questionou Melody, surpresa.

– Eu conheço este teatro. É quente no verão, e frio no inverno, mas seu charme anula tais inconveniências. – Zeke encheu a taça dela de champanhe, a voz calorosa ao acrescentar: – Relaxe e aprecie o show. Você está ótima. Estou orgulhoso de você, minha querida.

Foi a expressão nos olhos cor de ébano que a fez enrubescer e dar um gole do champanhe. Melody esquecera como ele a fazia se sentir... não, isso era mentira. Não esquecera, meramente tentara enterrar a memória, juntamente com muitas outras. E ele nunca entenderia aquilo, porque ela mesma não entendia. Era apenas o tipo de coisa que tornava imperativo que ela sáísse da vida dele agora, enquanto o relacionamento entre os dois ainda era civilizado. Melody não suportaria experimentar um distanciamento lento conforme a relação deles se tornasse amarga.

Ela estava louca? Deu um gole de seu drinque. Provavelmente. E, sem dúvida, covarde e fraca.

Olhou, pelo canto do olho, para Zeke, que a encarou de volta.

– Pensando novamente – afirmou ele em tom lamentoso. – Eu gostaria de apertar um interruptor aqui – acrescentou, tocando-lhe a testa de leve –, e desligar sua cabeça por um tempo. Como eu posso fazer isso, minha doce esposa? Como posso fazê-la viver o momento?

Ela deu de ombros, fingindo uma indiferença que não sentia.

– Eu só conheço um jeito para isso, mas é impossível aqui – continuou Zeke, de modo contemplativo. – Impossível fazê-lo propriamente, de qualquer forma, e depois de esperar tanto tempo...

Melody deu outro gole do champanhe, decidindo que silêncio era a maneira mais rápida de acabar com a conversa unilateral perturbadora. Ela fingiu interesse nas redondezas do teatro.

– Lembra como era entre nós? – Ele estendeu as pernas longas, passando um braço ao longo do encosto do assento dela, a proximidade inundando-a de calor. – Aquelas noites que nós não dormíamos até amanhecer? O gosto de puro êxtase, longo, lento e duradouro. Você é minha, Dee. Sempre será minha, e eu sou seu. Não há outro caminho para nós, agora que experimentamos perfeição.

– Não faça isso. – Melody arfou, as palavras dele causando uma reação em cadeia no seu corpo, que ela era impotente para controlar. E Zeke sabia disso.

– Não fazer o quê? – A voz rouca era sensual. – Não falar a verdade? Mas a verdade liberta. Não é isso que dizem? E você não está encarando a verdade. Ainda não. Nosso estilo de vida, meu trabalho, outras pessoas... está tudo no *nosso* perímetro.

Ele a estava confundindo. Ela balançou a cabeça, prestes a se levantar e ir embora. Foi a diminuição da iluminação que impediu tal ato, mas Melody ficou rígida quando a peça começou, cada nervo de seu corpo completamente tenso.

Apesar de seu estado, o drama acontecendo no palco começou a fazer sua mágica, após um tempo. Os efeitos especiais eram fascinantes, e a voz da heroína encantava, mas foram os dançarinos que mais prenderam a atenção de Melody... especialmente a dançarina principal, que era graciosa como uma gazela. No começo, ela sentiu tristeza ao assistir à garota, mas depois envolveu-se tanto na apresentação que teve de se sacudir para voltar à realidade quando o intervalo chegou.

– Então? – Zeke a fitou quando as luzes acenderam. – Está gostando?

Melody assentiu.

– É brilhante... absolutamente brilhante. E eu não estou criticando, mas...

– Mas? – pressionou ele, quando ela parou de forma abrupta.

– Eu teria organizado o último número de dança de maneira diferente. Teria sido muito mais intenso se a dançarina líder fosse levada pelo

submundo depois que terminasse do que no começo. A cena perdeu alguma coisa sem a presença dela.

Zeke assentiu.

– Eu concordo.

– Desse modo, os papéis de Cassandra e Alex poderiam ter sido ajustados para torná-los mais envolvidos na luta, em vez de eles serem quase observadores. – Melody parou, ciente do meio-sorriso no rosto de Zeke. – O que foi?

– Nada. – Zeke virou-se quando uma garçonete apareceu com um prato de petiscos frescos e café, o que ele obviamente tinha pedido para ser levado ao camarote. Após dar uma gorjeta à garota, ele fechou a porta, envolvendo-os no seu pequeno mundo privado novamente. Eles comeram e, diferentemente de antes, a conversa de Zeke agora era leve e divertida, exigindo pouca resposta dela.

Para sua imensa surpresa, Melody descobriu que estava se divertindo, apesar dos nervos. Ela temera ser obrigada a ir para o bar lotado no intervalo... um lugar onde muitos ali gostavam de ver e de ser vistos... e sem a necessidade disso, o prazer de estar na cidade, depois de tantas semanas trancadas no hospital, foi grande.

Zeke estendeu-lhe uma xícara de café.

– Isto é tão gostoso – murmurou ele com contentamento, o ombro roçando o dela.

Era. Gostoso demais. Melody não falou nada, e o silêncio confortável mudou, tornando-se desconfortável. Mas ela ainda não o quebrou. Zeke tomou seu café preto, o rosto calmo e inescrutável. Ela não tinha ideia o que se passava pela cabeça dele. O pensamento perturbou-a com sua verdade, fazendo-a refletir.

Ele deliberadamente não lhe contava seus pensamentos e era enigmático? Ou era ela que nunca dedicara tempo para descobrir os sentimentos e desejos interiores de Zeke? Estivera tão ocupada com sua carreira, sobrevivendo no mundo esplendoroso no qual eles habitavam que se contentara em viver na superfície do casamento deles, enquanto tudo era fácil e harmonioso. A perplexidade por Zeke tê-la escolhido como esposa,

que era boa demais para ser verdade, incluía um sentimento de que ela devia ser cuidadosa para não balançar o barco, e tinha sido mais simples não se aprofundar em nada.

Filhos, por exemplo. Ela olhou para o perfil esculpido de Zeke. Quando eles haviam falado sobre uma família, Melody sentira que ele queria filhos, logo, mas ela nunca realmente conversara com ele sobre aquilo, preferindo relegar o assunto para o futuro. Pelo jeito que ele falara mais cedo, ao ver as duas garotas japonesas, ficara claro que Zeke queria ser pai... provavelmente precisava criar uma unidade familiar mais do que a maioria dos homens devido à sua criação. Ele queria dar aos filhos tudo que nunca tivera. Por que ela nunca percebera isso antes?

Porque não parara para pensar; estivera muito ocupada com pensamentos de como a esposa de Zeke James deveria ser. Isso simbolizava tudo que estivera errado no relacionamento deles, antes do acidente, e a maior parte daquilo era culpa sua. Todavia, tinha sido impossível revelar suas inseguranças, porque elas estavam enterradas muito profundamente, trancadas dentro da pequena criança assustada em seu interior. Mas Melody não era mais criança. Era adulta e precisava enfrentar seus medos enterrados. Sem isso, não poderia funcionar propriamente como pessoa, muito menos como esposa.

Estava confusa. Deu um gole do café, enquanto sentia lágrimas queimando em seus olhos. Zeke não merecia uma pessoa perturbada como ela. E ele não se divorciaria. Assumira um compromisso e não voltaria atrás... esse era o tipo de homem que ele era. Portanto, dependia de Melody terminar o relacionamento e deixá-lo livre para encontrar felicidade no futuro com alguém igual a ele... algo que ela nunca sentira ser.

Quando a mão de Zeke moveu-lhe o rosto, de modo que ela o encarasse, era tarde demais para conter as lágrimas. Ele estudou-a por um longo momento.

– Vai ficar tudo bem. – Um polegar quente secou a umidade em volta de seus olhos. – Agora que você está comigo outra vez, tudo entrará no lugar.

Ela meneou a cabeça.

– Não, Zeke. Isso não vai acontecer.

Ele olhou-a com seriedade.

– Realmente acha que suas cicatrizes terão algum impacto no meu amor por você? Além de aumentar minha admiração pelo jeito que você lutou para superar seus ferimentos? Quão superficial acha que eu sou?

– Eu não acho você superficial. – Melody engoliu em seco. – E cheguei à conclusão que isso é sobre mim, não sobre você. Eu nunca deveria ter me casado com você... não até que me conhecesse. Não até que entendesse onde estavam os meus problemas.

O semblante de Zeke era inexpressivo.

– E você se conhece agora?

– Estou começando a me conhecer. E não tinha percebido como eu era louca.

– Não, não louca. – A voz dele era calma. – Apenas vulnerável e insegura. Você sempre foi essas coisas, Dee. Não é surpresa para mim. Você também é corajosa, doce e generosa, com o coração mais mole do que qualquer pessoa que eu conheço. Suas qualidades são muito maiores do que seus defeitos. Se você vai analisar a si mesma, faça isso propriamente.

– Você acha que me conhece tão bem?

– Eu sei que a conheço. – O sorriso de Zeke foi quase pensativo.

– Você é muito seguro de si, não é?

– Tenho de ser – replicou ele. – Para o seu bem e para o meu. O acidente trouxe assuntos à tona, os quais teriam sido trabalhados lentamente, ao longo dos anos, se não tivesse acontecido. Mas aconteceu. E talvez tenha sido melhor.

Ela o fitou muito magoada.

– Como pode dizer isso? – acusou-o, a agonia física e mental que sofrera nos últimos meses inundando-a agora. – Eu perdi tudo pelo que lutei minha vida inteira.

O rosto de Zeke enrijeceu, mas a voz ainda era calma e controlada quando ele disse:

– Não, Dee. Você perdeu a habilidade de dançar como dançou um dia. Isso lhe foi tirado. Porém nada mais. Ainda pode ver, ouvir, sentir e tocar. Sua mente não foi danificada, seu intelecto está intacto, e você pode tomar

decisões sobre onde quer ir e o que quer fazer, e realizá-las sem depender de outros para se mover ou andar. Há muitas pessoas... algumas naquele hospital que você deixou... que dariam dez anos de suas vidas somente por isso. Você tem tudo.

Raiva substituiu a mágoa.

– Você está me acusando de autopiedade?

Ele fitou-a com aqueles intensos olhos cor de ébano.

– Suas palavras, não minhas. – As luzes começaram a diminuir, e ele recostou-se em seu assento, a fisionomia inescrutável.

Melody mal ouviu a orquestra recomeçar. Olhou para o palco, lutando contra lágrimas zangadas e dizendo a si mesma que o odiava. Como Zeke ousava lhe dizer isso, depois de tudo que ela enfrentara? Ele não entendia como o acidente mudara sua vida? Não se importava? Ela estivera certa em insistir no divórcio.

A cortina subiu, mas levou alguns minutos antes que Melody conseguisse se concentrar no drama acontecendo no palco. O drama em sua própria vida era grande. Podia sentir os olhos de Zeke sobre si, mas não o fitou nem uma única vez.

A raiva passou após algum tempo, e uma vozinha insistente em sua cabeça lhe disse que Zeke estava certo. Certo, porém cruel e insensível, pensou ela amargamente. Como ele podia dizer que a amava e falar com ela desse jeito?

Levaram mais vinte minutos antes que Melody reconhecesse que Zeke dissera o que ninguém mais ousaria dizer porque sentira que ela precisava ouvir aquilo. Ele era sempre honesto e direto. Era apenas que tal honestidade dolorosa nunca tinha sido dirigida a ela, antes... ou não com tanta severidade pelo menos. De qualquer forma, se aquilo era amor, ela não o queria.

No momento que a peça acabou e a plateia aplaudiu satisfeita, Melody sentia-se um trapo. Se tivesse passado vinte sessões com um terapeuta, não estaria mais exausta ou emocionalmente drenada, pensou quando as luzes se acenderam e as pessoas começaram a se levantar. Era como se, nas últimas horas, desde que ela saíra do hospital, a porta de sua mente, onde todos os

seus medos e inseguranças estavam trancados, tivesse se aberto, e Melody precisasse lidar com tudo de uma vez só. Que véspera de Natal, refletiu com tristeza.

Ela devia ter demonstrado como se sentia, porque a voz de Zeke era genuinamente preocupada, quando ele falou:

– Nós podemos desistir de jantar fora e pedir serviço de quarto quando chegarmos ao hotel se você preferir? É provavelmente mais sensato com este tempo.

Melody assentiu. O pensamento da intimidade na suíte do hotel era assustador, mas ela tornava-se desajeitada quando estava cansada, e qualquer coisa era preferível a mostrar mais da sua falta de graça.

– Sim, eu prefiro.

Ele beijou-a gentilmente, e ela não teve energia para protestar.

– Vamos para casa – murmurou Zeke suavemente.

Seu corpo estava rígido quando ela se levantou do assento, e concentrar-se em andar da melhor maneira possível ajudou a aliviar o nó em sua garganta. Eles haviam acabado de sair do camarote, quando Zeke envolveu-a nos braços e beijou-a novamente. Foi um beijo confiante e doce, e dedos fortes massagearam a base de sua coluna, enquanto a boca dele fazia sua mágica.

Melody estava ofegante e trêmula quando ele afastou a boca da sua, os olhos cor de ébano sorrindo-lhe.

– Meu tipo de fisioterapia – murmurou ele, as feições sombreadas na luz fraca do corredor, onde eles estavam parados. – E é muito exclusiva.

Uma risada inesperada escapou da garganta de Melody.

– Você tem o diploma faz tempo?

– Eu sou novato – admitiu ele. – Preciso de muita prática. – Zeke lhe traçou os lábios com um dedo. – Prática faz a perfeição. Não é o que dizem?

Com a boca seca, Melody esforçou-se para continuar sorrindo.

– Certamente, há alguma verdade nisso. – Ela afastou-se dos braços fortes. – Nós seremos os últimos a sair do teatro se não tomarmos cuidados.

Zeke sorriu.

– Tudo bem para mim.

Para ela também. A última coisa que queria era trocar palavras educadas com mais “Angelas”. O problema de Zeke ser tão famoso era que, para qualquer lugar que eles fossem, ele era reconhecido por alguém. Não que ele pudesse evitar aquilo. E não importara no passado. Agora era diferente.

– Eu não gosto de ser a última para nada – replicou ela, determinada a não se entregar a outro abraço, e quando Zeke pegou-lhe o braço e conduziu-a para a escada, ela soube que ele entendera sua insinuação nada sutil.

O táxi que Zeke chamara para levá-los ao restaurante estava aguardando, quando eles saíram do teatro, o frio roubou o fôlego de Melody. Ele aconchegou-a junto a si, enquanto eles andavam na calçada, ajudando-a a entrar no táxi e dando ao motorista o novo endereço de destino deles, antes de se acomodar ao seu lado. Então, puxou a cabeça dela para seu ombro largo, e Melody estava muito cansada e abalada emocionalmente para protestar.

– Véspera de Natal – ele murmurou acima de sua cabeça. – Sua noite favorita. A noite dos milagres.

Então ele lembrava. Melody lhe contara, no primeiro Natal que eles tinham passado juntos, que a véspera do Natal sempre era especial para ela, de um jeito que não sabia explicar. Durante sua infância solitária, e adolescência ainda mais solitária, o dia contivera uma mágica elusiva que suas circunstâncias não podiam dissipar ou negar. Parecia um momento para milagres, a restauração de sonhos perdidos, esperanças e aspirações, e ela nunca deixara de ser afetada por tais sentimentos.

Exceto esta noite. Esta noite, Melody estava oprimida pela realidade, sem expectativa ou crença de que havia luz no fim daquele túnel em particular. Simplesmente não acreditava que não estragaria o que eles tiveram se ficasse com Zeke. Seria impossível viver com dúvida e incerteza, com medo de que o relacionamento deles se tornasse amargo, e Zeke fosse atraído para os braços de outra mulher. Uma mulher linda e graciosa, que fosse inteira e feliz. Uma garota que pudesse corresponder ao amor dele com todo o coração.

Hoje seria a última noite dos dois, juntos. De alguma maneira, Melody escaparia no dia seguinte, encontraria algum lugar... qualquer lugar... para ficar. Tinha duas ou três amigas que moravam na região. Uma delas a recolheria. Dia de Natal não era o melhor momento para aparecer na casa de alguém, mas Melody não podia evitar isso. Precisava fugir de Zeke. Precisava fazê-lo *entender*. Zeke não era para ela. E Melody não acreditava mais em milagres.

CAPÍTULO 8

INCRIVELMENTE, EM vista de sua tristeza, Melody devia ter adormecido, porque a próxima coisa da qual teve consciência foi do táxi parando e da voz de Zeke dizendo que estavam de volta ao hotel.

– Vamos, dorminhoca. – A voz dele era doce, enquanto ele a ajudava a sair do carro. – Que tal vestir algo mais confortável quando chegarmos ao quarto? Talvez tomar um banho quente primeiro? O serviço de quarto vai demorar um pouco depois que fizermos o pedido. Terá tempo suficiente.

Ela olhou para ele ao entrarem no saguão, sabendo que mancava mais acentuadamente esta noite, porém incapaz de fazer algo a respeito.

– Acho que vou direto para o meu quarto – disse ela com firmeza. – E não estou com fome. Se não se importa, vou pular o jantar.

– Com fome ou não, você precisa comer.

– Não, Zeke. Eu não preciso. Já disse... vou direto para a cama.

Eles entraram no elevador e, assim que a porta fechou, ele a encarou na pequena caixa acarpetada, sua voz perigosamente macia.

– O jantar é obrigatório, Dee. A menos que queira que eu escolha por você, sugiro que dê uma olhada no cardápio.

– Pelo amor de Deus. – Verdadeiramente exasperada, ela o encarou. – O que vai fazer? Alimentar-me à força?

– Se for necessário. – Ele assentiu.

Ela percebeu que ele não estava brincando.

– Eu não sou uma criança, Zeke.

– Então não aja como uma. Esteve seriamente doente e ainda está se recuperando. Precisa de boa comida. E de grande quantidade.

Aquilo era ridículo.

– Acho que eu sou capaz de saber quando estou com fome, muito obrigada – retrucou ela amargamente.

Zeke levantou as sobrancelhas enquanto um sorriso apontava em sua boca sexy. A ação foi bem mais eficiente do que as palavras. Ele tinha de ser tão irritantemente machista?, pensou Melody. E tão seguro de que estava sempre certo?

Ela deu-lhe um olhar que esperava ser dominador, antes de encarar a porta do elevador como se fosse a coisa mais interessante do planeta, sabendo que era inútil discutir. Todavia, estava determinada a não ceder quando eles abriram a porta para suas suítes. Se Zeke estava certo ou errado, não importava. Era a atitude autoritária dele que a deixava irritada.

As luzes da árvore de Natal e as lâmpadas que Zeke havia deixado acesas tornavam a saleta de estar perigosamente aconchegante enquanto eles tiravam seus casacos... um lar miniatura de seu lar. Zeke atirou o paletó numa cadeira, afrouxando a gravata borboleta e abrindo os botões de cima da camisa enquanto se dirigia à mesa de centro, onde estava o cardápio do serviço de quarto.

– Agora – murmurou ele calmamente – acho que vou pedir a carne. E você? E o pavê de framboesa e limão parece ótimo. Estou faminto.

Melody afundou em um dos sofás. Jamais admitiria para uma alma viva que sua boca encheu de água enquanto ele falava.

– Comi carne no almoço – disse ela secamente.

– Que tal salmão assado com erva-doce e beterraba? – sugeriu Zeke amavelmente. – É uma alternativa leve. Perfeita para aguçar o apetite.

Ela deu de ombros, sabendo que estava agindo como a criança que ele a havia acusado de ser, mas sem saber como se proteger da tentação que ele apresentara. Ele parecia mais rígido e sexy do que qualquer homem tinha o direito de parecer, e o ar despreocupado e a falta de agressividade não a enganavam nem um pouco.

– Acho que vou tomar um banho. – Melody falou, enquanto Zeke pegava o telefone, e saiu da sala sem esperar pela resposta.

Fechou a porta do quarto e apoiou o corpo contra a mesma, imaginando, pela centésima vez, como se colocara nessa situação.

– É só por uma noite – sussurrou ela. Nada mudou realmente. Seus planos não haviam sido alterados e Zeke não podia mantê-la casada com ele à força, quando tudo estivesse dito e feito. Ela precisava apenas se manter firme, e, a essa hora amanhã, poderia estar em outro lugar... *qualquer lugar*. Endireitando o corpo, Melody suspirou.

Gostaria de estar a quilômetros de distância de Zeke e, no entanto, desejava estar onde podia vê-lo, tocá-lo e observá-lo a cada minuto. Quanta incoerência. E não podia deixá-lo perceber o que ela estava sentindo. Ela não era o par perfeito para ele no melhor dos tempos, e a incrível inteligência e sentidos apurados de Zeke, atributos que o fizeram subir como um meteoro no mundo que ele habitava, ficavam ainda mais aguçados quando concentrados em um problema que ele precisava resolver. E neste momento, ela não tinha dúvidas que era desta maneira que ele enxergava a situação. Ele nem mesmo começara a aceitar o final do casamento, portanto ela precisava permanecer forte e concentrada.

Melody não demorou no banho, secou-se e vestiu pijama com o roupão atalhado para proteção adicional. Não ouvira nem um som do lado de fora, mas ao abrir a porta, ouviu canções de Natal. Um concerto tocava a todo o vapor na televisão, um coro de meninos cantando “Noite Feliz” em um tom tão puro que era comovente.

Zeke estava esparramado num dos sofás, as longas pernas esticadas à frente, com um copo de conhaque na mão. Estava fascinantemente sexy, e a boca de Melody secou diante da visão. Os olhos cor de ébano se abriram quando ela entrou, e ele se endireitou levemente, apontando para a bebida em sua mão.

– Quer um?

Ela balançou a cabeça.

– Eu já bebi mais que o suficiente hoje. Obrigada. Não bebo álcool há três meses, não se esqueça.

– Eu não esqueci um segundo dos últimos três meses. Acredite. O tempo está gravado na minha memória para sempre. Inferno puro.

Ele se movera no sofá para que ela se sentasse, mas Melody ocupou o sofá oposto propositadamente, fingindo interesse na cathedral onde o concerto estava sendo filmado.

– É muito bonito – comentou ela calmamente. – Há uma qualidade atemporal em alguns lugares, não é?

– Por que você me excluiu de sua vida tão completamente? – A voz não era acusadora, na verdade, o tom era de conversa, e, por um momento, ela não registrou as palavras. – Eu realmente gostaria de saber.

– Zeke, por favor, não comece com isso de novo. Não é bom.

– Para uma criatura tão delicada e gentil, você pode ser muito dura quando quer – murmurou ele pensativamente.

Ela o encarou, magoada.

– Eu não sou dura.

– Não com o resto do mundo. Apenas comigo. Por quê? O que a faz acreditar que meus machucados não sangram? Que não sinto como as outras pessoas?

Ela deu um profundo suspiro.

– Sei que os últimos meses foram difíceis para você também. Mas isso não faz diferença nenhuma agora.

– Culpa-me por eu não ter estado com você quando aconteceu? – perguntou ele. – É totalmente compreensível. Eu me culpo. Eu poderia... deveria... ter impedido. Decepcionei você, e isso é imperdoável.

Mais que chocada, ela o olhou.

– É claro que eu não o culpo. Como poderia?

– Facilmente – replicou Zeke, inclinando-se para a frente. – Nós deveríamos ter almoçados juntos naquele dia. Eu estaria com você se não fosse pelo problema que apareceu. Se não tivesse cancelado, colocado uma maldita reunião de negócios à frente de minha esposa...

– Pare com isso Zeke – sussurrou ela horrorizada. – O acidente não teve nada a ver com você. Fui eu. Por um breve momento, não pensei. Simples assim. Provavelmente milhões de pessoas têm lapsos de concentração

momentâneos todos os dias. Eu apenas estava no lugar errado e na hora errada quando tive o meu. Não foi culpa sua.

Ela havia esquecido que eles deveriam ter se encontrado em um bistrô naquele dia, antes que Zeke ligasse e se desculpasse; o trauma do acidente e dos dias seguintes de inconsciência tendo apagado o detalhe de sua mente. Mas mesmo que tivesse lembrado, ela jamais imaginaria que ele se culpasse pelo acontecido. Zeke era muito racional. Ela não podia acreditar que ele estivesse se condenando todo esse tempo. A culpa fora somente dela.

Ele se levantou, balançando a cabeça.

– Não vejo desta maneira, mas não vamos discutir. Não a deixarei partir, Dee. Não depois de quase tê-la perdido, três meses atrás.

Olhar para ele e dizer a dolorosa verdade era a coisa mais difícil que ela já fizera na vida:

– Você não tem escolha. É preciso duas pessoas para uma parceria, e não posso mais fazer isso. Eu preciso – ela pausou sabendo que sua voz estava tremendo, mas incapaz de esconder tal tremor –, eu *quero* o divórcio, Zeke. Nossas vidas estão prontas para seguir caminhos diferentes agora. Com certeza, enxerga isso tão bem quanto eu. Não podemos voltar ao modo como as coisas eram. Acabou.

Pequena palavra que cortou como uma faca toda a intimidade que eles haviam compartilhado; os bons tempos, as risadas e o prazer. Ela viu o rosto dele se tornar rígido, apesar de Zeke tentar esconder qualquer emoção.

– E o que eu quero e sinto não conta?

Melody apertou as mãos inconscientemente, lutando pela compostura.

– Estou fazendo isso por você também...

– Não vem com essa. – Ele não gritou, mas o tom da voz fez com que ela não terminasse a frase. – Essa é uma escapada fácil e você sabe disso. Não me perguntou nenhuma vez hoje o que quero ou como estou me sentindo. Não houve discussão, conciliação, nada.

Melody entendia porque ele se sentia assim, mas como poderia explicar que era pura sobrevivência que a movia? Ela sempre se sentira incapaz de acompanhar o mundo de Zeke, mas antes do acidente, sabia que era extraordinária em uma coisa... sua dança. A dança fora a base de quem ela

era. Agora, aquela base se fora, esmagada por um caminhão de dez toneladas.

A dor em seu estômago não tinha nada a ver com o acidente e tudo a ver com deixar Zeke repentinamente contraído. Sem escolher as palavras, ela sussurrou:

– Quando eu era criança, estava sempre olhando de fora. Não era convidada para festas. Ninguém na escola me chamava para brincar ou ir ao parque nos finais de semana. É claro que agora sei que era porque minha avó não me deixava ter amigos e não era amável com as outras mães, mas, na época, achava que o problema era meu. Que as garotas não gostavam de *mim...* achavam-me estranha porque eu não tinha mãe e pai como elas. Então descobri que quando eu dançava, o resto do mundo não importava. Eu me perdia. Não era mais eu. E minha avó me encorajava, sabendo o quanto significava para mim.

– Estragando você com bastante eficiência em todas as outras maneiras.

Espantada com a amargura e o ultraje na voz dele, Melody balançou a cabeça rapidamente.

– Não. Ela fez o melhor que pôde. O mesmo que todos nós fazemos, suponho. Ela não precisava ter me recolhido, poderia ter me enviado para um orfanato, mas não fez. E minha avó fora muito ferida. Acho que amava muito meu avô e, com certeza, nunca o esqueceu. A maneira de ela lidar com isso foi escondendo a dor atrás da fachada de durona. E também havia perdido a filha... minha mãe.

– Você está inventando desculpas para ela. Sempre inventa – disse ele, a dureza na voz tendo desaparecido.

– Estou tentando explicar. – O inexplicável. E abrir-se desta maneira a aterrorizava. Mas Zeke merecia ao menos isso.

– Dee, você é mais que uma dançarina. Sempre foi mais que uma dançarina. – Ele estava agora agachado a sua frente, a calça esticada agarrando-se às coxas musculosas.

A temperatura no quarto aumentou dez graus e todo pensamento coerente escapou da mente de Melody. Ela o encarou, sabendo que ele iria beijá-la e querendo isso mais do que quisera qualquer coisa na vida.

A batida educada à porta, seguida da voz masculina anunciando o serviço de quarto, foi um choque. Zeke reagiu primeiro, levantando-se enquanto ela fazia um esforço heroico para se recompor.

O homem entrou empurrando o carrinho, arrumou a mesa no canto com talheres e guardanapos, e acendeu as velas do candelabro que havia levado.

– Gostaria que eu servisse, senhor? – ofereceu o homem depois de abrir a garrafa de vinho.

Zeke deu uma olhada para Melody, ainda sentada no sofá.

– Não é necessário. Obrigado e feliz Natal.

Ele deu uma gorjeta ao garçom, que saiu alegremente. Melody levantou-se, e Zeke puxou uma cadeira e colocou o guardanapo no colo dela, quando ela sentou.

– Posso servir o primeiro prato, senhora?

Ele levantou a tampa das duas delicadas tigelas, revelando uma cremosa sopa que parecia divina.

– Eu não pedi isso. – Melody olhou para ele.

– Pensei em fazer tudo direito. – Ele colocou um pãozinho fresco num prato ao lado da sopa dela. – Coma – ordenou gentilmente.

A sopa estava deliciosa, assim como o salmão. Zeke conversou assuntos banais, o que fez Melody relaxar, provocando-a um pouco e fazendo-a rir.

Embalada pelo ar despreocupado de Zeke, a comida leve, porém satisfatória, e o vinho que sorveu quase que inconscientemente, Melody viu-se pairando em uma nuvem de bem-estar. Sentia-se calma e pacífica por dentro, percebeu com um pequeno choque de consciência. Pela primeira vez em meses. Era uma sensação muito estranha.

Quando Zeke trouxe a sobremesa, Melody estava certa de que não conseguiria comer mais nada, mas o bolo de creme de limão coberto de framboesas era o final perfeito para a refeição, e ela comeu cada pedaço. Satisfeita, bebeu o resto de seu vinho, e quando Zeke a puxou para sentar no sofá ao seu lado, ela não protestou.

– É meia-noite – murmurou ele com voz macia. – Feliz Natal, querida.

Querida. Ele não deveria chamá-la de querida, pensou ela, mas depois colocou o motivo de lado, sem querer que nada se intrometesse no

momento. Observou-o enfiar a mão no bolso e retirar um pequeno embrulho que entregou a ela, beijando-a com leveza.

– O que é?

– Abra.

– Zeke, eu não queria nada...

– Psiu. – A boca dele foi mais insistente, e, desta vez, o beijo fez com que o corpo todo de Melody tremesse.

– Abra – repetiu ele com voz rouca.

O anel de eternidade era extraordinário: diamantes brilhantes e esmeraldas cravejadas numa delicada aliança de ouro branco. Quando Zeke deslizou-o no seu dedo, o anel se acomodou perfeitamente entre seus anéis de casamento e noivado. Melody estudou as pedras brilhantes, a angústia brigando com outras emoções que ela nem conseguia nomear. Pressionou as palmas das mãos contra os olhos, odiando-se pelo que estava fazendo com ele.

Zeke retirou gentilmente seus dedos da frente dos olhos, segurando-lhe os pulsos. Melody encontrou-lhe o olhar, percebendo, mortificada, que ele envelhecera nos últimos três meses. O tempo estava gravado nas feições dele, como acontecia quando alguém sofria uma perda insuportável. Ele a deixara partir inconscientemente? Será que, no fundo, Zeke já sabia que o que eles haviam tido acabara? Conhecendo Zeke como ela conhecia, ele teria lutado contra esse sentimento. Teria sentido que a estava decepcionando.

– Eu a amo – declarou ele simplesmente. – É tudo que isso significa. Sempre amarei. O sentimento não é opcional. Não é algo que eu consiga ligar e desligar. Quando você entrou na minha vida, eu achava que estava indo bem, que era autônomo, despreocupado... chame do que quiser. Sua chegada foi inesperada e não solicitada. Eu não estava procurando um relacionamento “para sempre”. Acho que nem entendia esse conceito até que você apareceu naquele palco e dançou seu caminho até o meu coração.

Um nó se formou na garganta de Melody.

– Eu não posso mais dançar.

– Mas está aqui. É tudo que importa. – Ele baixou a cabeça até que seus lábios estivessem a milímetros de distância. – Você precisa acreditar, Dee,

porque não sei como convencê-la, exceto dizendo e mostrando o quanto eu a amo.

Ela aceitou o beijo com um leve suspiro e tombou contra ele, precisando da força, da masculinidade e da virilidade. Qualidades das quais sentira tanta falta. Zeke beijou-lhe os olhos, fechando-os, como se soubesse que ela precisava bloquear tudo, menos a sensação e o gosto dele de sua mente. Melody viu-se numa escuridão aveludada, feita inteiramente do que o corpo de Zeke lhe causava, seu desejo crescendo, enquanto ele aprofundava o beijo, até que a realidade de seu toque, gosto e cheiro se tornassem irresistíveis, um fogo que queimava tudo em seu caminho. Ela o queria. Dolorosamente.

Ele ergueu-a nos braços e a carregou em direção ao quarto. Atravessou a porta com o cuidado de quem estava carregando porcelana chinesa e adentrou o quarto iluminado apenas pelo abajur lateral que havia deixado aceso.

Melody ficou tensa quando ele a deitou na cama, mas ele estava ao seu lado instantaneamente, envolvendo-a em seus braços num gesto tranquilizador e confortante. Não havia força nem urgência no carinho dos pequenos beijos em seus lábios, que davam prazer sem exigir resposta.

Os seios de Melody estavam pressionados contra o peito largo, e Zeke começou a lhe acariciar as costas sensualmente, enquanto movia a boca por todo seu rosto. Aos poucos, ela relaxou de novo, correspondendo ao beijo quando a boca de Zeke tomou a sua, outra vez, enquanto as mãos habilidosas evocavam o desejo ardente do qual ela se lembrava do passado.

Melody mal percebeu quando ele retirou seu roupão, depois removeu a blusa do pijama, acariciando a pele sedosa de seu pescoço e ombros, antes de beijar-lhe os seios, um por um. Ela gemeu quando a boca de Zeke agarrou seu mamilo, e agora, suas mãos moviam-se fervorosamente pela pele dele, removendo-lhe a camisa para que pudesse correr seus dedos pelos músculos que acompanhavam os movimentos masculinos.

Melody provocou-lhe os mamilos com a boca, os quais enrijeceram ao seu toque. Ela sentiu um leve gosto salgado na pele de Zeke, o cheiro do limão do sabonete que ele usava misturado com um aroma mais terroso. Ela lhe dissera, nos primeiros dias do casamento, que ele era bonito, e Zeke rira,

respondendo que apenas mulheres eram belas. Mas ele estava errado. Ele *era* bonito, seu corpo perfeito como os das estátuas gregas do Olimpo.

– Eu senti falta disso – murmurou ele com voz rouca. – Não necessariamente do sexo, mas de poder abraçá-la, de saber que você está aqui, que tenho apenas de estender a mão para alcançá-la.

Ela sabia o que ele queria dizer. Havia coisas mais íntimas que o ato sexual... pequenas ações entre um casal que falavam sobre a relação, sobre compartilhar, sobre o compromisso.

– Mas saiba que o sexo é ótimo – adicionou ele num suspiro rouco, enquanto as mãos dela alcançaram a ereção viril.

– Eu não estou defendendo o celibato.

As sombras escuras deram a Melody confiança para acompanhar o que estava acontecendo, e quando ele removeu a calça do pijama dela e o resto de suas próprias roupas, ela o puxou para cima de si. Não estava se permitindo pensar. Se pensasse, sua consciência a forçaria a parar tudo, mesmo aquilo sendo injusto com ele, porque esta noite não mudaria nada. Então ela não pensou. Apenas sentiu, tocou e saboreou.

Agora que ele estava nu, ela acariciou novamente a ereção, sabendo que lhe causava uma dor prazerosa, enquanto ele gemia e agarrava sua cintura.

– Vamos fazer isso com calma. Esperamos demais para apressar as coisas, mas eu sou humano, Dee.

Os olhos cor de ébano brilhavam como os de um animal no escuro. Melody ergueu os braços e segurou-lhe o rosto nas mãos. A barba despontando dava à pele uma textura arenosa, que contrastava com uma mecha de cabelos caindo na testa e o fazendo parecer quase infantil.

– Esta noite é apenas sobre eu e você – sussurrou ela. – Sem passado ou futuro, apenas o presente. Quero fazer amor com você. Quero senti-lo dentro de mim de novo, Zeke.

– Não tanto quanto eu quero estar lá. – Ele a beijou novamente, mas quando ela tentou guiá-lo para seu interior, Zeke afastou sua mão.

– Mais tarde – murmurou ele. – Temos todo o tempo do mundo.

Ele começou a tocar e provar cada parte do corpo dela, provocando-a com uma sensualidade lenta que a deixou ofegante e enlouquecida de

desejo. Sua pele estava sensibilizada, seu centro feminino pulsava, enquanto ela se contorcia sob a boca e as mãos dele.

O ato de amor foi tão bom como sempre e os sentimentos foram os mesmos, porém diferentes. Antes, Melody imaginava que eles sabiam tudo que havia para saber sobre o outro. Agora, sentia como se não conhecesse a si própria, que dirá Zeke. Mas de uma coisa tinha certeza. Ela o queria porque o amava. Sempre o amaria. Sabia disso agora. Era parte do que a aterrorizara depois do acidente. Talvez, no fundo, aquilo sempre a tivesse aterrorizado. O amor dava tanto poder ao amante, tanto controle. Havia destruído sua avó e provavelmente sua mãe, e a destruiria, se ela deixasse acontecer.

Então, toda a razão ficou nublada novamente, e o desejo tomou conta... um desejo que apenas Zeke poderia satisfazer. Ele se moveu e ela sentiu a ponta da masculinidade e o volume entre suas pernas. Segundos depois, ele penetrou apenas um milímetro do membro viril, fazendo com que as pernas dela o envolvessem, trazendo-o mais para perto enquanto ela arqueava os quadris.

Os lábios de Zeke encontraram os seus mais uma vez, antes que ele a preenchesse completamente, causando-lhe uma sensação de puro deleite. Ele esperou enquanto seu corpo se ajustava à invasão rígida, e então começou a investir com força, construindo a excitação compartilhada enquanto o prazer se tornava quase insuportável.

Quando o momento do clímax veio, Melody pensou que se partiria em mil pedaços, seus músculos contraídos tão violentamente que Zeke atingiu seu êxtase um segundo depois, o corpo forte tremendo, enquanto ele murmurava o nome dela. E quando o pulsar de suas peles se aquietou, ele tombou por cima de Melody, enterrando o rosto na curva do seu pescoço e murmurando o nome dela mais uma vez.

Pouco depois, Zeke se apoiou sobre o cotovelo, estudou-a e falou preguiçosamente:

– Uau. Se for isso que um pouco de abstinência faz, não é nada mal. – Ele afastou-lhe uma mecha de cabelos do rosto. – Você é demais, mulher.

– Você também não é nada mal. – Ela conseguiu dizer com normalidade, agradecida que ele estivesse tão relaxado e com o coração tão leve. Ela não teria conseguido mais lidar com a busca por motivos neste momento. Uma parte sua sabia que Zeke veria este ato de amor como uma maneira de acertar as coisas entre eles, mas ela lidaria com isso quando precisasse.

Ele puxou o acolchoado sobre eles, abraçando-a.

– Como até mesmo um quarto de hotel pode se tornar um lar quando estamos com a pessoa amada, quando nossa casa era apenas tijolos sem você lá? Isso me fez perceber que eu poderia viver numa cabana e ser perfeitamente feliz, se você estivesse lá.

Melody forçou uma risada.

– Não consigo ver você numa cabana... não a menos que tivesse acesso à internet e facilidades suficientes para mantê-lo ocupado.

Houve um momento de silêncio antes que Zeke erguesse o queixo dela para que pudesse encontrar seu olhar.

– É mesmo? Se alguém que não me conhece ouvisse isso imaginaria que sou um controlador.

Ela nunca soubera quando ele estava brincando, e não sabia agora. Estudou-o por longos segundos antes de perceber a piscada de Zeke.

– Oh, você – murmurou ela fracamente, aconchegando-se a ele.

– Na verdade, você não me entendeu direito. Como eu já disse antes, meu trabalho não me controla. Nunca controlou. Faço o que faço porque gosto e porque tem me satisfeito. Algumas vezes sou pego por uma situação e coloco muito esforço nela por pouca recompensa, mas não é sempre. Outras vezes, cometi enganos. Como quando cancelei certo almoço romântico por causa de uma crise que pensei que só eu pudesse resolver. O maior erro da minha vida.

Ele pausou, a voz tornando-se irônica.

– Talvez tenha havido um momento controlador ali, afinal de contas, mas não há mais.

Um leopardo não podia mudar suas pintas, por que Zeke deveria mudar? Melody sabia onde estava se metendo quando se casara com ele. Mas as

coisas eram diferentes na época. Ela era diferente. E não podia voltar ao que era.

De repente, todas as razões pelas quais era loucura dormir com ele voltaram, pânico a inundando quando ela percebeu o que tinha feito. Não notou que ficara tensa ou mudara de posição, mas devia tê-lo feito, porque a voz de Zeke foi profunda quando ele disse:

– Qual é o problema? Você está retraída de novo.

Ela saiu do abraço e colocou os pés para fora da cama.

– Não seja tolo. Preciso ir ao banheiro. – Ela procurou seu pijama, mas as roupas jogadas no chão pareciam todas iguais nas sombras. A ideia de atravessar o quarto nua era impensável. E se ele acendesse as luzes ou a seguisse? Mas ela não poderia ficar sentada ali a noite toda. Os pensamentos fluíam com o terror. E se começasse a procurar o pijama pareceria ridícula.

– Dee? – Ele tocou-lhe as costas. – Eu disse alguma coisa? Estava tentando ser honesto.

– Está tudo bem. – A voz de Melody soou frágil. Sabendo que precisava fazer alguma coisa, e rápido, ela levantou e praticamente correu para o banheiro, fechando a porta e vestindo o roupão que estava ali. Amarrou a faixa na cintura e fechou os olhos, aliviada. Estava salva. Ele não a vira.

Ela sabia que Zeke a seguiria. Quando ouviu a batida à porta, abriu os olhos.

– Dee? Você está bem?

Ela apertou ainda mais a faixa.

– Sim, estou bem.

– Não acredito.

– Estou bem. Eu juro. Só preciso de um minuto. Já vou sair.

Houve uma pausa, e ela quase pôde ouvir a mente dele trabalhando. A voz profunda soou do outro lado da porta:

– Vou pegar uma bebida para nós. O que quer? Vinho? Suco? Café, chá? Há muita coisa na geladeira, assim como bebidas quentes.

– Café está ótimo. Obrigada.

– Não demore. Já estou com saudades.

Melody esperou até ter certeza de que ele saíra, então acendeu a luz e olhou para seu reflexo no espelho. Uma mulher de olhos grandes e rosto pálido que ela mal reconheceu a encarou de volta.

O que tinha feito? E que tipo de recado dormir com Zeke poderia enviar? Não, Zeke, eu não quero continuar casada com você. Ah, sim, você pode me levar para cama. Não, Zeke, não há futuro para nós. Oh, sim, Zeke quanto mais íntimos ficamos, melhor.

Ela se sentou na beirada da banheira e fechou os olhos, como se pudesse se livrar da lembrança da última hora e apagá-la de sua mente. Mas era impossível. Fizera coisas estúpidas na vida, mas isso era infinitamente além da estupidez. Era cruel, egoísta e totalmente imperdoável. Ele a odiaria, e ela não o culpava.

Ainda estava se condenando quando Zeke bateu outra vez à porta.

– Se você não sair, eu vou entrar.

Ela se levantou e abriu a porta.

– Eu já estava indo.

– Achei que gostaria de tomar o café na sala de estar – disse ele despreocupadamente. Vestia apenas a calça do pijama e estava sexy. – E talvez possa me dizer por que saiu da nossa cama como um gato escaldado. Pensei que tivesse sido ótimo.

As palavras a pegaram de surpresa, mas, pelo menos, a dose de adrenalina forneceu a força que ela precisava para enfrentá-lo.

– Primeiro que não é a nossa cama, é a sua, e eu não saí como um gato escaldado.

Ela deu uma olhada para a mesinha, onde o café e um prato de biscoitos esperavam. Então andou até a janela, abrindo as cortinas para olhar para fora. Estava nevando novamente... lindo, flocos estrelados que dançavam como se estivessem aproveitando ao máximo sua breve vida.

Percebeu Zeke a seguindo, e então sentiu braços fortes envolvendo-a. Suas costas descansaram no peito sólido, e o queixo dele roçava seus cabelos.

– Certo. Vamos conversar – murmurou Zeke, calmamente. – Percebo que nada está resolvido ainda.

Ela não sabia como dizer aquilo.

– Eu... não quero que você tenha a impressão errada – começou ela, detestando-se.

– Mocinha, eu não sei se estou a pé ou a cavalo – zombou ele com um humor obscuro –, portanto a impressão errada é o de menos. Foi com *você* que fiz amor agora mesmo, não foi? Você não tem um clone que fica no seu lugar de vez em quando, tem?

– O que quero dizer...

– O que você quer dizer – interrompeu ele, virando-a para que o encarasse, mas ainda abraçando-a pela cintura –, é que, apesar de ter se divertido comigo, ainda está agarrada a essa ridícula ideia de divórcio. Certo?

Melody não sabia se ele estava furioso e escondendo isso muito bem, ou se a atitude levemente sarcástica era verdadeira. Zeke era o mestre do inescrutável. Ela assentiu cautelosamente.

– Ótimo. Você desabafou. Agora beba seu café.

Ele precisava levar aquilo a sério.

– Zeke, você precisa entender.

Ele a deteve com um beijo de tirar o fôlego.

– Venha tomar seu café com biscoitos. Depois conversaremos um pouco. Provavelmente, deveríamos ter conversado antes de terminarmos lá no quarto, mas eu nunca disse que era perfeito.

– Não há nada a dizer – protestou ela inutilmente.

– Há muito a dizer. Deixe-me explicar, Dee. Até que você consiga me convencer de que nosso casamento está acabado, não está.

Melody enrijeceu em defesa da arrogância dele e empurrou-lhe o peito.

– Solte-me.

– Claro. – Ela estava livre imediatamente. – Mas ainda terá de me convencer. Você é parte de mim. A metade de um todo. Tenho certos direitos. Casou-se comigo, lembra?

– Você fala como se fosse meu dono. – Ela tremia por dentro, a proximidade dele era um doce tormento, mas sabia que se não atacasse, estaria perdida. – Tem consciência disso? É nisso que acredita?

– Apenas no sentido de que você também é minha dona – replicou ele, ternamente. – É uma via de mão dupla. Deu-me o seu amor, então este é meu... assim como meu amor é seu. A diferença entre nós é que eu confio em você. Confio em você com tudo que sou e tenho. Mas você ainda não chegou nesse patamar, não é? Ainda há um ponto de interrogação pairando sobre minha cabeça como a espada de Dâmocles. Confiança verdadeira envolve compromisso e ficar vulnerável. Pode deixá-la exposta e assustada. Não me olhe assim, Dee. Acha que é a única que está com medo da enormidade que o verdadeiro amor e confiança envolvem? Mas vale a pena.

Ela balançou a cabeça, sem notar as lágrimas escorrendo por suas faces, até que ele as enxugou com os dedos.

– Vai ficar tudo bem – Zeke a tranquilizou. – Você é uma boa pessoa, e eu, também. Na verdade, eu sou ótimo. Estamos destinados a ficar juntos.

Aquilo era tão bobo que Melody teve de sorrir.

– Não quero magoar você – sussurrou ela –, mas é melhor agora do que mais tarde. Isso... nós... é impossível, Zeke.

Ele a levou até o sofá e entregou-lhe a xícara de café.

– Esta é a sua noite. Uma noite que ri do impossível. Apenas acredite.

Esse era o problema. Ela não conseguia. Melody levou a xícara aos lábios, nem notando que o leite era do tipo longa vida que ela detestava. Não conseguia mais acreditar.

CAPÍTULO 9

ELLES BEBERAM o café em silêncio, comendo os biscoitos automaticamente. Melody não queria falar e começar o processo de discussão de novo. Não havia mais nada a ser dito. Estava tão cansada... não era um cansaço físico como já sentira antes, mas um cansaço do espírito. Motivos e réplicas... ela os repassara em sua mente por semanas, sozinha em sua cama de hospital. Não havia nada de novo que Zeke pudesse dizer que ela ainda não tivesse considerado. Estava completamente decidida.

– Vamos sair e fazer um boneco de neve.

Se Zeke tivesse sugerido uma viagem à lua, Melody não poderia tê-lo encarado com maior incredulidade.

– O quê?

– Um boneco de neve. – Ele apontou para a janela. – O hotel tem um pequeno quintal com uma árvore e alguns arbustos. Poderíamos fazer um boneco de neve. – Ele sorriu. – Vamos viver perigosamente. O que me diz?

– Não poderíamos. – Ela balançou a cabeça. – Estão todos dormindo. O quintal provavelmente estará trancado. Eles não nos permitiriam.

– Haverá alguém na recepção. – Ele ajudou-a a se levantar. – Eu gostaria de tomar um pouco de ar fresco.

Ela também gostaria. Os meses que passara trancada nos confinamentos antissépticos do hospital haviam sido sufocantes.

– Pensarão que somos loucos.

– Eles têm direito a uma opinião. – Zeke deu-lhe um beijo breve. – Vista roupas quentes. A menos que – ele pausou, como se tivesse se lembrado de algo –, você esteja muito cansada.

Ele queria dizer a menos que as pernas dela estivessem doloridas, pensou Melody. E estavam, um pouco, mas nem a metade do que tinham doído no hospital, quando não houvera no que pensar, exceto em como se sentia.

– Eu não estou cansada.

– Então vamos. Construíremos nosso próprio homem de neve para a posteridade.

– Detesto ter de lembrá-lo, mas derreterá em alguns dias.

– Ah, mas a lembrança não derrete – disse ele, enquanto caminhavam para seus respectivos quartos. – Eu, por exemplo, acredito que todos os bonecos de neve criam vida, assim que são deixados a sós. Ele fará o melhor que pode em sua breve jornada aqui.

– Você é louco – murmurou ela, rindo. Aquilo não era nada típico de Zeke. – Completamente louco. Sabia disso?

– Não. Estou apenas agradecido. – A voz dele ficou séria de repente. – Há poucos meses, aconselharam-me que eu me preparasse para o pior, na noite em que você foi levada para o hospital. Esse tipo de experiência tem um modo de fazer você separar o que é importante na vida e o que não é. Você acha que está tudo sob controle, que tem o futuro traçado, e então percebe que tudo pode mudar num instante. Nós, seres humanos, somos muito frágeis. Quebramos com facilidade.

– Especialmente em uma briga com um caminhão. – Melody comentou secamente, sem querer continuar naquela rota. – Há algo de bom no passado, quando havia apenas cavalos, carroças e nossos pés. Uma roda sobre seu pé não teria sido tão ruim.

– Suponho que não. – Ele sorriu, um brilho de divertimento nos olhos. – Apesar de eu já ter sido chutado por um cavalo quando criança, e não é nada agradável. Fiquei semanas com hematomas.

Havia tantas coisas que ela não sabia sobre ele. Por que subitamente era tão importante que ficasse sabendo sobre um incidente da infância de Zeke,

Melody não sabia, mas, na verdade, era. Ela virou-se, entrou em seu quarto e vestiu rapidamente várias camadas de roupas.

Os empregados do hotel pensariam que eles tinham perdido a razão, pensou, enquanto finalmente vestia o pesado casaco, gorro e cachecol de lã. Mas era bem melhor que as muitas noites no hospital, quando observara cada hora se arrastar enquanto o resto do mundo dormia. Tudo era tão escuro nas primeiras horas, quando você está completamente acordada e com dor. Tão sem esperança e assustador.

Talvez tivesse pensado demais? Melody assentiu mentalmente. Mas como desligar sua mente quando o sono não vem? Ela recusara as pílulas para dormir; havia tomado medicamentos o bastante nos primeiros dias.

Então pare de pensar agora. O que era mesmo que aquela pequena enfermeira irlandesa costumava dizer? Oh, sim. “Siga o fluxo.” E se o fluxo esta noite era comportar-se como criança, então que assim fosse.

Zeke a estava esperando quando ela saiu do quarto e, uma vez no elevador, ele beijou-lhe a ponta do nariz.

– Você parece ter dez anos com este gorro. – Ele deu um peteleco nos pompons.

Ela sorriu. Zeke estava lindo de morrer.

– E isso é bom ou ruim? – perguntou ela, abertamente pedindo um elogio.

– Oh, bom... definitivamente bom. Eu imaginei que você pudesse mudar de ideia sobre o boneco de neve, para ser honesto. – Ele sorriu. – Você sempre preza a atitude de agir na segurança e não arriscar. Não achei que ousaria encarar os funcionários do hotel.

Ela prezava? Provavelmente. Outro fantasma da infância que trouxera ao seu mundo adulto. Sua avó definitivamente pertencera ao velho grupo que acreditava que crianças deveriam ser observadas e não ouvidas. Parte do que a atraía em Zeke no começo tinha sido a recusa absoluta dele de aceitar limites.

– A vida é o que você faz dela – dissera ele certa vez. – E para vencer, você tem de pegá-la pelo pescoço algumas vezes e forçá-la a se submeter. Rolar e se fingir de morto não a levará a lugar algum.

Melody não soubera se concordava com ele na época, mas nesta noite sabia que concordava.

– Fazer um boneco de neve não é comparável a escalar o Everest ou desbravar a Amazônia, é?

– É tudo relativo – declarou ele firmemente. – O boneco de neve de um homem é o Monte Everest de outro.

As portas do elevador se abriram para a recepção, e Zeke pegou-lhe a mão, conduzindo-a para o balcão onde um porteiro e uma recepcionista estavam sentados. Eles pareceram surpresos.

– Posso ajudá-lo, senhor? – perguntou a recepcionista.

Zeke sorriu docemente.

– Queremos fazer um boneco de neve – respondeu ele. – No seu quintal. Suponho que tudo bem?

A recepcionista piscou, mas se recuperou quase que imediatamente. Ela sabia quem era Zeke James, e o fato de que ele estivesse hospedado no hotel com sua pobre esposa que quase morrera naquele horrível acidente, três meses atrás, causara certo alvoroço. O gerente havia deixado bem claro que o que quer que o sr. e a sra. James quisessem, eles deveriam ter.

– Certamente, senhor – replicou ela, educadamente. – Michael destrancará a porta para o quintal. Há mais alguma coisa que precisam para – a pausa foi brevíssima – construir o boneco?

Zeke considerou por um momento.

– Um chapéu e um cachecol seriam perfeitos. E talvez uma cenoura e algo para os olhos. Oh, e alguma coisa que sirva como botões.

A recepcionista assentiu eficientemente, e Melody teve de morder o lábio para impedir a risada. Esta seria uma história e tanto para a recepcionista do outro turno. O milionário excêntrico no seu máximo.

Quando o triste Michael os acompanhou ao quintal que estava coberto com três ou quatro polegadas de neve, já tinha parado de nevar. A noite estava gelada, mas fresca e animadora.

– Vou providenciar os itens que pediu, senhor – disse o porteiro, obviamente entusiasmado. – Os achados e perdidos devem ter um chapéu e

um cachecol. Nesses dias de “politicamente correto” seria melhor perguntar se o boneco é homem ou mulher. Eu não gostaria de presumir o gênero.

Zeke sorriu.

– Acho que faremos um de cada. Que tal?

– Certo, senhor.

Quando o homem saiu, Melody olhou para Zeke.

– Eles acham que somos malucos. Sabe disso, não é?

Ele sorriu largamente.

– Prefiro peculiares e incomparáveis... e por que não deveríamos aproveitar? Tivemos muitos invernos molhados e tristes neste país. Este é – ele pausou, encarando o céu escuro e a árvore branca congelada, embelezada pelo cobertor de neve brilhante – especial. Uma noite em um milhão, você não acha?

Ele estava certo. A noite toda fora especial, comovente e insuportavelmente preciosa. Melody puxou mais as luvas.

– Vamos começar – sugeriu ela, rezando para que ele não tivesse notado as lágrimas se formando em seus olhos. – Nossa prole está esperando para nascer.

Ela desejou não ter dito aquilo, no momento em que as palavras saíram de sua boca. A frase sugeria uma permanência que não poderia existir. Mas Zeke não pareceu perceber, e logo ficaram ocupados com o trabalho manual. Era um trabalho difícil, mas divertido, e Melody não achava que rira tanto em anos. O porteiro retornou com os itens que eles haviam solicitado e permaneceu para ajudar um pouco.

Eles ficaram sabendo que ele tinha esposa, oito filhos e 24 netos, e que, em todo Natal, a grande família se reunia para o almoço e o jantar.

– É um caos – contou ele alegremente. – Um caos absoluto. Mas a patroa só fica verdadeiramente feliz quando sua ninhada está por perto. Algumas mulheres são assim, não são? Mães naturais.

Melody sorriu e assentiu, mas as palavras tocaram num ponto que a vinha incomodando há algum tempo. Antes do acidente, assumira que, em algum momento, ela e Zeke acabariam tendo filhos, mas tinha ficado satisfeita em colocar a ideia de lado. O ato de trazer uma criança ao mundo era uma

enorme responsabilidade, e ambos os pais precisavam estar preparados, ou aquilo poderia causar um estrago entre o casal.

Como tinha acontecido com os pais dela. Seu pai partira sem nem mesmo ver a filha, abandonando a mãe porque ele não fora capaz de crescer o suficiente para ser pai e marido. E ela sabia que seu avô havia culpado sua avó de estar tão ocupada com a filha que o negligenciara. Sua *própria* avó lhe contara isso. *Então, numa parte escondida sua, Melody se convencera a não ter filhos. Essa era a verdade.*

Ela parou o que estava fazendo e olhou para Zeke. E agora, a única coisa contra a qual decidira era um tormento pelo que tinha perdido. Queria os filhos dele. Por que não percebera isso antes que fosse tarde demais? Por que não tinha enfrentado alguns desses assuntos e falado sobre eles? E como podia ter ficado tão confusa por tanto tempo sem saber?

– O que foi? – Zeke estivera ocupado, rolando uma cabeça para o primeiro boneco, mas agora estava ereto. – Qual é o problema?

Melody saiu da tormenta de seus pensamentos, forçando um sorriso.

– Nada. Estava apenas imaginado o que aquelas meninas que encontramos mais cedo dirão quando virem nosso casal de bonecos de neve pela manhã. Talvez devêssemos fazer dois pequenos também. Elas gostariam. Uma família de neve, como elas.

Os olhos cor de ébano se estreitaram, como faziam quando ele sabia que ela estava mentindo, mas, com outra pessoa presente, Zeke não aprofundou o assunto, e logo estavam dedicados ao trabalho novamente. O porteiro foi buscar bebidas quentes, e os dois trabalharam sob o ar limpo como cristal.

Levou duas horas e várias xícaras de chocolate quente providenciadas pelo amável Michael, mas, no final, a família de neve ficou pronta.

A recepcionista veio dar uma olhada e sorriu para as quatro figuras.

– Estão lindas – elogiou ela, bocejando. – Especialmente as crianças. Pena que não vão durar para sempre.

Zeke sorriu.

– Obrigado por providenciar os itens necessários. – Ele virou-se para Michael. – E espero não termos atrapalhado nenhum assunto mais importante.

O porteiro retribuiu o sorriso.

– O que poderia ser mais importante que uma família no Natal? Mesmo que ela seja de neve – murmurou ele em voz baixa. – Feliz Natal, senhor e senhora.

Os funcionários voltaram para o calor, deixando-os para admirar o trabalho por alguns momentos.

Zeke pegou o braço dela.

– Vamos voltar para dentro.

Embora seu rosto estivesse rosado, Melody não sentia frio, e descobriu que não queria que o momento mágico acabasse. Era Natal e, mais tarde pela manhã, ela sairia da vida de Zeke para sempre. O rompimento teria de ser conclusivo, limpo e assertivo. Não poderia haver almoços civilizados no futuro e nada daquele cenário de continuarmos bons amigos.

As últimas horas haviam mostrado isso.

Zeke era irresistível. Estar com ele era desejá-lo de todas as maneiras possíveis, portanto, a única opção era remover a tentação de uma vez por todas. Era bem simples, na verdade.

Quando entraram no perímetro aquecido do hotel, Melody tremeu convulsivamente, mas o frio repentino estava mais em sua essência do que na mudança de temperatura. A noite terminaria em breve.

– Você está gelada. – A voz de Zeke soou preocupada. – Ficamos lá fora tempo demais. Eu não estava pensando. Prepararei um banho quando voltarmos para o quarto. Precisa se aquecer.

– Não. Está tudo bem. – Como você dizia ao homem amado que o estava deixando? Talvez não dissesse. Talvez a melhor coisa fosse apenas desaparecer quando tivesse oportunidade. Evitaria o trauma do último adeus.

Covarde. A acusação gritou em sua mente. Ela era covarde. Se não fosse, arriscaria ficar para ver o que aconteceria.

Eles alcançaram o elevador, e quando a porta estava se fechando, Zeke abraçou-a pela cintura.

– Ambos estamos gelados – murmurou ele com voz rouca. – Que tal um banho a dois, como nos velhos tempos?

O coração de Melody disparou, mas, em meio ao pânico, algo ficou claro. Ela não podia mais se esconder. Precisava acontecer para que ele pudesse aceitar o que ela vinha tentando dizer. Ele precisava vê-la como ela era agora... com cicatrizes e tudo mais. Melody tivera a ideia romântica de deixá-lo com a imagem de como ela fora... mas Zeke jamais a deixaria partir, se ela não se despisse de tudo. Literalmente. Isso era essencial. *Mas, por favor, não me deixe ver o rosto dele quando olhar para mim*, adicionou ela em silêncio. Ela não aguentaria.

– Seu quarto ou o meu? – Ela sussurrou, mantendo a voz calma.

– Você escolhe – disse ele ternamente.

– O seu. – Assim ela poderia sair e encontrar abrigo em seu próprio quarto quando precisasse. Rota de fuga.

Zeke beijou-a longa e firmemente na boca. Eles ainda estavam se beijando quando a porta do elevador abriu e ele conduziu-a para a saleta da suíte.

– Vamos tirar estas roupas molhadas de você. – Ele ajudou-a a se livrar do casaco, gorro e luvas encharcadas, antes de remover os seus. Então, pegou-lhe a mão fria e a conduziu ao quarto sem falar.

Zeke foi até o banheiro e ligou o chuveiro. Quando voltou ao quarto, Melody estava parada exatamente no mesmo lugar onde ele a deixara, seus membros congelados de medo e vergonha diante da ideia de se despir.

– Agora vamos deixá-la aquecida de novo. – Ele removeu o jeans, a camiseta e o suéter, ficando nu diante dela e completamente à vontade. Zeke sempre se sentira muito confortável com seu próprio corpo, o que não facilitava a situação atual.

Melody não sabia se ele tinha noção dos sentimentos dela, mas ele não tentou despi-la, como ela esperava. Em vez disso, voltou para o banheiro, falando por sobre os ombros:

– Junte-se a mim quando estiver pronta. Vou me certificar de que a água não está quente demais.

Ela permaneceu imóvel por um momento, depois começou a se despir com rapidez antes que perdesse a coragem. O quarto estava fracamente iluminado, mas a luz do banheiro era mais forte, mais implacável. Assim que

se despiu, Melody forçou-se a dar alguns passos em direção ao banheiro, suas pernas endurecidas. *Acabe logo com isso*, disse a si mesma.

Zeke estava debaixo do chuveiro, de costas para ela. Melody entrou no Box e ele se virou imediatamente, passando os braços a sua volta. Ele já estava aquecido, e a pele dela pareceu congelada em comparação.

– Aqueça-se um pouco primeiro – murmurou ele, enquanto massageava suas costas e ombros. – Vai se sentir melhor. Está congelada.

Abraçados com estavam, Melody sentiu que o tempo parou por um instante. A água batia principalmente em Zeke, e depois de alguns momentos, ele a virou para que a água atingisse a parte de trás de sua cabeça. Pegou o gel de banho, colocou um pouco nas mãos e ensaboou os ombros e braços dela.

Seus nervos estavam retesados como cordas de piano e ela não conseguia reagir. Zeke a virou novamente, seus longos dedos espalhando a espuma branca pelos seios, em carícias lânguidas e vagarosas para que ela ficasse excitada e... apesar de seu coração acelerado... Melody sentiu os mamilos enrijecerem sob o toque. Sentindo a reação dela, ele envolveu os seios com as mãos, circulando os bicos com os dedos até que estivessem inchados e doloridos, e ela tivesse de morder o lábio para conter o gemido alto. Ele era muito bom nisso.

– Tão deliciosa – Zeke murmurou roucamente, beijando-lhe os olhos, o nariz e os lábios. – Sentindo-se mais aquecida?

Incapaz de falar, Melody conseguiu assentir. Sua mente foi tomada por lembranças do passado, quando eles tomavam banho juntos... momentos íntimos e preciosos.

Olhando-a fixamente, Zeke ensaboou as mãos outra vez e deslizou-as pela barriga, e depois, pelo traseiro de Melody, enquanto a movia sensualmente em direção à sua ereção. Ela sabia que ele deveria ter sentido as cicatrizes na base de sua coluna, mas ele não parou até encontrar os cachos dourados no alto das coxas.

Ela começou a relaxar aos poucos, a água quente e as carícias dele trazendo um prazer que apagava o medo. As piores cicatrizes estavam gravadas no topo de suas pernas, mas ele não conseguiria ver enquanto elas

estivessem bem fechadas. No momento, era isso que importava. A hora chegaria, mas ainda não.

Melody alcançou o gel de banho e sussurrou com voz suave, não vendo a hora de deslizar as mãos pelo corpo másculo.

– Minha vez.

– Fique à vontade. – A voz estava grossa de paixão e o corpo poderoso demonstrava o quanto ele a queria.

Melody começou ensaboando os pelos do peito largo, espalmando as mãos sobre os mamilos, acariciando-os devagar, enquanto observava a reação dele. Não se apressou, adorando a sensação de tocá-lo, e quando suas mãos escorregaram mais para baixo, os músculos da barriga reta se contraíram. Então ela encontrou a masculinidade rija, fazendo com que ele ofegasse.

– Meu Deus, Dee – murmurou ele com voz rouca.

– Eu não terminei – protestou ela fracamente, desejando-o tanto quanto ele a desejava, e sabendo que também não podia mais esperar.

– Querida, eu aprecio o fato de achar que sou controlador, mas acredite, conheço minhas limitações. – Desligando o chuveiro, Zeke conduziu-a para fora do boxe, pegando duas toalhas e envolvendo Melody com uma delas. A outra passou ao redor de sua cintura.

Puxou-a para o quarto escuro, envolvendo-a em seus braços e a beijando avidamente. As toalhas escorregaram de seus corpos quando eles caíram na cama. Os corpos ainda estavam molhados, os cabelos pingando, mas nada importava, além de satisfazer o desejo ardente.

As mãos de Zeke se moviam pelo corpo de Melody fervorosamente, seus lábios encontrando a pulsação no pescoço dela, a saliência inchada dos seios e bicos entumecidos, a pele aveludada da barriga. Quando ele a preencheu, seus corpos se moveram num ritmo perfeito, fazendo crescer a sensação mútua, até que a investida final os levou girando para outro mundo... um mundo de puro êxtase. Melody agarrou-se a ele sem querer que o momento acabasse e sabendo que seria a última vez que ficariam assim.

– Eu amo você. – Ele se moveu de leve, aliviando-a de seu peso, mas ainda mantendo os braços a sua volta. Acomodou-se ao seu lado e puxou o

edredom.

– Eu amo você. – Ela conseguiu falar com sinceridade, mas sua voz estava grave, sabendo que o perderia. – Muito. Lembre-se sempre disso.

Zeke adormeceu rapidamente e, embora estivesse exausta, Melody não conseguiu apagar. Ficou deitada nos braços fortes, aproveitando a proximidade enquanto seus pensamentos a torturavam. Eles tinham feito amor pela segunda vez, e ele ainda não tinha visto o que o caminhão fizera com o corpo perfeito que ele tanto adorava. Ela pensara que o momento chegara, e, embora ficasse aterrorizada, havia sentido alívio também. Mas o momento ficara suspenso mais uma vez.

Melody estremeceu, e o movimento sutil fez com que Zeke apertasse o abraço, mas após outro momento, ela livrou-se cuidadosamente dos braços dele e saiu da cama. O quarto estava quente, e seus cabelos, quase secos, mas novamente sentiu um tremor.

Ela deixou o quarto de Zeke silenciosamente e encontrou o caminho para seu próprio quarto, pegando suas roupas. Vestiu calça justa e uma blusa comprida, prendeu os cabelos num rabo de cavalo. Andou até a janela e olhou para fora.

Eram cinco horas da manhã de Natal. Em pouco tempo, as crianças do país inteiro estariam acordando para ver o que o Papai Noel trouxera. As casas ficariam repletas de excitação e barulho, e, mais tarde, as famílias se reuniriam para o almoço de Natal. Mães estariam ocupadas com seus afazeres na cozinha e os pais bancariam os anfitriões, servindo bebidas aos convidados e avós que chegariam com presentes extras.

Era um dia de alegria e exaltação, de beber e comer muito, de jogos bobos e assistir televisão. Era o modo normal das pessoas se comportarem... apenas ela nunca tinha tido aquela experiência quando criança. Sua avó agia como nos velhos tempos. Apenas uma meia, pendurada na lareira contendo uma laranja, uma pequena quantia em dinheiro e um brinquedo também pequeno. O resto do dia de Natal era um dia como outro qualquer, apenas comiam peru no almoço, com pudim de sobremesa. Passavam o dia, sozinhas, e Melody não conseguia se lembrar de nenhum cartão de Natal. Com certeza não havia decorações nem árvore de Natal. Depois da morte da

avó, ela fora convidada para o Natal com amigos e ficara maravilhada com a excitação, com o simples prazer que todos tinham naquele dia. Fora uma revelação do que o Natal poderia ser.

Por que estava pensando sobre isso agora? O passado era passado e não adiantava nada duelar com isso. Sua avó havia feito o melhor que pudera, e Melody sempre soubera que ela a amava do seu jeito. Tivera sorte comparada a outras pessoas. Zeke, por exemplo.

Ela se moveu impacientemente, de súbito, percebendo por que seus pensamentos haviam tomado aquela direção. No fundo, sabia que Zeke era sua chance de experimentar o que as outras pessoas chamavam de vida em família. Uma parte sua esperava que eles pudessem criar seu próprio mundo dentro do mundo... um lugar onde crianças poderiam nascer e ser amadas e protegidas. Onde tudo que faltara a ambos em suas infâncias pudesse ser ofertado a seus bebês. Ela tivera esperanças, mas não convencera a si mesma apropriadamente.

E jamais acreditara que fosse boa o suficiente para ele. Então evitara o compromisso total, esperando, subconscientemente, pelo momento em que a bolha explodiria. Estivera sempre lutando por uma perfeição inatingível, e, embora Zeke a tivesse tomado como esposa e a amado, Melody não sentia que era a melhor pessoa para ele.

Talvez, se ela tivesse conhecido seus pais, as coisas fossem diferentes... sua mãe pelo menos. Sempre sentira que havia muita coisa que não sabia sobre seus antepassados, e sua avó não falava muito sobre nada. Até mesmo a viagem mais breve ao passado trazia tanta amargura e dor que ela não queria pressionar a avó a contar mais. Então crescera imaginado, sem nenhuma resposta, como eram as pessoas que tinham lhe dado vida.

Melody fechou os olhos e balançou a cabeça devagar. Nada disso era realmente relevante ao que estava enfrentando agora. Com 27 anos, ela era adulta e precisava seguir em frente. Precisava deixar Zeke... ir para longe, conseguir um emprego e um meio de vida sozinha.

Ela abriu os olhos, sentindo como se as paredes do quarto a estivessem pressionando. Sempre detestara espaços pequenos. Isso tinha feito parte do

pesadelo de estar hospitalizada... a sensação de confinamento absoluto. Precisava sair e andar. Era o único modo de conseguir pensar.

Não hesitou. Pegando um par de meias de sua mala, calçou as botas ainda úmidas, o gorro, o cachecol e o casaco. Deixou as luvas. Estavam tão ensopadas que não seriam muito úteis.

Abriu a porta e encontrou o caminho até o elevador. Quando as portas se abriram para a recepção, seu coração estava acelerado. Ela não sabia o que diria a Michael e à recepcionista. Todavia, por sorte, Michael não estava em nenhum lugar visível, e a recepcionista estava ao telefone. Ela atravessou o saguão rapidamente, dando um suspiro de alívio ao chegar à rua.

O frio tirou seu fôlego, mas ela continuou. A neve acumulara dos dois lados da calçada, formando um caminho no meio, e Melody não teve nenhuma dificuldade em alcançar a rua principal. Não esperava trânsito, sendo manhã de Natal, mas a cidade já acordara, e havia poucas pessoas caminhando e alguns carros nas ruas.

Melody caminhou sem ideia clara de onde estava indo. Apesar de tudo, uma sensação de entusiasmo a percorreu. Era a primeira vez que saía sozinha desde o acidente, e a independência era poderosa.

Embora ainda estivesse escuro, as luzes da rua, combinadas ao efeito da neve, iluminavam os arredores perfeitamente bem. Ela puxou o gorro para cima das orelhas e seguiu em frente, imaginando por que não estava cansada. Sentira-se exausta na tarde de ontem, e novamente no táxi a caminho do hotel, mas agora sentia como se pudesse caminhar por quilômetros.

Apesar de ter saído para considerar sua posição com Zeke e o que faria, ela não estava pensando. Simplesmente respirava o ar gelado, maravilhando-se com a sensação do ar matinal em sua pele.

Estava viva. Não havia morrido debaixo das rodas do caminhão, e não ficara presa a uma cadeira de rodas. Tivera muita sorte. Zeke estava certo, e o dr. Price também, quando tinham dito que ela estava bem melhor que outros pacientes do hospital.

Possivelmente, meia hora mais tarde, Melody percebeu que precisava se sentar um pouco. Agora que a primeira onda de exaltação passara, a

exaustão tomou seu lugar. Dr. Price a alertara sobre exagerar no início. Parecia que ele a conhecia melhor do que ela mesma... o que não era difícil.

O Hide Park estava à sua esquerda, as árvores, uma visão da beleza do Natal, com sua manta branca brilhante, mas, decidindo que seria mais sensato permanecer na avenida principal, Melody resistiu ao impulso de entrar no parque.

Limpou a neve de um banco com vista para o parque e sentou-se.

Um jovem casal passou abraçado. Eles sorriram para Melody, e a garota desejou-lhe feliz Natal.

Provavelmente ainda não tinham voltado para casa de alguma festa de véspera de Natal. De súbito, Melody sentiu-se muito velha diante do rosto despreocupado do casal.

Ela nunca realmente frequentara festas... não até conhecer Zeke. Sua avó não aprovava o que chamava de “frivolidades sem sentido”, e mesmo na escola de dança e nos anos seguintes, ela preferira gastar seu tempo livre praticando sua dança.

Não. Isso não era inteiramente verdade. Melody franziu o cenho diante do pensamento. Sempre se sentira culpada ao considerar sua ida a festas, sabendo do sacrifício que sua avó fazia para conseguir o dinheiro para que ela seguisse a carreira de dançarina escolhida. Além do mais, ela se sentia invariavelmente um peixe fora d'água e tentava se esconder em algum canto sempre que era convencida a acompanhar uma amiga a alguma reunião. Por isso não recebia muitos convites. Nunca se sentira muito capaz de agir naturalmente.

Então Zeke entrara em sua vida, virando-a de ponta-cabeça e desafiando todas as regras com as quais ela vivera. O coração de Melody acelerou em pânico, mas ela não estava certa se por causa da ideia de tê-lo deixado ou pelo fato de ter sido tão burra por não ter aproveitado ao máximo as últimas horas em que estivera ao lado dele, quando ainda podia tocá-lo. Por que estava sentada em um banco no meio de uma rua londrina, quando podia ainda estar nos braços dele? A vida era tão curta.

Ela permaneceu sentada e o pânico foi sumindo gradativamente. Estava ali porque precisava pensar. Estivera pensando sem parar desde o acidente,

mas não sem emoções. Estivera abalada até a alma, e tudo em sua vida fora sacudido.

Talvez tivesse sido melhor se tivesse se permitido chorar, soluçar toda sua frustração e dor pelo que o acidente havia lhe tirado, mas aprendera logo que chorar perturbava os enfermeiros. Ela supunha que aquilo tirava o poder deles também, causando-lhes a sensação de que não estavam fazendo seu trabalho, e, porque todos haviam sido maravilhosos, ela reprimira seu sofrimento e seguira com o processo de reconstruir seu corpo. Pelo menos os satisfizera.

Quantas vezes se perguntara por que ela? Por que a única coisa em que era boa na vida lhe fora roubada? Mas era inútil pensar assim. *Nem mesmo era verdade.* Estava começando a enxergar isso.

Melody estava ficando com frio, mas continuou sentada com os pensamentos girando na cabeça. Dançar tinha sido sua vida, mas não significava que ela não seria boa em outra coisa que tentasse. Embora não pudesse mais dançar, poderia dar aulas. No fundo, sempre se imaginara fazendo isso um dia. Mas achou que acabaria fazendo naturalmente, e não que a atividade lhe fosse imposta repentinamente pelo destino. Mas para que lutar? O acidente acontecera. Fim da história.

E Zeke? Será que ele poderia se encaixar nessa nova vida?

Uma coisa era decidir que o casamento acabara em um ambiente hospitalar, onde a vida era regida pela rigidez da instituição. Outra era fazer o mesmo na presença de Zeke. Dançar fora uma parte vital de sua vida, mas Zeke... Zeke havia sido sua vida. Desde o primeiro encontro, eles tinham gostado da companhia um do outro mais que tudo, e o lado íntimo da relação deles fora tudo que ela poderia querer e mais. Ele era carinhoso no dia a dia também, sempre enviando mensagens para dizer que estava pensando nela e saindo do trabalho para almoçar com ela, quando Melody menos esperava.

Sua mente continuou resgatando lembranças. Fazer amor até o amanhecer. Andar na praia à meia-noite na casa em Madeira. Zeke no fogão, cozinhando nu. A lista era interminável, e depois de ter mantido as rédeas curtas em sua mente pelos últimos meses, ela não era mais capaz de conter a

maré. Simplesmente permaneceu sentada, deixando a espiral de emoções dominá-la, até que ficou difícil respirar e o dia começou a amanhecer.

Um novo dia estava nascendo, mas Melody estava ancorada ao passado, e, apesar dos pensamentos corajosos sobre o futuro, ela não conseguia enxergar um caminho que incluísse Zeke. A vida deles estivera em evidência, e, por conta de quem ele era e dos negócios que construía tão arduamente, continuaria assim. E algo fundamental mudara nela.

Eles poderiam funcionar com um casal, com Zeke continuando sua vida normalmente e ela vivendo a sua de maneira totalmente distinta? Separados, não apenas pelo trabalho, mas na vida social também? Ela achava que não. Era a receita do desastre.

Portanto, continuou sentada debaixo do céu branco pérola, uma pequena figura solitária encolhida em seu banco.

CAPÍTULO 10

– **A**GORA, EU POSSO estar errada, mas algo me diz que você precisa de uma boa xícara de chá, querida. Está congelando.

Por um momento, Melody não conseguiu focar na pequena mulher rechonchuda que se sentou ao seu lado no banco, um cachorro igualmente pequeno e rechonchudo aos seus pés. Ela olhou para o rosto rosado.

– Perdão?

– Eu passei por aqui pouco tempo atrás... meu Billy precisa de seu passeio matinal, independentemente se é dia de Natal ou não... e vi você então. Está muito frio para ficar sentada aqui por um longo tempo, não está, querida? – Os olhos castanhos eram penetrantes e gentis. – Você está bem? Parece cansada.

Melody tentou se recompor. Agora que tinha voltado ao mundo real, percebeu que estava congelando.

– Estou bem, obrigada. – Sua resposta foi desmentida pelo tremor convulsivo que a acompanhou.

– Eu sempre tomo uma xícara de chá quando entro, e minha casa é logo ali, querida. Por que você não vem comigo e se aquece antes de voltar para casa?

– Não... não, obrigada. – Melody levantou-se, forçando um sorriso, apenas para descobrir que estava completamente rígida. – A senhora é muito gentil, mas eu estou bem.

– Você não parece bem – insistiu a pequena mulher. – Está da cor da neve. Ouça, meu nome é Mabel, e não tenho nada para fazer, até que meu filho venha apanhar Billy e eu para o almoço de Natal, mais tarde, na casa dele. Uma casa linda, a propósito, toda moderna e aberta. Não serviria para mim, mas é perfeita para ele, a esposa e os filhos, e isso é tudo que importa. De qualquer forma, tenho uma ou duas horas disponíveis e gostaria de companhia para falar a verdade. Eu geralmente não me importo de ficar sozinha... meu Billy é uma boa companhia... mas no Natal é diferente, não é? Sinto falta do meu Arthur então. Ele faleceu dois anos atrás, e ainda não consegui me acostumar. Fomos casados durante cinquenta anos.

Melody umedeceu os lábios, pronta para recusar o convite, quando viu a expressão nos olhos de Mabel. A solidão conectou-se com alguma coisa profunda em seu interior, levando-a a dizer:

– Se não for trabalho, eu adoraria uma xícara de chá. Não percebi como fiquei gelada.

– Ótimo, querida. – Mabel levantou-se, alegremente, puxando Billy. – Nada como uma xícara de chá para dar novo ânimo... é o que sempre digo. A xícara que alegra... meu Arthur costumava falar.

A casa de Mabel possuía um ar de grandeza desbotada, e fotografias da família adornavam cada superfície na pequena cozinha bem-arrumada, onde Melody foi levada. O ambiente estava quente, um fogão tendo um lugar de destaque dentro da velha lareira, e duas cadeiras de balanço complementavam a mesa da cozinha e quatro cadeiras, num canto. Havia uma serenidade na casa, a qual deixou Melody imediatamente confortável. Ela experimentou uma estranha sensação de voltar para casa.

– Sente-se, querida. – Mabel apontou para uma das cadeiras de balanço, enquanto falava. Billy curvou-se em sua cesta, perto do fogão, e fechou os olhos.

– Obrigada. – Melody sentou-se, perguntando-se como tinha ido parar na casa de uma estranha na manhã de Natal, quando Zeke estava dormindo na suíte de hotel. Pelo menos, ela esperava que ele estivesse dormindo. Bem, se ele não estivesse, era tarde demais para se preocupar sobre isso. Ela estava ali agora.

Mabel ocupou-se com o preparo do chá, e quando a mulher aqueceu o bule, então acrescentou duas colheres de folhas de um pote, antes de colocar água quente no bule, Melody não ficou surpresa. Chás de saquinho não eram o estilo de Mabel.

– Aqui está, querida. – Mabel lhe passou uma xícara de chá, com uma fatia de bolo caseiro. – Agora, se não se importa que eu pergunte, por que uma garota magrinha como você estava sentada sozinha na manhã de Natal, parecendo ter perdido uma libra e achado um centavo?

Melody teve de sorrir. Ninguém poderia acusar Mabel de fazer rodeios. Ela deu um gole de seu chá e pôs a xícara sobre o pires de porcelana chinesa.

– Eu não sei o que fazer – respondeu ela simplesmente. – Ou para que caminho me virar.

Mabel acomodou-se na outra cadeira de balanço e sorriu.

– Um problema compartilhado é um problema dividido em dois... é o que eu sempre digo. Então, por que você não me conta sobre isso? – Ela deu uma mordida de seu bolo e indicou que Melody experimentasse o dela. – Coloque-se do outro lado da situação, querida, e me conte o que está errado.

– É uma longa história – murmurou Melody com hesitação.

– Mais um motivo para você começar logo.

A lógica era irrefutável.

Uma hora e diversas xícaras de chá depois, Melody estava se perguntando como contara a história de sua vida para uma estranha. Não apenas isso, mas estava se sentindo mais relaxada e à vontade na casa de Mabel do que se sentira em anos.

Mabel não a interrompera, enquanto Melody lhe contara sobre sua infância, sua adolescência, sobre quando conhecera Zeke e todo o trauma que seguira o acidente. Ela simplesmente ouvira.

– Então – elas haviam ficado em silêncio por uns dez minutos, e Melody estava quase dormindo, quando Mabel perguntou: – O que você vai fazer quando voltar ao hotel?

Melody olhou para sua nova amiga.

– Eu não sei. O que devo fazer?

– Eu não posso lhe dizer, querida. Esta tem de ser uma decisão unicamente sua. Apenas você sabe como se sente.

Desapontada, Melody endireitou a coluna na cadeira.

– Eu não posso ficar com Zeke – disse ela, uma dor a cortando por dentro.

– Não pode ou não vai ficar? – questionou Mabel, calmamente. – Há uma diferença. Meu Arthur e eu perdemos cinco bebês, antes de termos nosso filho. Depois do quinto, eu disse que não poderia passar por aquilo novamente. Arthur não discutiu comigo, que Deus o abençoe, nem mesmo quando eu decidi que não podia continuar aqui, nesta casa, com todas as memórias que continha. Eu queria recomeçar em algum lugar longe. Austrália, talvez. Eu tinha um irmão que emigrara e estava bem lá. Ou Nova Zelândia. Qualquer lugar, exceto aqui, com o quarto infantil no andar de cima, com o berço vazio, que estivera esperando um bebê por muitos anos.

Melody estava muito acordada agora, atenta a cada palavra de Mabel.

– Então eu fiz meus planos. Arthur era engenheiro, bem qualificado em sua especialização, de modo que poderíamos ter ido para qualquer lugar do mundo, e ele teria arranjado emprego. Meu irmão me mandou informações sobre casas adoráveis perto de onde ele morava, e um colega de Arthur estava interessado em comprar a nossa casa, então nós não precisávamos nos preocupar com a venda. Demos o preço, e ele concordou. Arthur pediu demissão do emprego, e estava tudo pronto para partirmos no final de maio. Lembro que 28 de maio era o dia que viajaríamos. Engraçado como algumas coisas ficam em nossas mentes, não é?

Melody assentiu, hipnotizada pela história que a pequena mulher estava contando.

– Estava uma primavera encantadora naquele ano... dias quentes e com sol durante todo o mês de abril. Garotas usavam vestidos de verão, e todos estavam felizes. Todos, menos eu. Nossos planos haviam dado certo, e Arthur tinha um bom emprego agendado na Austrália, mas eu sabia que aquilo não era certo. Queria ir, precisava ir, mas aqui dentro – Mabel tocou o lugar do coração –, eu sentia que não era certo. Eu estava fugindo. Sabia disso, mas não queria admitir. E eu tinha bons motivos para querer um

recomeço. Sentia que não suportaria o futuro, se ficasse. O mesmo ciclo de esperança, depois de pura tristeza, quando meu corpo me desapontasse novamente.

Mabel inclinou-se para a frente, pegando as mãos de Melody entre as suas.

– Eu me sentia fracassada, entende? Toda vez que acontecia, eu sentia que decepcionava Arthur, e aquilo estava afetando nosso casamento. Eu não era a garota com quem ele se casara, ambos sabíamos disso, e, embora ele dissesse que me amava do mesmo jeito, e que, contanto que me tivesse, não importava se filhos viriam ou não, eu não via a situação assim. Até mesmo pensei em deixá-lo. Ele tinha três irmãos, todos com grandes famílias, e Arthur era bom com as crianças... o tio favorito delas. Pensei que se eu o deixasse, ele poderia ter filhos com outra pessoa.

Mabel balançou a cabeça grisalha.

– Eu estava tão confusa. Confusa, ferida e tentando ser forte.

– Como eu – sussurrou Melody, e Mabel apertou-lhe a mão. – O que aconteceu? Vocês chegaram a ir para a Austrália?

– A mãe de Arthur veio me visitar uma manhã. Era fim de abril, e o sol estava brilhando. Eu abri a porta para ela e caí aos prantos. Ela ficou o dia inteiro, e nós conversamos muito. Eu tinha perdido minha própria mãe anos antes, e não costumava dividir meus problemas com ninguém... muito menos algo tão privado. Ela me falou uma coisa muito sábia naquele dia, e foi o que mudou tudo.

– O que ela disse? – perguntou Melody, prendendo a respiração.

– Que a única coisa a temer é o próprio medo. Lutei contra a ideia, no começo, dizendo a mim mesma que eu não estava com medo, que não era tão simples assim. É incrível quantas razões você pode encontrar para se justificar, quando tenta. Mas é claro que minha sogra estava certa. Eu estava com medo do futuro, de tentar novamente, de fracassar, de perder o amor de Arthur... de todo tipo de coisa. E medo tem um jeito de abalar cada base de sua vida, de nublar cada problema, especialmente amor e confiança. Medo cega as pessoas.

– E então, você ficou – murmurou Melody, suavemente. – Vocês não partiram.

Mabel assentiu.

– Não foi um mar de rosas. Eu tive de trabalhar naquilo todos os dias. As preocupações não desapareceram da noite para o dia... estavam profundamente enraizadas, suponho... mas, aos poucos, vi a luz no fim do túnel, e quando engravidei de novo, alguns meses depois, acreditei que seria diferente, e foi. Nosso Jack era um bebê grande e sadio, com um par de pulmões para acordar os mortos, e um sorriso tão largo quanto à ponte de Londres.

Melody sorriu.

– Fico feliz por você, de verdade, mas suas circunstâncias eram diferentes das minhas.

Mabel soltou-lhe a mão, mas não tirou os olhos dos de Melody quando falou:

– Circunstâncias diferentes, querida, porém a mesma causa. Pelo que me contou, seu Zeke não vai mudar de ideia a seu respeito por causa de algumas cicatrizes. Nem agora nem nunca. E você está fugindo da mesma forma que eu tentei fugir, mesmo que não para o outro lado do mundo. Todavia, você poderia ir para tão longe, e o erro seria o mesmo. Porque não se pode fugir do medo. Nós o levamos conosco. Quando você estava falando mais cedo, chamou a si mesma de dançarina, mas isso não está certo, querida. Dançar era algo que você fazia, mas que não resume quem você é. É feita de milhões de coisas que formam um todo, e, pelo que parece, é este todo que seu marido ama. Do mesmo jeito que Arthur me amava.

Melody olhou para o rosto enrugado... um rosto tão gentil que lhe deu vontade de chorar.

– Zeke disse algumas coisas nessas linhas – admitiu ela. – Mas eu pensei que ele estivesse apenas sendo o marido devotado e tentando falar a coisa certa para me confortar.

– Não há nada errado com isso... com um marido querendo confortar a esposa – argumentou Mabel. – O que não significa que ele não estava sendo sincero. Passei a entender que o que não a quebra a deixa mais forte. Falo

por experiência própria. Os jovens de hoje crescem tendo tudo na vida, e quando algo que precisa de determinação para lidar acontece, metade deles fica desorientada sobre como agir. Você não é assim, e não acho que seu Zeke seja também.

Melody pensou nas últimas 24 horas, e nas centenas de pequenas maneiras que Zeke mostrara que a amava, e enxugou uma lágrima do rosto.

– Mas ele não viu a minha aparência agora – sussurrou ela. – E há tantas mulheres aí fora que se jogam em cima dele.

– Olhe o medo falando novamente. – Mabel inclinou-se para a frente e lhe deu um tapinha na mão. – Agora eu vou fazer outro chá para nós e um bom sanduíche de bacon antes de você ir. Arthur e eu costumávamos começar o dia com uma xícara de chá e um sanduíche de bacon, mas eu perdi o hábito desde que ele se foi. E, Melody... – ela encarou-a, a voz suave. – Não espere atravessar todas as suas pontes de uma só vez, querida. Você terá dias bons e dias ruins, mas irá vencer... como eu venci. Parece-me que seu Zeke precisa de você tanto quanto você precisa dele. Já considerou isso? Todas aquelas mulheres que citou estavam se jogando em cima dele por anos, antes que ele a conhecesse, e ele não se apaixonou por nenhuma delas. Acredite no seu marido, querida. Tenha fé. Natal é melhor do que a maioria dos dias para começar a fazer isso, não acha?

Melody assentiu, apenas meio convencida.

De súbito, percebeu que precisava ver Zeke novamente, olhar dentro dos olhos cor de ébano quando ele dissesse que a amava, olhar dentro da *alma* dele. Mas nem isso seria o bastante. Zeke precisava vê-la como ela estava agora, e então Melody saberia. Ela o amava tanto que seria capaz de ler como ele se sentia sobre ter uma esposa que sempre mancaria, que enfrentaria infinitas sessões de fisioterapia, com possíveis complicações no caminho de artrite, quando ficasse mais velha. O mundo deles tinha sido um lugar de pessoas lindas... estrelas, celebridades, os ricos e famosos.

Melody consultou seu relógio e ficou impressionada ao ver como o tempo voara. Eram 9h da manhã. Zeke estaria acordado agora, imaginando onde ela estava. Ela precisava voltar para o hotel.

Comeu rapidamente seu sanduíche de bacon, ansiosa para partir, mas não querendo ofender Mabel, depois de toda a gentileza da mulher, então a abraçou antes de deixar a casa.

Estava um frio cortante do lado de fora, apesar de o sol brilhar para o mundo coberto de neve. A cidade estava propriamente acordada agora, e Melody viu diversos pedestres ao longo das calçadas geladas, passeando com seus filhos em suas novas bicicletas ou patinetes.

Melody estava a meio caminho do hotel quando avistou Zeke a distância... uma figura mais alta do que a maioria. Mesmo de longe, ela podia ver que o semblante dele era furioso. Com o coração batendo freneticamente no peito, ela parou, observando-o se aproximar. Zeke ainda não a vira, e Melody não sabia se acenava ou não.

Ela sempre tentara não aborrecê-lo no passado. Evitava confronto de qualquer tipo. Não somente com Zeke, mas com qualquer pessoa, reconheceu. Melody sempre precisara da aprovação das pessoas, ou, no mínimo, da aceitação delas, e para conseguir isso, muitas vezes, sufocara suas próprias opiniões e desejos. De alguma forma, o acidente havia mudado isso, e ela não queria voltar ao que era antes. Endireitou os ombros e ergueu o queixo.

Zeke avistou-a no instante seguinte, e ela viu o alívio inundando as feições tensas dele. Engoliu em seco e começou a andar em direção a ele, perguntando-se como sua vida tinha se tornado este espiral de emoções. Queria algum tipo de normalidade de novo. A vida nunca seria monótona, se ficasse com Zeke, mas o dia a dia deles tivera certo padrão. Os momentos que ficavam a sós não eram tantos quantos ela gostaria, mas houvera noites nos braços de Zeke quando ele tinha sido somente seu. Se, ao menos, isso pudesse acontecer outra vez.

Melody não sabia o que esperar quando Zeke a encontrasse. Certamente, não o rosto e a voz inexpressivos, quando ele pegou-lhe o braço, dizendo:

– Vamos voltar para o hotel.

Enquanto eles andavam devagar, Melody o olhou, registrando as linhas de tensão em volta da boca e dos olhos de Zeke. Sim, ele estava zangado, mas também estivera preocupado... como ela teria ficado, se suas posições

fossem invertidas. Todavia, ela precisara sair um pouco, por mais egoísta que isso tivesse sido.

– Desculpe – murmurou ela, baixinho. – Eu saí para uma caminhada, a fim de pensar. Não... pretendia demorar tanto.

– Aproximadamente quatro horas, segundo a recepcionista que a viu sair do hotel – disse Zeke, sedosamente.

Melody encolheu-se. Teria preferido ouvi-lo gritando a usando aquele tom perigosamente suave.

– E não lhe ocorreu me telefonar para dizer que você estava bem? – continuou ele. – Ou ligar seu celular, de modo que eu pudesse contatá-la? Mas, não. Você está totalmente no mundo de Melody, não está? Sou meramente seu marido.

Melody mordeu o lábio para não retrucar. Ele tinha todo o direito de estar furioso.

– Eu estava bem.

– E como eu deveria saber disso? Por telepatia? Fiquei vasculhando as ruas à sua procura, tentando ignorar o fato de que o rio é muito fundo e muito gelado.

– Você não pensou... – Ela parou, apavorada que Zeke pudesse imaginar que ela tiraria a própria vida. – Não pode ter imaginado...

– Eu não sabia o que pensar, Melody.

O fato de Zeke tê-la chamado pelo seu nome inteiro informou-a que ele estava mais do que irado.

– Eu não consigo alcançá-la; essa é a questão – disse ele. – Você me fechou do lado de fora de maneira mais efetiva que eu podia ter imaginado. Não há mais espaço para mim. Nós não somos um casal. Talvez nunca tenhamos sido. Talvez tudo que imaginei que tivéssemos tenha sido pensamento desejoso de minha parte.

Melody não sabia o que dizer. Tudo que sabia era que o magoara profundamente.

– Eu... eu pensei que pudesse estar de volta antes de você acordar – murmurou ela, a desculpa soando esfarrapada em seus próprios ouvidos. –

E eu não pretendia ficar fora tanto tempo, mas encontrei alguém... uma senhora idosa com seu cachorro. Nós... conversamos um pouco.

– Verdade? E essa senhora com o cachorro era uma companhia tão estimulante que você esqueceu completamente que tinha um marido que talvez... apenas talvez... estivesse preocupado com seu desaparecimento no meio da noite?

– Eu não consigo conversar com você quando está assim.

– *Você não consegue conversar comigo?* – Zeke deu uma risada sarcástica, mas não diminuiu os passos ou olhou-a. – Você é inacreditável, sabia? Somente você poderia falar uma coisa dessas.

Melody sentiu súbitas lágrimas encherem seus olhos, mas piscou contra elas, furiosamente. Que irônico que, justo quando ela começara a pensar que talvez eles tivessem uma chance, ele decidira que estava tudo acabado. Zeke não aguentava mais, e ela não o culpava. Agira como uma mulher louca nos últimos meses, e não poderia prometer-lhe que estava com menos medo do futuro. Ele não precisava suportar isso, e por que suportaria?

No momento que eles chegaram ao hotel, suas pernas estavam doendo pelo exercício, mas ela teria andado sobre brasas, antes de demonstrar isso. Eles tinham acabado de entrar no saguão, quando Melody viu a família japonesa, vindo da direção do salão de jantar, as duas garotinhas segurando lindas bonecas e conversando. A mãe sorriu para Melody, quando eles se aproximaram, claramente lembrando-se da conversa delas no dia anterior.

– Papai Noel achou seu caminho, como pode ver – disse ela serenamente.
– E as renas devem ter gostado das cenouras, porque elas haviam desaparecido esta manhã.

– Que ótimo. – Melody parou e admirou os brinquedos das crianças, antes de falar: – Vocês viram a família de neve que chegou de noite? Eu acho que Papai Noel os trouxe também.

– Oh, sim, elas ficaram encantadas. – Quando o pai passou com as crianças, a mãe virou-se, murmurando suavemente: – Alguém esteve muito ocupado.

As duas mulheres trocaram um sorriso antes que Melody e Zeke fossem em direção ao elevador. Quando as portas se abriram, Zeke questionou:

– Por que uma estranha ganha seus sorrisos?

Atônita, ela o encarou.

– Perdão?

– Esqueça. – Ele apertou o botão da cobertura e, enquanto eles subiam, ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o chão.

– Zeke, por favor, deixe-me explicar. Podemos conversar pelo menos?

– Espere até estarmos dentro da suíte.

Os poucos segundos até que eles estivessem dentro da saleta de estar pareceram horas, mas então Zeke fechou a porta, e Melody forçou-se a encará-lo. As primeiras palavras dele deixaram-na perplexa.

– Há outra pessoa?

– O quê? – Ela o fitou em total confusão.

– Você conheceu outro homem?

– Eu? – A voz de Melody soou aguda, e ela pigarreou. – É claro que não. Como posso ter conhecido alguém quando estive no hospital pelos últimos três meses? Eu só vi médicos e outros pacientes.

– Coisas mais estranhas do que isso já aconteceram.

– Bem, não comigo. – Como ele *podia* pensar aquilo? – E sua pergunta me magoa.

Zeke fitou-a intensamente, então as feições dele relaxaram.

– Desculpe, mas eu precisava perguntar. Isso teria explicado muitas coisas... Inclusive por que você sentiu necessidade de escapar na manhã de Natal e desaparecer por horas, enquanto se certificava de ficar incomunicável.

– Não foi assim – protestou ela com fraqueza.

– Na verdade, foi exatamente assim.

Melody observou-o respirar fundo, e percebeu que ele estava tendo dificuldade de manter o autocontrole. Zeke queria gritar com ela. Mas acalmou-se, respirando mais algumas vezes.

– O que eu quis dizer foi que não me tornei incomunicável de propósito – argumentou ela. – Simplesmente não pensei nisso.

– O que prova que eu sou tão pouco importante que sequer registrei em seu radar – disse ele com sarcasmo.

– Pare de ser assim – pediu ela, tentando manter a calma, a fim de pensar sobre o que dizer, como alcançá-lo. – Eu detesto quando você fica assim.

Os olhos cor de ébano endureceram.

– Assim como? Como se eu estivesse zangado, ferido ou com medo? Como alguém que passa as noites em claro, tentando tornar uma situação impossível numa possível, novamente, sabendo que enfrento uma adversária que contém todas as cartas porque eu a amo? Minha vida está desmoronando, e tudo se desintegrando. Estou enlouquecendo, e não consigo me concentrar em nada, exceto em nós. Mas não devo mostrar isso. Certo? Bem, eu sou humano, acredite ou não.

O coração de Melody pareceu parar de bater. Zeke era sempre profissional, o típico magnata de negócios. Não importava o que acontecesse, ele não deixava outras circunstâncias interferirem no seu trabalho. Ela não pensara realmente sobre como seu acidente o afetara, porque estivera muito focada em sua própria dor, mas se *tivesse* pensado, teria concluído que ele estava levando a vida normalmente, envolvido nas atividades diárias frenéticas que constituíam seu império na indústria de entretenimento. Todavia, esse não tinha sido o caso, em absoluto. E Zeke já admitira que se culpava por não tê-la encontrado para o almoço naquele dia, como originalmente planejado. Ele vinha se atormentando tanto quanto ela.

Melody engoliu o nó na garganta quando seu coração começou a disparar violentamente. Como não percebera que ele também estava sofrendo?

Porque estivera focada apenas em si mesma, uma parte de sua mente respondeu com honestidade. Tão imersa em sua própria batalha, primeiro para sobreviver, depois para sair da névoa de desespero e depressão. E Mabel estava certa. Era medo que governava sua vida agora. Em algum lugar no meio daquelas primeiras semanas, ela deixara o medo dominá-la, e este permanecia no controle desde então, colorindo cada pensamento seu, cada decisão.

Ela o magoara. Muito. Melody o rejeitara quando Zeke precisava dela tanto quanto ela precisava dele. Até mesmo o impedira de visitá-la no hospital. O que ele dissera? Que passara noites dentro do carro, no estacionamento do hospital, apenas para estar perto dela. Por que Melody

não percebera que ele também estivera pedindo ajuda? Como pudera ter entendido tudo errado?

Olhou-o agora. Zeke não tivera tempo de se barbear, quando descobrira que ela havia sumido, e os cabelos escuros estavam desalinhados. E ele emagrecera um pouco nos últimos meses, apesar de parecer mais sexy do que sempre. Ela o amava, pensou com tristeza. Amava-o mais do que a vida em si, e estragara o relacionamento deles com sua cegueira estúpida.

Melody respirou fundo.

– Sinto muito, Zeke. Eu fiz tudo errado, e não o culpo se você se cansou de mim, se me odeia.

– *Odiar você? Eu a amo!* – Ele estava gritando agora, o que era um alívio.

– Eu a amo tanto que estou enlouquecendo, mulher. O que você quer de mim de qualquer forma? Diga-me, porque eu realmente gostaria de saber. Diga-me o que fazer, e eu farei.

Poucas horas atrás, Melody não teria sido capaz de responder-lhe... especialmente quando ele a estava olhando com tanta intensidade.

– Eu quero que você continue me amando, porque eu o amo, e não posso viver sem você. – Pronto... ela falara, e agora o medo a estava estrangulando, diante da enormidade do que fizera. Encarou-o, esperando a reação dele.

Zeke não se moveu por um momento infinito, então o corpo forte relaxou num suspiro longo.

– Venha aqui – convidou ele, abrindo os braços. – Nós precisamos conversar. Mas antes, eu necessito abraçá-la e me convencer de que você está realmente aqui, e não no fundo do Thames, ou nos braços de algum outro homem.

Ele abraçou-a por um longo momento sem falar nada. Melody o abraçou pela cintura, ciente das batidas frenéticas de seu próprio coração. Este era o momento da verdade... ou, pelo menos, logo seria o momento da verdade. Porque a conversa deles só poderia terminar de um jeito, e quando terminasse, quando eles fizessem amor, Zeke veria suas cicatrizes. Ambos sabiam disso. O pensamento deixou-a fisicamente enjoada.

– Certo. – Ele afastou-se, mas apenas para conduzi-la até o sofá. – Antes de mais nada, eu vou ligar para serviço de quarto. O que você quer comer e

beber?

– Nada. – O pensamento de comida foi o bastante para embrulhar o estômago dela.

Zeke pegou o telefone e pediu café e croissants para dois, antes de sentar-se ao seu lado.

– Primeiro, conte-me aonde você foi esta manhã – pediu ele. – Nós chegaremos aos motivos num minuto.

– Eu andei por um tempo, então me sentei num banco, e uma senhora veio conversar comigo. E me convidou para tomar uma xícara de chá na casa dela. – Melody falou de maneira entorpecida. – Ela... ela era amável.

– Então, sou grato a ela – disse Zeke.

– Mabel me contou sobre sua vida, como perdeu diversos bebês, então teve o filho. O tempo... voou. Eu não percebi. Acho... que ela é solitária à sua própria maneira.

Ele assentiu.

– E presumo que você também contou a ela sobre nossos problemas?

Melody ficou tocada por ele ter dito “nossos”, quando poderia, com toda a honestidade, ter dito “seus”. Foi sua vez de assentir.

– Isso não é uma crítica, mas uma observação – disse Zeke cautelosamente. – Você foi capaz de passar horas conversando com essa senhora sobre como estava se sentindo, mas não pode compartilhar isso comigo?

– Eu não passei horas com ela – defendeu-se Melody. – Foram duas horas, no máximo... provavelmente, uma e meia. E eu *conversei* com você sobre tudo.

– Não, Dee, você não conversou comigo. Apenas me deu uma lista de motivos pelos quais ficar comigo é impossível... nenhum dos quais me convenceu. Na verdade, você não poderia surgir com uma razão para nós nos separarmos, porque não existe uma. Desde o primeiro dia, eu soube que ficaríamos juntos. Eu lhe disse isso com frequência. Mas você nunca acreditou em mim, verdade? Nem mesmo depois de dois anos de casamento.

Ela o fitou, seus olhos enormes no rosto pálido.

– Eu queria que isso fosse verdade. – Ela engoliu em seco. – Eu realmente queria.

– Mas nunca *acreditou* – repetiu ele. – Não importava o que eu dissesse ou fizesse, você não acreditava.

Ela não podia negar aquilo. Algum instinto de sobrevivência impedira sua crença. Se tivesse se permitido aceitar que era a única para Zeke, a “mulher dos sonhos” dele, como ele frequentemente afirmava, o risco teria sido grande demais. Se tivesse acreditado nele, Melody nunca se recuperaria, se tudo desse errado.

– Suponho que eu não conseguia acreditar que alguém como você iria querer alguém como eu para sempre.

Zeke segurou-lhe o rosto e encarou-a.

– Como assim, alguém como você, Dee? Você é linda, única... a melhor que existe. E o mais incrível é que você é adorável por dentro e por fora. A primeira vez que a vi, quando você foi à audição, eu a quis fisicamente. Você dançou fluindo com a música, e foi a coisa mais erótica que eu já tinha visto. E então, ficou parada do meio do palco, recusando-se a ser intimidada por minhas perguntas ou por mim. Um pouco rebelde e desafiadora. Depois, eu a ouvi falando com as garotas, e descobri que você chegara atrasada porque ficara com pena de uma velha mulher que estava devastada pela perda do gato. Aquelas outras garotas não podiam entender aquilo. Não havia outra que teria feito o mesmo. Eu não podia entender. Você era um enigma. Tive dificuldade de acreditar que você era real.

– Eu? – Fascinada pelo jeito que ele a descrevia, ela achou difícil acreditar que ele estava falando sobre a comum Melody James.

– Seu temperamento doce é algo contra o que eu não tenho defesa, meu amor – murmurou Zeke com voz rouca. – Sua alma generosa me derrete, me fazendo querer ser um homem melhor do que sou, e acreditar que o bem pode triunfar sobre o mal... que Papai Noel existe, e que rosas em volta da porta e “felizes para sempre” estão à minha disposição. – Então ele sorriu. – Não me olhe assim. Sabe o quanto eu a adoro?

Não, eu não tenho ideia.

– É claro que sei.

– Mentirosa – acusou ele imediatamente. – Querida, você entrou em meu coração com incrível facilidade. Não vou fingir que algumas vezes eu me senti frustrado por não poder fazer o mesmo com você. Mas sou um homem paciente.

Zeke? Paciente? Ele tinha muitas qualidades, mas paciência não era uma delas. E ele possuía seu coração. Sempre possuía.

Seus pensamentos deviam ter transparecido no seu rosto, porque Zeke sorriu de novo, então corrigiu:

– Um pouco paciente, pelo menos... por você, isto é. – Ele inclinou-se e beijou-lhe a boca, depois a ponta do nariz e a testa, antes de afastar-se e estudá-la com seus olhos cor de ébano. – Então, conte-me por que você me proibiu de visitá-la no hospital, e por que seu advogado falou para meu advogado que você queria o divórcio – disse ele com voz neutra. – E por que, depois que fizemos amor... duas vezes... você ainda sentiu a necessidade de escapar e colocar distância entre nós?

CAPÍTULO 11

A CHEGADA do café com croissants, um momento depois da pergunta de Zeke, adiou a conversa inevitável por alguns minutos. Melody não queria comer ou beber, mas agradeceu pelos momentos preciosos para organizar seus pensamentos. O café estava muito forte, e o croissant que ela forçou-se a comer não caiu bem com o sanduíche de bacon de Mabel, e, quando ela terminou, Zeke ainda a olhava, esperando por sua resposta.

Com o coração batendo descompassado, Melody sabia que precisava fazê-lo entender por que tudo que ela fizera desde o acidente estava errado. Todo seu passado se unira quando ela acordara naquela cama de hospital, e, dali em diante, ela vivera em medo e confusão.

Melody pigarreou.

– Eu não estava pensando claramente durante as últimas semanas. Agora percebo que eu o impedi de me ver no hospital e pedi o divórcio porque – ela pausou e engoliu em seco – estava apavorada que você não fosse me querer mais, agora que estou... desfigurada. – Ela continuou, apressadamente, antes que ele pudesse falar: – Não que você já tenha feito ou dito algo para me levar a pensar assim. Sei que sou eu. Mabel, a mulher que conheci hoje, disse que eu estava deixando o medo me regerar, e ela está certa. É apenas que sei que você aprecia graça e beleza mais do que a maioria das pessoas. E não há nada de errado com isso. Mas... mas eu nunca mais dançarei. Sou... diferente agora.

– Querida, suas pernas foram machucadas. Sei como tal fato é terrível para você, porque dançar é a sua vida, mas eu posso ajudá-la nesse aspecto. Isso não precisa ser o fim do uso do seu talento fantástico. Você apenas tem de redirecioná-lo. Tenho algumas ideias sobre isso, mas elas podem esperar. A coisa principal da qual eu preciso convencê-la agora é que sua graça e beleza nunca dependeram de sua dança. Você é graça e beleza. Tais qualidades estão em cada palavra que você fala, no jeito que é, em cada olhar que dá e em cada movimento que executa. O caminhão não poderia tê-las tirado de você, sabia? Você é minha querida, generosa e incomparável. O amor da minha vida.

Ela estava desmoronando, os olhos cheios de lágrimas, e, quando Zeke envolveu-a nos braços novamente, Melody soluçou contra o peito largo.

– O quê? – Ele inclinou a cabeça, as palavras incoerentes dela pontuadas por tremores convulsivos. – O que você falou?

– Eu... eu... – Melody fez um esforço enorme para se sentar ereta, aceitando o lenço que ele lhe ofereceu. – Eu não vejo como você pode pensar em mim dessa maneira. É como se estivesse falando de outra pessoa.

– Então você terá de aceitar até que eu possa convencê-la – murmurou ele. – E farei isso, nem que leve uma vida inteira. Você é minha, Dee, assim como eu sou seu. Você é a única pessoa com quem eu poderia ter acabado, e se nós não tivéssemos nos conhecido, eu teria tido de conviver com um vazio no peito pelo resto da vida. Você me salvou, Dee. Essa é a única forma que posso colocar isso.

Ele nunca lhe falara aquelas coisas antes... não em tantas palavras... entretanto, agora, Melody percebia que o jeito de Zeke com ela tinha demonstrado isso desde o começo. Ela deu um sorriso trêmulo e assuou o nariz, então levou uma mão ao rosto dele.

– Eu o amo, Zeke. Sempre amei e sempre amarei. Nunca haverá outra pessoa, exceto você, para mim.

Ele esboçou um sorriso doce e cobriu-lhe a mão com a sua.

– Então, não há nada que não possamos superar.

Ela assentiu, relaxando no abraço que Zeke lhe deu, mas ainda temendo o que viria pela frente. Detestava se sentir assim, mas não podia evitar.

Zeke inclinou-lhe o rosto para o seu, cobrindo-lhe os lábios num beijo ardente que fez o corpo de Melody responder imediatamente. Então, ele a ergueu nos braços e carregou-a para o quarto. Deitando-a na cama, estendeu-se ao seu lado, mas não começou a despi-los imediatamente, passando os braços ao seu redor num gesto que confortava antes de beijá-la de novo.

O beijo se aprofundou, e Melody gemeu de prazer, aninhando-se a ele como se pudesse fundir seus corpos. Zeke afastou a boca para pegar fôlego, então começou um assalto sensual, entrelaçando uma das mãos em seus cabelos, enquanto os lábios quentes viajavam por suas faces, suas pálpebras fechadas, pelo arco de suas sobrancelhas, antes de clamarem sua boca novamente.

Ele beijou-a por um longo tempo, deslizando as mãos pelo seu corpo por cima das roupas, moldando-lhe os seios nas palmas e provocando os bicos com os polegares. Sol de inverno entrava pela janela e batia na cama, nos olhos fechados de Melody, envolvendo-a num mundo de sensações maravilhosas.

Ela estava consciente de Zeke se despindo antes que ele removesse sua blusa e seu sutiã de renda. Os lábios dele percorreram seu colo, então se moveram para seus seios inchados de desejo.

Melody gemeu quando ele tomou um mamilo ereto na boca e deu-lhe atenção, antes de ir para o seu gêmeo.

– Maravilhoso – murmurou ele, suavemente. – Você tem gosto de melado de rosas, sabia? Não posso ter o bastante de você.

Ele continuou dando-lhe prazer com lábios e língua, até que ela enterrou os dedos nos ombros largos, murmurando alguma coisa incoerente até para seus próprios ouvidos. Parecia impossível conter tanto sentimento, tanta emoção em seu corpo, sem que ela explodisse num milhão de pedacinhos.

– Eu quero beijar cada centímetro seu – sussurrou Zeke, a boca retornando aos seus lábios por um momento.

Melody enrijeceu ao senti-lo removendo sua *legging* e calcinha, mas quase imediatamente, ele estava deitado contra ela de novo, abraçando-a de tal modo que seus seios tocavam o peito musculoso. A fricção do corpo de

Zeke contra seus seios era deliciosa, mas realidade deixou-a tensa, e ela não sabia como fingir. Não resistiu a ele, mas o disparo no seu coração agora não tinha nada a ver com desejo sexual, e tudo a ver com pânico.

Zeke beijou-a mais uma vez, antes de dizer:

– Dee? Olhe para mim. Abra os olhos, querida.

Ela não podia. Ridículo, mas não podia. Estava apavorada pelo que leria no rosto dele. Gentileza e piedade seriam piores do que desgosto.

– Por favor, querida. – Ele afastou-lhe uma mecha de cabelos da testa. – Olhe para mim.

Lentamente, Melody forçou-se a abrir os olhos. Ele estava sorrindo. Engraçado, em todos seus pesadelos, ela não considerara isso, mas deveria ter sabido que Zeke a surpreenderia.

– O pior passou – disse ele, puro amor brilhando nos olhos. – Você enfrentou seu medo, e agora nós seguimos em frente. Você ainda não vai acreditar que é mais linda e desejável para mim do que sempre. Entendo isso. Mas suas cicatrizes não são feias para mim, querida. Elas me lembram que eu sou o homem mais sortudo do mundo, porque cheguei perto de perdê-la, e fui poupado do impensável. Eu não teria aguentado ficar sem você. Sei disso.

Os olhos de Melody traçaram os contornos do rosto dele, estudando cada feição, procurando pela menor dica de desgosto, mas não encontrou nenhuma. Ele era apenas seu Zeke, seu bebê. Ela sempre o chamara assim, embora não soubesse por quê. Certamente, nunca se sentira inclinada a chamar mais ninguém assim.

Ele beijou-a, então entrelaçou os dedos nos cabelos dela, inclinando-lhe a cabeça para um melhor ângulo. Cada movimento lhe causava mais desejo, deixando-a em chamas. Ela sentira tanta falta dele, o desejo pela presença e corpo de Zeke tão intenso que ela tivera de lutar para reprimi-lo. Mas agora, podia dar vazão àquelas necessidades mais profundas.

Fechou os olhos, aconchegando-se ao corpo másculo e, suspirando em puro êxtase, mergulhou num sono abençoado.

CAPÍTULO 12

MELODY ALONGOU-SE preguiçosamente, ciente de que estava envolvida num casulo aconchegante. Ela aninhou-se mais ao calor que era a fonte de sua satisfação, seus membros pesados e relaxados. Quando exatamente tomou consciência de que um braço musculoso estava curvado em volta de sua cintura, não tinha certeza. Mas, de súbito, estava muito desperta, abrindo os olhos.

– Oi. – Zeke beijou-a.

Os olhos verdes de Melody encontraram os olhos cor de ébano.

– Eu peguei no sono.

– Sim – concordou ele sorrindo. – O que foi a primeira vez comigo.

Melody estava envergonhada. A culminação de meses de angústia, preocupação e tristeza a levava e dormir enquanto Zeke fazia amor com ela. Não pretendia dormir. Estivera com ele em cada passo do caminho... ou assim pensara.

– Sinto muito. – Lembrava-se de Zeke beijando-a depois que a despira, tranquilizando-a, e então... – Eu devia estar mais cansada do que pensei.

O sorriso de Zeke ampliou-se.

– Mas você tirou uma soneca – apontou ele, envolvendo-a num abraço terno, porém ardente, as mãos deslizando por suas costas e os dentes mordiscando-lhe o lóbulo de levinho. – E não faz tanto tempo assim. Aposto que o café ainda está quente no bule.

Eles não puseram aquilo em teste. Exploraram um ao outro com abandono sensual, amando-se como uma necessidade que cancelou qualquer pensamento de timidez ou contenção. Os dedos de Zeke deslizaram por seu corpo, definindo seu traseiro arredondado, enquanto ele a colocava em contato com sua ereção viril. Nem mesmo quando as mãos dele se moveram sobre o topo de suas pernas, Melody encolheu-se. Em vez disso, segurou-lhe o rosto nas mãos e puxou-o para um beijo que foi tanto feroz como gentil.

O sangue fervia nas suas veias, um brilho rosado transformando sua pele translúcida e liberando seu perfume íntimo. No momento que ele posicionou-se sobre ela, Melody estava ansiando pela posse, o contato com a ereção, um afrodisíaco em si. Ela não pôde conter o gemido choroso que escapou de sua garganta, precisando de Zeke em seu interior, precisando da sensação de unidade, de proximidade.

Com uma investida poderosa, Zeke preencheu-a, e os músculos de Melody o comprimiram com prazer. O ritmo da paixão compartilhada cresceu, e com cada movimento, ela sentia que eles estavam reafirmando os votos que tinham feito anos atrás, mas com um significado especial agora. Na época, eles estavam loucamente apaixonados, inebriados com a excitação da novidade de tudo. Agora haviam passado por provações, e sua união era ainda mais intensa e apaixonada por causa disso. Era como se suas almas estivessem se fundindo, e eles fossem iguais no que dizia respeito a absorver força um do outro, seus corpos entrelaçados se encaixando com perfeição.

Zeke preencheu-a completamente, o ato de amor tão intenso que Melody se sentiu flutuando fora do corpo, em algum lugar além do tempo. Quando a culminação aconteceu, sua violência enviou ambos sobre a margem da realidade. De todas as vezes que eles tinham atingido o orgasmo ao mesmo tempo... vezes de intensa paixão e exploração erótica... nunca fora tão cataclísmico, e ela sabia que ele também sentia isso. Zeke abraçou-a contra si, o corpo tremendo com os espasmos da liberação, enquanto ele os mantinha intimamente unidos.

– Eu amo você. – A voz grossa era calorosa e sensual. – Mais do que a própria vida.

– Eu também amo você – sussurrou ela trêmula.

Zeke beijou-lhe a ponta do nariz.

– Você é viciante, sabia? Antes de eu apanhá-la no hospital, prometi a mim mesmo que faria tudo devagar e com calma. Eu estaria lá para você, sem pressão, respeitando seu ritmo. E agora, no espaço de algumas horas, fiz amor com você três vezes. Minha única desculpa é que, nos últimos três meses, eu fiquei acordado na nossa cama todas as noites, desejando que você estivesse comigo, lembrando como era, enlouquecendo.

Ele saiu de seu interior, mas manteve os braços ao seu redor, acrescentando:

– Não acredito que está aqui agora. Quando acordei mais cedo, e vi que você tinha sumido...

Melody segurou-lhe o rosto, beijando-o.

– Desculpe, Zeke. Isso não vai acontecer de novo. Prometo. Eu estou aqui agora.

Ele beijou-a de volta.

– Em mente assim como em corpo? – questionou Zeke, suavemente. – E não finja para que eu me sinta bem. Preciso saber como você se sente se vamos superar dificuldades.

Em resposta, ela curvou o corpo contra ele, deleitando-se no jeito que eles se encaixavam.

– Estou aqui – repetiu Melody, gentilmente, acariciando-lhe o peito, seguindo a linha de pelos que descia em direção à magnífica masculinidade. Quando sua mão circunferenciou a ereção, ela sorriu-lhe de modo sedutor. – Que tal transformar aquelas três vezes em quatro? – murmurou, beijando-lhe o canto da boca.

Desta vez, o ato de amor foi longo, lento e infinitamente satisfatório, e quando eles retornaram do mundo das sensações íntimas, Melody deitou-se nos braços de seu marido, seu corpo inteiro relaxado, enquanto Zeke puxava o edredom sobre eles. Os eventos das últimas 24 horas a tinham abalado, mas ela não queria dormir novamente. Precisava apenas estar com Zeke, senti-lo, olhá-lo, tocá-lo. Sentia como se tivesse feito uma viagem longa e perigosa, e voltado para casa. Suavemente, murmurou:

– Mais cedo, você disse que tinha algumas ideias sobre o que eu posso fazer no futuro. – Melody virou-se de frente para ele. – Quais são elas?

Ele segurou-lhe as nádegas e puxou-a para mais perto, tomando-lhe a boca num beijo longo. Finalmente, liberou seus lábios, mas continuou abraçando-a.

– Que tal se eu for buscar um drinque para nós antes de conversarmos? Há vinho na geladeira.

Ela sorriu.

– Não é um pouco cedo no dia para vinho? Nem é hora do almoço ainda.

– Hoje é Natal. Regras comuns não se aplicam. Além disso, um drinque vai abrir seu apetite para o almoço... o qual, por acaso, sugiro que seja na cama. Na verdade, não vejo razão para nos levantarmos hoje, você vê?

Melody o fitou, amando-o e agradecendo a Deus que a véspera de Natal fizera sua mágica e lhe trouxera bom senso.

– Nenhuma – replicou ela.

O vinho estava gelado e delicioso quando ele levou a garrafa e duas taças para a cama, juntamente com o resto dos presentes que haviam estado embaixo da árvore na saleta de estar. Melody abriu os presentes nos braços dele, deleitando-se com o relógio de ouro delicado, a camisola e o penhoar de seda, seu perfume favorito e outros presentes, todos perfeitos e escolhidos com amor. Mas foi para o anel de eternidade aninhado entre os anéis de noivado e casamento que seu olhar continuou retornando. A joia era linda, porém era a declaração por trás desta que a tornava infinitamente preciosa. Ele comprara o anel quando ela o rejeitara e se recusara a ouvi-lo, porque a amava e estava determinado que o amor deles fosse eterno. E era. Oh, era.

– Antes que eu faça minhas sugestões sobre o futuro, posso dizer que elas devem combinar com você tendo meus bebês? – disse Zeke, quando ela se aninhou em seus braços novamente.

Bebês de Zeke. Ela podia se permitir acreditar que isso aconteceria, agora. Sorriu de forma radiante, de um jeito que ele nunca a vira antes, e tão linda que tirou o fôlego de Zeke.

– Talvez isso aconteça antes do que você imagina – replicou ela serenamente. – Nós fizemos amor quatro vezes no meio do meu ciclo, e eu não tomo pílulas desde que fui para o hospital, portanto...

– Você não se importaria? – perguntou ele um pouco ansioso.

Melody tocou-lhe o rosto.

– Você se importaria?

– Eu não vejo a hora de tê-la descalça e grávida – disse ele com profunda satisfação. – E isso se encaixaria bem com certas mudanças que fiz na minha vida nos últimos meses. – Zeke sorriu diante da expressão interrogativa dela antes de beijá-la.

Pegou as taças de vinho, serviu-as, entregou-lhe uma e disse:

– Um brinde ao novo dono de Media Enterprises... David Ellington.

Melody o olhou em choque.

– Você vendeu sua empresa de entretenimento? – David Ellington era um bilionário influente.

– Sim – respondeu ele, alegremente, dando um gole do vinho. – Eu deveria ter estado com você no dia do acidente em vez de tentando resolver uma crise no trabalho. Foi um aviso... um aviso assustador. Jurei, na noite do acidente, que se você sobrevivesse, eu reavaliaria o que era importante na minha vida. Assim fiz. Não foi necessária muita reflexão.

Melody estava pasma. Zeke construía seu império tijolo por tijolo, e tinha imenso orgulho do que conquistara.

– Você não deveria ter feito isso – sussurrou ela. – Não pode mudar de ideia?

– Tarde demais. – Ele sorriu. – E é *exatamente* o que eu deveria ter feito. Você mesma confirmou isso ontem. Disse que precisava construir uma vida nova, separada dos negócios frenéticos de entretenimento no qual estávamos envolvidos, alguma coisa que cortasse o excesso de festas e outros eventos que tomava tanto de nosso tempo. Independentemente de você, eu tinha chegado à mesma conclusão. Isso teria acontecido, mais cedo ou mais tarde, uma vez que decidíssemos começar uma família. O acidente apenas precipitou as coisas. Você estava certa ao falar que havia muitas pessoas querendo um pedaço meu, mas errada ao pensar que você era apenas uma

delas. Isso nunca foi verdade. Ontem eu não senti que era o momento de lhe contar que vendi a empresa... havia outras coisas para resolver antes. Mas quando eu lhe disse que poderia desistir de tudo e partir sem olhar para trás, foi porque eu tinha feito exatamente isso. Meu mundo nunca foi o trabalho ou os jogos de poder. Não depois que a conheci. Você é meu mundo, Dee. Nós falamos sobre uma família, mas se filhos não vierem por qualquer razão, eu ainda me consideraria um homem abençoado. Você é meu sol, minha lua e minhas estrelas. O centro do meu universo.

Ele tocou-lhe o rosto gentilmente, antes de traçar-lhe os lábios carnudos com a ponta do dedo.

– Eu estou feliz por ter vendido a empresa, Dee. De verdade. Foi uma fase da minha vida que apreciei enquanto aconteceu, mas quero seguir em frente com você. Também já ganhei muito dinheiro. Mais do que o suficiente para fazermos o que quisermos pelo resto de nossas vidas.

Melody ainda não conseguia acreditar que ele abandonara seu império. Mas se ele tivesse lhe contado antes que pretendia vender a empresa, ela teria se sentido culpada e tentado persuadi-lo que eles continuassem como tinham sido. Talvez Zeke a conhecesse melhor do que ela se conhecia? Pensando bem, não havia talvez sobre isso.

– Obrigada – murmurou ela suavemente.

De súbito, Melody sentia como se um peso enorme tivesse saído de seus ombros. Sem mais *premières*, tapetes vermelhos e estreias. Sem mais eventos infinitos, shows e recepções, onde você não podia usar o mesmo vestido duas vezes ou seria criticada. É claro que eles tinham ido a algumas festas divertidas, e ela saboreara estar no braço de Zeke como sua esposa, mas o acidente mudara alguma coisa, independentemente do dano em suas pernas, e ela não quisera voltar para aquela vida agitada. E agora não precisava voltar. Mas a um preço alto para Zeke.

– O que você vai fazer? – perguntou Melody, não sabendo se queria rir ou chorar. Ele não era o tipo de homem que podia ficar sentado fazendo nada.

– Novamente, deixe-se qualificar – começou ele, ajeitando-a mais confortavelmente no círculo de seus braços. – Isso tudo tem de se encaixar no que vejo como minha principal tarefa de ser marido e pai, certo? – Zeke

esperou que ela assentisse antes de continuar: – Tenho algumas ideias, e elas poderiam correr ao longo do programa de tratamento que seus médicos e eu bolamos, o que usará um dia da semana por algum tempo, mas que pode resultar em total mobilidade após seis meses, e excelentes perspectivas a longo prazo. Há um médico suíço que eu contatei, que é especialista no seu tipo de ferimento... ninguém é melhor do que ele, nem mesmo nos Estados Unidos... e ele está confiante que você estará andando normalmente nesta época do ano que vem.

Melody ergueu-se sobre um cotovelo e beijou-o com doçura. Apenas saber que Zeke estava disposto a lutar com ela era tudo, e se ela ia recuperar o que perdera não importava muito agora.

Zeke enrolou uma mecha dos cabelos dela no dedo.

– Primeira ideia – começou ele casualmente. – Nós procuramos um lugar adequado para abrir uma escola de arte dramática para jovens desprivilegiados. Seria para crianças acima de nove ou dez anos, então precisaríamos contratar professores para as matérias normais também, assim como outros especializados em teatro, música e dança. Poderia ser um colégio interno para aqueles que quisessem, e um lar 365 dias por ano para outros que precisam. Crianças que são jogadas de um lado para o outro, crianças que estão aos cuidados do governo ou em lares disfuncionais. Todas teriam de aprender a representar, cantar ou dançar, mas, uma vez que estivessem conosco, ficariam lá até que escolhessem partir. E a parte que chamaríamos de lar seria exatamente isso... não uma instituição. Um lugar de segurança e apoio incondicional.

O tipo de lugar que ele teria adorado estar, quando era um menino confuso e perturbado, pensou Melody, sua compreensão levando-a a engolir um nó na garganta.

– É claro que você seria responsável pela escola de arte dramática... a contratar os professores e assim por diante... e talvez, você possa dar aulas de dança? Precisaríamos de um estabelecimento com um terreno grande para piscina, quadra de tênis e outras coisas, e uma casa separada da escola, para nós, seria essencial. Eu não tenho ideia dos mecanismos disso tudo, mas

conheço pessoas que poderiam fazer acontecer, assim que o investimento estivesse disponível.

– E nós temos condições financeiras para fazer isso? – perguntou ela, suavemente.

Zeke sorriu.

– Muito mais que o necessário, querida. – Ele guiou a taça de vinho de Melody para os lábios dela e deu um gole de sua própria taça, antes de continuar: – Há outras opções, é claro. Talvez, você queira viajar por um ou dois anos depois que o tratamento acabar... uma volta ao mundo, ficando quanto tempo quiser em lugares que gostar mais. Ou podemos ter nosso próprio teatro. Ou um estabelecimento tradicional de dança.

Melody voltou imediatamente para a ideia que instigara sua imaginação.

– A escola de arte dramática... não seria um empreendimento muito grande?

– Imenso – concordou ele. – A parte da dança envolve performance, coreografia, direção, teatro, incluindo a história da dança e artes relacionadas, estudos estéticos e críticos, produção, composição musical, entre outras coisas.

Ele pausou para respirar, e Melody o olhou impressionada.

– Você já pesquisou sobre isso, não é?

Zeke assentiu.

– Seria uma mudança de vida total, Dee. Mas uma que combinaria com vida em família. Nós poderíamos contratar o melhor staff para as crianças internas, pessoas de mentes abertas, e eu pensei... – Ele parou abruptamente, e ela viu um músculo saltar no maxilar quadrado.

– O que você pensou?

– Nós poderíamos fazer uma diferença. Não para todas as crianças, talvez... eu sou realista... mas para aquelas que déssemos direção e propósito, valeria a pena. Todavia, é só uma ideia.

Melody enterrou o rosto no pescoço dele por um momento, impressionada pela mudança em suas vidas. Aquilo era perfeito, tão absolutamente perfeito. E apenas Zeke poderia ter pensado numa coisa assim.

– Dee? – A voz dele continha uma ponta de ansiedade. – Você não precisa dizer nada antes que pense sobre o assunto. É um negócio complexo...

Ela o deteve, circulando-lhe a cintura com os braços e erguendo o rosto para olhá-lo.

– Eu amo você, eu amo você – repetiu ela, diversas vezes. – E não posso pensar em nada melhor. Pense nisso, Zeke. Crianças que não têm nada ganhando uma fundação e uma oportunidade para desenvolver seus talentos. Acha mesmo que podemos fazer isso? Proporcionar-lhes um lar e esperança?

– É claro. – As palavras foram pronunciadas enfaticamente, uma declaração, e ela soube, naquele momento, que ele faria aquilo acontecer.

Ela tocou-lhe os lábios com os seus, e foi recompensada por um beijo longo e apaixonado.

– Eu posso fazer qualquer coisa com você ao meu lado, mas sem você, não sou nada – murmurou Zeke. – Nunca mais me deixe, como fez esta manhã... sem uma palavra, sem um adeus. Eu pensei que a tivesse perdido. Preciso de você, meu amor. Não tem ideia do quanto.

– Acho que tenho, porque preciso de você com a mesma intensidade – sussurrou Melody emocionada. – Eu sofri tanto. Não por causa do acidente e por saber que nunca mais poderia dançar, mas porque pensei que tivesse de libertá-lo. Você é meu mundo, minha existência.

Ele riu.

– Então, nós dois estávamos sofrendo porque nos amamos?

Melody deu um sorriso trêmulo.

– Talvez, não sejamos muito inteligentes. – Alegria se espalhava pelo corpo dela de forma curativa. Ela podia acreditar nisso. Podia confiar nele. Desperdiçara semanas de sua vida deixando o medo ditar suas ações e regradar sua mente, porém não mais. Devia estar louca por imaginar que Zeke olharia para outra mulher ou a abandonaria. Ele não era como seu pai ou seu avô. Era único e todo seu. Seu marido, seu amor, sua vida.

Eles se abraçaram apertado por um longo momento, então Melody acomodou a cabeça no peito largo.

– Eu reservei este hotel por alguns dias – sussurrou ela, sonolenta. – Podemos passá-los na cama, não podemos? Fazer todas as refeições aqui?

Ela sabia que Zeke estava sorrindo. Podia ouvir isso na voz profunda, quando ele respondeu:

– Com certeza. – Mãos quentes lhe acariciaram as costas. – Temos de compensar o tempo perdido, e não posso pensar num lugar melhor para fazer isso. – Ademais, muito sono, muito exercício... do tipo benéfico... juntamente com boa alimentação e hidratação, é exatamente o que você precisa. Este é nosso tempo. Ninguém sabe que estamos aqui, o telefone não vai tocar, e meu celular está desligado. Não haverá batidas à porta, além das do serviço de quarto.

– Hmmm. – Paraíso na terra. Melody fechou os olhos e sentiu-se pegando no sono. A respiração de Zeke se tornara lenta e firme, e ela sabia que ele dormira, mas um braço estava sobre sua cintura e a outra mão entrelaçada em seus cabelos, como se, mesmo dormindo, ele precisasse saber que ela estava ali ao seu alcance.

Melody pensou na família de neve no pátio e sorriu, sonhadamente. A noite anterior fora mágica e infinitamente preciosa, mas eles tinham o resto de suas vidas para apreciar agora. Noites passadas um nos braços do outro, e dias passados juntos, enquanto trabalhavam para levar esperança a crianças desprivilegiadas, como Zeke havia sido. Este era um novo capítulo, um recomeço, e quando os bebês viessem, seriam amados como nenhum dos dois tinha sido quando criança. Os filhos deles cresceriam fortes e seguros do amor dos pais, sabendo que eram preciosos e únicos.

Zeke se mexeu de leve, puxando-a para mais perto e murmurando o nome dela em seu sono, e, enquanto flutuava para um lugar seguro e tranquilo, ela soube que era tudo para ele... a única mulher que ele poderia amar completamente. E porque Zeke a considerava linda, Melody era linda.

Já adormecendo, ela pensou em Mabel e suas sábias palavras. Iria visitar a senhora idosa novamente, e levaria Zeke, desta vez. Sentia que elas deviam ser boas amigas, e a solidão que Melody sentira naquela alma corajosa poderia ser canalizada, em alguma extensão. Crianças adoravam uma figura de avó, e também gostavam de cachorros. Ela podia ver Mabel passando dias

com eles, uma vez que a escola estivesse funcionando, e a doce senhora poderia fazer sua parte em confortar pequenos corações sofridos, da mesma maneira que a confortara naquela manhã.

Melody adormeceu, e os dois continuaram aninhados... dois corações que batiam como um, duas mentes intrinsicamente unidas pela eternidade, com o laço mais sublime e mais poderoso do mundo: amor verdadeiro.

Eles tinham sobrevivido a um tornado. Estavam em casa agora.



TEMPO DE RECOMAÇAR

Jennie Lucas

Sentindo-me tola, timidamente massageei os músculos do peito, braços e ombros. Tomei cuidado com as lesões que ainda não haviam cicatrizado completamente, até mesmo com aquelas que já desapareciam. Ele já não usava curativos. Não havia nada entre minhas mãos e sua pele enquanto eu seguia ao longo dos músculos torcidos e cicatrizes irregulares. Ele era poderoso, viril, sexy. Quase superara o acidente que devastara seu corpo, só Deus sabia se ainda havia uma ferida em seu coração.

Olhei para ele na mesa de massagem. Seus olhos ainda estavam fechados, mas havia algo em seus lábios que eu não conseguia decifrar.

– No que está pensando?

– Pergunta perigosa – murmurou ele –, talvez seja melhor não saber.

Estaria pensando sobre o acidente, sobre a mulher? Ou algo totalmente diferente?

– Isso é bobagem. Saber nunca é demais.

– Nesse caso... estou pensando, srta. Maywood, que seria divertido seduzi-la.

Um arrepio atravessou meu corpo, com os olhos arregalados, afastei-me da mesa de massagem.

– Eu trabalho para você.

– E daí?

– Amo outra pessoa.

Ele sentou-se abruptamente.

– Não que isso importe, mas tem certeza?

– Claro que eu tenho certeza.

– Você viu a cena, duas estrelas de cinema juntas no tapete vermelho, abraçados, embasbacados de amor. Ele te traiu, te deixou há meses, vocês nunca sequer dormiram juntos, e depois de todo esse tempo você ainda o ama? Ainda é fiel? Por quê?

Engolindo seco, olhei para o chão.

– Não sei.

– É verdade o que dizem. A melhor maneira de esquecer alguém é se interessar por outra pessoa.

– Sério? As mulheres com quem você dormiu tiraram a imagem dela de sua mente, da mulher que você ama e por quem quase morreu?

– Não.

– O amor não acaba simplesmente. Você sabe tão bem quanto eu.

– Acaba, basta não ser estúpido para impedir.

Segurando a toalha na cintura, ele levantou-se. Seus olhos se estreitaram quando partiu para o ataque.

– Como se sente, sabendo que sua meia-irmã tem a carreira que você quer e o homem que você ama? Ele provavelmente a queria desde o início e usou você para chegar até ela...

– Cale-se!

– Eu sinto muito por você. Deve doer saber que eles nunca serão punidos por magoá-la, que enquanto você sofre, eles estão alegres fazendo amor. Você significa tanto que esqueceram até que você existe.

Seu rosto estava perto do meu com expressão cruel. Meu coração batia forte de tristeza e dor. Então, olhando para ele, de repente eu entendi.

– Você não está falando de mim está falando de si.

O clima entre nós de repente esfriou de uma maneira que não tinha nada a ver com o frio cortante do inverno sacudindo os vitrais, e o sol fraco da tarde por trás das árvores peladas. Seus lábios se curvaram, e ele virou.

– Acabamos.

– Não. – Indiferente ao perigo, agarrei seu braço. – Estou tentando curar você. Como conseguirei se não souber a extensão da sua lesão?

– Você sabe, já tocou com as mãos.

– Algumas feridas não podem ser vistas ou tocadas. Algumas são muito profundas. Deixe-me ajudá-lo, Edward. Diga-me do que precisa.

Ele me olhou assustado, em seguida seu olhar tornou-se frio e cruel. Ainda segurando a toalha frouxa na cintura com uma das mãos, colocou a outra na minha nuca.

– Olha como você pode me ajudar, é disso que eu preciso.

Ele me puxou e me beijou, faminto.

Eu não tive tempo de resistir, ou pensar, meu corpo contraído se fundiu ao dele. Os lábios de Edward eram sedosos, quentes e impetuosos de desejo, sua língua roçava na minha. Ele me abraçou, elevando-se sobre mim, forte e poderoso e quase nu.

E leia também em *Paixão & Destino*, edição 264 de **Harlequin Jessica**, *Reino de sedução*, de Victoria Parker.



264 – PAIXÃO & DESTINO

Tempo de recomeçar – Jennie Lucas



Dina Maywood precisa de um recomeço. Por isso, se muda para a Inglaterra e aceita trabalhar para o sedutor Edward. E logo se entrega de corpo e alma aos prazeres oferecidos pelo chefe. Contudo, esta relação trará sérias consequências.

Reino de sedução – Victoria Parker

A princesa Luciana de Arunthia encontrou o paraíso nos braços de um desconhecido. Porém, descobre que ele é Thane, o maior inimigo de seu reino. Agora ela carrega em seu ventre o fruto desta noite. E Thane está determinado reconquistá-la.

Últimos lançamentos:

262 – PROMESSAS & PAIXÃO

Jogo de promessas – Maisey Yates



Eduardo Vega precisa juntar os fragmentos de sua memória. E a melhor maneira é procurando a ex-esposa, Hannah Weston. Ela fez de tudo para curar as feridas do passado. Mas quando reencontra Eduardo novamente, percebe que seus sentimentos por ele não estão enterrados.

Batalha de paixões – Natalie Anderson

Nadia Keenan tem uma missão: alertar mulheres sobre os cafajestes. E um nome recorrente em seu site é Ethan Rush. Contudo, esse playboy não irá permitir que sua reputação seja arruinada. E usará todo a sua sedução para provar a Nadia que ela está errada.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M327o

Marsh, Nicola

Ousadia & sedução [recurso eletrônico] / Nicola Marsh, Helen Brooks; tradução Deborah Mesquita de Barros. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2015.
recurso digital

Tradução de: Marrying the enemy; A christmas night to remember

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-2026-9 (recurso eletrônico)

1. Romance australiano. 2. Livros eletrônicos. I. Brooks, Helen. II. Barros, Deborah Mesquita de. III. Título.

15-26665

CDD: 828.99343

CDU: 821.111(94)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: MARRYING THE ENEMY

Copyright © 2012 by Nicola Marsh

Originalmente publicado em 2012 por Mills & Boon Modern Heat

Título original: A CHRISTMAS NIGHT TO REMEMBER

Copyright © 2011 by Helen Brooks

Originalmente publicado em 2011 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Nova Jerusalém, 345
Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ – 21042-235

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

OUSADIA & SEDUÇÃO

Texto de capa

Querida leitora

Rosto

Sumário

Em nome da ambição

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Coração marcado

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Próximos lançamentos

Créditos